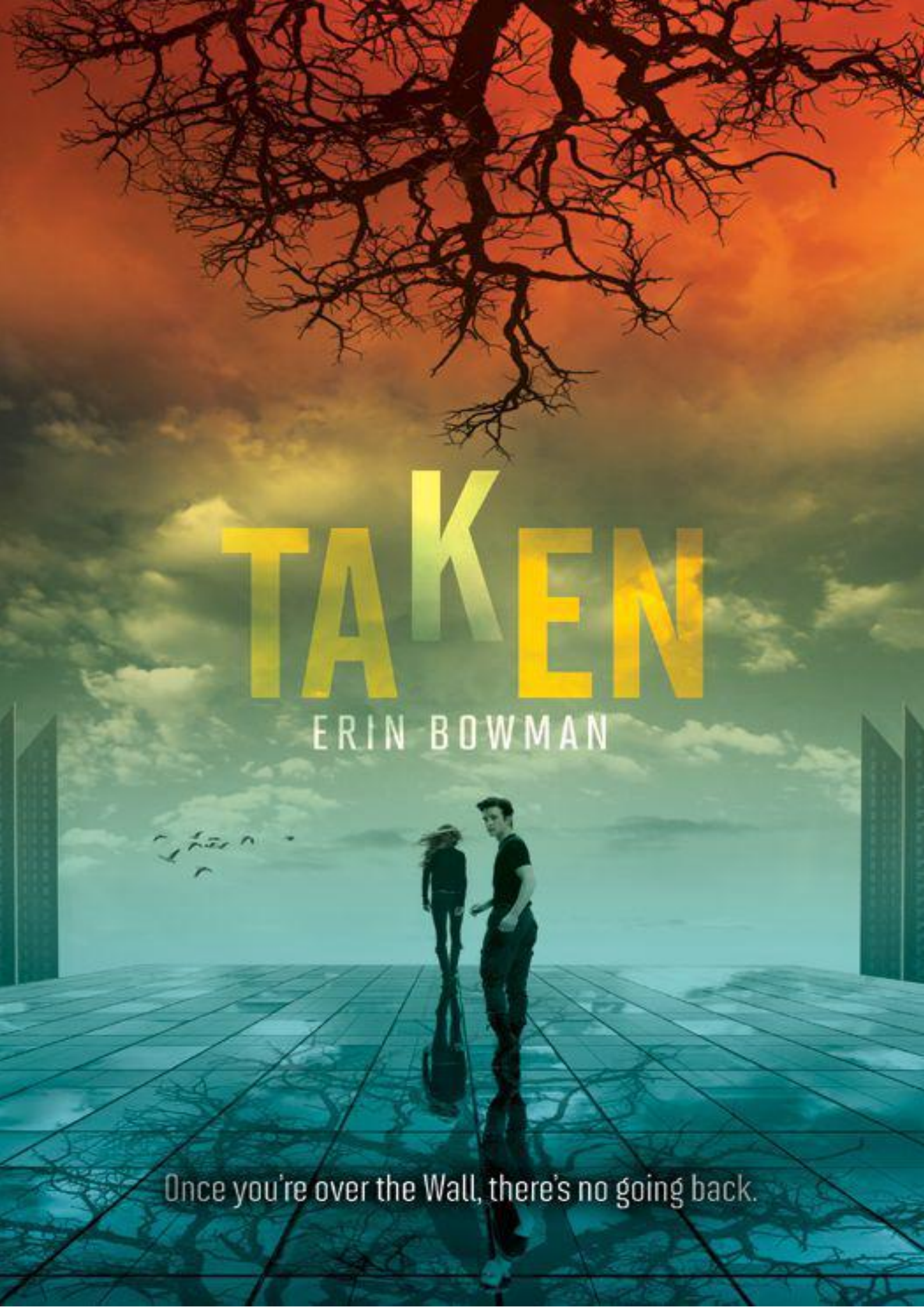
TAKEN
ERIN BOWMAN
Once you're over the Wall, there's no going back.

Dark Knight

Traduções

ERIN BOWMAN

Para minha mãe: Que lia para mim quando eu não podia, e por colocar um livro na minha mão quando eu podia.

Nota da edição

Algumas partes estão diferentes das outras, algumas possuem “” no inicio de cada frase e outras Travessões. Este livro fora traduzido por 03 tradutores e um deles era de espanhol.

A palavra Heist significa Sequestro. Algumas vezes estará no inglês e outras em português.

Obrigado pela atenção e boa leitura.

Parte 01

O Heist

UM

Hoje é o último dia que vou ver o meu irmão.

Eu deveria passar essas horas restantes com ele, mas ao invés disso eu estou no prado, observando um corvo arrancar a carcaça de um já meio comido veado. O pássaro é algo nojento: penas pretas ensebadas, um bico de osso oleado. Eu poderia torcer seu pescoço, se eu quisesse, deslocar-se sobre ele e partir sua estrutura frágil entre as palmas das mãos antes mesmo dele me ouvir chegando. Não importa, no entanto. Esmagando a vida do pequeno corpo do pássaro não vai salvar meu irmão. Blaine foi condenado desde o dia em que ele nasceu. Assim como eu. Assim como todos os meninos em Claysoot.

Eu paro abruptamente. O corvo, assustado com o meu movimento, rapidamente levanta voo para a luz da manhã. Eu lancei uma flecha em direção do corvo e errei, de propósito. Sinceramente, eu não sou melhor do que o corvo, caçando, armazenando qualquer pedaço de carne que possa alimentar o nosso povo. Se meus cabelos pretos fossem penas, eu poderia ofuscar até mesmo a escuridão brilhante da ave.

Nada mais resta do veado. O cadáver foi escavado, os animais baquetearam a barriga. A perna parece intacta, mas há muitas moscas. Eu não quero que as pessoas fiquem doentes. Não vale a pena o risco. Especialmente hoje. A última coisa de que precisamos na véspera de um Heist é mais estresse e preocupação.

Eu coloco minha mochila do ombro e deixo meus pés me levarem de volta para a floresta. Minhas botas sabem o caminho, e enquanto as solas de couro pressionam contra caminhos familiares, penso em Blaine. Eu me pergunto o que ele está fazendo agora, se ele está dormindo, agarrando-se aos restos de um sonho despreocupado. Acho que não. Muito se assoma diante dele. Ele ainda estava na cama quando eu saí para a floresta antes do amanhecer, mas mesmo então ele estava murmurando em seu sono.

Tenho apenas duas codornas da minha manhã na floresta, o que será mais do que suficiente para o almoço. Blaine provavelmente não vai mesmo ter apetite. O Heist tende a fazer isso com as pessoas, especialmente com os garotos da idade. Dezoito está longe de ser um marco comemorado, e vêm à meia-noite; Blaine vai a contragosto cumprimentar o seu destino. Ele vai desaparecer diante de nossos olhos, desaparecendo da forma como todos os garotos desaparecem quando completam dezoito anos, como se morressem. Estou apavorado

por ele, mas eu estaria mentindo se eu dissesse que meu próprio medo não fazia sentido. Assim que Blaine completar dezoito anos à meia-noite, significa que eu completarei meus dezoito anos apenas 364 dias depois.

Foi divertido compartilhar um aniversário quando éramos mais jovens. Ma nos deu o que podia: um barco talhado, um chapéu de tecido, um balde de metal e pá. Nós galopávamos pela cidade e fazíamos de tudo o nosso playground: Às vezes eram as escadas que levam até o edifício do Conselho, outros as tabelas da Clínica de cura - pelo menos até Carter Grace enxotarmo-nos para longe - com as mãos na cintura e maldições que escapavam de seus lábios. Nossas palhaçadas nos fizeram bem conhecidos em toda a cidade. Nós éramos os irmãos Weathersby, os meninos com muito entusiasmo para a vida em um lugar tão cinza. Esse entusiasmo não duraria para sempre, é claro.

Você cresce rapidamente em Claysoot.

Do momento em que iniciei a trilha para caçar e fiz o meu caminho da floresta, já era meio-dia. Eu passei por dois meninos brincando perto de um pequeno fogareiro enquanto sua mãe pendurava roupa em um varal por trás de sua casa. Um deles é muito jovem, talvez quatro ou cinco. O outro não pode ser mais velho do que oito. Eu sorri para a mãe enquanto eu passava, e embora ela tentasse devolvido o gesto, seu trejeito é menos do que convincente. Ela parece envelhecida, abatida, apesar de eu suspeitar que ela não tem mais que vinte e cinco anos. Eu sei que é por causa dos meninos. Aposto que não passa um dia sem que ela desejasse que fossem meninas, ou pelo menos um deles fosse.

Eu me deparo com Kale fora do edifício do Conselho. Ela está brincando nos degraus, arrastando atrás de si um pato de madeira que Blaine e eu brincávamos quando crianças. Foi um presente de nosso pai, antes dele ser perdido para a Muralha. Éramos ambos muito jovens para lembrar-se do brinquedo que fora nos dado ou mesmo do nosso pai, para ser sincero, mas Ma disse que ele mesmo esculpiu, talhando-o a partir de um único pedaço de madeira ao longo de três meses. O pato está mostrando sinais de uso agora, um pedaço faltando em seu bico e uma parte desigual a todo o comprimento da cauda. O brinquedo é arrastado desajeitadamente pelas as escadas, e para do lado direito de Kale quando ela pula em mim ao me ver.

"Tio Gray", ela exclama. Ela é uma coisinha pequena, nem mesmo três anos ainda. Seu nariz ainda é rosa suave, um pequeno botão costurado no centro de seu rosto. Ela sorri quando me aproximo. "Ei você aí, Kale. O que você está fazendo?”

"Levando Ducky para uma caminhada. Mamãe disse que eu podia". Ela puxa o brinquedo de madeira atrás dela e arrasta na estrada de terra.

"Onde está Pa?" Ela olha para mim com aqueles olhos azuis brilhantes dela. Eles são parecidos com os de Blaine.

"Eu não tenho certeza. Por que você não vem comigo para o mercado? Talvez possamos encontrá-lo juntos." Eu ofereço a minha mão e ela agarra os dedos rechonchudos envolvendo em torno de meu polegar.

"Eu sinto falta do Pa", ela murmura enquanto nos movemos adiante. Eu sorrio para ela, mas não há mais nada a dizer. É momentos como este que me fazem sentir com sorte. Eu não sou Blaine. Eu não estou fazendo dezoito anos. Eu não sou um pai. Eu não vou desaparecer quando alguém mais precisa de mim. Se Kale sente falta de Blaine agora, quando ele está apenas no trabalho ou ainda está dormindo, como ela vai se sentir amanhã, após o Heist? Como eu posso explicar isso a ela? Como pode alguém? O mercado está movimentado, como sempre. Mulheres e meninas estão lá, negociando suas ervas, legumes e tecidos. Há garotos, também, todos da minha idade ou menos. Alguns procurando por jogos de tabelas, ferramentas e armas ou equipamento de gado, todos negociando para vários de seus bens. Kale esta inquieta atrás de mim enquanto eu negocio com Tess, uma mulher mais velha que vende algodão e roupas costuradas na loja têxtil.

"Eu sei, Tess. Eu sei que um pássaro não vale a troca por um casaco novo," Eu admito que troca um dos pássaros antes dela. "Mas lembre-se de duas semanas atrás, quando eu te dei coelho em troca de nada apenas porque você estava precisando?”

"Gray, você sabe que eu estaria fora do negócio se eu fizesse cada negócio baseado somente na bondade."

"É para Blaine," eu digo, esfregando o polegar sobre os botões de madeira no casaco. É feito de algodão pesado e com listras marrons escuras e pretas.

"Ele sempre quis ter um bom casaco, e eu queria dar-lhe um para o seu aniversário, mesmo se ele puder apenas apreciá-lo por um dia." Eu finjo que admirar sua obra, mas observo por de baixo da minha franja para ver como ela reage ao sentimento de culpa. Tess morde o lábio ansiosamente. Ela sabe como ninguém que esta noite Blaine enfrenta o Heist.

"Oh tudo bem, pode levá-lo", diz ela, empurrando o casaco para mim. "Mas nós estamos quites agora."

"É claro." Eu seguro a mão de Kale e deixamos o mercado, um novo casaco jogado por cima do meu ombro e o pássaro restante ainda pendendo meu quadril. Kale continua a puxar o pato de madeira atrás dela enquanto eu a guio pelo caminho em direção ao nossa casa – de Blaine e a minha também. Situa-se na beira da estrada ao lado sul da aldeia, afastado das outras casas, ali é tranquilo e pacífico. Eu franzi a

testa, percebendo que em menos de um dia este lugar não será o nosso lugar, mas a meu.

"Ah, o que é uma visão preciosa!" Chalice Silverston está diante de nós, zombando. "Pai e filha, para fora para um passeio de final, talvez?" Eu levanto minha cabeça e olhar para ela."Oh. Hey, Gray. Eu pensei que você fosse o seu irmão."

Ela viu meus olhos neste momento, a única coisa que me diferencia de Blaine. Seus olhos são azuis e vibrantes. Vivos. Os meus são de tempestade, tão incolor que fui nomeado por sua tonalidade sombria.

Dei um grunhido audível, mas não me sentia com vontade de discutir. Quero me concentrar meus esforços em aproveitar este último dia, se isso fosse mesmo possível.

"Qual é o problema, Gray? Sentindo-se um pouco sob o clima", ela disse vagarosamente. Gray Weathersby. Sob o clima. Ela usa deste jogo de palavras desde que éramos crianças, e agora, depois de ouvi-lo um milhão de vezes, eu tive o suficiente.

"Chalice, é melhor fechar esse buraco em seu rosto antes de eu fazê-lo," eu aviso.

"Oh, vamos lá, Gray. Você só está chateado com seu irmão mais velho. Triste e deprimido, porque ele será mandado pra cima e sumido em questão de horas."

Isso atinge um nervo. Uma raiva intensa surge em meu peito, em ondas contra minhas costelas. Eu não poderia me importar menos que nós fomos para a escola juntos, dias passados sentados na mesma sala de aula. Eu esqueço que ela é uma menina e que eu provavelmente não deveria bater nela. Eu reagi automaticamente, largando a mão de Kale e jogando meu punho na bochecha de Chalice. Ela merece, tudo isso. Eu a atinjo novamente, desta vez no estômago. Nós rolamos no barro e sujeira, brigando. Pouco depois, alguém me puxa para fora e Chalice empurra-me de lado.

"Controle-se, Gray." Eu me viro e vejo Blaine em pé em cima de mim, com os olhos cheios de desapontamento. Sasha Quarters, a mãe de Kale, está atrás dele. Eu posso provar o sangue no interior do meu lábio e minha mandíbula lateja. Bem, bom para o Chalice ter a coragem de me devolver o soco.

"Você é louco," Chalice diz com a boca cheia de sangue. "Absolutamente louco."

"Mas ela." Eu olho para ela e meu irmão. "Ela estava zombando de você, Blaine. Ela nem sequer se preocupa com o Heist". Blaine franze o cenho. "Eu não dou a mínima se ela gosta de mim ou não. Eu prefiro saber por que meu irmão mais novo está batendo em uma garota

metade do seu tamanho. Você está bem?", pergunta ele, virando-se para Chalice. É por isso que todo mundo gosta de Blaine muito mais que eu. É por isso que todos vamos sentir falta dele, mas quase ninguém percebera quando eu me for. Ele é mais calmo e tem um coração melhor, olha para o conjunto das coisas. Mas eu, eu sou imprudente, sempre reagindo a algum sentimento no meu peito.

Sento-me no chão e limpo o sangue dos meus dentes enquanto Kale corre para se esconder entre as pernas de Sasha. Sasha é mais velha do que Blaine, mas não parece. Acho que ela tem dezenove ou vinte anos agora, só que é difícil dizer, porque ela é tão bonita. Quando Blaine tinha sido previamente designado para ela, eu fiquei com ciúmes. Meses depois, ela estava grávida e que o ciúme virou instantaneamente um alívio. Foi quando eu comecei tomando cuidado com meus próprios slatings, evitá-los sempre que possível. Eu nunca quis ser um pai. Jamais.

Sasha ajuda Chalice que esta mancando. Eu os vejo irem embora, me perguntando como Blaine aguenta: logo serão apenas Kale e Sasha, sozinhas. Blaine sairá de cena, como se ele não fosse importante, que é como as coisas são por aqui. Meninos são importantes até certo ponto, mas mais cedo ou mais tarde vamos todos embora, então ninguém se incomoda em se apegar. As crianças possuem o sobrenome do pai, mas é apenas isso. Elas vivem com suas mães; e os meninos, bem, os meninos estão sempre à deriva.

"Onde elas estão indo?" Eu pergunto. Blaine oferece uma mão e me puxa para ficar de pé. "Para a Clínica. Você precisa ir também?"

"Não, eu vou sobreviver."

"Ótimo. Você merece qualquer dor que sente" Ele sorri e me dá um soco no ombro. Dói mais do que deveria. E então sua cara muda, torna-se paternal. "Você não pode fazer esse tipo de coisa, Gray", ele repreende. Ele ainda parece decepcionado, o que é pior do que se estivesse com raiva. "Você está sempre atacando antes mesmo de tentar compreender os outros. Chalice tem lidado com um monte de dor e sofrimento. Claro que ela odeia o Heist. E é amarga. E diz coisas rudes. Ela perdeu três meios-irmãos, nos últimos dois anos e meio. Isso não é um fardo fácil de suportar."

Eu reviro os olhos. "Isso não lhe dá o direito de zombar das perdas de outros."

Blaine suspira e me dá uma olhada. Aquele olhar de irmão. Um que conheço bem. Então ele se inclina para recuperar o casaco que comprei para ele. Quando ele se endireita, ele parece cansado. Eu não quero discutir com ele. Não hoje. Não em nosso último dia. "Esse casaco é para você." Eu aceno para a coisa suja em seus braços. "Feliz aniversário." Por um segundo, ele parece contente e, em seguida, um

pouco aterrorizado, mas ele sacode o olhar de medo de seu rosto e tira a jaqueta.

"Obrigado, Gray." Seu sorriso está de volta. O simpático e fraternal.

"De nada."

É tudo o que dizemos. Há um monte de outras coisas que poderiam preencher o silêncio, mas todas seriam sem sentido. Nós dois sabemos o que está por vir e nada vai mudar isso, pelo menos, não as palavras. Nós andamos o resto do caminho para casa juntos, Blaine vestindo seu casaco, mesmo com o sol de verão esquentando tanto.

"Eu vou sentir sua falta", eu disse, olhando para a luz. "Gray, nem sequer comece com isso." Seu tom é mais triste do que com raiva, como se discutir o seu destino pela centésima vez esta semana pudesse finalmente despedaça-lo.

"Talvez a gente possa fugir? Esconder? Poderíamos sair hoje à noite e viver na floresta."

"E então o quê? Nós só podemos ir tão longe quanto ao limite da Muralha, e o Heist é inevitável, não importa onde eu estiver."

"Eu sei. Mas talvez se passar por cima da Muralha. Talvez haja mais."

Blaine balança a cabeça com firmeza. "Não existe mais".

"Você não sabe disso."

"Toda pessoa que tenta escalar a Muralha acaba deste lado, morto. Se há algo mais, veríamos por durante dois segundos antes de conhecer o nosso próprio fim."

"Se fossemos nós dois juntos, acho que poderia ser diferente. Como quando nós caçamos. Somos sempre melhor juntos, Blaine." Estou praticamente implorando neste ponto. Isto não pode ser assim. A vida não pode realmente ser tão curta. Blaine empurra o cabelo de seus olhos e os botões do casaco atem sobre seu pescoço.

"Nenhum menino passada dos dezoito anos, Gray. O Heist vai acontecer quer queiramos ou não. Não faça isso mais difícil do que tem que ser."

Nós dois sabemos que ele está certo e entramos na casa juntos, em silêncio completo, pela ultima vez.

Dois

O dia de hoje é uma sucessão de últimas vezes. Nossa última comida. Nosso ultimo chá da tarde. Nossa ultima partida de damas. Depois desta noite, se acabará. Depois desta noite, ele desaparecerá.

Blaine recolhe uma de suas fichas de argila escura e salta por cima de duas de minhas fichas de madeira. Eu vou para as linhas esculpidas em nossa mesa, enquanto ele recolhe minhas peças caídas com um sorriso.

Custa-me crer que já chegou o Heist. É como se os anos tivessem passado voando, como se me tivessem escapado sobre quando em um abrir e fechar de olhos. Os momentos que recordo com maior clareza são as etapas de nossa infância, como o inicio da escola e as práticas de aprender a caçar. Xavier Piltess nos ensinou um verão vergonhoso, quando eu tinha dez anos. Ele havia feito quinze e tinha seu próprio arco. Assistia as reuniões do conselho, podia votar nos assuntos importantes e sabia o preço exato que podia vender um coelho no mercado em comparação com ou cervo, um javali ou um peru selvagem. Tal como veríamos, não havia pergunta que Xavier não fosse capaz de responder.

Até que, é claro, raptaram a ele também.

Quando fiz treze, Blaine e eu já vendíamos com regularidade no mercado e ajudávamos a mamãe na oficina de costura algumas vezes na semana. Um ano depois, mamãe teve uma febre que nem Carter e seus remédios conseguiram curar, e nós dois seguimos adiante sós.

Como de costume, nos tornamos homens aos quinze. Começamos a assistir as reuniões do conselho e entramos em alocações. É claro, espera-se que os meninos façam suas rondas por Bairro Negro e cumpram suas atribuições. No entanto, a mim sempre provocou sentimentos mistos. Não é que não sejam agradáveis, elas sempre são. Mas vim a odiar ir de um lugar para outro, dormir com uma menina uma noite para depois te empurrarem para outra. Não me sinto confortável de tudo. Cada encontro se converte em uma formalidade, que depois, pode ser transformar em paternidade. Odeio rotina, mas não compreendo porque o Conselho não nos aponta para uma garota diferente a cada mês; se não queremos morrer, não temos outra opção.

Blaine sempre esteve um ano na minha frente nestes marcos, sempre abriu o caminho e deu o exemplo. Quando eu duvidava, tinha medo ou me sentia confuso, ele me tranquilizava. Porém, agora faltam poucas horas para o roubem de mim para sempre.

“Gray?” Pergunta Blaine, tirando-me de meus pensamentos.

“Sim?”

“Acho que vou para a serralheria. Tenho que manter-me ocupado.”

“Não, não vá para o trabalho, vamos acabar a partida, pelo menos.”

Blaine segura uma de suas fichas, mas a mão dele não se move para o quadrado seguinte.

“Não posso seguir fazendo isto até a meia noite, Gray, estou muito inquieto.”

“Vou contigo.” Me ofereço, mas ele balança a cabeça e aponta meu queixo.

“Deveria ir a alguém que cuide de sua mandíbula. Está pior que pela manhã.”

Dou-me conta, pela primeira vez, que já estamos no meio da tarde. De verdade, levamos tanto tempo jogando ou é que todas as últimas vezes passam mais depressa por definição?

“Ok.” Respondo “Irei a clinica”.

Ele assente com a cabeça para mostrar sua aprovação, assim como fazia nossa mãe, e depois me lança minha mochila. Põe sua jaqueta nova, mesmo que agora faça um calor agonizante, e meche em meus cabelos antes de ir. Eu fico ali sentado, olhando as fichas; há muito mais fichas de argila de Blaine do que de madeira. Nossa última partida inacabada.

Ele havia ganhado.

Na clinica tem várias camas, separadas por finas cortinas suspensas em barras de madeira que correm toda a largura do edifício. Não há nenhuma cortina fechada quando chego e vejo que Carter não está ali. Só está sua filha, Emma, que reorganiza uma série de frascos de argila um uma estante no outro lado da sala.

Conheço a Emma desde que éramos pequenos. Nossas mães eram intimas, de tão doente que eu sempre estava, quando criança. Mamãe me contou uma vez que poderia me tirar de casa, até completar um ano; durante esse tempo, Carter nos visitava frequentemente, se ocupava de mim e fazia a sua magia. Não sei exatamente, mas fez bem. Em Claysoot, toda vez que me via era como se fosse uma espécie de milagre, como se fosse impossível estar tão doente quando bebê e converter-se em um menino tão são.

Ma e Carter foram inseparáveis durante a maior parte da minha infância, o que me fez passar muito tempo com Emma. Às vezes, mamãe levava a Blaine e a mim para a clinica, e ficávamos perseguindo Emma em volta das mesas de madeira até que ela suplicava por piedade. Outros dias, se Carter não tinha muito trabalho, ele levava Emma para nossa casa e nós nos entretínhamos com jogos como dama.

Então, a pesar de Emma ser uma coisinha magricela, ela seguia o ritmo. Se estávamos fazendo sujeira na rua, ela ia conosco. Se subíamos em arvores e ralávamos os joelhos em rochas, ela tinha com orgulho as mesmas feridas de guerra. De todo modo, embora quando pequenos passamos infinidades de horas juntos, Emma sempre esteve mais unida a Blaine. Nunca foi capaz de sentir ciúmes, mas acredito que posso ganhar no pulso. Quando eu tinha seis anos e eles sete, empurrei Emma e roubei o jogo de madeira com que brincava. A partir deste dia, Blaine se converteu em seu favorito e, obviamente, foi quando tudo começou: quando ela escolheu Blaine, eu fui escolhi ela.

A princípio era um tema infantil, de todo modo, meu afeto nunca diminuiu. Fui observando sua mudança ao longo dos anos, abandonou sua figura magra para adquirir curvas que agora preenchem os vestidos. Está próxima dos dezoito anos e está cada vez mais bonita. Desde que uso da razão, não estive interessado em mais ninguém. Tenho as visitas que me satisfaziam as necessidades, mas mentiria se não reconhecesse que só queria a Emma. Acho que é apropriado que eu nunca tenha me emparelhado com ela, seguramente eu não mereço.

“Carter está?” Eu pergunto da entrada.

“Está visitando um doente.” Nega em resposta as minhas esperanças, sem sequer me olhar. ”Dá-me um segundo e estarei contigo.”

Sento-me em uma cama macia. Eu esfrego o queixo e faço careta quando toco a ferida aberta. Blaine estava certo, está claro que tenho que curar-me.

Contemplo Emma enquanto espero, e admiro a facilidade com que seus dedos firmes tiram frascos da estante. Move-se muito depressa, mas também com elegância, com mãos seguras de quem leva anos oferecendo atenção médica. Suas mãos nunca vacilam, nunca falham. Também se nota a concentração em seus olhos, que voam de um lado para outro. Cada vez que olho em sua profundidade castanha, algo se agira em meu peito.

Por fim, quando todos os frascos estão colocados a seu gosto, Emma se reúne comigo na cama. Ela tem uma marca de nascença na bochecha direita, quase se parece com uma lágrima que cai por seu rosto.

“Deveria negar-me a te ajudar depois do que fez em Chalice...” Diz a voz de Emma, que é suave, delicada e tranquila, como a primeira neve do inverno.

“Ele merecia.” Respondo sem duvidar.

“Tem sorte que creio que todas as criaturas feridas merecem que as cure.”

Olhava-me, desconcertada, ladeando minha cabeça como se estudasse um animal selvagem. Sei o que pensa, é o mesmo que pensam todos: Como pode parecer tanto com Blaine por fora e ser tão diferente por dentro?

Pegou-me o rosto com as mãos e examinou meu queixo. O corte aberto dói, mas me concentro em seu toque, em seus dedos contra minha pele. Uma vez satisfeita com sua inspeção, me solta e começa a mesclar vários ingredientes em uma tigela rasa. A observo esmagá-los, flexionando o antebraço e o ombro. Termina, limpa as mãos no avental e vira-se para mim novamente.

“Com uma colher de sopa deve bastar.” Disse, passando-me a tigela com a mescla pastosa. “Passe-o pelo interior da boca, perto do local do corte. Que adormecerá a área para que possa dar pontos.”

Pego um pouco da mescla com os dedos e me aplico como Emma me indicou. Acalma-me a dor quase instantaneamente.

“E toma isso.” Ordena, passando-me um bocado de algo que não reconheço, mas que obedeço igualmente. “Preciso de você permaneça imóvel, isso te ajudará a dormir.”

Emma está preparando uma seringa, quando sua mãe entra na clinica.

“Como foi?” Pergunta Emma.

“O bebê não viveu.” Responde Carter, soltando a bolsa em cima da mesa e recolocando os fios soltos no alto da cabeça; tens o cabelo da mesma cor que Emma, castanho claro, coma a pele de uma jovem corça, com teimosas ondas que caem ao azar. “Morreu no parto. Melhor assim, considerando que era um menino.”

“E a mãe?” pergunta Emma, entristecida.

“Laurel está bem.”

Sei que essa é uma boa amiga de Emma, pois já as vi no mercado, rindo entre dentes e sussurrando, enquanto trocam mercadorias.

Emma suspira, aliviada, mas vejo que cai uma única lágrima por cima da marca que tens embaixo do olho. Ela enxuga com o dorso da mão e se concentra novamente na agulha.

“Deite-se.” Me pede, e eu faço.

Noto uma sensação curiosa na cabeça, com se flutuasse. Emma se inclina para examinar a ferida, parece brilhar como a grama coberta com o orvalho a luz do sol pela manhã. Pede-me para que relaxe, mas estou preso aos seus olhos, e ao invés de fazer, deixo que as palavras cheguem aos lábios.

“Queres fazer algo depois?” pergunto-lhe.

“Fazer algo?” pergunta, e sua cara expressa uma mistura de surpresa e desgosto.

“Sim, ao bar ou um passeio. Qualquer coisa, na verdade.”

“Minha melhor amiga perde seu filho, tu está a ponto de perder seu irmão e você só quer me levar ao bar?”

Dito assim, reconheço que parece um pouquinho insensível.

"Você não se parece em nada com ele, sabia?" - disse. - "Podem ser iguais por fora, mas por dentro são muito diferentes.”.

Essas palavras doem, mas são certas.

"Emma, céus, não e tão mal." Interveio Carter da porta. "Cada um enfrenta suas coisas a sua maneira."

Não sei bem porque Carter saiu em minha defesa. Na melhor das hipóteses, e que se preocupa comigo, mesmo agora, anos depois dos meus problemas de saúde. Será porque era muito amiga de minha mãe ou porque lembro-lhe de me pai; já me contou várias vezes o quanto Blaine e eu somos parecidos com ele. De qualquer maneira, eu agradeço.

“Porque esta fazendo isso, pelo Conselho”? Pregunta Emma “Te enviaram para mim, verdade”? Insiste, me dando um olhar atravessado.

"Não, é assim. Não me enviaram para nada. Estão fazendo vista grossa por causa de Blaine e do Heist. Não tenho visto ninguém nas ultimas semanas e não tenho nada pelas próximas semanas."

Minha cabeça pesa e da voltas, quero dormir, mas resisto.

"Então, creio que e uma honra para mim, que esteja fazendo de verdade?” Pergunta Emma, irônica. “Deveria estar contente por decidir cortejar-me por vontade própria e não pelo Conselho?”

Tem a expressão fechada e os braços cruzados. Nunca a tinha visto tão irritada.

"Ouça, Emma, ok? Só te perguntei. Nada te obriga".

Me deixo cair na cama, esgotado. O remédio venceu.

Emma se inclina sobre mim e concentra seus olhos em meu queixo. A agulha entra em minha pele, mas não ha dor. E só ela, me costurando como se eu fosse uma colcha; depois chega a escuridão e caio dormindo.

TRÊS

Quando eu cheguei, minha cabeça estava nebulosa. Toquei minha mandíbula e encontrei pontos delicados costurados em minha pele. A Clínica estava vazia, exceto por Emma, que estava rasgando roupas velhas em tiras do tamanho de velas. Eu dormi durante toda à tarde, até durante o jantar - Sentei-me, em pânico.

“O que eu perdi?” Emma saltou.

"Gray, você me assustou!", disse ela, apertando seu peito.

“Eu perdi?" Eu repito. "A cerimônia de Blaine? O Heist? Acabou?”

“Não, ela ainda está em andamento. Mas você precisava descansar. Acho que você teve uma infecção leve, e depois do tratamento você precisa dormir. Eles começaram sem você.”

“Bem, eu estou bem agora", eu digo , balançando as pernas sobre a borda da cama. Tentei ficar de pé, mas a minha visão ondulou. Emma estava ao meu lado e, rapidamente, puxou meu braço sobre seus ombros e envolvendo a mão livre sobre a minha cintura. E por um momento, eu me senti forte com ela ao meu lado.

“Eu tenho que estar lá, Emma”, eu digo, me virando para ela. Ela estava mais perto do que eu pensava e seus cílios quase encostaram meu queixo.

“Por favor? Ajude-me a chegar lá?”

As suas sobrancelhas levantam levemente, como se ela estivesse surpreendida por meu desejo óbvio de assistir a cerimônia. Naturalmente eu tinha que estar ali. Isto é o adeus final. Emma esperou eu achar meu equilíbrio antes de dirigir-me do edifício.

Estava escuro lá fora, e tardio. O aniversário de Blaine é em alguns minutos. No brilho do luar, vejo o prédio escolar em frente. Tem bastante grande, dividido em três salas. Eu costumava passar minhas manhãs, rabiscando um pergaminho com tinta e lendo, ao mesmo tempo inclinando-me sobre uma mesa que vacilava se você aplicar muita pressão ao seu lado direito. Ela sempre fez minha escrita sair errada.

Eu tenho notas baixas por causa do desleixo, especialmente quando comparado a Blaine, mas do que isso importa? Escrever bem não vai protegê-lo do Heist. Nós fomos lentos de primeira, o chão parecia que nadava debaixo de mim. Mais logo, nós andamos mais fortes e mais confiantes. É tão bom ter Emma ao meu lado que eu não admiti quando pude continuar sozinho.

No centro da cidade, a fogueira de cerimônia queimava brilhantemente, iluminando o sino do Conselho, que é usado para deixar reuniões em ordem. Blaine ficou ao lado dela, recebendo as pessoas que fazem fila para dizer adeus. Ele parecia intocado por toda a questão, sem medo ou preocupação rastejando em seus olhos ou escapando de seu corpo em uma contração nervosa.

Kale estava em um tapete ao lado dele, com os olhos fechados em um sono tranquilo. Ela ainda é jovem demais para entender o que está acontecendo. Para ela, é apenas uma festa divertida e a emoção se a esgotou. Emma removeu meu braço por trás do seu pescoço.

"Você vai ficar bem?", Ela pergunta. Ela sorri para mim dolorosamente e eu sei que ela estava referindo-se ao fato de que eu estava prestes a perder o Blaine, e não a minha lesão. Sinto que eu deveria dizer algo, mas minha boca estava seca.

"Venha," diz ela. "Vamos entrar na fila." A cidade inteira estava presente, as mulheres, como sempre, ultrapassando os homens. Crianças que ainda não entendem o que estão testemunhando corriam ao redor da fogueira, gritando e jogando com alegria. Todas as pessoas trocavam olhares desamparados, incluindo o Conselho de chefes. As irmãs Danner sussurravam uma com a outra, tão perto que quase sangram em uma pessoa, enquanto Clara e Stellamay se moviam ansiosamente na linha de recepção. Head estava calmo — a única pessoa imperturbável — era Maude Chilton. Ela inclinou-se sobre sua bengala atada e olha o fogo. Cada linha que se arrasta seu caminho através de seu rosto e couro cabeludo em direção a ela é iluminado.

Maude estava na cidade desde o início, tem 47 anos. Eu sei disso só porque eu li os pergaminhos que são armazenados na nossa biblioteca. Maude tinha treze anos quando Claysoot foi fundada. Não havia adultos.

Agora Maude lidera o Conselho. Isso seria algo para se gabar, se não fosse por tudo o que ela perdeu. Cada filho de Maude, cada sobrinho ou neto ou irmão, foi vítima do Heist. A maioria das meninas que cresceram morreram de doença ou velhice. Talvez seja por isso que ela

pode ficar tão calma a cada cerimônia. Talvez por isso ela seja insensível.

Emma e eu fomos até a linha. Éramos os dois últimos, com a exceção de Maude, que ficava sempre por último. Enquanto espero pela minha vez, assistia os aldeões cumprimentando Blaine. Alguns fecham as mãos, dão-lhe um tapinha firme no ombro. Outros choravam. Sasha, que não foi programada para Blaine no ano, afasta de lado as lágrimas após a quebra de seus braços. Finalmente só Emma e eu permanecemos. Eu a deixei ir primeiro.

Ela correu até Blaine com uma força surpreendente, enlaçando seus braços ao redor de seu pescoço. Ele retribui o abraço. Trocaram palavras que eu não consegui entender, que eram boas, eu suponho. Eu não queria ouvir o adeus de Emma. Depois disso, Blaine apertou-lhe a mão, tranquilizando-a.

Antes dela se virar para sair, Emma sobe na ponta dos pés e dá um beijo na bochecha de Blaine. Eu não podia fazer nada, mas senti ciúme e uma agitação na boca do meu estômago. Ele olhou através de mim, orgulhoso do seu beijo, claramente irritado com a forma como ela vai sentir falta dele. Enjoa sentir estes pensamentos egoístas quando Blaine em breve irá embora para sempre. Por que não posso ser decente? Por que não posso dizer adeus?

É a minha vez. Blaine falou primeiro.

"Ei, Gray.” Ele ainda usava o novo casaco.

"Ei." Foi tudo que consegui falar.

"Você perdeu o banquete.”

“Tudo bem. Haverá outros." E era verdade. Para cada Heist há uma cerimônia, e para cada cerimônia há um banquete, que tirava de nossas mentes a gravidade da situação.

“Você parece bem," eu adiciono, olhando para cima nele, minha imagem no espelho com olhos azuis. Eu duvido que eu seja tão tranquilo o ano que vem. Eu não tenho a compostura que ele tem. Eu serei provavelmente um dos meninos que muda quando o Heist se aproxima, realizando uma desordem que mexe com toda a cerimônia, e tendo colapsos em pânico.

"Não há nada que eu possa fazer para impedi-lo", diz Blaine. "Ele virá de qualquer forma, então eu poderia muito bem tentar aproveitar esses momentos finais com todos".

Momentos finais. Últimos momentos.

"Eu vou sentir sua falta, Blaine." Eu não podia olhar para ele.

"Eu vou sentir saudades de você também, mas eu vou olhar você em breve. O que quer que venha a seguir, a morte ou não, eu acho que vamos nos encontrar novamente."

Ele piscou para mim. E me pegou de surpresa, um gesto tão brincalhão em uma noite como essa, mas então eu percebi que ele estava me consolando. Eu deveria confortá-lo, especialmente com o que ele enfrentaria, e ainda estava ali, me dizendo que tudo vai ficar bem. Ele era um ótimo irmão mais velho.

Eu o segurei com força, fechando os braços em torno de suas costas, e ele retribuiu o abraço. Não foi longo ou prolongado, e nenhum de nós chorou, mas quando eu finalmente o deixei ir e se afastar, me senti como se uma parte integral de mim foi arrancada do meu peito.

Maude se aproximou de Blaine e eu queria que fosse devagar. Não queria que isso acabasse, porque quando ela terminar, o tempo já estaria acabando. Era quase meia-noite e meia-noite com um novo dia começará: o aniversário de Blaine e também o seu fim. Maude abraçou Blaine delicadamente e sussurrou seu adeus em sua orelha. E deu um passo para trás. Nós esperamos. E então aconteceu da mesma forma de sempre. O chão começou a tremer. Foi macio no início, pequenos pedaços de sujeira e entulho saltando sobre os nossos pés, e então, de repente, mais violento. Algumas pessoas caíram de joelhos, incapazes de manter o equilíbrio. O vento uivou. O mundo girou. E, em seguida, uma luz. Ele quebrou do céu como um tiroteio lançado através de um pergaminho, fácil e fluido. Ela se expande, e tornou-se tão brilhante que feria os olhos.

Normalmente estaria no chão, neste momento, me protegendo da luz e tentando não vomitar. Sentia-me doente até agora - o Heist sempre parece ter esse efeito, mas eu me forcei a ficar de pé. Concentrei-me em Blaine. Eu o mantive em minha frente. Seus olhos estavam abertos, apesar do brilho ofuscante, mas ele não se parecia com medo.

A luz o cerca como se estivesse atraída por seu corpo. Foi um espetáculo brilhante, uma chama ardente. E depois houve uma sacudida final da terra, uma explosão de brilho, e ele se foi. Tão rapidamente como começou, o distúrbio foi maior. Pessoas tropeçavam em seus pés, escovaram a poeira de seus corpos e esfregaram os olhos em alívio. Nós gememos e tossimos, firmando os nossos sentidos, e, em seguida, Maude chamou no meio da multidão.

“Vamos ter um momento de silêncio”, ela dizia com sua voz seca, frágil, “para Blaine Weathersby, que na manhã do seu décimo oitavo aniversário, foi perdido para o Heist”.

QUATRO

Blaine ter ido é como quando Ma morreu, só que desta vez eu estou sozinho para sempre. Passei os primeiros dias esquecendo que sua ausência é permanente. Eu me pego olhando para cima na hora do jantar, esperando encontrá-lo andando pela porta. Sinto-o movendo-se atrás de mim, mas quando eu me viro, o quarto está desolado e frio.

Depois de aproximadamente duas semanas, quando comecei a sentir que realmente ele não iria retornar, eu surtei pela primeira e única vez. Passei a noite toda na cama, abafando os gritos em meu travesseiro. Não deixei que ninguém me visse, mas estava apavorado. Sentia-me vazio, como se metade de mim tivesse ido embora, e eu não tenho nenhuma família. Ma tinha um irmão, que tinha um filho, e ambos estão muito longe. Eu tenho Kale, suponho, mas eu não posso ser o pai que ela precisa. Eu não sou bom com ela do jeito que Blaine foi. Acho que o pensamento mais revoltante é que eu só tenho mais um ano. Tenho somente um ano até que eu faça 18 anos, e não tenho ninguém para compartilhá-lo.

Em Claysoot, eu sou um espetáculo. As pessoas me olham simpáticos e com sorrisos indiferentes, como se eles quer dizer, *"Oh, Gray, está tudo bem."* Posso encontrar paz na floresta. Em meio a árvores e pinhas, estou livre, sem olhares indiscretos, sem pensamentos que inundam minha mente. Lá, eu sou eu mesma.

Vendo o lado positivo, pelo menos eu era capaz de dizer adeus a Blaine. Eu li um livro na biblioteca quando eu era mais jovem que documentava o fenômeno de Heist. As pessoas de Claysoot nunca souberam o que era. Na verdade, quando o primeiro Heist ocorreu, ninguém percebeu até a manhã seguinte.

Ele era o irmão mais velho de Maude, Bo Chilton, que desapareceu misteriosamente. Depois de uma pesquisa completa na cidade e bosques, ele foi declarado morto mesmo que o corpo nunca tenha aparecido. Foi estranho, Bo desaparecendo como que, completamente fora do personagem. Ele era o mais velho dos filhos originais, seu principal líder. Calmo. Inteligente. Responsável.

No dia que os originais abriram os olhos e encontraram sua cidade em ruínas, eles entraram em pânico. Suspeitaram que uma forte tempestade tivesse sido a culpada, batendo-os inconscientes no processo, mas eles não conseguiam lembrar-se do mau tempo.

Eles não se lembravam de nada de antes do desastre, e, com exceção dos irmãos, eles ainda não conseguiam lembrar-se uns dos outros. Em um piscar de olhos, vizinhos tornaram-se estranhos.

Antes que o grupo poderia cair no caos, foi Bo que reuniu ferramentas e começou a reconstruir a Comunidade. Ele sacudiu o sentido dos outros,

atribuindo a cada pessoa uma tarefa específica. Em questão de meses, a cidade foi bem no seu caminho para se recuperar. As culturas foram cuidadas de volta à vida.

As cercas em torno dos campos foram reforçadas e os animais, que tinham se afastado para a floresta, foram encurralados e trazidos de volta à cidade. Bo criou o Conselho, composto por cinco chefes eleitos pela Comunidade e, como não conseguia lembrar o nome de sua casa, ele mesmo nomeou o lugar, juntando duas palavras que muito precisamente descreveram a composição da maior parte de terra da cidade. Estradas de barro-enferrujado e um filme de fuligem, como sujeira tão persistente que só poderia ser evitada escapando para a floresta.

Quando o muro foi descoberto, Bo se ofereceu para ir primeiro e explorar as coisas, mas ele foi incapaz de ver o que estava no outro lado. A visão de um grande carvalho na porção norte da floresta não resultou em nada, além de mais escuridão além da parede, e ele considerou perigoso. Ele tentou avisar os outros sobre a escalada, alegando que a parede foi provavelmente construída para manter algo na baía, mas alguns tentaram. Seus corpos voltaram como um carvão cinzento, queimado e sem vida, e foram comprovadas as suposições de Bo.

Bo foi o motivo que fez com que as crianças originais, selvagens e pânico, fossem transformadas em uma equipe unida capaz de reconstruir sua Comunidade. Mas não havia ainda nenhuma explicação para o seu desaparecimento. Poucos meses depois, outro menino desapareceu e uma semana depois outro. Eventualmente, Maude notou que os desaparecimentos pareciam estar acontecendo aos meninos de certa idade. Sempre foi o mais velho, e então, finalmente, ela percebeu que era sempre um menino com dezoito anos.

Eles correram para comprovar em Ryder Phoenix. Ele sentou-se no centro da cidade, na véspera do seu aniversário de dezoito anos, com todos os outros em torno dele, e eles esperaram. Quando foi a primeira noite todos eles testemunharam: sentiram a terra agitar e viram o céu iluminar acima. E eles tinham a prova.

Maude convenceu o grupo a repetir a experiência. Para os próximos vários aniversários, aconteceu a mesma coisa. Meninos desapareceram, roubados da cidade em questão de segundos e sempre na manhã de seu décimo oitavo ano. Cada um foi tomado, roubado, perdeu para um Heist consistente e tempo específico.

Uma vez que eles compreenderam isso, alguns meninos começaram a entrar em pânico. Alguns tentaram escapar antes de seu décimo oitavo aniversário. Escalaram a árvore na porção norte da floresta que cresceu perto o suficiente da parede para ajudar na sua passagem, mas sempre reapareceram. Mortos. Maioria os meninos vieram a aceitar que o Heist era inevitável. Maude assumiu o lugar de seu irmão como chefe do

Conselho e dispostos a primeira cerimônia. Enquanto o Heist era inevitável, uma preparação para ele não era. Com uma cerimônia todos poderiam pelo menos dizer adeus, algo que Maude nunca foi capaz de fazer com seu irmão. Com uma cerimônia, as pessoas poderiam fazer a paz.

Eu não fiquei em paz com Heist de Blaine, porém. Não sei se que eu já vou. Eu sei que é apenas a maneira de vida, que é parte da vida lidando com as consequências do Heist, mas a perda de Blaine é pessoal. Ele foi e nunca mais voltará. Ele se sentia errado de uma maneira que eu não posso identificar. Acima de tudo, é simplesmente injusto.

Houve uma batida na minha porta e eu sou puxado de meus pensamentos. Está brilhante lá fora, é o final da manhã. Eu deveria caçar já, mas eu tinha sonhos repletos de Hesitas e meu relógio interno já fora desde que Blaine desapareceu. Eu subi na cama, puxei um par de calças, e atendi a porta.

"Bem, bom dia, seu depressivo preguiçoso," Chalice me cumprimentou, com o rosto um pouco diferente. Ela olha tudo novamente, qualquer dano que eu fui muito longe.

"O que você quer?"

"Maude quer te ver."

"Só isso?"

"Sim."

"Ótimo." Eu disse, batendo a porta na cara dela, fazendo com que uma foto pendurada na parede caísse no chão. Provavelmente eu não deveria ser tão rude, mas nunca gostei de Chalice. Ao contrário de Blaine, eu me recuso a dar desculpas para ela.

Eu me inclinei para pegar o quadro caído, que mostra um desenho a carvão do Conselho feito por Blaine quando criança. O quadro quebrou no impacto, e quando eu recolhi os pedaços, percebi algo por trás do esboço de infância do Blaine: um segundo pedaço de pergaminho grosso, mas não tão desbotadas como obras de arte originais. Eu a levantei a partir dos escombros e desdobrei cuidadosamente.

É uma carta, escrita de um jeito que eu reconheceria em qualquer lugar. "*Meu filho mais velho*", ela começa. Essa é a letra de Ma, cuidadosa e limpa. Eu inspirei profundamente e continuei lendo.

"*É indispensável que você leia isto, entenda e depois esconda a carta imediatamente. Gray não pode saber. Eu pensei muitas vezes de como compartilhar isso com você — tanto de você, mas vieram aos termos com este segredo, sendo que você só deve ler após a minha passagem. Saiba que eu escrevo isso para você em minha hora final, que eu desejo tanto*

ser capaz de explicá-lo em pessoa, mas eu sou um prisioneiro de minha cama.

Este mundo é um misterioso, com seus Hesitas e a parede, tão antinatural que nunca fui capaz de aceitá-lo sem rodeios. E eu acredito que em seu décimo oitavo aniversário, você vai entender por que eu tenho compartilhado este segredo com você. A verdade ou a busca da verdade, não deve morrer comigo.

Acima de tudo, você não deve dizer a seu irmão. Eu sei que isso vai ser difícil para você, mas você conhece Gray, ele irá procurar respostas. Ele vai arriscar tudo e por sua vez, se arriscar para descobrir a verdade. E você deve. Você deve descobrir a verdade para mim, porque a morte vai levar-me antes que eu seja capaz de testemunhá-la eu mesma.

E assim eu vou compartilhar isso com você agora, meu filho: você e seu irmão não são como eu acreditava. Gray é, na verdade" — Eu virei a carta, mas não havia mais palavras. Pesquisei os restos no chão, mas qualquer folha que estivesse ali não está mais escondida dentro do quadro. Reli a carta, uma vez, duas vezes, várias vezes.

"*Gray é, na verdade*" — eu sou, na verdade, o que? Corri para o quarto e abri o baú que ainda tinham as coisas de Blaine. Eu revirei através de roupas e equipamentos até encontrar em minhas mãos um pequeno diário, junto com um barbante teimoso. Eu o folheei, observando as datas e parei quando encontrei aquela onde nossa mãe morreu. O texto de Blaine é curto.

"Carter não tinha nenhuma mágica para mudar as coisas e Ma morreu hoje. Ela me deixou uma carta peculiar. Fiquei irritado de primeira e confuso, mas eu percebo agora que estou incrivelmente feliz — tenho meu irmão comigo ainda. Gray, que eu valorizo mais a cada dia que passa."

Eu lancei o diário de volta ao baú e retornei à cozinha, onde agarrei a carta de Ma no meu punho. Como eles ousaram manter um segredo que tão claramente me afeta. E agora o que? Eles foram embora eu sou deixado só na escuridão sem respostas. O que verdade Ma tinha esperado seria revelado no Heist do Blaine permanece um mistério. Especialmente a mim.

Eu li a carta do Ma outra vez, e outra vez, e quando eu leio, fervo com sentimentos de ressentimento e traição, é como se fosse uma tempestade dentro de casa. Eu tenho que fugir da carta, o mais longe possível, mas então me lembro das palavras originais de Chalice, as que lançaram sua descoberta, e então eu não fico muito longe.

Estava diante da casa de Maude e respirei profundamente. Deixei a raiva diminuir e virar um pouco de irritação antes de eu bater na sua porta. Ela abriu imediatamente e me convidou para entrar.

A casa de Maude é uma das mais bonitas do povoado. Ela tem tábuas de assoalho em vez de sujeira e sua tigela de água tem um cabo anexado que realmente pode ser bombeado para fornecer água. Uma chaleira assobia sobre seu fogo quando eu entro, e o cheiro de pão fresco pairava no ar.

“Chá?" ela perguntou enquanto eu me sentava à mesa da cozinha. Eu não agi provavelmente tão educadamente quanto eu devia, e esperei que ela despejasse uma xícara de água quente e colocasse suas ervas. Ela foi ao meu encontro na mesa, com cautela para levar o chá.

"Você queria me ver?" Eu pergunto.

"Sim, sim. Eu tenho um nome para você." Eu sabia o que isso significava e eu não queria ouvi-lo. É a última coisa que eu queria pensar no momento.

“Pensei que você disse que eu não tinha que lidar com isso por um tempo.”

“Já faz quase três semanas, Gray.” O vapor do chá, estava torcendo delicadamente antes de seu nariz e se misturando com seu branco cabelo antes de continuar em direção ao teto.

“Faz tanto empo assim?"

"Mhmm”, ela cantarolou em acordo.

“Então quem é desta vez” Lá vem mais um mês de formalidade desajeitada. Eu, saindo com alguma garota abertamente o suficiente para que Maude achasse que eu estou dormindo com ela, e, em seguida, tentando recusar essa mesma garota quando a oportunidade surge, na verdade. A última parte é mais difícil do que eu esperava, por vezes, mesmo com o potencial de paternidade em jogo.

“Se há alguém que você preferiria ver, Gray, isso é bom," ela disse. "Mas nós temos que fazer planos quando nós não vemos nada nos materializando naturalmente".

Se os *slatings* não estavam tão pressionados e formais, então talvez as coisas acontecessem naturalmente. Mas para mim, é como quando eu era um garotinho. Ma disse a Blaine e eu não brinco com fogo, por causa do que nós fizemos. Por outro lado, se ela nos forçasse a brincar com fogo, nós iríamos provavelmente nos entreter com rochas em vez disso. E isso é assim. Eu sou desinteressado no fogo eles me forçam a brincar com ele. Eu não gosto de contar o que fazer.

“Ultimamente eu só me sinto bem quando estou na floresta,” eu admito. "Nada vai se materializar por conta própria.”

“Muito bem", diz ela, colocando o copo sobre a mesa de madeira entre nós. "Você já foi programado para ficar com Emma para o próximo mês. Você conhece Emma, certo? A menina de Carter? Trabalha na clínica?”

Um nó se forma em meu peito. "Sim, eu a conheço."

"Bem, isso é tudo, Gray. Você pode ir."

Eu parto sem agradecê-la. Pela a primeira vez desde que eu quebrei o quadro, minha mente foi para longe do segredo do Ma. Eu deveria gostar dessa união, mas eu não gostei. Emma é não só outra menina. Eu não quero estar com ela porque foi planejado. Eu quero estar com ela por conta própria e com seu agradecimento, ou de jeito nenhum.

Talvez nem sequer importasse. Emma provavelmente iria me rejeitar. Sempre ouvia que ela não aceitou um único de seus *slatings*, que ela deixa todos longe. Um amigo de Blaine, Septum Tate, que foi perdido para o Heist alguns meses atrás, afirmou que Emma realmente tinha apresentado seu joelho a sua virilha, quando ele se recusou a acreditar que ela realmente queria dizer "não, obrigado". Ninguém acreditava nele. Principalmente porque Emma é tão doce, tão suave.

Olhei para encontrar meus pés inconscientemente me levando para a Clínica. Acho que agora não é pior momento do que qualquer um para enfrentá-la. Eu empurrei abrir as portas e entrei.

Carter está assistindo com alguém na frente da sala. Eu posso ver lado de fora suas silhuetas através de uma das cortinas finas. Emma estava em uma mesa no fundo, rabiscando algo em um pedaço de pergaminho. Ela usava um vestido branco longo e o seu cabelo estava preso de qualquer maneira em cima da sua cabeça. Alguns fios caíam nos seus olhos enquanto ela escrevia. Eu corri uma mão pela minha franja nervosamente e então voltei de volta a sua escrivaninha, me sentando no assento em frente a ela sem um convite.

"Oi."

"Oi," ela diz, mal olhando para cima. "Você precisa de ajuda com algo?"

"Não." Eu ainda estava tentando descobrir o que dizer. Talvez ir até a clínica tivesse sido uma má ideia. Talvez eu devesse evitar Emma.

"Então o que você está fazendo aqui?" Ela colocou sua pena para baixo e cruzou seus braços sobre seu peito. Ela estava muito bonita.

"Eu fui escalado para você", eu digo. Lá, ele está fora.

"Oh, é isso tudo? Bom. Eu não estou interessada." Ela pegou a pena novamente e retornou a escrever.

"Sim, eu sei. Eu só estava esperando que eu pudesse obter a verdade fora do caminho, para que possamos realmente desfrutar o próximo mês juntos."

Ela olhou para mim, e eu via confusão em seu rosto.

"Eu não tenho certeza que você me ouviu, Gray. Eu não estou interessada. Nós não vamos passar nenhum momento juntos."

"Veja bem, Emma, eu não quero ser um pai. Nem em um milhão de anos. Não quero acabar como Blaine, deixando um garoto para trás. E você não está interessada. Você deixou isso bem claro. Mas o Conselho ainda me quer programado para você, e se a gente ficasse fingindo por algumas semanas, eles pensariam que estamos fazendo o que eles querem, e, em seguida, eles ficarão fora de nossas costas."

"Olha, eu mesmo poderia convencê-los a me manter programado para você por vários meses, e então você não terá que lidar com tudo isso."

Ela ficou quieta por um momento, com seus olhos escuros procurando os meus. Eu não sei o que ela estava procurando ou o que estava pensando. Ela está muito bonita por estar com branco.

"Ok," ela diz finalmente. "É um acordo. O que você quer fazer?"

"O quê, agora?"

"Sim, agora mesmo." Ela sorriu, ainda que levemente. Isso fez com que a dor no meu peito, que eu recebo quando ela olha para mim, pulsar.

"Nós podemos fazer qualquer coisa. O que você quer fazer?"

"Vamos para a lagoa", disse ela, guardando as coisas.

"Que lagoa?"

"A lagoa. A única. Próxima a um campo de campânulas roxas."

"Isso é mais de uma lagoa."

"Oh, é uma lagoa para mim. Venha, vamos sair daqui." E então ela agarrou a minha mão, me puxando da Clínica. Eu adivinhei que não iria caçar hoje.

CINCO

Nós seguimos para o sul pela cidade, passando pela escola e pelo ferreiro, além de inúmeras casas, incluindo a minha, que criou a fronteira da aldeia. Onde a sujeira desbota, e grama alta cresce, surgindo em manchas, até que finalmente estamos entrando na floresta. Eu não costumo caçar ao longo da parte sul da floresta. É mais pantanoso, e as raízes maiores aderem às áreas mais secas. O solo cresce macio debaixo dos nossos pés á medida que nós continuamos, mas houve pouca chuva ultimamente e nós evitamos afundar os pés na terra pastosa. Quando alcançamos o matagal que eu sabia que estava ocultando o lago de vista, Emma agarrou o meu braço e me puxou.

"Ali.", diz ela, apontando para o lado direito.

“Mas é para frente. E não por esse lado.”

“Eu sei, mas a vista é melhor se você subir o morro. "

" Vista? Não há nenhuma vista.”

“Confiança, Gray. Confie em mim." E, em seguida, sem esperar para ver se eu a seguia, ela começou a cortar as árvores, não havia nenhum caminho para guiá-la. Ela sustentava seu vestido sobre seus joelhos, e eu olhava para as pernas como e via passos sobre troncos caídos e pedras em nosso caminho. Nós nos movemos lentamente e até uma inclinação constante. Talvez houvesse uma vista afinal.

Quando nos soltamos das árvores, eu estava quase sem palavras. Estávamos de pé sobre uma colina com vista para a água. Deste ângulo ela parece bastante pequena e estreita, sua magreza esticando além do outro lado da terra. O que nos rodeiam são as campânulas, altas hastes grossas, que cresciam mais alto do que a minha cintura. Delicadas pétalas roxas penduram cada, agrupados e dançando na brisa suave. A parte mais meridional da Parede é pouco visível à distância.

Emma nos levou para o campo em direção a uma rocha solitária que fica na encosta. As flores roxas quase alcançavam seus ombros, mas elas sobem fora de seu alcance.

“Eu costumava vir aqui com meu tio", ela me disse enquanto tentávamos ficar confortáveis na pedra. "Quase todos os dias. Pelo menos até... você sabe. Eu tinha nove anos quando ele se foi.”

“É lindo aqui em cima", eu digo. "E, para ser justo, parece muito menor por esse ângulo. Eu quase posso entender por que você disse que era uma lagoa.”

“Viu? "

" Sim, bem, ainda é um lago. Eu só estou tentando ser legal.”

Ela suspirou. "Ah, sim. Deve ser difícil para você. "

"Você sabe que, apesar do que você possa pensar, eu não sou uma pessoa má. "

"O que você fez para Chalice não foi errado?”

" É diferente. "

" Tudo estava errado. "

"Tudo bem, tudo bem. Eu não sou por natureza uma pessoa má. "

"Estou dizendo." Ela arranca uma moita de capim e a polvilha na brisa.

" Então por que você fez isso?" , Ela perguntou , olhando para mim. “Por que você foi honesto sobre a disputa?”

Eu não tinha certeza de como responder a pergunta. Havia explicações em muitos níveis. Eu não quero ser um pai. Eu odeio a formalidade dessas uniões. Eu quero que ela goste de mim, mas não forçada.

“Você estava sendo honesto. Certo?”, Ela perguntou. “Você não vai tentar me atacar mais tarde ou algo assim? Eu sou mais forte do que pareço. Todo mundo sempre pensa que eu sou desse tipo, cuidadosa, por causa de minhas mãos de cura, mas posso ser forte se for preciso.”

“Já ouvi.” Eu ri. "E, sim, eu estava sendo honesto. "

Ela me deu esse olhar de novo, o mesmo da Clínica.

Eu ainda não consigo lê-lo.

“ Eu odeio essas uniões", diz ela.

“Eu também.”

“Quantos você já passou por isso?”

“Você não quer saber." Eu posso contá-los com as duas mãos e mesmo que tenha sido muito tempo desde eu não durmo com ninguém, a o número é ainda maior do que eu quero admitir a ela. "E você?" "Apenas um". Assim, os rumores estão errados. "Você se lembra o do Craw Phoenix?", ela perguntou.

Concordei com a cabeça. Ele foi perdido para o Heist há cerca de um ano e meio.

“Eu gostava dele”, ela continuou. “E eu realmente gostava dele. Foi tão bom, e por algum motivo eu pensei que duraria e teríamos algo. Eu não sei o quê. Foi estúpido, realmente. Eu queria continuar me encontrando com ele, mas acho que o sentimento não era mútuo. Duas semanas mais tarde, ele estava vendo Sasha Quarters, e então ele se foi completamente.”

“Estamos todos indo embora, eventualmente,” eu digo. "Isso é a metade da razão pela qual eu odeio isso também. Eu não vejo o motivo dessa programação e do movimento

ao redor. Eu só vivo até os dezoito anos. Eu prefiro achar algo bom, algo confortável, e permanecer nele”.

Ela me dá um meio sorriso. "Você quer dizer que seja com uma pessoa? Como, para além da duração do encontro?”

“Esqueça o encontro. Finja que não há encontro, que não há regras e que não há Claysoot e então, sim, aparece uma pessoa. Para sempre. O que é estranho? "

Tudo ficou quieto por um momento. Eu sei que é uma pergunta estranha, completamente hipotética e bizarra, e por um segundo achei que ela iria rir de mim.

“Você sabe, alguns falcões são companheiros para a vida inteira." Ela mordeu o lábio e olhou para trás, por cima da água. Era uma onda de prata gelada na terra, o vale como um sangramento azul em suas profundezas.

“Sério?”

“Sim, os de cauda vermelha. Meu tio e eu costumávamos vê-los aqui todos os anos. Sempre retornando, sempre os mesmos pares juntos. Se as aves podem escolher um companheiro para a vida, por que não podemos? "

Eu me senti estúpido por um momento. Passei horas na mata a cada dia e eu nunca notei isso nos falcões. Então, novamente, pensei que eu nunca tinha tentado procurar por eles.

“Talvez alguns animais se tornem companheiros para toda a vida e outros não", eu digo. "Talvez nós não devêssemos ser como os pássaros. "

"Talvez nós sejamos.”

Ela parecia tão bonita, sentada lá, torcendo a grama entre os dedo. Eu me perguntei se nós éramos as únicas pessoas que desejavam isso, que queriam ignorar as lutas e os procedimentos e estabelecer-se em algo que se sente bem. Lá vou eu de novo, pensando com os sentimentos em meu peito em vez de usar a cabeça.

Se fôssemos como os pássaros, morreríamos em questão de décadas, uma vez que todos os homens tinham desaparecido. Eu ainda gostaria que fosse possível, porém, gostaria de ser um pássaro e que Emma fosse um pássaro, assim poderíamos voar para longe sem olhar para trás.

“Você realmente não é nada parecido com ele”, disse Emma. Ele me puxa de meus pensamentos e eu a encontrei olhando para mim, mais uma vez com o mesmo curioso olhar eu não consigo ler. "Com Blaine", ela esclarece.

“Eu sei, eu sei. Ele é gentil e responsável, e eu sou imprudente. Ele pensa sobre as coisas. Eu reajo.”

“Sim, eu sei, mas eu não acho que isso seja necessariamente uma coisa ruim. Talvez seja bom apenas reagir, e não pensar demais em tudo. Se fôssemos selvagens e livres, como os pássaros, você iria sobreviver. Blaine provavelmente não. Ele estaria muito preocupado em agradar a todos e fazer tudo certo".

" Parece que eu sou muito egoísta.”

"Não, não é isso que eu quis dizer.” Ela torceu os dedos ansiosamente. "Eu estou tentando dizer que eu acho que fazer o que você sente nem sempre pode ser

fácil, mas pelo menos você está sendo fiel a si mesmo. "

"Está tudo bem, Emma, você não tem que tentar fazer com que eu pareça ser uma pessoa melhor. Você não tem que justificar porque está tudo certo para gastar

tempo comigo.”

“Não, eu não...", Diz ela, com frustração em seu rosto. “Droga, Gray, o que eu estou tentando dizer que eu te admiro pelo que você disse sobre o encontro, que eu concordo com você, que você não é louco de querer ser como os pássaros, mas, acima de tudo, eu estou tentando me desculpar por como eu tenho julgado você todos esses anos. Você é diferente de Blaine, mas talvez não de uma forma ruim. Talvez em uma maneira muito boa, e essa maneira eu estou vendo pela primeira vez. "

Ela estava olhando direto para mim com aqueles olhos dela, escuros e tão grandes como nozes. Algo em meu peito surtou. De repente, é tudo aqueceu.

“Você quer nadar?" Peço, saltando de rocha. Tanto quanto eu quero estar perto dela, eu preciso de distância. E aquelas palavras. O que significam? Hoje cedo ela me desprezou, e eu pensei que ela me achava mal para bater em Chalice, e agora ela me admira? Tudo porque eu sigo esses sentimentos em meu peito? "Nadar?", ela diz. "Agora? Não está tão quente.”

“Fique à vontade”, eu disse, indo para longe dela e descendo a encosta repleta de flores. Quando eu cheguei à beira do lago, me virei para trás e pude ver Emma olhando para mim, perplexa. Ela provavelmente ainda está tentando descobrir por que suas amáveis palavras me mandaram para longe.

" Você vem? “Eu gritei de volta até a colina. Ela encolheu os ombros e então pulou da rocha.

Eu tirei minhas botas e até minhas meias, entrando na água antes de Emma que ainda estava a meio caminho para o lago. O frio me atingiu ferozmente, mordendo meus pulmões. É refrescante, apesar disso, e eu senti que podia respirar de novo, com as palavras de Emma caindo de lado, enquanto eu nadava. Estava flutuando de costas, olhando para uma impressionante massa de nuvens formando em cima, quando algo salpicou ao meu lado. Eu me virei mais e vi Emma ao longo da costa, atirando pedras na minha direção. Ela entrou na água até suas pernas, com a bainha de seu vestido branco em seus braços.

“Você vem ou não? "

Ela balançou a cabeça. "Está muito frio. "

" Covarde. "

"Oh, por favor. "

" Bem, você é." Eu nadei até que estava perto o suficiente da costa para salpicar água nela com um chute bem colocado. A água foi em sua direção e caiu em seu rosto como um choque. Ele provavelmente se sentiu como gelo.

Ela ficou furiosa. Puxou o vestido sobre os ombros e o jogou para o lado antes de correr e mergulhar de cabeça na água. Ela é boa nadadora e me alcançou rapidamente. Com um chute forte suas mãos estão nos meus ombros me empurrando para baixo. Eu estava muito ocupado admirando como sua camisola se apegava ao seu corpo para me preparar para isso. Eu ressurgi, e tossi.

“Quem é o fraco agora?”, Ela perguntou. Seu cabelo estava molhado e pegajoso, partes dele agarrados ao pescoço. Parecia escuro na água, tão negro quanto o meu. Eu parti em sua direção, mas ela é muito rápida. Ela fugiu, escapulindo debaixo d'água e reaparecendo atrás de mim, para o meu constrangimento, ela me afundou novamente. Continuamos assim por um tempo, eu sempre tentando pegá-la e ela facilmente evitando meus ataques. Quando finalmente me entreguei, ela me molhou quatro vezes e me iludiu sete.

“Tudo bem, você ganhou," Eu admiti quando subimos para fora do lago. “Mas eu gostaria de ganhar de você em um jogo de tiro com arco.” Eu puxei minha calça e usei minha camisa para secar meu cabelo.

" Você caça diariamente, Gray. Isso não é justo. "Ela se afastou de mim, puxando seu vestido. Ela sacudiu o cabelo molhado e o trançou de volta.

" Não tem que ser justo para ser verdade. "

" Tudo bem. Você me ensina “, ela retrucou .

"Sério?”

" Sim, você me ensina a atirar e então teremos um jogo. " Ela se virou para me encarar. Havia manchas molhadas no seu vestido, nas partes curvas de seu corpo.

“Ok", eu concordo. "Começamos amanhã? "

" Amanhã".

Caminhamos para casa em silêncio. Eu tento descobrir o que tudo isso significava, Emma sendo tão boa, tão brincalhona. A última vez que nós dois nos dávamos tão bem foi quando eu tinha seis anos.

“Hoje foi realmente muito divertido”, eu disse a ela quando nos aproximamos da periferia da cidade.

“Sim", ela concordou, " como ser uma criança de novo. "

Cortamos uma rua lateral e até Clínica. Lá na frente eu posso ver Maude e Clara sentadas fora da casa das irmãs Danner.

" Emma , pegue minha mão. "

"O quê? Por quê? "

“Apenas faça isso. " Eu alcancei e agarrei a mão dela antes que ela possa discutir. Sua pele é macia e delicada, ao contrário de minhas mãos calejadas de caça. Eu

espalhei os dedos entre os dela e os apertei levemente. Meu peito se ergueu levemente. Como estávamos perto de Maude, eu assisti como seus olhos permaneciam em nossas mãos entrelaçadas e eu pisquei com um sorriso diabólico, enquanto andávamos.

Seis

A semana seguinte passou voando. Passei as manhãs caçando e as tardes com Ema, ensinando o que eu sei de tiro com arco, nos campos vazios atrás dos campos de gado. Nós começamos com o básico: entender a curva do arco, o formato da flecha. Eu ensinei a ela como segurar, quando soltar e controlar a postura. Ela aguentou impacientemente por dois dias porque eu me recusei a deixá-la atirar até que ela conseguisse armar o arco com os olhos fechados. Quando ela finalmente atirou pela primeira vez, foi terrível, mas só porque ela esqueceu tudo o que eu consegui ensinar. A emoção invadiu sua mente e a ansiedade tomou conta de seus músculos. Ela melhora nos dias seguintes, sua flecha voa rápida e em linha reta, e sua pontaria fica mais precisa.

Eu estou muito feliz por passar mais tempo com Ema, mas as palavras da carta da minha mãe continuam a me perseguir**.** Eu viro a casa de cabeça para baixo, procurando pelo menor sinal de pistas. Leio o diário de Blaine do começo ao fim, mas nada a mais é revelado. Eu tento esquecer que eu mesmo descobri a carta, e ainda assim eu não consigo. Eu quero saber qual o segredo que Ma compartilhava com Blaine. Eu preciso da verdade assim como necessito respirar. É subconsciente e me atormenta.

Em uma tarde quente, quando clima está úmido e pesado e o ar pressiona meu pulmão com uma intenção cruel**,** eu decido que é a hora de Emma atirar em seu primeiro alvo de verdade. Lançar flechas em campo aberto é uma coisa, acertar um alvo é outra.

Nós fizemos nosso caminho até a parte leste da cidade, passando pelas plantações e pelo pasto. Eu construí um alvo simples, entreguei a Emma algumas flechas e meu arco de infância – que eu tenho apesar de ter crescido -, e que se adapta melhor ao seu corpo.

Enquanto penduro minha aljava nas costas, ouço o barulho de uma flecha atingindo a grama. Olho para o lado e vejo Emma com o olhar desanimado.

“Você está afobada”, eu digo a ela.

A flecha está enterrada na terra macia em frente ao alvo.

Ela fica carrancuda. “Parecia tão fácil quando nós estávamos apenas atirando e não tinha nenhum alvo para acertar”.

“Tudo é mais simples sem obstáculos. Mantenha o seu braço paralelo ao chão enquanto o puxa de volta. Lembre-se de manter a postura”.

Eu puxei a corda do meu arco para demonstrar. Ela tentou me imitar e errou de forma impressionante. Eu abafei uma risada.

“Aqui, eu vou te mostrar”. Eu me movo para trás dela, mantenho minha mão sobre a sua, segurando o arco, e a envolvo com o outro braço, de forma que eu também possa segurar a corda.

“Agora se concentre,” eu digo. “Nada existe no mundo exceto o alvo.” Eu abaixo os braços e me afasto. Ela lança a flecha e desta vez acerta. Embora mal tenha conseguido acertar a argola mais externa, no entanto, ela está lá.

Ela pula entusiasmada, e se vira para mim.

“Você viu isso?”

“Claro que eu vi”, eu digo. “Eu estou em pé aqui.”

Ela encaixa outra flecha e rearma. Eu observo seus músculos cerrados enquanto ela se concentra, e admiro como seus olhos se estreitam. Eu imagino como ela ainda não me surpreendeu encarando-a desse jeito, nem sequer uma vez desde que nós começamos a sair.

Talvez tiro com arco tenha sido uma valiosa distração. Ema solta à corda. Dessa vez ela faz muito melhor, errando o centro o alvo por apenas uma única argola.

Com um grito triunfante ela lança seus braços em volta do meu pescoço e me abraça. Me pega de surpresa. Ela se sente pequena em meus braços, mesmo sabendo que ela nunca aparentou ser uma pessoa pequena.

Quando ela se afasta, eu posso o quão orgulhosa ela está.

“Eu acho que você tem um talento natural”, eu digo a ela.

“Eu acho que você é um bom professor”.

“Não, sério. Ensinar, e a postura correta só podem fazer um pouco. O resto, ou está na pessoa, ou não”.

Ela caminha até o alvo, torce as flechas, soltando-as, e coloca na aljava. ”Vamos fazer um duelo”, ela diz.

“Você realmente acha que consegue me vencer depois de atirar duas vezes?” eu pergunto de forma cética.

“Ah, venha. Vamos jogar. Até porque, eu não sou aquela que desafiou você para uma luta naquele dia no lago.

Eu dou um sorriso forçado.

“Tudo bem, vamos fazer do seu jeito. Mas não diga que eu não te avisei”.

E com isso, nós começamos, atirando três flechas a vinte passos, depois mais três a quarenta passos, e finalmente o conjunto final a sessenta passos. Emma vai extremamente bem a vinte passos, mas começa a errar a quarenta passos. Da distância mais longa ela erra totalmente, todas as três flechas caem na terra macia perto do alvo.

Eu atiro um jogo perfeito sem mesmo tentar. Nós recolhemos nossas flechas e nos sentamos na grama, nossas testas marcadas de suor**.**

“Ok, você estava certo” Emma admite. “Quando se trata de tiro com arco, você consegue me esmagar”.

“Eu te disse.” Eu tomo um gole da minha garrafa de água e passo para ela. Eu assisto como uma gota de suor escorre pelo seu pescoço e através da clavícula, desaparecendo além do decote de sua camisa.

“Se eu te contar uma coisa você promete não repeti-lo?” ela perguntou, entregando a água de volta pra mim.

“Claro.”

“Você alguma fez já leu os pergaminhos da biblioteca que documentam o início deste lugar”?

“A história de Claysoot? Sim, eu já li.”

“Você não achou estranho?”

“Como assim?”

“Pra começar, suas memórias foram mal contadas depois que a tempestade destruiu Claysoot. Eles se recordaram de certas habilidades – por exemplo, como cuidar do trigo**,** tecer um tear e reconstruir prédios em ruínas – mas eles esqueceram o nome de seus vizinhos. E suas próprias cidades. E qualquer coisa que eles possam ter feito antes da tempestade. Como algo assim aconteceu? E onde estão seus pais? O pergaminho não menciona que enterraram os mortos, e se os adultos não desapareceram na tempestade, isso significa que eles não estavam aqui quando ela aconteceu.”

“Então você acha que os pais deles estão em algum outro lugar?” eu pergunto, surpreendido pela ideia.

“Talvez? Eu não sei. As crianças devem ter nascido em Claysoot, por mães que também viveram aqui, porque nada pode cruzar a Muralha e viver para contra a história. Mas ao mesmo tempo, parece improvável que todas as mães tenham morrido em uma tempestade em que as crianças pequenas sobreviveram.“

Eu nunca tinha pensado por esse ângulo, mas ela tinha um ponto.

“Parece improvável,” eu repito. “Mas possível”.

Ela franze a testa.

“Nós nunca iremos realmente saber, eu imagino. O pergaminho pode estar incompleto ou mal escrito. Eles podem ter deixado de for a enterrar os adultos porque é muito difícil de relatar”.

“É, talvez,” ela diz, mas eu posso sentir a dúvida em sua voz. As perguntas de Emma me lembram da carta de Ma, e sua menção de como a vida é misteriosa. “Como minha mãe, Emma é obsessiva com detalhes inexplicáveis”.

Eu tomo outro fole de água. Está quente agora, mas continua boa para umedecer meus lábios.

“Então porque eu não posso repetir nada disso”? Eu pergunto.

“Você sabe como o Conselho fica enlouquecido toda vez que alguém sugere que há alguma coisa a mais além da Muralha. Mas tem que haver. Eu simplesmente não consigo ver aonde todas essas crianças vieram de outra forma. Toda criatura dentro dessa Muralha nasceu de uma mãe. E essas crianças não têm mães aqui, eles têm mãe em algum outro lugar.”

De novo um argumento válido.

“Você está quieto”, diz Emma. “Você acha que eu sou louca”.

Eu sorrio. “Eu não acho que você louca. Nem um pouquinho.”

“E você não vai repetir isso?”

“Seu segredo está seguro comigo”.

“Obrigada, Gray”. Ela sorri – é um sorriso torto, somente o canto da boca puxando para cima – e em seguida deixa-se cair na grama com um pesado suspiro.

O céu está claro hoje, um gigante trecho de azul cheio de nada a não ser por um sol brilhante. Emma se meche, prestes a ficar confortável, e termina mais perto de mim do que quando deitou. Eu consigo sentir seu quadril pressionado contra a minha costela. Todos os músculos em meu corpo gritam para que eu me virar, segurar o seu rosto em minhas mãos e beijá-la, mas eu me deito, imóvel. O que nós temos é quase perfeito e tão confortável que eu tenho medo de arruinar.

Eu quero que isso seja mais, mas isso é administrável. Por enquanto.

“Certo, minha vez de perguntar algo e você prometer não repetir.”

“Ok,” ela diz, ainda fitando o céu.

“O que você faria se descobrisse que alguém estava escondendo um segredo de você”

“Eu os confrontaria, provavelmente”.

“E se você não pudesse”? E se eles já se foram?

“Então, eu acho que confrontaria quem mais fizesse sentido. Ou começaria a procurar por respostas”.

“E se você não encontrasse respostas?”

“Então você não procurou o suficiente”.

Eu bufo pensando estado do meu quarto, que ainda está de cabeça para baixo. Se as respostas existem, elas certamente não estão em minha casa. Mas talvez haja outros lugares para procurar.

Talvez, como Emma sugeriu, eu não esteja procurando o suficiente.

“A clínica mantém registro dos pacientes?”

“Que tipo de registros?”

“Eu não sei. Na verdade, qualquer coisa. Data de nascimento? Falecimento? Coisas que o paciente diz durante a consulta...”.

“Claro,” Ela diz, virando para ficar de frente para mim**.** “Mas essas informações não estão exatamente disponíveis para o público.”

“Olha, Emma, eu preciso dar uma olhada em um registro. Será por apenas alguns minutos...”.

“De quem são os registros?”

“Minha mãe.”

“É ela quem está escondendo um segredo de você”?

“Sim. Ela e Blaine.” Eu sei que posso confiar em Emma, e por isso eu puxo do meu bolso a carta que tem me assombrado por dias e passo para ela.

Ela lê cuidadosamente, arregalando os olhos, e então suas mãos se agitam, procurando por mais palavras quando ela se aproxima do final.

“Onde está o resto?” ela pergunta.

“Eu não sei.”

“Bem, não estarão no registro, isso eu posso te dizer.”

“Mas algumas respostas podem estar.” Eu pego a carta, dobro, e recoloco em meu bolso. Eu posso sentir uma dor de cabeça começando entre os meus olhos e eu belisco a ponta do meu nariz.

“Eu realmente acho que você não vai encontrar nada,” Emma diz.

“Eu continuo tendo que tentar. Eu preciso saber do que ela estava falando, ou eu vou ficar louco.”

“Ok. Amanhã pela manhã minha mãe faz consulta em casa. Nós podemos olhar então, mas rápido”.

“Obrigado, Emma.”

Ela se levanta e me oferece um braço. “Nós deveríamos voltar. A cerimônia de Mohassit é hoje à noite e a festa provavelmente começara cedo”.

Outro garoto completando dezoito anos. Outra vida para ser perdida. Eu não sou próximo de Mohassit, mas eu o conheço bem o bastante do mercado. Ele trabalha nos campos de gado, vendendo ovelhas e gado. Ele é alto e fraco. E consegue ficar doente mais frequentemente do que qualquer um que eu conheço em Claysoot. As chances parecem estar sempre contra ele, e ainda de alguma forma, ele se recusou a aceitar. Infelizmente, eu sei que ele não vai bater as probabilidades essa noite.

Nós juntamos os equipamentos e voltamos para a cidade. Durante o tempo que nós deixamos tudo em minha casa, o sol começou a se pôr. Q

Quando nos aproximamos do sino do Conselho, começou a ficar claro que algo estava errado. As pessoas estavam reunidas como de costume, mas o grupo estava quieto. Ninguém estava aconchegado em volta da fogueira, ou banqueteando-se com a comida. Ao invés disso, todos estavam rígidos e em pé na rua, voltados para a trilha.

Emma e eu seguimos os olhares e quando vimos, nos congelamos.

Dois rapazes estão carregando uma maca vindo da floresta. Em cima está um corpo, escuro e carbonizado, os traços queimados deixaram irreconhecível.

Mas não deixam dúvidas da fragilidade, corpo magro, não é necessário tentar adivinhar quem arriscou a Muralha hoje. Ele parecia estar atrasado para o seu jantar de cerimônia. E por isso a equipe de busca saiu. E acharam-no em algum lugar perto da muralha, onde todos os escaladores reaparecem. Mortos.

Não haverá Heist essa noite, mas um funeral em vez disso.

Sete

Não demorou muito para o funeral começar. Maude mantém a fogueira acesa, e os meninos carregam a padiola - um deles ao qual eu reconheço como o irmão mais novo de Mohassit - para adicionar o corpo às chamas.

Emma esta bem perto de mim, seu braço enganchado em meu cotovelo esquerdo. Sasha deve estar perto, pois Kale nos encontra na multidão e puxa meu outro braço. Eu a levanto e ela enterra o rosto no meu pescoço. As pessoas abaixam suas cabeças, amigos e familiares choram. Quando Maude se levanta, todos ficam em silencio.

“Um momento de silencio” ela pede solenemente, “por Mohassit Gilcress que na véspera de seu aniversário de dezoito anos foi perdido para a Muralha”.

Abaixo a cabeça, deixando o queixo cair sobre meu peito, mas logo o silencio é interrompido. Uma voz rompe pela multidão.

“Para o Heist!” grita freneticamente “Ele não foi perdido para a Muralha. Foi perdido para o Heist!” Uma figura surge perto do sino. É a mãe de Mohassit. Ela é menor que Mohassit costumava ser, e ainda mais frágil. A túnica marrom que ela esta usando é grande demais para ela.

“A Muralha pode ter o matado”, ela continua “mas ele estava perdido para o Heist. Todos eles estão. Se eles desapareceram ou correram em direção a morte, o maldito Heist é a razão por qual os perdemos. Eu o amaldiçoo, eu amaldiçoo este lugar por tomar nossos garotos de nós. Odeio este lugar. Odeio!”

Ela esta transtornada, soluços subindo por sua garganta. Ela se dobra ao chão e estremece como uma criança perdida, ate o filho que lhe resta a coloca em seus braços, como se ele fosse a mãe, e a consola.

Emma pressiona seu rosto em meus ombros. A manga de minha camiseta fica úmida, e eu sei que ela esta chorando. Muitos choram.

“Assim como a morte é parte do fato de estar vivo, o Heist é parte da vida” Maude explica “Podemos não entender. Podemos não achar justo. Mas não encontraremos paz em nossos caminhos, ou daqueles que estão perdidos para nós, se amaldiçoar cada lugar que chamamos de lar. Vamos nos lembrar de Mohassit e da alegria que ele trouxe para nossas vidas.

A mãe de Mohassit concorda fervorosamente, seu filho ainda a segurando em seus braços. “Um momento de silencio” ela propõe, desta vez, a multidão inclina a cabeça em reverencia a memoria.

Em seguida, varias pessoas dão um passo a frente e dizem uma palavra ou duas sobre Mohassit: lembranças, agradecimentos, coisas das quais sentirão falta. Kale caiu no sono ate então, assim como meu braço. Tenho que coloca-la em meu outro lado, e por sua vez, tenho que desenganchar Emma do outro braço. Entretanto, ela parece não se importar, secando as lágrimas e sorrindo para mim enquanto acaricia os cachos louros de Kale. É engraçado, nós três ali, em pé juntos. Quase agradável. Quase como uma família. Eu me pergunto se em uma vida diferente, em um lugar sem o Heist – se é que isso realmente existe -, eu poderia realmente desejar ser pai um dia.

Quando o funeral acaba e fogueira se extingue, o sol se pôs faz tempo. As pessoas começam a voltar para casa. Sasha nos encontra e retira Kale de meus braços, mas não sem antes nos convidar para uma bebida. Com nossos espíritos entristecidos, e sem Heist para preencher a noite, nós aceitamos.

Sasha coloca Kale na cama, e em seguida, pega uma jarra de cerveja, preenchendo três doses altas. Após várias rodadas de “Little Lie” - um jogo onde você conta quatro verdades e uma mentira e aqueles incapazes de identificar a farsa bebe em derrota -, nós esquecemos a quietude do funeral e estávamos bêbados e rindo.

"Você botou fogo em seu próprio cabelo tentando acender velas em um confronto. Essa é a mentira ", Emma diz para Sasha.

"De jeito nenhum que é", eu digo. "Eu aposto nessa história sobre como você comeu tantos morangos quando criança que ficou doente por uma semana. Eu sei com certeza que você odeia morangos e não teria tocado eles, para começar." Sasha ri. "Vocês dois estão errados. Eu odeio morangos, mas é por causa do trauma de infância, e eu tive metade do meu cabelo completamente chamuscado durante as primeiras semanas”.

Emma e eu gememos em decepção. “Então qual era a mentira?” Emma perguntou.

“A afirmação de que eu-não-posso-subir-em-árvores. Eu sei que vocês não veem como uma aventureira, mas eu posso trepar em um tronco de árvore sem muita dificuldade.”

Emma e eu trocamos olhares de duvidas.

“Oh, parem, vocês dois. Eu lhes mostrarei alguma hora dessas que não estiver tão escuro la fora... E quando não estivermos bebidos tanta cerveja. Agora bebam!”. Esvaziamos nossas canecas completamente. De

alguma forma, Emma e eu éramos terríveis nesse jogo, e Sasha, com sua meia caneca cheia, muito esperta.

Jogamos mais algumas rodadas, em que descobri que Emma se sente aterrorizada com o trabalho de uma parteira, que ela consegue lidar com sangue e entranhas, mas a ideia de entregar uma vida a assusta sem razão, e Sasha apesar de vender hortaliças no mercado é um fracasso na cozinha. No momento em que Emma e eu deixamos a casa de Sasha, nossas cabeças rodavam e a volta para casa pareceu mais difícil do que deveria.

Eu caminhei com a Emma até a casa dela, nós dois desviando sobre o caminho de terra como folhas secas em um dia ventoso. Emma está cantarolando para si mesma, girando em círculos graciosos, os braços estendidos. Quando se inclina a cabeça para trás para olhar para as estrelas, ela tropeça e bate o joelho contra as rochas que compõem a varanda da frente.

"Olha, eu estou sangrando!", ela anuncia quase alegremente. Não é engraçado que ela esteja machucada, mas eu estou sorrindo de qualquer maneira. “Você está bem?" Eu pergunto, olhando para a mancha em seu joelho. Ela acena com a cabeça. "Uh-huh. Nem sequer dói. “É incrível o que a bebida faz por você, tira toda a dor e a substitui por uma incessante tontura.”

“Aqui” eu digo lhe oferecendo a minha mão. Ela é mais leve do que eu esperava, e eu a puxo direto para o meu peito, sem querer. Ela fica ali, com as mãos sobre meu coração, me encarando. Tudo além dela parece estar torcendo, entrando e saindo de vista. Não sei se é um efeito é causado por ela ou pela bebida. Tomo suas mãos nas minhas. Penso em fazer algo, qualquer coisa, mas nos apenas ficamos ali, a nossos dedos entrelaçados e o olhar preso um ao outro. Uma porta bate em algum lugar da cidade, e, assustados, nos separamos.

"Bem", diz Emma, colocando os cabelos atrás das orelhas. "Vejo você amanhã? Nos encontramos na Clínica? "

"Claro. Se nos sentirmos bem o suficiente."

"Tudo bem." Ela sorri para mim, outro sorriso que eu sou incapaz de ler completamente. Ela parece confusa e feliz ao mesmo tempo. E então ela desliza para dentro da casa, trancando a porta antes que eu possa sequer tentar dizer boa noite.

OITO

Eu acordei na manhã seguinte me sentindo tonto e fraco. Havia uma dor sutil pulsando em minha cabeça e minha boca estava seca. Eu comecei a gemer a gemer quando eu me puxei para fora da cama. Eu comi um pouco de pão, que quase voltou e, eventualmente, desisti da comida e joguei um pouco de água em meu rosto em seu lugar. Sentei-me à mesa, com a cabeça pressionada contra a madeira, e fechei os olhos.

Será que ela vai fingir que nada aconteceu? Será que ela ainda se lembra daquele momento, no segundo quando algo dançou claramente entre nós? Eu me lembro, mas talvez toda a magia estava na minha cabeça, um truque do álcool. Talvez eu senti alguma coisa, porque eu estou sempre à procura de sentimentos. Sem eles, eu não sei como agir. De qualquer forma, se não fosse por isso bateria a porta, talvez não teria havido mais a noite passada.

Então, novamente, talvez seja melhor que não houvesse. Os detalhes seriam um borrão agora de qualquer maneira, as linhas entre o real e o imaginário estavam perdidas

nos cantos escuros da minha ressaca. Gosto de lembrar às vezes que eu passo com Emma. Eu gosto de saber que eles são reais e honestoss. Ale tem uma maneira de transformar as duas coisas em ilusões deslumbrantes.

Depois de mais uma tentativa frustrada de comer um pouco de pão, eu mudei para roupas limpas e cabeça para fora. Com exceção de Emma, a clínica está vazia quando eu chego. Ela está sentada na parte de trás da sala, buscando através de prateleiras altas que abrigam centenas de pergaminhos.

“Bom dia, ela exclama, brilhante e jovial. É evidente que a cerveja não a puniu, como me fez.”

“ Bom dia. Eu cai em uma cadeira e esfreguei minhas têmporas. Emma me entregou um maço revoltante que se parece com nada mais do que ervas daninhas.”

“Vai tirar a dor de cabeça. Promessa. Mina se foi. Então ela se sentia mal esta manhã depois de tudo.”

A mistura tinha um gosto ainda pior do que parece, mas eu a forcei para baixo e dentro de alguns minutos, a dor no meu crânio estava de fato cedendo. Eu preciso olhar melhor, porque Emma fracassou no banco à minha frente e me joga um pergaminho.

“Esse é o seu registro, diz ela. Parece bastante pequeno, e quando eu olho para ela, apreensiva, ela acrescenta: "É tudo o que temos."

Eu rolei aberto e deslizei alguns vasos de barro sobre as bordas para manter o pergaminho de enrolar sobre si mesmo. Emma e eu, nos curvamos e começamos a ler. A coisa toda é uma lista, datas seguidas por breves descrições escritas por Carter e vários trabalhadores da Clínica de anos anteriores. No topo está o nome da minha mãe, Sara Burke.

Ano 11, 3 de janeiro: nasceu Sylvia Cane, saudável

14 anos, 10 de fevereiro: foi tratado de tosse ruim

14 anos, 13 de fevereiro: tratado novamente de tosse, parece estar se recuperando

Ano 21, 14 de agosto: ossos quebrados definido no pulso de tudo

Ano 29, 23 de junho: dá à luz a um menino (Blaine Weathersby), saudável

30 anos, 23 de junho: dá à luz menino (Weathersby Gray), doentio, vai precisar de cuidados adicionais

Ano 44, 08 de novembro: foi tratados de alta febre sempre e tosse

Ano 44, 01 de dezembro: diagnosticado com pneumonia

Ano 44, 21 de dezembro: saúde doente, recebendo tratamento por meio de visitas de casa

Ano 44, 27 de dezembro: paciente perdido

As entradas param por aqui. Nenhum item é elaborado, comentários rabiscado nas margens. Eu empurrei os pesos fora do pergaminho em frustração, e as molas de volta juntos.

“Eu disse que não achava que você ia encontrar nada”, diz Emma pesadamente. “Nós não mantemos registros muito detalhados, apenas o mínimo, no caso de ser preciso verificar algo contra a árvore genealógica de um paciente. “

“Oh, boa idéia. Posso comparar estas datas com os do meu pergaminho? E Blaine?”

“Eu não vejo o ponto.”

“Por favor. Isso não pode ser tudo o que existe.”

Emma suspira, mas, em seguida, retorna para a prateleira e derruba mais dois pergaminhos. Blaine tem apenas duas datas: seu nascimento, como observado em nossa

rolagem da mãe, e seu Heist. Minas também tem a minha data de nascimento, um ano para o dia depois de Blaine, mas dezenas de outras entradas. O primeiro treze do documento, tem sozinho uma visita de quando eu era uma criança, doente e fraca. Eu leio as anotações posteriores, contando a minha mais recente viagem à clínica para tratamentos de lesões e acidentes de caça. Estou comentando o que a criança saudável Blaine estava em comparação

para mim, quando Emma interrompe meus pensamentos.

“ Gray?” Eu olho para cima e encontro ela sentada na mesa de Carter. “Eu acho que você deveria ver isso.”

“O que é isso?”

“Bem, você mencionou registros comparando e eu pensei que talvez, apenas talvez, eu deveria verificar alguns dos registros pessoais de minha mãe.”

“Ela mantém registros pessoais?”

“É o seu notebook a partir de visitas domiciliares. Ela tem um livro de couro com 29 anos escrito em sua capa. Ela traz com ela, registra todas as informações necessárias e, em seguida, copia elas no papel e transcreve depois. Dessa forma, se ela faz várias paradas antes de retornar a Clínica, nada é esquecido ou deixado de fora.”

“Ok, bem, deixe-me ver”, eu digo.

Emma hesitou, apertando os lábios como se ela tivesse algo a dizer, mas não conseguia encontrar a coragem de falar. Ela olhou para a

página novamente e, finalmente, colocou o notebook em minhas mãos estendidas. - Leia aqui.

Eu li o livro com cautela, e enquanto meus olhos caem sobre as palavras, de repente eu entendi a incerteza de Emma. Rabiscado entre duas outras visitas domiciliares, havia uma nota de uma visita à minha mãe. Mesmo que eu não consiguisse entender as palavras diante de mim;

Ano 29, 23 de junho: dá à luz a gêmeos

(Blaine e Gray Weathersby), ambos saudável

Faço uma pausa. Agitei minha cabeça. Isso deve ser um engano. Reli a linha novamente e, em seguida, sentei-me com o livro no meu colo. Eu não tenho certeza se eu estou furioso ou agradavelmente surpreendido. Sem alguma coisa, pelo menos para o momento, eu estava pálido. Chocado.

Acho que isso explica um monte de coisas. Por que pareciam tão idênticos. Por que eu sentia que metade de mim tivesse sido arrancado do meu peito, quando ele foi assaltado. Como se pudéssemos ler um ao outro tão bem, sabíamos o que o outro ia dizer antes que as palavras ainda escapassem de nossos lábios. Ele explica um monte de coisas e eu quase posso aceitá-lo. Quase. Exceto por um pequeno, minúsculo pormenor.

“Gray, se isso é verdade, você não deveria estar aqui", disse Emma. “Se você é realmente o gêmeo de Blaine, se você tem realmente dezoito anos, você teria sofrido o heist a semanas. Com ele.”

“ Eu sei. É a peça que não faz sentido, o elemento que eu não consigo entender.”

“ Talvez o jornal esteja errado”, diz ela.

“Por que estaria errado? Será que sua mãe escreveu algo que realmente não aconteceu?”

“Não” , ela concorda. “Mas por que ela iria gravar uma coisa em seu caderno só para voltar para a clínica e registrar algo completamente diferente nos arquivos da Sara?”

“Eu não tenho nenhuma idéia.”

“Você acha que isso é o que a sua mãe estava prestes a dizer a Blaine na carta? Que somos gêmeos?”

Eu acho que as últimas palavras da carta, a partir da leitura mais e mais, eu tenho praticamente memorizado. E assim eu compartilho isso com você agora, meu filho: Você e seu irmão não são como eu já levei a crer. Gray é, de fato.

Gray é, na verdade, seu irmão gêmeo. Deve ser isso. Ele se encaixa tão perfeitamente. Esta é a resposta que eu estava procurando, o segredo que tem sido mantido de mim. Aceito-o como se fosse um fato. A idéia se apodera de mim, entrando nas profundezas da minha pele e penetrando a medula. Eu sou um irmão gêmeo, ainda aqui, o único rapaz de dezoito anos que já bateu o assalto. Mas por quê? Porque foi mantido em segredo?

“Nós temos que perguntar a sua mãe, eu digo finalmente.Ela escreveu essa nota na revista, e eu quero saber por que ela mudou quando ela copiou as coisas nos pergaminhos. "

Emma balança a cabeça freneticamente.

“Não, nós não podemos fazer isso. Ela vai saber que estávamos bisbilhotando em seus registros pessoais.”

“ Emma, isso é muito maior que isso. Eu poderia realmente ter dezoito anos, e se eu sou, eu acho que todo mundo aqui merece saber que eu não sofri o hesit.” Eu posso sentir meu pulso ganhar velocidade no meu peito.

“Mas é só isso, Gray,” Emma diz com tristeza. “Se você tem realmente dezoito anos, que teria sofrido o Heist. A revista está errada.”

“Se perguntar a sua mãe, saberemos com certeza.”

“Perguntar-me o quê?” Carter estava de pé na porta da clínica, seu saco de engrenagem na mão.

“ Nada”, diz Emma rapidamente. “Gray e eu estávamos parando para sair do sol”. E então ela agarra meu braço e me puxou em direção à saída, deixando o livro sobre a mesa de Carter, enquanto ele estava de costas.

NOVE

Eu passei a maior parte dos próximos dois dias na floresta, sozinho com meus pensamentos. Eu caminhei para os pontos mais setentrionais simplesmente para olhar para a muralha. Imaginando que as respostas estavam sentadas do outro lado, esperando. Eles puxaram alguma coisa no meu núcleo, pedindo-me para subir, contando-me tudo o que eu quero saber está um pouco além daquela estrutura imponente. A ideia da verdade, o fato de que poderia haver mais desse lugar do que qualquer um de nós sabia, começava a me enlouquecer. E se o Heist realmente não fosse tão simples como pensamos, como consistente e inevitável como a morte de velhice? Não sou a prova de que há algo maior no trabalho?

Quando não estou na mata, eu me debruço sobre o pergaminho. Reli os tempos na letra da minha mãe outra vez. Eu visitei a biblioteca e estudei cada deslocamento histórico do lugar. Eu reproduzi minha conversa com Emma nesse dia nos campos e eu continuo pensando em Blaine, como tinha piscado para mim quando nós nos despedimos. Ela estava tentando me dizer alguma coisa?

Quanto mais eu lido com os meus pensamentos, mais eu estou convencido de que algo não está certo. É Claysoot. Tudo sobre ele agora se parece errado: o Muro, o Heist, as crianças originais. Como é que as pessoas que vivem em um espaço fechado não tem nenhuma memória de como eles chegaram lá?

Como é que eles chegam quando a coisa colocando-os não pode ser atravessada? E por que o Heist, que rouba cada menino, aos dezoito anos, roubou todos os meninos, menos eu? Eu passei horas me perguntando por que ninguém está questionando essas coisas, e então percebo que só agora comecei a questionar eu mesmo.

Em uma manhã sem vento, sem o conhecimento de Emma, eu visitei Carter em busca de respostas. Sentei-me à sua mesa na clínica e perguntei a ela, de imediato, se eu sou gêmeo de Blaine. Ela olhou para mim com olhos calmos e simplesmente perguntou: - De onde diabos você tirou uma ideia como essa?

- Eu não sei, eu digo. - Eu sinto muita falta dele. E nós éramos tão parecidos. Talvez eu esteja ficando louco com a solidão.

- Bem, se você precisar conversar, nossas portas estão sempre abertas, diz ela em tom tranquilizador. Ela então explica que eu sou de um ano mais novo que Blaine, mas certamente não sou seu irmão gêmeo. É irritante, porque eu tenho certeza que ela sabe de alguma outra coisa. Ela está ciente da verdade, havia

rabiscado no pequeno caderno. Por que ela não saiu correndo pela cidade e proclamando que um garoto de dezoito anos tinha batido o Heist? Porquê

ela tinha optado por manter tal segredo, um milagre? Temerosos de que a razão estivesse em cima da segunda página da carta que eu provavelmente nunca vou encontrar, eu deixei a clínica não com respostas, mas com mais perguntas.

Naquela tarde, quando Emma e eu nos sentamos na minha casa jogando damas na iluminação sombria de uma tempestade de verão, eu cheguei a um ponto de ruptura.

- Eu tenho que fazer alguma coisa, Emma, eu digo. - Eu não posso ficar mais aqui, esperando que as respostas irão cair no meu colo.

- O que há para fazer?-

- Eu não sei. Encontrar Blaine. Descobrir a verdade.

- O que você quer dizer, com encontrar Blaine?

- Nas últimas vezes que eu estive na floresta, eu estive tão perto de escalar o muro e procurar por ele. Eu mantenho minha mãos até um centímetro de distância.

- Procurando por ele? O que é pesquisar? Não é como se ele tivesse ido desfrutar de um passeio lá na Muralha. Ele foi heisted.

- Mas é só isso, Emma. Quando você passar por cima da parede, algo que te mata, então deve haver mais do outro lado. Tem que ser mais do que apenas Claysoot.

- Você vai morrer, Gray, como tudo que eles fazem, diz ela.

- Talvez não. Eu sobrevivi ao Heist. Talvez eu possa sobreviver à parede, também.

- Gray, me prometa que não vai. Por favor. Eu entendo o que você quer dizer, aquela sensação de que tem de haver mais, alguma explicação. Eu entendo cada vez que eu penso sobre essas crianças originais. Mas é loucura, o que você está falando. É suicídio.

- Mas e se realmente existe mais, Emma? E se nós apenas temos que subir além do Muro e ver o que tem lá, mas em vez disso, nós passamos nossas vidas inteiras aqui, porque estamos com muito medo de tentar? "

Ela se levanta e caminha em volta da mesa. Antes de eu perceber o que ela está fazendo, ela mexeu o seu caminho para o meu colo em sua volta foi para o tabuleiro de jogo e pôs seu rosto direito diante do meu. Ela me olha, colocando meu cabelo longe dos meus olhos. Ela não disse nada, mas eu estou muito focado em suas mãos para cuidar. Ela está traçando os contornos do meu rosto, arrastando os dedos ao longo do meu queixo. E então ela

inclina-se muito lentamente e me beija. Ela sabe exatamente o que fazer para ganhar à mim, para me curvar à sua vontade. Eu me inclino para ela e cada centímetro de mim acima.

Seus lábios são suaves, mas secos, e seu cabelo cheira a sabão a partir do mercado. Volto seu beijo, minhas mãos encontram a curva de suas voltas.

Estou prestes a pegá-la e levá-la para o quarto, quando as palmas das mãos empurram contra meu peito. Abro os olhos para encontrá-la, curioso, antes de mim.

- Prometa-me, ela exige. - Prometa-me que você não vai fazer nada estúpido.

- Emma, você sabe que eu não posso fazer uma promessa como essa. Eu faço coisas estúpidas o tempo todo. Blaine é o único que pensa sobre as coisas.

- Eu não estou interessada em Blaine. Eu estou interessada em você.

- Tudo bem, eu posso lhe prometer uma coisa: Se eu estiver prestes a fazer algo estúpido, você vai ser a primeira a saber, antes de realmente fazê-lo.

- Supondo que você pode até mesmo identificá-lo como estupidez.

- Sim, isso.

Eu começo a beijá-la novamente. Minhas mãos vão para sua cintura uma segunda vez, mas quando eu começo a levantá-la, ela ri e sobe do meu colo. Ela coloca a chaleira no fogo e olha de volta para mim, sorrindo. Eu não sei como ela pode estar tão calma. Meu peito ainda é exigente, meu corpo está eletrificado.

- Você sabe, talvez você esteja exagerando a coisa toda, diz ela. - Talvez sua mãe realmente tivesse tido gêmeos naquela época, mas o mais jovem morreu ou algo assim. E, em seguida, um ano depois, você veio e chamou-lhe em sua memória. Você poderia realmente ser um ano mais novo que Blaine.

- Mas, então, uma criança perdida teria sido declarada no histórico de minha mãe. E eu teria sido listado como o terceiro.

- Ou talvez os pergaminhos estão incompletos. - Afinal de contas, essa é a desculpa que você me deu quando originalmente falou da Fundação da Claysoot.

Eu levanto uma sobrancelha para ela. - Isso é diferente.

- Como assim?

- Eu não sei. Ele simplesmente é.

- Talvez você devesse ir falar com Maude, Gray. Se houver mais respostas para serem encontradas, ela as tem.

- E, o que? Admitir que bisbilhotava a Clínica para ler registros privados e agora eu não entendo por que, aos dezoito anos, eu não foram heisted?

- Neste momento, parece uma opção muito mais segura do que escalar o muro.

Eu me pego olhando para seu cabelo ondulado, do jeito que cresceu selvagem na noite úmida e decidir que ela é a mais bela de todos os seres que eu já vi.

- Você é tão inteligente, Emma, você sabe disso? Ela cora e derrama o chá.

Muito mais tarde, depois de me virar na cama por horas, eu desisti de dormir completamente. Sento-me à mesa e penso sobre a sugestão de Emma. Talvez eu possa obter informações de Maude sem admitir que eu bisbilhotava na Clínica. Talvez eu possa dizer que eu descobri que eu tinha um irmão gêmeo através da carta, fingindo que eu tenho ambas

as páginas. Antes que eu possa decidir se isso é uma boa ideia, ou a menos tola, eu estou puxando uma camisa com capuz e entrando na chuva.

Eu bati na porta de Maude várias vezes, mas ela não respondeu. Ela provavelmente está dormindo, mas eu bati novamente. Desta vez, a porta tinha mudanças internas de tão pouca da força. Eu empurrei cautelosamente com o pé. A cozinha estava vazia, mas uma fraca, vacilante luz vazando a partir do quarto, lançando um brilho azul estranho sobre o quarto.

- Olá, eu passo lá dentro, principalmente para sair da chuva. - Maude? Ainda sem resposta.

Eu me movi com cautela pela cozinha, e foi aí que eu ouvi, murmúrio de vozes, vindo do quarto.

- Quaisquer outros acontecimentos para relatar? É a voz de um homem, tão suave que eu mal posso ouvi-lo.

- Nada fora do comum, diz Maude.

Espio em torno da porta e encontro as costas de Maude para mim, o resto de sua enfrentando uma seção estranhamente iluminada de sua parede do quarto. Eu inclinei para a frente para melhor ouvir com quem ela estava falando, mas as minhas pegadas sobre uma tábua estridente que gritou sob o meu peso, alertou a minha presença.

Maude girou ao redor e seus olhos se estreitam quando ela me viu. Ela se levantou rapidamente, muito mais rápido do que eu já vi seu movimento antes

e bateu a porta do armário da luz, fechando-o. Eu passei longe do quarto, pronto para fugir para a porta, mas ela caminhou bem para mim e eu sei que não iria adiantar.

- O que você está fazendo aqui?, Ela chia, apoiado em sua bengala como ela se move para a cozinha. Ela não parecia irritada, mas apavorada.

- Eu vim para conversar com você. Eu tinha uma pergunta. - Meus olhos pesquisando a sala atrás dela. - Com quem você estava falando?

- Ninguém, diz ela. - Eu estava preparando minhas anotações para uma reunião com o Conselho de Chefes de amanhã e às vezes eu gostaria de revê-los em voz alta.

- Mas eu ouvi a voz de um homem. Mais uma vez eu torci a minha cabeça ao seu redor, em busca do quarto.

- Você não ouviu nada do tipo, diz ela sem rodeios.

Mas eu fiz. Eu sei o que eu vi, o que eu ouvi. De repente, eu não confiava mais nela. Maude, que sempre parecia guiar o nosso povo, mostrar-nos o caminho. Ela tornou-se um outro elemento que parecia natural, e tão rapidamente.

- Estou saindo, digo a ela.

- Bom. Ele não entra nas casas dos outros pela força.

- Não, não é apenas a sua casa, eu explico. - Claysoot. Estou indo embora.

- Não seja precipitado. Você sabe que não há nada além da Muralha.

- Eu não estou sendo precipitado. Eu não confio em você. Eu não confio neste lugar. Muito sobre isso está errado e se eu não conseguir encontrar respostas para minhas perguntas

aqui, eu vou encontrá-las em outro lugar. - Eu de volta para longe dela, sentindo o meu caminho em direção a porta, mas ela agarrou meu braço. Seu alcance é surpreendentemente

forte para mãos tão frágeis.

- Não seja estúpido, Gray diz ela lentamente. - Você não vai encontrar nenhuma resposta além do muro, porque você vai estar morto.

- Mas eu tenho dezoito anos! Ele pode ser diferente.

Os dedos de Maude apertaram em volta do meu pulso. Dezoito? O que você está falando? Você perdeu sua mente?

- Nós éramos gêmeos. . . somos gêmeos, eu digo, torcendo meu braço livre. - Eu não posso mais ficar aqui. Eu simplesmente não posso.

Achei a porta e tropecei na chuva.

- Espere, ela chora, mas eu não. Como eu rasguei as ruas alagadas, ela chama atrás de mim. Eu não consigo fazer isso, mas soa

como -ficar. e por favor.

Corri direto para a casa de Emma e bati na porta. Eu prometi deixá-la saber se eu tivesse com alguma ideia estúpida, e enquanto isso não

exatamente se sentindo estúpido, eu sei que é arriscado. Mas eu não tenho outras opções. Minha única esperança de saber a verdade agora está além de Claysoot.

- Gray, Emma disse quando ela abriu a porta. - É o meio da noite. Você está bem?

- Eu preciso falar com você.

- Tudo bem, diz ela, bocejando. - Entre.

- Não, eu preciso falar com você. Eu desenhei as palavras, mas ela ficou me olhando fixamente. - Venha aqui, eu disse, agarrando o braço de Emma e

puxando-a para fora a fim de que a nossa conversa não fosse acordar Carter.

- Oh, Gray. Qual é o problema com você?, Diz ela, esfregando o pulso.

- Eu tenho que ir embora.

Ela olhou para mim, perplexa. - Deixa? Por que você tem que sair? Onde você está indo?

Eu falei a ela sobre Maude, a voz, a luz azul vindo do quarto dela. Eu disse a ela como Maude tornou-se um mistério, assim como o Heist e a Muralha, que é muito natural para confiar.

- Por favor, vá para casa e durma. Podemos falar na parte da manhã, diz Emma. - Você não está pensando claramente.

- Eu vou me sentir da mesma forma amanhã. Eu não posso ficar aqui por mais tempo, Emma. Está tudo errado e eu preciso de respostas. Se elas vêm em forma da morte além da Muralha, pelo menos eu vou saber com certeza que nada existe fora desse lugar.

- Eu não entendo por que você está fazendo isso. Ela estava à beira das lágrimas agora.

Eu analiso todos os aspectos dela. A maneira como aqueles olhos grandes beliscar juntos nos cantos, o ângulo exato de suas sobrancelhas, a colocação dessa marca em sua bochecha. Eu quero lembrar dessas coisas. É a última vez que eu vou vê-la. Mais dura.

- Você não tem que entender, eu digo. - Estou fazendo isso por mim, porque é isso que eu faço. Nós conversamos sobre isso na nossa primeira viagem ao lago. Eu penso sobre mim, minhas necessidades, e

tenho que agir sobre eles. Eu preciso da verdade, tudo isso, e eu estou indo para obtê-lo. Não posso passar a minha vida inteira sem saber.

- Gray, por favor. Por favor, não seja tão egoísta. - Ela pega a minha mão em desespero.

- Eu tenho que fazer isso, eu digo. Eu não tenho certeza se isso é realmente verdade. Parece, no entanto. Cada gota do meu corpo grita que esta é a única maneira, e isso é tudo que eu preciso. Esses sentimentos sempre foram o suficiente para justificar a ação.

- Gray, ela sussurra.

- Se eu sobrevivi ao Heist, quem disse que eu não posso sobreviver a parede? Eu vou voltar. Depois que eu conseguir algumas respostas. Eu prometo. - E então eu vou agarrar seu rosto e beijá-la antes que ela possa discutir. Ela me beija de volta, com as mãos segurando a base do meu pescoço. Estes valores, que, quando eu

finalmente consegui me conectar com Emma, eu estou correndo em outra direção. Antes de seus lábios possam mudar minha mente, eu romperia. Ela

está sozinha, sua camisola soprando sobre suas pernas quando eu saí casa.

Eu carrego o meu saco com comida e água. Arrumei meu arco e flecha. É um trabalho sem sentido, como se o meu corpo estivesse se preparando para este momento a minha vida inteira. Eu estou calmo, tranquilo. Eu não sinto nada, mas a chuva quente que cai contra minha pele quando eu saí da minha casa, com uma tocha na mão.

A trilha estava quieta e sombria antes de mim. Como eu estou em sua boca, cobras relâmpagos através do céu, iluminam a cidade deixando tudo para trás. Admiro ele pela última vez, segurando a tocha em cima. Ele chia na chuva leve que caí. E então, sem olhar para trás, eu arquei com minha mochila e segui para o norte.

Parte 02

O Muro

DEZ

Eu nunca estive ansioso na mata antes, mas os nervos esta noite me encontraram. Não é por causa do escuro ou o constante e estrondoso trovão ou até mesmo a realidade de que estou viajando na direção do que para todos antes de mim era a morte. É pelas respostas, que estão me chamando do outro lado do Muro. Blaine diria que eu perdi minha mente, e talvez eu tenha. Talvez seja preciso ficar louco para encarar a verdade.

Quando eu cheguei à parede, estava mais ameaçadora do que eu me lembrava. Eu pressiono a mão contra a parede. A pedra é fria, e a superfície lisa, como rochas no leito de um rio. Eu olho para cima, após a chuva que escorre dos meus cílios, até o topo da estrutura imponente. Um clarão de relâmpago ilumina o céu, por uma fração de segundo, eu posso ver a figura de um corvo solitário. Ele está empoleirado na parede, suas penas lisas e brilhantes na chuva.

Algo se move por trás de mim, correndo no meio do mato. Eu não consigo ver através da chuva, mas a minha tocha revela apenas pingos de chuva. Eu voltei minha atenção para a árvore, um carvalho maciço cujos membros cresciam perto o suficiente da parede para servir como pontes, e começar a escalada.

É um processo lento com a tocha, mas eu preciso dele. Eu subi mais alto do que nunca antes, além do ponto que eu subia como uma criança com esperança de vislumbrar o que estava para lá da Muralha. Eu cheguei a um ramo que se estendia em direção ao topo da prateleira de pedra, e brilhando em toda ela, minhas pernas fazendo a maioria do trabalho. Logo estou agachado no topo da parede, olhando para o vazio negro que preenche o espaço do outro lado. Não há nada a fazer para além da estrutura, nem mesmo com a tocha. É uma névoa negra e espessa, um nada tão denso e pesado, que se você acordou dentro desse espaço obscuro , você pode pensar-se morto. Sento-me ali por alguns instantes, respirando com dificuldade. Meu coração bate teimosamente contra minhas costelas. Eu tento acalmá-lo, mas não posso. Por um momento, eu considerei descer da árvore e voltar para a cidade. Eu devo estar louco, pensando que eu posso fazer isso. Ninguém sobrevive a muralha. Ninguém. Mas, novamente, poucos dias atrás, eu acreditava que nenhum menino sobreviveu ao Heist. E as

respostas estão esperando, no outro lado. Tudo o que eu tem que fazer é passar por cima.

O corvo ao lado bate suas penas, irritado com a minha respiração ofegante e indecisão. Ele inclina a cabeça, grasna para mim com um grito estridente, e então, como se para me mostrar como é simples, sobe facilmente para o vazio escuro. Suas penas negras combinam perfeitamente com o ar vazio. Olho por algum tempo no espaço em que ele desapareceu.

Sigo o exemplo do corvo no final. Eu calcei a tocha na minha bolsa para que as minhas mãos ficassem livres e mudei o meu corpo ao longo da borda da muralha. O lado oposto é tão bom como o nosso. Não há fendas ou lugar para os pés para ajudar na minha descida. Eu saio dos meus braços, abaixando-me, tanto quanto possível, antes de cair no chão.

Meus joelhos se dobram quando eu caí na terra, dor sacudindo pelos meus tornozelos e costas. Eu recuperei a tocha e endireitei-me. Posso sentir o cheiro de fumaça ao longe. Eu segurar a tocha diante de mim, na esperança de ver alguma coisa, qualquer coisa. Lentamente, a escuridão começou a desaparecer. Estava derretendo, mudando, como se ao colocar o pé deste lado do muro fez com que o espaço ficasse visível. Ainda é noite, mas eu posso

finalmente ver, as chamas da minha tocha iluminando o mundo ao meu redor, quando apenas do outro lado da parede este espaço era sempre escuro.

Há de fato grama debaixo dos meus pés. Seixos e passagem. É uma outra floresta, muito parecida com a que eu acabei de sair, mas não há árvores crescendo perto da parede, pois eles foram cortadas. Tremo só com a visão de seus troncos, que são cortados quase tão bem quanto a superfície da própria parede. No machado que pode cortar tão nivelado.

As coisas ainda estão chegando à vista, transformando e transformando no ar, quando outra rajada de fumaça me atinge em uma rajada de vento.

Ouço um barulho em minha direita. Ela cresce mais perto.

Eu deixo cair a tocha e apronto meu arco, com o objetivo para o desconhecido. É isso, vem. Isto é o que matou todos os outros.

Uma figura surge das sombras, e meu coração cai aos meus pés. Nada poderia ser pior do que isso, mais aterrorizante. Emma seguiu-me sobre o muro.

Onze

Eu inclinei-me para recuperar a tocha antes de entrar na grama molhada, e então eu fiquei lá, minha boca entreaberta, Emma aproveitou o meu silêncio e correu em direção a mim. Ela está usando calças e uma jaqueta bem-feita. Há um saco amarrado sobre os ombros. Ela pensou sobre isso, deliberadamente me seguindo.

Seus braços envolveram-se entre minha cintura. Eu abracei-a e beijei seu cabelo, que estava molhado pela chuva. Ela estava dizendo algo, mas as palavras estão abafadas, seu rosto pressionou sob meu peito. E então o choque inicial da sua chegada desaparece e mergulha na gravidade das ações dela. Eu pego seus ombros e afasto-a de mim.

“O que é isso?” Eu exijo.

“Gray,” ela começa, alcançando-me, mas eu afasto o braço dela para longe.

“Não, sério, Emma. O que você estava pensando? Por que você me seguiu aqui?” Eu estou quase certo agora que os movimentos através do mato mais cedo eram dela me seguindo.

“Eu… Eu queria… Bem, ótimo, Gray! É ótimo ver você também!”

“É exatamente isso, Emma.” Eu cuspi de volta. “Não é nem um pouco bom ver você. Como poderia ser possivelmente bom? Eu tenho uma chance aqui, mas você, você será como os outros. Eu supostamente gosto disso?”

“Eu não estou morta ainda.” Ela respondeu.

“Bem, isso ainda não nos encontrou. Irá acontecer, seja o que for, e não há nada que eu possa fazer para salvar você”. Eu quero dizer a ela para ir embora, para voltar para onde seja seguro, mas a Parede é muito lisa para escalar e a ausência de árvores próximas pode prendê-la.

“Talvez eu não queria ser salva”, Emma continuou. “Talvez eu esteja aqui porque eu quero a verdade também, não importa o que custe. O que você está sentindo agora, que drive por respostas, eu tive minha vida inteira. Por que a sua busca pela verdade é mais justificável que a minha?”

“É justificável porque eu realmente tenho uma chance.”

“Isso é realmente hipócrita.” Ela cuspiu.

“Eu não me importo!” Eu atirei. “Eu fugi de Heist. Eu não sei como ou porque, mas talvez a mesma magia acontecerá pra mim aqui. Você não tem essa chance.”

Emma mordeu seu lábio e olhou para a grama. Estava quieto mais que o confortável e, quando ela finalmente falou de novo, sua voz era suave. “Não há nada lá para mim também, Gray. As duas coisas que eu quero, respostas e você, agora estão no mesmo lado da Parede.”

Eu ouço Emma dizer isso e eu sei que eu a quero também, mas de uma forma mais perigosa, de uma maneira que eu sempre tive medo de admitir, talvez até para mim mesmo.

Eu a amo, e amor é uma palavra muito pesada para casais trocarem in Claysoot. É raramente falado, e quando é, é passado sobre entre pais e filhos. Sentindo-se tão fortemente sobre alguém da sua idade é tolice; o Heist quebra todos os relacionamentos, independentemente da sua força. Isso não vai nos arruinar, no entanto, não quando eu o venci. Mas esse mundo além da Parede, o que acontece a todos os alpinistas... poderia.

“Gray?” Emma ainda estava esperando pela minha resposta. Ela era tão linda, até com seu cabelo crescendo selvagem na humidade. Eu não posso ficar bravo com ela. Não aqui, não quando não há garantias que nós dois faremos isso. Eu quero dizer a ela a verdade, falar aquela palavra, mas isso soa desajeitado no meu tom.

“Me desculpe”, eu disse, “por gritar.”

Ela acena. E depois eu estou beijando-a, porque é mais fácil que formar palavras. Seus lábios têm saber de chuva, e eu a quero mais perto, embora eu a queira longe, segura atrás da Parede. Quando nós finalmente nos separamos, a tempestade estava dissipando.

“Eu preciso que você prometa me ouvir de agora em diante. Qualquer ordem que eu der, até se soar estranha na hora, apenas confie em mim, ok?”

De novo, eu acenou. “Eu prometo.”

Nós bebemos um pouco de água e eu liderei o caminho, movendo-se através dos densos arbustos e ao longe o cheiro de fumaça que continuava a andar no ar. Eu tenho uma sensação desconfortável de que devemos conhecer a sua origem, Emma vai atender sua condenação.

Saímos de Claysoot tão tarde da noite que a madrugada logo penetrou no dossel em cima. Nós apertamos os olhos para a luz, prosseguindo até que as árvores abriram-se para um campo vazio. É muito maior que a clareira na mata de Claysoot, e livre de pedras e trilhas de terra. É quase convidativo e, por causa disso, eu cresci desconfiado.

Uma brisa chicoteia através do prado e a fumaça novamente nos atinge. Cheira mais grossa, mais pungente. Pensei que tinha se afastado dela, mas agora eu não tenho certeza.

"O que é isso?" Emma sussurra, apontando para a frente da campina.

No outro extremo, onde outra linha de árvores começa, está uma leve sugestão de estrutura, um edifício talvez. Os cabelos do meu antebraço arrepiaram. Respostas.

Nós fizemos o nosso caminho para o campo com cuidado. Eu lidero, parando sempre que ouço um som estranho ou um mau pressentimento. Lentamente, a forma revela-se para nós.

Na verdade, é uma construção, uma coisa estreita que há muito foi abandonada. Partes do telhado estão faltando, e os balanços da porta da frente estão sem rumo na brisa. Há algo estranho sobre o lugar, apesar de tudo. Mesmo em seu estado de decadência, é muito perfeito. Você pode dizer que sua estrutura já foi meticulosamente alinhada, as janelas uniformes, seu telhado até. Eu acho que as nossas casas em Claysoot, embora construída com cuidado, são falhas e imperfeitas. Seja qual for as mãos que fizeram deste edifício, eram extremamente qualificadas.

Ou não humanas.

"Talvez, tenham pessoas." Emma diz. "Vamos ver!"

Eu peguei seu pulso e puxei-a para o meu lado. Eu podia dizer que o lugar era abandonado, e tem sido, por algum tempo. "Eu acho que nós devemos esperar um minuto." Há uma sensação de estranha sobre mim e, de repente, eu tenho o pressentimento que estamos sendo observados.

"Eu sempre soube que tinha de haver mais aqui, além da Parede," Emma disse. "Gray, você sabe o que isso significa, não sabe? Alguém esteve aqui. Pessoas! Além de Claysoot. Talvez este é o lugar de onde

eles vieram, os originais. Ou talvez os adultos estavam aqui quando a tempestade atingiu, e as crianças ficaram presos lá dentro.

Eu não sei o que eu esperava encontrar desse lado da Parede – um buraco negro no qual eu vagaria eternamente, talvez – mas esse lugar muda tudo. Há vida além de Claysoot, vida e terra assim como há no interior da Parede.

"Vamos lá, vamos dar uma olhada melhor," Emma incita novamente.

Eu quero também, tão ruim. Eu posso sentir as respostas pulsando no ar além de nós. Eles chegam para mim, a imersão em cima de mim, a minha pele como o calor de um fogo forte, mas eles não podem ofuscar a dúvida que enche minha mente. Eu ainda posso sentir os olhos invisíveis sob nós e eu olho ao redor do campo, quase na esperança de encontrar um intruso para atirar.

Nós estamos sozinhos.

Quando eu não posso mais lutar contra o desejo de saber, eu concordo com o pedido de Emma e nos dirigimos para o edifício. Uma vez dentro, eu torço um parafuso enferrujado para segurar a porta e nós continuamos explorando.

O local tem um piso acabado como a casa de Maude em Claysoot, só que não é de madeira, mas algum material liso que eu nunca vi antes. Mesmo sob uma camada de poeira e sujeira, você pode dizer alguma vez brilhou, refletindo luz e movimento. Encontramos também uma pia que cuspia água enferrujada de um cano na virada de um punho, e há galhos estranhos pendurados no teto que cintilavam luz sobre o quarto quando Emma pressionou algo na parede. O lugar é mágico. Agora estou certo de que foi construído por algo diferente do que as mãos humanas.

"Você pode acreditar nisso?" Emma perguntou enquanto girava pelo foyer vazio. "Eu queria que nós pudéssemos contar sobre esse lugar. Imagine se todo nós escalássemos a Parede juntos! Gostaríamos de ter água corrente e velas mágicas e..."

Há um barulho ensurdecedor quando a porta trancada retrocede.

Emma mergulha para o meu lado. Duas figuras de pé na entrada, a poeira resvalando sobre eles. Seus braços possuíam instrumentos de metal, longos, finos e estreitos, e de alguma forma, eu sabia que,

mesmo se eu disparasse minhas flechas, eu não seria páreo contra esses invasores.

"Graças a Deus, não encontrei você ainda", um deles disse. Ele tem uma cicatriz que se estende abaixo de seu olho esquerdo para baixo em uma barba espessa que cobre sua boca, e sua cabeça é completamente livre de cabelo. O homem ao seu lado parecia mais novo e barbeado. Ambos os homens são mais velhos do que eu, porém, e uma vez que eu nunca vi um homem com mais de dezoito anos, eles parecem idosos. Eles usavam trajes apropriados: calças pretas com jaquetas pretas, um triângulo vermelho estampado com um F branco cursiva no peito deles.

"Nós estamos sozinhos?" o homem barbudo perguntou.

Emma e eu acenamos ao mesmo tempo.

"Algo ronda nesta área. Algo perigoso. Você tem sorte que encontrei você primeiro."

"Algo?" É tudo que eu posso administrar e minha voz é instável como eu digo isso.

"Aqui não é seguro," ele diz, "Vamos conosco."

Ele caminha até nós, pega Emma no cotovelo e puxa-a.

"Tire suas mãos dela", eu estalo.

Ele gira ao redor, sua face direita diante da minha. O olho acima da cicatriz é desconcertantemente nevoeiro. "Se você sabe o que é bom para você e sua namorada, você calará a boca e nos seguirá para um local seguro, mas se você quer queimar, por todos os sentidos, fique aqui."

Queimar. Nós somos os primeiros escaladores a encontrar esses salvadores preto-adequados? Os primeiros a evitar outra morte conhecida?

O homem barbudo endireitou-se. "Bem, Romeo?" Levou um momento para eu entender que ele estava se dirigindo a mim. "O que vai ser?"

Eu olho para Emma. O rosto dela não é nada além de medo e tenho certeza o meu é o mesmo. Ela dá um breve aceno de cabeça, toma minha mão na sua, e aperta.

"Nós iremos," eu digo ao homem.

“Bom. Andem. Nós não temos muito tempo.”

Lá fora, esperando no topo da colina antes de nós, duas engenhocas de forma estranha sobre rodas. Eles são idênticos em tamanho e cor, grandes o suficiente para conter várias pessoas, mas não grande o suficiente para ser uma casa, como suas janelas e portas sugerem. O homem barbudo puxa uma pequena caixa retangular do bolso do paletó. Não é muito maior do que a palma da mão, mas fala com ele como se pensasse, é uma pessoa.

“Nós somos bons,” ele diz.

Uma fração de segundo depois, o aparelho responde. “Nós veremos vocês de volta no Union Central então, Marco.” Uma figura ondas de uma das gaiolas de rodas na encosta e tenho a sensação de que era a voz que eu acabei de ouvir responder ao homem barbudo.

A gaiola rosna e, em seguida, ganha vida, caminhando para a floresta, Emma e eu caminhamos diretamente como antes. É mais rápido que qualquer coisa que eu já testemunhei. Anormalmente rápida. Eu pisco, e ela se foi.

Nós seguimos Marco até a colina. “Para o carro”, ele ordenou, abrindo a porta traseira.

A ideia de estar preso na coisa que chamou de carro fez-me ansioso, e eu não estou certo se quero segui-los. E se é tudo um truque? E se eles alegam estar ajudando, mas na verdade eles planejam nos entregar diretamente para a morte?

O parceiro de Marco me empurra pelas costas, mas eu resisto. "Por que você está nos ajudando?”

Marco muda o seu peso, a porta ainda está aberta. "Eu não tenho a liberdade de discutir isso com você agora. Também não temos o tempo todo. Mas se você entrar no carro, eu posso levá-lo ao homem que tem respostas.

Vento, seguido pelo cheiro de fumaça.

Vamos lá, Marco.” O outro homem disse. “Nós temos que sair daqui. Eu não estou arriscando minha própria vida só por estes dois que são estúpidos o suficiente para salvar as suas próprias.

Os homens subiram no carro. Marco abaixou a janela e encarou-me com o seu olho bom. “Última chance, Romeo.”

Por que ele continua me chamando daquilo? Eu quero corrigi-lo, mas Emma pega meu braço. “Eu acho que nós devemos ir,” ela diz.

“Eu não confio neles. Nós não sabemos quem eles são ou como eles nos encontraram. Se eles podem nos salvar, porque eles não salvaram os outros escaladores?”

Emma enfia uma mecha de cabelo atrás do ouvido. “Eu não tenho certeza, mas você sabe o que acontecerá se nós ficarmos. Eu posso sentir a fumaça. Nós dois vimos os corpos. E eles disseram que podem nos levar ao homem que tem respostas. Que outra escolha nós temos?”

O carro rosna e Marco incita-nos novamente. “Eu não vou esperar mais um momento sequer. É agora ou nunca.”

Eu venci o Heist, e talvez, só talvez, eu possa vencer o cheiro de fumaça também. Mas Emma não. Esse é sua única oportunidade e eu sei disso.

“Vamos lá!” eu disse. Eu deslizo para dentro do carro e ela me segue.

Marco diz algo para seu parceiro, mas um painel claro divide os assentos dianteiros do traseiro e suas palavras são abafadas e planas. Eu posso ouvir o carro, no entanto, surdo debaixo de nós. Emma apoia-se no meu ombro e, de repente, estamos voando.

DOZE

Nós provocamos o futuro, o carro estava cambaleando sobre o terreno irregular. Eu coloquei um braço em torno de Emma e deixei os meus pensamentos voltarem para a estranha

luz no quarto de Maude. Eu não posso ajudar, mas acho que ela sabe que há mais, além da Muralha. Eu tento dizer a mim mesmo que não é possível. Se ela sabe o que, se ela sabia o tempo todo. . . Eu não quero pensar sobre o que isso significa.

O carro ficou mais lento e paramos diante de um trecho da parede. Não é a nossa parede, mas uma segunda. Emma e eu estávamos presos o tempo todo, tanto na Claysoot e mesmo quando estávamos fora dela. No banco da frente, Marco leva o dispositivo de comunicação e novamente fala nele.

O que aconteceu a seguir não parecia ser possível. Uma pequena parte das contrações musculares da parede, e então ele está se movendo, abrindo como uma divisão de nuvem no dois. Um momento depois, uma extensão vaga está diante de nós, uma passagem clara no centro da estrutura.

Emma ficou em pé. "Você viu isso?" Concordo com a cabeça, aturdido.

- Você acha que nós poderíamos fazer isso? Voltar à Claysoot? Você acha que há uma seção de nossa parede que abre e nós nunca encontramos isso?

Mas eu não tive a chance de respondê-la, porque fomos arremessados para frente de novo, a velocidade tão grande que eu senti náuseas.

Nós emergimos em um rio preto congelado, tão direto e preciso que me pergunto se é um rio em tudo. Ele corta a terra. O céu estava cinza. A grama em volta era seca. Havia um monte de nada aqui, apenas terra que vai sobre tudo. Eu me pergunto o quanto ele existe, Claysoot é pequena em comparação.

Em um ponto, passamos várias casas frágeis e estruturas vacilantes. Uma cidade, como Claysoot. As pessoas estão em um funeral, era óbvio pois todos olhos estavam voltados para baixo em um monte de terra fresca. Mais adiante fora da comunidade vejo dois meninos carregando baldes de água, seus antebraços tensos. Eu imagino que eles vão ter bolhas nas mãos no momento em que chegarem em casa. Que, ou fazem a viagem tantas vezes que as palmas das mãos já possuem calos orgulhosos.

Nós dirigimos por um longo tempo sem ver ninguém.

Finalmente, uma floresta de pequenos troncos de árvores apareceu no horizonte, estendendo-se em direção às nuvens. Acima deles havia um brilho de luz, em forma de um

arqueado arco-íris. Ele capta os raios solares e joga-os para dentro do carro. À medida que nos aproximamos, percebo que as formas dentro não são árvores, mas edifícios, centenas de edifícios de diferentes alturas, todos se estendem em direção ao arco brilhante.

Marco dirige o carro em direção à barreira brilhando em uma velocidade impressionante. Novamente ele diz algo para o dispositivo portátil, e novamente, uma entrada se revela.

Bem-vindo ao Taem, um sinal acima de nós lê, a primeira cidade de cúpula.

Taem é como nada que eu já tenha visto. Eu fico pensando que eu devo estar sonhando, que eu vou acordar na minha cama em Claysoot e descobrir

que tudo, desde quando entrei pela primeira vez na casa de Maude agora era nada mais do que o funcionamento da minha adormecida imaginação. Eu pisquei rapidamente. Eu belisquei a carne no meu antebraço. Eu não acordei.

O tamanho do Taem tornava difícil respirar. Torre de edifícios em alturas tão precárias. Estou certo de que eles vão cair sobre nós. Eu percebi que o rio congelado em que viajamos é realmente uma estrada escura e sólida, de modo oposto a nossa variedade de sujeira. À medida que viajamos através da cidade, a estrada se divide e se multiplica, torcendo-se em intrincados padrões, como carros voando ao passado. Há uma longa série de baldes de prata que pendem cabos por cima, seus lados rabiscados com letras que diziam carrinho. Repito o termo estranho na minha cabeça, perguntando-se como é pronunciado. Emma

e eu não trocamos uma única palavra, estamos boquiabertos e muito ocupados.

As coisas aqui são feitas de materiais que eu nunca vi. Luzes iluminam a cidade, a sua luminosidade superando cada vela e lanterna em Claysoot combinadas. Alguns lançam seu brilho ao longo da estrada que viajamos. Outros preenchem as laterais dos edifícios, mostrando palavras e símbolos em uma forma frenética. E as pessoas: Há pessoas em todos os lugares. Andando a pé. Falando. Entrando e saindo de prédios. Eles vestem roupas estranhas

e algumas das mulheres andam em sapatos estranhos que parecem ser levantado sob seus calcanhares. Muitos carregam sacos que parecem impraticáveis, ou grandes ou muito pequenos. Eu não consigo parar de olhar.

Além de todas as coisas que eu não entendo as novas formas, sons, materiais há uma coisa que eu vejo: os homens. Eles são abundantes.

Não são tantos como as mulheres. Alguns são jovens de minha idade ou crianças, mas há homens velhos, também, de meia-idade a antigos. Eles têm vincos em seus rostos e cabelos brancos na cabeça. Eles têm a pele seca como pergaminho e os olhos que se inclinam, cansados. Deixou o meu estômago desconfortável, mas de uma forma emocionante.

Passamos mais edifícios, parando perto de um centro aberto, onde tinha homens, vestidos com o mesmo uniforme preto que Marco e seu parceiro usavam, ficamos em uma plataforma elevada. Há uma estátua de ouro em suas costas, com a forma de um emblema em cima de seu peito, e uma incrivelmente e longa linha de civis que enchem a praça diante deles. Vários dos homens de terno preto têm o mesmo aspecto delgado de Marco e seu sócio, apenas estes homens destacam-se deles para a multidão. Eu sei o formulário. Eles são destinados. Para as pessoas. Os objetos que ocupam são armas. Atrás da estátua, uma seção lisa de um prédio antigo iluminado com as palavras: distribuição de água hoje. Segmentos 13 e 14 só. Devem apresentar cartão de racionamento. Com um solavanco, estamos nos movendo novamente e os deslizamentos quadrados de vista. A próxima rua parece ser a principal artéria da cidade. Eu nunca vi tanta gente na minha vida. Eu lembrei da comunidade que tínhamos passado mais cedo e me pergunto por que eles não poderiam viver aqui também, nestes edifícios Imaculados, sob esta cúpula brilhante. Talvez a cidade não tenha mais espaço. Ou não tenha mais água. O pensamento é terrível; Claysoot sempre parecia ter bastante chuva, e nosso lago e rios nunca secavam.

Então, novamente, nós éramos apenas algumas centenas de pessoas. A estrada espremia-se entre dois arranha-céus, os quais são rebocadas com um pedaço de repetição de papel, subir, subir em direção a cúpula da cidade. O rosto de um homem enche cada folha, olhando para nós. Descansando em seus ouvidos e da ponta de seu nariz tem uma espécie de equipamento de proteção ocular, seus quadros grossos e pretos. Ele usa uma fita estranha em volta do pescoço que oscila na frente de sua camisa. O visual

cortado no peito, mas os ombros do homem eram desleixados na frente dentro do quadro. Ele parecia delicado e frágil, como se todo o seu corpo fosse amassar até mesmo a mais leve brisa.

- Como você acha que alguém chamou a isso? Emma perguntou, apontando para o homem. - Eles são idênticos. E eles parecem tão reais.

- Talvez não seja um desenho.

Nós dois olhamos para trás, talvez, os desenhos. As palavras Harvey Maldoon apareceram abaixo de cada imagem. Existiam várias palavras menores abaixo deles, mas eu só posso ler quando Marco para o carro e permite que as pessoas atravessem a rua. Procurado vivo por crimes contra a AmEast, incluindo sedição, espionagem e alta traição, crimes contra a humanidade, incluindo tortura, assassinato e práticas antiéticas de natureza científica.

A maioria das palavras é estranha para mim, mas eu sei o suficiente para ficar perturbado. Tivemos poucos crimes em Claysoot, graças às leis estabelecidas e aplicadas pelo Conselho, e os nossos pergaminhos documentavam apenas uma tentativa de assassinato, que falhou nisso.

Eu olho sobre Harvey novamente, tentando imaginar uma pessoa que está fazendo todas estas coisas terríveis e muito mais. No começo eu pensei que ele parecia fraco.

Agora, depois de ler a descrição, algo em seus olhos parece doente e torcido. Eu não gosto do jeito que me seguem quando o carro se move pela rua. Emma estremece, e eu faço o mesmo.

Quando nos libertamos do corredor lotado, viajamos mais alguns minutos antes de chegar a um edifício mais grandioso do que o resto. Ele fica no topo de uma trama bem cuidada de grama, cada corte da lâmina com precisão para que as suas folhas combinassem perfeitamente na altura. A totalidade do lugar é cercado por uma cerca complexa, feita de metal e esculpida com tanto cuidado e

embelezamento que eu sei que teria levado Blaine uma vida inteira para forjar em Claysoot. O edifício em si é impecável. Ele se inclina e tem varreduras em áreas estranhas, dando lugar a janelas em arco e enseadas lunáticas. O teto varia em altura, criando degraus de pedra para o céu. As formas são todas erradas e ainda assim fascinante.

Eu posso ler as palavras "União Central" acima de uma porta da frente maciça.

Um homem acenou para o Marco quando nós caminhamos através das portas dianteiras. Marco leva o carro em torno do lado do edifício e depois afunda no subsolo, movendo-se em um espaço cheio de carros ociosos. Quando o nosso deixa em um estrondo, Marco sai, abre a porta de trás, e senta ao nosso lado.

- Eu sou Marco. Este é o Pete. - Ele empurrou a cabeça para trás, para onde seu parceiro está agora. - Peço desculpas por não apresentar-me mais cedo, mas não estava seguro.

- Realmente não parece seguro aqui também. Eu digo em voz alta, as imagens de um homem procurado e água racionada e os homens apontando armas em sua própria gente ainda estava claro em minha mente.

Marco bufou. - Claro, não se incomode nos agradecendo. Nós só acabamos de salvar suas vidas.

- Obrigado, disse Emma. Ela chega em mim e aperta a mão de Marco. - Eu sou Emma, e este é Gray. Ele parece ter esquecido suas maneiras.

Marco sorri para isso, mas eu não gosto da maneira como seus lábios olham desonestos ou a forma como os seus olhos estão passeando sobre Emma.

- Talvez eu fosse mais educado se pudéssemos obter algumas respostas, eu digo. - Eu ainda não sei quem você é. Ou porque fomos os primeiros alpinistas a ser salvos.

- Como eu disse, eu não posso discutir isso, diz Marco, em pé. Mas depois que você se limpar, vamos levá-lo para Frank. Ok. Emma e eu saímos do carro. Quem é Frank?

- Só a única coisa que pode fazer este país ruir junto.

Eu não entendo as diferenças entre cidades e países, mas dado o que eu vi hoje, se a cidade é uma grande cidade, Eu acho que um país é uma grande cidade. Ou algo ainda maior. E ele tem as respostas?

- Sim, responde Marco. Ele muda a arma em suas mãos e acrescenta: Este é o lugar onde nos separamos. Emma, você vai com Pete. Gray, por este caminho.

- Emma fica comigo , eu digo.

- É gentil de sua parte, Romeo, mas ela não pode. Novamente com esse nome. Eu quero corrigi-lo, mas ele continua a falar. - Os meninos têm um lugar, as meninas outro. Isso é apenas a maneira que é. Nós nunca fomos divididos fora de casa em Claysoot. A ideia é ridícula, para não mencionar ineficiente. Portanto, muito mais construção e manutenção.

- Está tudo bem, diz Emma para mim. Eu vou ficar bem.

Balanço com a cabeça em concordância, embora eu me sentiria melhor se ela nunca saísse da minha vista. Tudo sobre este lugar me dá arrepios, e desde que escalamos a parede não encontramos respostas, mas mais perguntas. Se Emma não ficar comigo, eu sou incapaz de garantir a sua segurança. Encaro sobre meu ombro enquanto ela desaparece com Pete. Marco e eu vamos na direção oposta.

- Você lamento subir ainda? Marco pede, com a voz condescendente. Ele está andando na minha frente, mas eu apostaria uma semana de jogo de caça que ele está sorrindo.

Eu respondo. Nem um pouco. Além disso, eu não heisted como eu deveria. Valeu a pena arriscar na muralha.

Ele congela. Espere. Diga isso de novo. A parte sobre a Heist.

- Eu não me heisted como eu deveria.

Ele se vira para mim, lentamente. Ele parece tão surpreso quanto eu senti ao entrar em Taem antes. O que você quer dizer com isso?

- Quer dizer, eu era o único garoto que ficou em Claysoot quando completou dezoito anos.

- Impossível. Sua boca fica aberta.

Por que ele acha que é impossível? Por que ele mesmo reconhece o Heist em um prazo? Eu me arrepio, frio está contra o meu melhor julgamento. Eu acrescentei: Não é impossível. Meu irmão-gêmeo, ele desapareceu e eu fiquei.

- Gêmeos? Marco suspira. Ele passa a mão sobre a cabeça, olha o corredor, e então de volta para mim. Mudança de planos , diz ele.

- Dessa forma.

E então ele praticamente sai correndo adiante no corredor, recuando. Meus pés trabalham febrilmente para manter-se. Entramos em uma caixa. Ele cambaleia para baixo, paredes de metal que nos rodeiam. Portas abertas e Marco me conduz através de um corredor, escadas, esquinas. Eu perco meu senso de direção. Uma coisa é certa, porém: a área da União Central por meio do qual estamos agora caminhando não é tão gloriosa como sua camada externa. As paredes são de pedra cinzenta. Poeira reúne nos recantos, musgo agarrado furiosamente para amortecer cantos. Corredores são iluminados com uma sobrecarga de painéis ímpares de luz que cintilam e lançam um brilho azulado não natural sobre o espaço.

Estamos de cabeça para baixo em um conjunto final de medidas e a umidade do ar parece triplicar. Um homem de preto se senta em um banquinho solitário dentro do corredor que nós entramos. É estreito, alinhado com as portas à esquerda e à direita, que são muito curtos para percorrer sem ser se esquivando.

- Estamos todos cheios, ele grita.

- Bem, dobre, diz Marco. - Jogue-o com o nosso amigo Bozo o palhaço. Ele vai ser boa companhia. Marco me empurra para o

homem com uma força impressionante, e, em seguida, sai fora do jeito que chegou, parecendo mais frenético do que nunca.

- Onde ele está indo?

O homem não diz nada, mas me arrasta em direção a uma porta no outro extremo do corredor, onde ele pressiona seu polegar para uma placa de metal antes que se abre.

- Desculpe, garoto, ele me diz. Esse cara é um pouco de um mergulhão. E então ele me empurra através da porta. É no interior escuro e cheira a merda e urina. A porta bate atrás de mim e leva o clique de metais ecoando nos meus ouvidos antes de eu perceber que eu estou em uma prisão.

Treze

À princípio, eu entro em pânico. Puxo a porta freneticamente, e quando não dá, eu afundo no chão e enterro meu rosto em minhas mãos. Eu não deveria ter confiado nessas pessoas. Talvez, esse era o plano de Marco todo o tempo. Talvez, ele nunca teve nenhuma intenção de nos ajudar. Meu estômago revira, embora esteja com o pensamento em Emma na célula, presa em algum lugar desse edifício enorme, e eu, enfraquecido para ajudá-la. Eu ataco em frustração, perfurando a porta atrás de mim.

“Isso não vai fazer nenhum bem, você sabe”, uma voz coaxa a partir do canto, "perdendo a paciência". Eu tinha esquecido que eu tinha um companheiro de cela. Eu não consigo ver o rosto dele, e eu realmente não me importo.

“Você é novo,” ele comenta, seus dedos batendo contra a pedra no escuro. Eles criam um engraçado ritmo, uma estranha batida, como se um dedo tivesse disparado contra a sua vontade e atingisse rocha prematuramente. "De qual grupo você veio?"

“Desculpe?” Eu não tenho vontade de falar, especialmente com um homem tão desaparecido a quem foi dado um apelido que induz o ridículo. Palhaço não significa nada para mim, mas eu escutei o jeito que Marco pronunciou isso, eu vi o jeito que os seus lábios enrolaram em volta da palavra.

“Grupo,” o homem disse novamente. “De qual grupo você é? A? B?”

“Olhe,” eu estalei, incerto sobre o que ele estava falando, “Eu não sou de nenhum grupo. E eu não sou do Taem, também.”

Ele arrasta-se pelo canto, agachando-se sob o teto baixo, e na pouca luz que filtra através da janela da nossa porta da cela. O homem é desajeitado, magro. Tem marcas de expressão e rugas no rosto, e ele tem uma barba grisalha e manchas aleatórias. Seus olhos parecem como se ele não tivesse dormido em semanas, e suas roupas escuras são esfarrapadas e desgastadas.

“Um forasteiro, é?” ele me pisca um sorriso. "Você gosta de lá? Fora da cidade?” Seus dedos dançam sobre a pedra novamente, batendo freneticamente enquanto ele fala.

“Era melhor que aqui,” eu confesso.

O homem solta uma gargalhada terrível neste comentário, jogando a cabeça para trás como um cão selvagem e uivando profundamente. “Eu gosto de você,” ele diz. “Um pouco de senso de humor.” Eu não disse a ele que eu não estava tentando ser engraçado. Ele ri até desgastar-se, e, em seguida, seus dedos estão de volta ao toque.

Atrás de nós, em algum lugar no final do corredor, há o som de passos se aproximando e, em seguida, um guarda fala. Eu tento fazer o que está sendo dito, mas a batida do Palhaço cresce, como se ele estivesse deliberadamente tentando bloquear a conversa. Ele balança para trás e para a frente sobre os calcanhares e murmura - não, canta - para si mesmo.

“Cinco frutas vermelhas em uma fileira, semeada com amor, para que eles cresçam. Cinco frutas vermelhas em uma fileira, semeada com amor, para que eles cresçam.”

Ele repete de novo e de novo e de novo, com sua voz rouca. Quase parece uma canção de ninar. Quase. As palavras estão ecoando em nossa pequena cela, e logo eu não posso dizer quais são seus e quais estão apenas retornando para mim pelas paredes.

“Você vai calar a boca?” Eu estalo. Ele congela, olha para mim, puxa o cabelo. “Eu estou tentando ouvir o que eles estão falando. No final do corredor.”

Ele não pareceu se importar. A batida continua, assim como o canto, as mesmas duas linhas e nada mais. Suas mãos estão movendo as pedras com tanta rapidez que eles se tornam um borrão enorme de carne. Percebo a marca desgastada de um triângulo em seu escuro, desgaste superior. Esse louco já foi como os homens uniformizados em Taem? Como Marco e Pete?

“Cinco frutas vermelhas em uma fileira, semeada com amor, para que eles vão crescer. Cinco frutas vermelhas em uma fileira, semeada com amor…”

“Para que eles cresçam! Eu entendi. Já é o suficiente.”

Ele parou de bater e sentou-se, quase batendo a cabeça no teto baixo. E então ele está em fuga pelo chão como uma aranha, até que ele esteja com o rosto tão perto que eu posso sentir seu hálito azedo.

“Você conhece essa música?” ele pergunta, seu nariz praticamente encostando no meu.

Eu empurrei-o. “Eu memorizei as duas linhas, obrigado.”

Ele esvazia. “E o resto?”

Eu balancei minha cabeça. Ele começa a tocar e cantar, mas não se move de volta para o seu canto. Eu me inclino para longe dele, coloco o ouvido na porta, e ouço os guardas. I não ouço nada além de passos. Eles estão crescendo cada vez mais alto, até que chegam a um impasse apenas fora da nossa célula. Alguém está lutando com a porta. Palhaço agarra joelhos e rochas. "Cinco frutas vermelhas em uma fileira, semeada com amor, para que eles cresçam."

Há o clique do da placa e, em seguida, luz inunda a célula.

Palhaço canta cada vez mais alto. "Cinco frutas vermelhas em uma fileira, semeada com amor, para que eles cresçam."

“Você aí, criança,” a voz me chama da entrada. “Eles querem você lá em cima.”

O guarda entra na célula e agarra meu pulso. Palhaço começa a gritar, principalmente para si mesmo, "Cinco frutas vermelhas em uma fileira, cinco frutas vermelhas, cinco frutas vermelhas, fruta frutas frutas!”

“Hey!” o guarda grita, chutando o velho homem. Sua bota conecta com o triângulo desgastado no peito do Palhaço e o faz cair para o canto.

O guarda bate a porta fechada e puxa pelo meu braço. "Vamos?" É tranquilo, seguido pela melodia estranha do Palhaço. Nós viramos a esquina. Eu não posso mais ouvir Palhaço, mas eu sei que ele ainda está cantando - cerca de frutas e de amor, duas coisas que nunca, jamais irão salvá-lo da cela úmida.

O escritório de Frank é uma sala retangular que tem tanta decoração que eu sou incapaz de dizer o que é funcional e que é para decoração. O guarda diz-me para sentar em uma das cadeiras em frente a uma mesa enorme, a sua madeira de um vermelho profundo, e esperar. Eu me inclino para trás para admirar o teto como eu faço.

Eu nunca achei que tetos poderiam ser tão complexos. Painéis quadrados impressionados com os padrões preenchiam o espaço acima da minha cabeça. No centro da sala é um maciço, objeto de suspensão. Tem perfeitamente espaçados armas que seguram uma vela, entretanto as velas não piscam ou derretem. Em vez disso, eles transmitem um brilho uniforme e imperecível sobre o quarto.

Tudo é cuidadosamente posicionado; um cabide ao lado de uma janela imensa, uma planta perto de ricas cortinas roxas. Mesmo os trabalhos que estão espalhados sobre a mesa regular estão alinhados debaixo de

um peso de pedra. Obra pendura nas paredes, enquadrados em materiais que brilham sob a luz. Uma peça mostra uma família, dois pais e dois rapazes, esgostados com as costas contra um carro preto brilhante. Não é como a arte fim, que é claramente o resultado de um pincel sobre tela. Esta imagem se parece com o desenho talvez de Harvey em Team, incrivelmente autêntico. A mãe tem um braço pendurado no ombro do rapaz mais jovem, enquanto que a segunda criança mostra algo de interesse para além da moldura. Parece ensolarado onde eles estão, e ventoso, também, dada a forma como o cabelo da mãe chicotes em seu sorriso. Eu estou querendo saber se o pai retratado é Frank quando as portas atrás de mim se abrem.

O home que entra é muito velho para ser pai do desenho talvez. Sua pele parece couro macio, como se ele tivesse passado um dia demais ao sol. Bochechas caem delicadamente nos cantos de sua boca e seus lábios estão rachados. O pouco cabelo que ele tem é um branco brilhante, fino e fino sobre os topos de suas orelhas. Ele é magro, mas não muito alto. Nada sobre ele indica que ele seria um homem responsável. Um homem com respostas.

“Gray, correto?”, ele disse, sorrindo enquanto estende um braço em minha direção. Dezenas de linhas finas floresceram em torno de seus lábios. Sua voz é suave como o algodão, suave como manteiga. Ele imediatamente me deixa confiante para que eu possa finalmente encontrar a verdade aqui. Este homem, com o rosto despretensioso e papéis organizados, pode ter respostas.

Mas ainda assim, eu hesito em pegar sua mão.

“Ah, sim. Por que confia em mim? Nós roubamos você do Anel Externo, não explicou nada, atirou-me em uma cela." Ele coloca um dedo sobre os lábios e senta-se."Eu não posso me desculpar o suficiente por saber como você foi tratado quando chegou aqui, Gray. Você e sua amiga..."

“Emma.”

“Sim, Emma. Você é o primeiro que temos sido capazes de salvar, então nossos procedimentos não foram completamente destruídos. Marco reagiu precipitadamente a algumas informações muito interessantes que você compartilhou com ele. Eu quero que você saiba que, se eu pudesse fazer tudo de novo, uma cela que não tem absolutamente nenhum lugar em sua entrada Taem. Nenhum.”

Ele derrama dois copos de água de uma jarra clara e oferece um para mim. Não ter tido alguma coisa para beber desde o amanhecer, e não

saber o quanto de água há em Taem, mesmo vindo de uma pessoa como Frank, eu bebi avidamente. Ele não sorriu, mas seus olhos o fizeram.

Eu deixei a água de lado. “Então você é o Frank,” eu disse.

“Dimitri Octavius Frank.” Ele estende a mão mais uma vez e, dessa vez, eu a pego. Seus dedos são longos e finos, mas seu aperto, firme.

“Gray Weathersby.”

“Ah, eu vejo.” Novamente, um dedo no lábio.

“Vê o que?”

Ele coloca os cotovelos sobre a mesa, se alinha com as mãos para que mindinho, dedo anelar a dedo anelar, e assim por diante. Eles se movem em uma onda constante como ele pensa. Ele não olha para mim, mas através de mim, imerso em pensamentos. Minha paciência se esgota rapidamente.

“Olhe, esqueça a cela e Marco e tudo o mais. Desculpas aceitas. Mas eu não posso ficar aqui sentado enquanto fica dedilhando. Eu preciso encontrar Emma. E depois eu preciso voltar a Claysoot. E eu preciso avisá-los que há mais e eu preciso tirá-los de lá. Você pode esperar com aqueles carros enquanto eles escalam e eles podem...”

“Nós temos tentado, Gray,” ele diz suavemente. Seus olhos mantêm o foco em algo atrás de mim, algum item de interesse que deve estar quadrado entre os meus olhos do outro lado da sala. "Temos ... como digo isso?"

Eu sinto como se jogassem o meu copo na parede e vejo-o quebrando. "Basta dizer. Posso lidar com isso. Apenas me diga já."

“Não há jeito fácil de explicar,” ele tropeça, para, olha para o topo da mesa. "Deus, você acha que ficaria mais fácil, mas cada vez é tão difícil quanto o primeiro."

Ele olha pra mim agora, não através de mim. Seu rosto parece quebrado, como minha mãe, no dia em que ela fechou os olhos pela última vez. Os olhos de Frank tinham ficado escuros também, como os dela.

"Você viu alguns cartazes no seu caminho. Cartazes de procurados."

É uma declaração, mas ele espera que eu acene com a cabeça em confirmação.

“Harvey Maldoon é um cientista, e um dos melhores deste país desde a Segunda Guerra Civil. Alguns anos atrás, Harvey começou algo – um experimento, se assim você quiser chamar. Ele queria estudar a natureza humana e a construção das sociedades e não sei o que mais. Nós sabemos muito. Tenho certeza que em algum dia ele tenha tido boas intenções, mas o trabalho dele era antiético. Quando nós descobrimos o que ele estava fazendo, nós tentamos prendê-lo. Ele fugiu. Mas o experimento, as coisas que ele começou, era como se elas estivessem no piloto automático. Pedaços disso continuaram a funcionar mesmo que há muito tempo ele não tenha ido à Taem.”

Um nós se formou na minha garganta. “O que você está dizendo?”

“Eu estou dizendo que Claysoot...”

Eu acho que eu sei. Mas não pode ser verdade.

“Não é o que você acha que é.”

Não.

“Tudo o que você sabe – seu mundo, seu povo...”

Isso não pode estar acontecendo.

“É um experimento de Harvey. Claysoot era, e é, um experimento.”

Não. Não. “Não.” A última escapa de mim. “Então tudo é... Alguém fez aquilo? Alguém construiu a Parede?” E colocou-a lá?” Minhas mãos tremiam.

Frank fez uma careta, seus olhos baixaram. Ele pega um pedaço de papel de sua mesa e escreve seis cartas sobre ele. Laicos. "Claysoot nada mais é que um experimento, Gray. Harvey chamou de ‘Projeto Laicos’ na pequena documentação que conseguimos apreender. Sinto muito.”

Minhas mãos estão em punhos, os nós dos dedos brancos. "Eu vou matá-lo", eu digo, sem sequer perceber quando o pensamento entrou em minha mente.

Se Frank está surpreso pela minhas reação, ele não demonstrou. “Eu não posso dizer que eu não faria o mesmo, filho. Taem sofreu muito nas mãos de Harvey. Quando nós tentamos prendê-lo, ele matou nossos homens ao invés de vir tranquilamente. Depois dele fugir, ele roubou recursos do nosso povo e cortou a garganta. As coisas são ruins o suficiente aqui, longe de serem perfeitas. Nós não precisamos que

Harvey as torne piores. Talvez ajudará você a entender um a sua história, aqui, e como Harvey se encaixa nela."

Ele tomou outro gole de água e continuou. "Antes dos terremotos e inundações e da Segunda Guerra Civil, este país era uma coisa grande unida. Nós temos agora duas fendas, duas peças: AmEast e AmWest. Aqui em AmEast, e especialmente na Taem, eu tentei restaurar a ordem, e eu fiz um trabalho decente. Levei a maior parte da minha vida para trazer Taem ao seu estado atual. Este país perdeu tantas vidas na guerra que o recurso precioso que uma vez disputada, de água doce, agora é abundante o suficiente se cuidadosamente racionada. Eu dou o meu povo de água. Eu dou-lhes a segurança por meio da Ordem da Francônia. "Ele coloca a palma da mão contra o triângulo vermelho em seu uniforme.

"Nós matemos os traidores da AmWest sob controle, Gray. Eles começaram a guerra há alguns anos. Eles nos atacaram primeiro; e Harvey, como se as injustiças que ele fez não fossem grandes o suficiente, ajuda-os. Ele vende segredos comerciais e armas e informações em troca de segurança. Ele acha que eu vou esquecer os seus crimes, se ele me assustar bastante. Ele usa o medo como arma, mas não vai se curvar. Ele será punido por tudo que ele fez, ao nosso povo, bem como o da Claysoot."

Frank aperta a ponte de seu nariz e eu percebo que minha boca ficou seca. Muita coisa está acontecendo rápido demais e eu não posso compreender tudo. Tento imaginar o país dividido que Frank mencionou. Taem parecia grande em comparação com Claysoot, e o pensamento de que algo ainda maior existe - terra que é exponencialmente maior do que os dois - é impossível de entender. A guerra massiva que ele fala é estrangeiro, também, um conceito tão diferente do jogo despreocupado que eu jogava quando era criança: setas imaginárias, até que alguém repreendeu-nos a parar. A história de Frank não é um jogo.

E, então, há Claysoot, um experimento. As crianças originais que Emma e eu tínhamos debatido antes nunca ficaram presas nas ruínas da cidade. Eles não perderam suas mães em uma terrível tempestade. Era apenas Harvey, pegando as pessoas como se estivessem tocando peças em um jogo e colocando-as onde quisesse. De repente, tudo o que eu já disse parece ser uma mentira.

"Então a Parede? Os corpos queimados? The Heist?" Eu deixo escapar. "Tudo foi Harvey? Isso tudo faz parte do 'Projeto Laicos'?" O nome parece sujo no meu tom.

Frank acena.

“E mesmo que ele esteja se escondendo, você não pode pará-lo? Você não pode simplesmente escalar o muro e libertar Claysoot?”

“Nós temos tentado. Mas nós perdemos muitos homens para a patrulha do Anel Externo.” Eu quero perguntar a ele que é essa coisa, mas Frank continua antes que eu tenha chance. “Nós não temos nenhum meio de combater o que Harvey colocou em movimento além de Parede, de modo que nos concentramos em salvar os alpinistas. “Nós identificamo-os a partir de torres de observação, mas que nunca chegamos a tempo. Você e Emma são os primeiros.” Ele se recosta na cadeira e sorri amavelmente. “Mas há esperança, Gray. Marco foi um idiota, colocando você na cela, mas ele o fez porque você disse algo muito, muito interessante. Algo que ele pensou ser muito valioso para se tratar com leviandade.”

Eu estava quase com medo de repetir a declaração desde que me jogaram na sela pela primeira vez, mas a voz de Frank é tão tranquilizadora. Ele quase me lembra minha mãe, calma e preocupada.

“Eu tenho um irmão gêmeo,” eu digo. “Eu tenho 18 e eu não sou Heisted.”

Frank inclina-se e aponta para mim. “Exatamente.”

“O que significa?”

“Me diga você,” ele diz. “Eu achei isso inacreditavelmente fascinante. Não tranque-você-na-prisão fascinante, mas isso significa algo. Se nós pudermos descobrir como ou por que você escapou do Heist, nós podemos ter alguma chance de salvar o resto de seu povo.”

Eu poderia facilmente contar a ele o que eu li no caderno de Carter, mas eu estou me perguntando como Marco e Frank sabem tanto sobre o Heist.

“Se você não sabe o que significa, está tudo bem também,” Frank diz em meu silêncio. “Nós podemos descobrir juntos. Eu estou extremamente ocupado, mas eu prometo a você que Claysoot está no topo das minhas prioridades. Você é importante, Gray – para desvendar esse mistério. Eu posso sentir isso. Você pode ficar em Taem, bem aqui na Union Central, até. Você e Emma. É o mínimo que posso fazer se você está disposto a me ajudar nisso. O que você me diz?”

O que eu posso dizer? Não há nenhum lugar para onde Emma e eu podemos ir. Imagino Carter por trás da Parede, desejando reunir-se com

sua filha. Esta é uma oportunidade para tornar isso possível. Talvez eu seja a chave para descobrir tudo e terminar o projeto de Harvey. Eu seria tão egoísta e denso para não ver isso.

“Nós ficaremos,” eu digo. “E obrigado.”

Frank sorri. “O garoto não-Heist, fique aqui na Union Central. Eu sinto-me honrado de estar na presença de tanto mistério e esperança.”

Quando ele menciona o Heist, eu tenho novamente aquela sensação, aquela sensação que ele sabe mais do que está compartilhando.

“Sobre o Heist... Se Emma e eu somos os primeiros escaladores a serem salvos, como você sabe tanto sobre o Heist?”

“Eu falei a você que o ‘Project Laicos” ainda continua, no piloto-automático. Nós sabemos que os garotos são raptados com 18 anos porque eles acabam no nosso campo de treinamento, na calada da noite, reclamando tanto. Poof, e lá estão eles, como se brotassem do chão.”

Meu rosto deve ter parecido em choque porque Frank riu.

“Eu também não entendo,” ele diz. “É tanto mistério para você como é para a gente. Talvez sua condição única dará alguma luz para algumas coisas.”

Eu concordo, perplexo, e depois congelo. O pensamento me atinge como um soco no estômago.

“Espere? Aqui? Os garotos Raptados aparecem aqui?”

“Weathersby você disse, certo?” Frank folheia alguns papéis que ele puxa de sua mesa. Ele encontra o que está procurando e pisca para mim. “Blaine. Ele estará no refeitório esta hora do dia. Café da manhã.”

Eu quase esqueço de respirar. Frank fica de pé e coloca a mão em meus ombros. Sua palma é quente, reconfortante. Ele é menor do que eu e levanta os olhos para encontrar os meus antes de dizer. “Venha. Vamos encontrar o seu irmão.”

Quatorze

Frank lidera. Passamos por uma série de corredores e ele tem que desbloquear várias das portas à medida que progredimos, mas faz isso passando o pulso antes por uma planície, caixa de prata. Os corredores são impressionantes, enfeitados com luzes radiantes e um piso de pelúcia composta pelo emblema triangular da Ordem da Francônia. Ele se repete em vários tons de vermelho, bordas fila para formar um intrincado padrão.

Quando chegamos a um imponente conjunto de portas duplas que suspeitei estar escondendo a sala de jantar, há um sinal sonoro sutil e Frank coloca uma mão no ouvido. Seus dedos apertam um pequeno dispositivo que fica envolto sobre a sua orelha. Ele levanta um dedo em minha direção, apontando para eu esperar, e passos no corredor. Ele diz 'hmmms' e 'ahhhs' algumas vezes, balançando a cabeça. Sei que ele deve estar falando com alguém, e através desse pequeno objeto. Ele fala apenas uma vez, no fim da conversa.

"Reúna uma equipe imediatamente. Se isso for verdade, nós podemos ter muita sorte. Eu quero que eles sejam enviados amanhã, o mais tardar. E, Evan, complete as necessidades para uma reunião. Vou juntar-me em breve."

O dispositivo emite um segundo bipe e Frank abaixa a mão. "Desculpe," ele diz.

Eu aponto para seu orelha. "O que é isso?"

"Só um jeito de nos falarmos – a Ordem – até quando estamos distantes. Você verá todos os tipos de tecnologia durante seu tempo aqui. Harvey não teve você exatamente na era moderna."

Eu não estava acompanhando totalmente o que ele dizia, mas eu acenei. Frank colocou a mão no meu ombro. "Eu sinto muito por fazer isso, mas eu preciso atender algumas questões urgentes. Encontre seu

irmão, coma alguma comida. Eu tenho certeza que alguém virá em um minuto para mostrar-lhe seu quarto."

Eu aceno. Tão logo Frank retira sua mão do meu ombro, eu desejo que ele coloque-a novamente. Ele faz eu me sentir ancorado nesse estranho mundo.

"Meus batedores acreditam avistado Harvey fora de Taem," Frank diz, andando por trás no corredor para que ele ainda me encarasse enquanto ele falava. "Nós só podemos ser capazes de interceptar suas viagens se agirmos com rapidez suficiente. Mas, shhh, você não ouviu isso de mim."

Ele pisca, ronda um canto, e sai.

Eu coloquei uma palma nas portas duplas e empurrei para dentro.

A sala de jantar é extremamente grande e repleta de inúmeras mesas e cadeiras ainda mais. Cada item é idêntico, trabalhado com tal precisão que tempo para conhecer seu criador. O lugar é repleto de membros da Ordem. Algumas conversas enquanto comem. Outros ficam na fila, reunindo as suas refeições a partir de uma longa mesa na parte de trás da sala. Ele quase me lembra da festa durante nossas cerimônias no Heist.

Meu estômago ronca com o cheiro de comida quente, mas nem mesmo a fome é o suficiente para me distrair. Blaine está aqui. Eu estou perto da entrada e analiso a multidão. É um mar de ternos pretos, cada membro da Ordem misturando-se com o próximo. E então, eu avistá-lo. Seu cabelo se foi, raspou perto de sua cabeça, mas é ele. Como todo mundo, ele veste o uniforme negro da Ordem da Francônia. Ele está rindo de alguma coisa, e eu sinto todo. Eu me atiro para o outro lado da sala. Eu ainda estou várias mesas de distância quando ele me vê.

"Gray!" ele exclama. E, então, ele está pulando pela mesa, derramando água por onde pisa. As pessoas ao redor dele abaixam a bandeja na tentativa de desviá-lo. A próxima coisa que eu sabia era de Blaine apertando os braços em volta de mim, e eu quase choro por ter pensado que nós nunca mais nos veríamos novamente.

"O que você está fazendo aqui?" ele pergunta, me sacudindo.

"É uma longa história."

"Eu não consigo acreditar – quer dizer, eu estou feliz em vê-lo – mas como você... isso não está acontecendo."

Minhas bochechas doíam de sorrir, mas eu não conseguia parar. Vê-lo tão confuso ia além da diversão.

“Você... você escalou? Ele perguntou silenciosamente.

Eu aceno, ainda sorrindo. Embora eu achasse impossível, o rosto dele cresceu ainda mais assustado. Eu tenho um milhão de perguntas para ele - sobre o que aconteceu desde que ele esteve aqui, sobre a carta que ele escondeu de mim - mas, neste momento, tudo o que posso fazer é desfrutar de sua reação.

“Hey, Blaine,” uma voz chama atrás dele. “Onde estão seus modos? Não vai nos apresentar seu irmão caçula?”

Irmão caçula. Ninguém aqui sabe que nós somos gêmeos.

Blaine volta à realidade. “Septum, não é como se você precisasse ser apresentado.”

Eu torço meu pescoço ao redor de Blaine, e há Septum Tate, exatamente como ele parecia há alguns meses quando ele estava no Heisted, com exceção do seu cabelo curto agora.

“Hey, Gray.” Septum sorri através de um bocado de pão. Atrás dele, Craw Phoenix agita seu garfo em um gesto amigável. Minha boca se abre.

“Vocês estão aqui também? Eu suspiro. Frank tinha me falado muito, mas ainda era difícil de acreditar.

“Todo mundo está aqui,” Craw disse. Covinhas aparecem em seu rosto quando ele sorri. "Exceto os que morreram em serviço." atrás dele, eu vejo alguns outros caras que eu reconheço, e além desses, mais uma dúzia.

“Serviço?”

“Frank tem muito em seu prato,” Blaine diz. “Nós estamos ajudando a Ordem com tarefas menores enquanto ele luta com os maiores.”

“Como o que?”

Septo pega um enorme pedaço de seu pão e, em seguida, fala, boca cheia e palavras truncadas. “Como distribuição de água ou escolta de missões.”

“E pessoas morrem por isso?”

“Não na distribuição de água,” Blaine esclarece. “Mas as escoltas de missões tem alguns riscos ultimamente. Há boatos que Harvey está ganhando seguidores. Rebeldes. Aqui, e em AmEast.

Então, eles sabem. Eles sabem de tudo.

“Verme,” Craw murmura, e cospe em seu prato vazio. “Aquele homem não é bom.”

Blaine agarra meu braço e diz “Vamos. Nós precisamos conversar.”

Ele me leva da mesa e saímos da sala de jantar por uma porta lateral que se abre para um pequeno pátio circular, cercado por muros altos da Union Central. O ar da manhã ainda é frio e úmido e o lugar é deserto. Eu finalmente estou começando a sentir os efeitos colaterais de fadiga. Já era tarde quando deixei Claysoot - quase madrugada - e eu ainda não dormi.

“Isso foi realmente estúpido, Gray.”

Eu estou surpreso por ouvir a raiva na voz dele. “Estúpido?”

“Escalar.” Ele cruza os braços no peito e me dá um desapontado olhar de irmão mais velho. “Você sabe quão sortudo você é pela Ordem ter encontrado você? Salvado você? Por que você faria isso?”

Toda a raiva e traição e dor que eu senti quando descobri a nota do Ma vieram subindo de volta.

“Eu escalei por sua causa, Blaine,” Eu estalei. “Eu fiz porque você mentiu para mim e você manteve a verdade de mim. Talvez se você e Ma confiassem em mim o suficiente para ser honestos, I não teria saído procurando por respostas sozinho.”

“Do que você está falando?”

“Do fato que nós somos gêmeos, Blaine. Você e eu. Nascemos juntos, mesmo dia.” Eu jogo a nota de Ma para ele. “Da próxima vez que você não queira que eu descubra algo, queime sua evidência.”

Ele estuda a carta e seus olhos se crescem à medida que reconhece. Quando ele fala novamente, ele soa embaraçado. “E você juntou isso? Essa página não admite nada.”

“Bem, Ma estava certa sobre uma coisa – eu fui procurar por respostas. Os registros de Carter, os privados dela, tinha uma nota interessante alegando que você e eu somos gêmeos, nascidos no mesmo dia no ano de vinte e nove.

“Você supostamente sabe,” ele disse.

“O que tem na segunda página, Blaine?”

“Sinto muito, Gray. Eu não pensei que importaria. Ma... Eu pensei que ela estava louca. Ele me deu a carta e eu não quis manchar a memória dela, traindo sua confiança. Mas eu juro que eu pensei que você fosse Heisted assim como eu. Eu sempre pensei que seriam dois de nós.”

A memória passou em flashes diante dos meus olhos. Como Blaine tinha piscado para mim, dito que nós nos veríamos logo. Por dentro, eu estava queimando, raiva e dor, e eu ainda não podia levantar minha voz. Eu lentamente repeti. “Blaine, o que tinha na segunda página?”

Ele enfia a mão no bolso e tira um pedaço de pergaminho. Eu desdobrá-lo com as mãos trêmulas. Lembro-me de onde a página anterior parou - Gray é, na verdade - e começa a ler.

“...seu irmão gêmeo. Vocês não têm um ano de diferença, mas alguns minutos, na verdade. Eu não sabia que estava carregando dois, e Gray chegou poucos momentos depois, vi a minha chance de testar as coisas. Eu fiz Carter manter em segredo o nascimento de Gray. Um ano mais tarde, depois de uma gravidez falsa, Carter voltou a "entregar" Gray. Ela considerou-o "doente" e proibiu os visitantes. Gray viu seu primeiro dia de sol em dois anos e meio. Até então, ninguém questionou nada. Vocês eram quase idênticos, mas irmãos, que se acreditava ser um ano de intervalo.

Se o Heist é realmente apenas uma parte da vida, nada disso importa. Eu queria ver isso, para que eu pudesse finalmente aceitar os mistérios da Claysoot, mas eu não vou, e por isso o resto está em seus ombros. Se você e Gray desaparecerem juntos, você pode aceitar o Heist para mim. Mas no caso do Heist ser algo mais, bem, é por isso que Gray não deve saber. Seu conhecimento promoverá perguntas, e eu temo perguntas que ele não ficará parado. E se ele é poupado, ele deve. Ele será uma prova de que alguns dos nossos meninos têm uma chance.

Carter e eu elaboramos um plano, se este for o caso, mas os arrepios aproximam-me da morte, o mais provável parece que o Heist é apenas uma parte injusta da vida eu nunca aceitei. Eu espero que você não me odeie por isso, por transformar suas vidas em um experimento. Eu te amo muito, muito mesmo. Não passa um dia que eu não veja seu pai em vocês dois. Você é seu espelho, mas apenas Gray tem a sua natureza teimosa, então lembre-se que, mesmo mantendo esse segredo, por mais doloroso que possa ser, Gray é seu irmão, seu gêmeo, e vos perdoará a tempo.”

Não havia assinatura, apenas uma mancha de tinta na parte inferior do pergaminho.

É essa a informação que Frank quer, bem aqui na carta. Isso poderia ser o que ele precisa, prova de que um oculto aniversário fez toda a diferença para eu escapar do Heist.

“Posso ficar com isso?” eu pergunto, não olhando para cima.

“Claro.”

Eu dobro o pergaminho. Blaine passa a primeira página de volta para mim, e eu volto a carta completa para o meu bolso. É estranho finalmente ter a carta de Ma na sua totalidade. Por muito tempo, eu pensei que a leitura da mensagem faria sentido das coisas, mas mesmo agora, ainda estou perplexo. E atormentado por perguntas.

“Qual era o plano de Carter? Eu estraguei quando parti?”

“Após a morte de Ma, Carter me contou,” Blaine diz. “Ela disse que se nós não fôssemos para o Heist juntos, o plano dela simplesmente esperaria. Depois que você foi para o Heist, se isso acontecesse no seu 19º aniversário, ela teria a prova que o Heist era, de alguma forma, baseado nos registros públicos e não na data de nascimento real. Ela estava indo falar com Maude para, então, começar a elaborar uma maneira de esconder as datas de nascimento de outros meninos em uma escala maior, comprar-lhes mais tempo. Testar sua teoria. Depois disso, eu não sei.”

Eu ronco. Eu não achava que falar com Maude teria sido de muita ajuda, não depois do que eu vi na noite em que escalei. Eu começo a contar isso a Blaine, mas ele fala sobre mim.

“Eu achava que ela estava louca. Eu pensei que eles dois tinham perdido a cabeça e eu só fiquei quieto porque eu tinha prometido à Ma.” Blaine olha para o chão e, em seguida, volta para mim. "Ela disse que você me perdoaria. Por guardar segredos.”

Ma estava certa sobre ele ser meu irmão, sobre o fato de que eu o perdoaria. Eu só não estou pronto. Não ainda. Você não pode ler que toda a história da sua vida é uma mentira, que você era um experimento, achar que tudo isso é normal. Nada sobre mim é normal. Nada sobre onde eu estou agora é normal. Eu estou completamente perdido.

“Gray.” É outro ‘me desculpe” sem dizer essas palavras.

“Acabou, Blaine.” Há uma pausa estranha. Eu tento lembrar se existiu alguma dessas entre nós antes. “Então você sabe de tudo?” eu continuo, desesperado para quebrar o silêncio. “Sobre Claysoot? E Harvey?”

Ele acena. “Você?”

“Sim, Frank me falou.”

“Você o conheceu? Em pessoa?

“Como ele teria me falado?”

“Eu assisti tudo em um vídeo.” Ele deve ter visto a confusão no meu rosto, porque ele continuou. “Eles têm essas coisas que chamam de câmeras aqui. É como uma caixa com olhos que pode ver coisas todo o tempo. Pode até salvar algumas e você pode assistir depois, no que tempo que quiser. Eu acho que eles fizeram isso com Frank – fizeram ele falar sobre Claysoot, salvaram o seu discurso, e então mostraram pra mim quando eu tive o meu Heist. Septum e Craw viram a mesma coisa. Frank é muito ocupado, ele não tem tempo para conhecer cada garoto que tem o Heist. Eu estou impressionado que ele teve tempo para conhecer você.” Ele pausou por um segundo e então adicionou, “O que ele quer?”

“Ele é bom.”

Blaine enfia as mãos nos bolsos. "Espero que ele descubra as coisas em breve. Penso em Kale todos os dias. Preciso para tirá-la de lá.”

A menção de Kale me faz pensar em todos os outros que ainda continuam atrás da Parede. De Carter e Sasha e Maude. “Você acha que todos eles escalarão agora?” Eu pergunto, em pânico. “Se Emma e eu somos os primeiros pegos pela Ordem, significa que não haveram corpos. Se não houver corpos, todos pensaram...”

“Eles não vão,” Blaine disse.

“Você não sabe disso.”

“O vídeo... mencionou que quando a Ordem salva um escalador, eles usarão alguém das prisões para substituir. Deixando um criminoso com estrutura corporal semelhante no Anel Externo garante que um corpo voltará a Claysoot.”

Eu penso no segundo carro esperando na colina quando Emma e eu encontramos Marco. Eles tinha conduzido para fora, mas não na

direção que nós fizemos. O motorista teve mais negócios para atender. “Acho que faz sentindo,” eu digo. “Se Emma e eu somos os primeiros eles já tinham salvado, e é difícil para eles salvar escaladores no geral, é melhor para Claysoot permanecer quieta enquanto Frank resolve as coisas.”

“Ou até ele pôr as mãos em Harvey.”

“Exatamente.”

Eu sorrio e Blaine sorri também, mas por alguma razão isso não parece certo. Se nós não estamos rodeados pela Parede e estamos em ruas de barro, nós somos os mesmos irmãos? Pensar nisso é exaustivo.

“Eu estou realmente cansado,” eu digo. “Eu acho que preciso dormir.”

“Claro. Eu encontrarei você mais tarde. Nós podemos de pegar.

Enquanto eu vou embora, ele adiciona, “Me desculpe, Gray. Sobre o assunto dos gêmeos. De verdade.”

Eu poderia aceitar isso. Eu não consigo. “Eu sei,” eu digo e então continuo andando.

Enquanto eu volto pela da sala de jantar, estou um mar de dúvida. A probabilidade de Frank resolver as coisas ou capturar Harvey parece tão distante, tão improvável. Eu quero ir para casa. Eu nunca entendi que eu disse isso, mas eu só quero voltar para Claysoot, onde tudo era simples. Onde as coisas com Blaine eram simples, onde eu tinha um futuro com Emma. Não saber fez tudo mais fácil.

Eu saio do jeito que entrei, passando através de um grupo de pessoas que entram no café da manhã. Eu mantenho minha cabeça para baixo, enterrado em meus pensamentos, mas alguém agarra meu braço.

Emma estava diante de mim, seu cabelo escovado Ele faz seu olhar estranhamente formal. Estou surpreso por todas as emoções que eu já senti por ela. Amor, alegria, dor, desejo, tudo misturado com alívio.

“Senti sua falta,” ela diz. Ela está vestida toda de branco: um par de calças que parecem desconfortáveis e um top que flutua quando ela se move, quase como água. Algo está diferente nela. Suas sobrancelhas estão mais finas, e sua pele muito brilhante. Há algo estranho sobre seu rosto também.

“O que eles fizeram com você?” Eu pergunto. Seus lábios estão escuros. Até seus olhos, que eu pensei que eu nunca poderia esquecer, parecem estar rodeados de sombras escuras.

Ela geme. “Nem eu sei. Eu sinto como se eu tivesse três camadas de sujeira no meu rosto, enquanto todos os outros centímetros do meu corpo parecem que está faltando três camadas de pele. Pelo menos eles não me obrigaram a usar saltos. Eu continuo caindo deles de qualquer forma.” Ela apontou para um par de sapatos que pareciam armas.

“Nós temos que sair daqui, Gray,” ela sussurrou no meu ouvido. “Esse lugar não está certo. Eles estão escondendo alguma coisa da gente. Eu não confio neles. O cabelo dela cheirava a queimado debaixo do meu queixo.

“Eles não falaram para você sobre o Harvey?” Ela franze a testa. Acho que isso é um ‘não’. “Eu conheci Frank. Ele tinha algumas respostas.” Meu estômago grunhe audivelmente e eu percebo que não comi em horas. Dormir pode esperar. “Eu te encontrarei depois do café.”

“Hey, Romeo!” Marco passeava pelo corredor. “Eu preciso pedir você emprestado.” Percebo pela primeira vez como verdadeiramente ridículo sua enorme barba parece, em comparação com a cabeça raspada. Seus olhos caem sobre Emma.

“Bem, olá, garotinha! Você não limpou-se muito bem.” Eu vejo seus olhos permanecerem no decote de cima de Emma e tenho de conter um forte desejo de dar um soco na cara dele. Marco me pega pelo braço, me levando no corredor antes de Emma e eu podermos dizer adeus.

“Onde nós estamos indo?” Eu pergunto e ele me coloca em um lance de escadas.

“Para enfermaria. Você precisa ser limpo. Procedimentos para todos os membros da Ordem.”

“Limpo?”

“Tiros e pílulas e medicamentos. E nós temos que raspar sua cabeça. Não me diga que você não percebeu que nós todos temos a mesma aparência? Nós apenas queremos que você seja parte da família.” Ele sorri para mim.

Minha mão livre instintivamente sente os fios selvagens contra o meu pescoço. É só o cabelo, nada realmente, mas eu quero ficar com ele. Eu quero ser diferente da Ordem, de Marco. Eu quero manter Claysoot comigo.

“Não, obrigado.” Eu digo. “Eu estou bem assim.”

Marco sibila atrás da minha cabeça. “Eu disse que você tinha escolha? Isso não é negociável. O cabelo é cortado curto para evitar piolhos. Pílulas são dadas para evitar doença. É para seu próprio bem, e para o bem de todos em Taem. Agora, mexa-se.”

Marco era muito melhor quando ele estava tentando convencer Emma e eu a entrar em seu carro antes. Agora, dentro do Union Center, é como se algo tivesse mudado, como se ele me odiasse. Pergunto-me se Frank o reprimiu por ter me jogado naquela cela com Bozo.

Nós passamos uma porta marcada com ‘Somente pessoas autorizadas’ e paramos em uma segunda marcada com ‘Enfermaria de Limpeza’. Marco ondulou seu pulso na caixa ao lado da porta e guia-me pelo corredor agora acessível, seus dedos apertando meu cotovelo. Quando finalmente entramos em uma sala, ele me empurra para uma cadeira de metal frio.

A última coisa que me lembro são dois comprimidos vermelhos sendo empurrado goela abaixo, e a navalha, esperando para me deixar careca.

Quinze

Quando recuperou a consciência, eu não estou no hospital, mas na cama em um quarto privado, e eu ainda estou vestindo roupas enlameadas de quando deixei o Barro Negro. Lá fora é noite. Eu não sei quanto tempo passou, se foram horas ou dias. Eu rolo para virar de lado e noto que raspo a cabeça no travesseiro como se eu grudasse ao tecido. Eu levanto a mão e eu acho superfície dura e só. Não está bem, eu nunca tinha usado o cabelo tão curto, pelo menos desde que tenho o uso da razão.

Sento-me sob as pernas da cama. Doem-me todos os músculos do corpo. Meus braços são como pesos mortos e sinto uma dor latejante na base do pescoço. Alguém me deixou pão e frutas em uma mesa ao lado do travesseiro, então eu como antes de tropeçar para fora em um quartinho lateral ao lado da cama. Lá eu encontro um banheiro do lado de fora ... no interior.

Não há banheira, mas quando giro uma série de botões atrás de um painel de vidro, a água sai de um tubo montado na parede. Isso me lembra das instalações milagrosas que descobri com Emma em um prédio abandonado depois de sair do Barro Negro. Eu pego minhas roupas sujas e me visto. É muito mais fácil que tomar banho em casa. Eu fico em baixo do jato de água quente e esfrego a sujeira da pele enquanto eu contemplo como a espuma cai pelo ralo. Quando ele finalmente começa a diminuir a dor do pescoço, a água é cortada de repente. Eu movo o botão.

Nada. De repente ilumina um pequeno painel na parede em que se lê a mensagem: "Se esgotou seu banho de dois minutos por dia". Eu pego uma toalha e seco-me para tirar o excesso de sabão. Da próxima vez eu vou ter que ser mais rápido.

Encontro um monte com roupas limpas no balcão do banheiro: O uniforme da Ordem. O tecido é grosso, muito resistente. Pergunto-me como devem ter costurado. As calças não são ruins, apenas a parte de cima é estranha. Na blusa, o pescoço é muito estreito, eu me engasguei um pouco, e as mangas e tronco são estreitos, de modo que o tecido adere a minha pele. É um absurdo como me sinto tenso, como se restringindo meus movimentos e o pescoço só me permite olhar para frente.

Eu olho no espelho sobre a pia e examinou pela primeira vez meu novo corte de cabelo. Agora eu vejo uma testa muito grande, e franja longa que cobria os olhos cinzentos se foi, assim me vejo desligado. O pescoço ainda dói e o uniforme não ajuda. Eu tiro minha blusa e jogou-a no chão. Mais tarde vou para a cama e adormeço facilmente, pressionado contra os lençóis como se sua massagem pudesse me livrar da dor.

Quando eu acordo pela segunda vez, está amanhecendo. Sento-me na cama, ainda entorpecido e com as pernas cansadas, e eu calço as botas antes de ir para a outra metade do uniforme, que está jogado no chão do banheiro.

Eu tenho que buscar Emma para dizer tudo o que Frank me disse sobre Harvey e seu projeto. Talvez pudéssemos tomar café da manhã juntos, conversando como nós fazemos e tentar isolar-nos da Central da União. Se insistirmos, talvez seja como estar no Barro Negro, onde as coisas eram simples. Talvez.

Quando me aproximo da porta ouço vozes do outro lado: Marco e Frank.

-“Então, ele ainda está dormindo?” Frank pergunta, e notei uma onda de gratidão a pensar que ele se preocupa comigo.

-“Leva umas 24 horas, mas está dentro do normal.” – Responda Marco – “Deve acordar em breve.”

-“Quero que me avise assim que o faça. Enquanto isso, a necessito de respostas. Estou muito ocupado com Harvey para cuidar disto também, e só o que me faltava era que nosso trabalho for à deriva por um Rapto inútil” - Frank diz em tom furioso, selvagem.

-"Eu entendo senhor.”

-“Bem.” respondeu Frank, e eu ouço seus passos afastando-se pelo corredor até que se detém por um momento e acrescenta: “Você vem?”

-“Eu não dormi o suficiente. Primeiro o menino, depois, essa reunião convocada ontem. Eu tinha pensado em fazer uma pausa.”

-“Você não merece” - Frank responde com a mesma voz suave e melosa de sempre, apesar de fazer suas palavras exalarem uma autoridade muito mais poderosa. - “Vamos receber um relatório da equipe de Evan antes de ir para a floresta. Eu quero você lá.”

-“Sim, senhor.”- Marco responde, suspirando.

Fiquei a espera dos passos que os levam para longe, antes de abrir a porta ligeiramente. O corredor está vazio. Eu tento entender o significado da conversa.

Ontem, Frank me disse que eu era um milagre, um mistério, uma possível chave para salvar nosso povo. No entanto, ao ouvir Marco agora, não parecia tão feliz com a ideia. Para ser honesto, parecia que a ideia o aterrorizava.

Eu percebo que as minhas mãos estão tremendo. Frank está chateado porque não tem sido capaz de libertar a gente do Barro Negro, ou entender como eu escapei do Rapto. Deve ser isso, nada mais. Estou sendo irracional e desconfiado, porque tudo é novo e ainda estou tentando me ajustar.

Repito uma e outra vez, quando eu sair do meu quarto para ir à busca de Emma.

A extremidade de porta de entrada está trancada. Não muito convencido, acenou na frente da caixa de prata, como eu vi Frank fazer quando ele me levou para almoçar e, surpresa, eu acho que a porta se abre.

Olho para minha mão e vejo uma leve contusão no interior do pulso. Eu acho que eu tenho acesso a essas portas durante a limpeza. Não sei como eles fizeram isso, mas a única coisa que faz sentido.

Dirijo-me pelos corredores até chegar a uma escada. Subo para o nível superior novamente usando o pulso para entrar e uso a memória para chegar à sala de jantar. Sirvo-me de comida e encontro Emma comendo aveia e bebendo uma xícara de chá. Após a reação inicial ao meu corte de cabelo (eu continuei passando a mão sobre a minha cabeça), digo-lhe tudo. Eu falo de Harvey e o Projeto Laicos, Frank e seus objetivos, a conversa curiosa que acabei de ouvir. Ela cerra os punhos como eu, quando eu conto-lhe do experimento de Harvey.

-“Estou paranoico, não?”- Eu pergunto quando eu conto sobre o tom de Frank na porta do meu quarto, que mais parecia aborrecido pela falha do Rapto no meu aniversário de dezoito anos.

-“Eu não sei." diz Emma. “Se tenta resolver o Rapto e libertar o Barro Negro, deveria estar feliz com isso, não está preocupado.”

-“É exatamente o que eu pensei.”- Respondo.

Eu coloco a mão no bolso e toco a carta de minha mãe. A resposta que busca Frank está neste papel, mas de repente, eu acho que informá-lo sobre ela seria uma ideia muito ruim.

-“Eles pensam que estamos mortos, certo?”- Emma pede tom abatido, olhando para sua bandeja.

-“Quem?”

-"Minha mãe, Maude, todos. Blaine disse que colocariam substitutos. Se ele estiver certo, os corpos voltarão, como sempre, e vão achar que nós morremos.”

Imagino Carter afundada, chorando sobre uma das camas na clínica. Ela tinha uma menina, não deveria perdê-la. Eu não respondo a questão de Emma, mas nós dois sabemos qual é a resposta.

-“Vamos dar um passeio”- eu digo – “Vai nós fazer o bem. E talvez descobrimos algo mais sobre este lugar.

-“O que você quer saber exatamente?”

-“Por que Harvey começou o Projeto Laico. O que mata os alpinistas no Anel Externo. Por que as crianças raptadas aparecer aqui na Central.

-“Você acha que vai encontrar as respostas em uma caminhada?” – pergunta, dando um sorriso irônico.

-“Quem sabe. Às vezes, as paredes falam. Pense em quanto descobrimos com o cartaz de Harvey no dia em que chegamos a Taem.

A sala começa a esvaziar e membros da Ordem retornar às suas funções.

-“Você vai estar obcecado com a verdade para sempre?” - Emma me pergunta com as sobrancelhas levantadas.

-“Até eu ver com meus próprios olhos, eu suponho.” eu respondo encolhendo os ombros. “Quando escalou a parede atrás de mim, você também disse que estava ansiosa para obter respostas.”

-"Isso é verdade, mas olha onde estamos agora. Eu quero ser como antes de sairmos. Se eu pudesse voltar atrás, desejaria te buscar e gostam de estar com você, Gray. Não te raptaram, então talvez poderíamos ter ficado os dois juntos no Barro Preto, como os pássaros.

-“Eu teria sido sequestrado o décimo nono aniversário.” Eu corrigir. “E nós não somos pássaros.”

-“Eu sei, mas eu gostaria que fossemos. Nós poderíamos voar para longe agora mesmos.”

Ela olha para a bandeja de novo e, por um segundo, tenho medo de que comece a chorar. Tomo sua mão.

-“Nós não podemos fazer isso, pelo menos por enquanto. Vamos resolver algumas dúvidas, para descobrir a verdade, e então eu prometo que nós vamos voar para onde você quiser.”

Primeiro vem o meio-sorriso típico, que nunca consegui decifrar. Depois se inclina sobre a mesa e beija-me um beijo rápido e tentador que me deixa querendo mais. Quando saímos da sala eu tenho o coração acelerado, e não pelas respostas que esperam que as descubram.

É por Emma. Sempre tem sido por Emma.

Dezesseis

NOSSA CAMINHADA DA UNIÃO CENTRAL, através do corredor cheio de cartazes procurando Harvey, e para o centro da praça pública é muito mais do que nós antecipamos. Emma e eu encontramos um pedaço pequeno de sombra cobrindo um banco e sentamos. Eu encaro a estátua de ouro, mas Emma inclina as costas dela contra o meu braço, balança os pés para cima do assento, e olha na direção oposta. O cabelo dela já não cheira a sabão do Claysoot- o cheiro esta muito longe, substituído por algo estranho- mas eu beijo sua cabeça de qualquer maneira. Nós nos sentamos lá, em um silêncio confortável, por um bom tempo.

"Você sabe, eu não encontrei nenhuma resposta ainda," ela brinca. "É muito decepcionante. Estou começando a pensar que você só queria uma desculpa para passar um tempo comigo."

Eu sorrio quando ela torce ao redor e senta corretamente. "Talvez eu fiz."

A praça tem se preenchido constantemente de civis desde a nossa chegada. Agora, os seus números na fronteira estão lotado. Eles se misturam, formando uma linha que leva até a plataforma e empurrando uns aos outros de forma agressiva conforme eles disputam uma posição. Uma parede ilumina com uma mensagem familiar: Distribuição de água hoje. Segmentos 1 e 2 apenas. Devem apresentar cartão de racionamento.

Os membros da Ordem vêm em seguida, arquivando entre vários edifícios, trazendo os carros até a parte traseira. Aqueles a pé tomam o seu lugar na plataforma elevada, armas prontas. Os instrumentos são os mesmos que que eu vi durante a nossa unidade inicial em Taem ,e novamente, a Ordem aponta eles para a multidão crescente. Cidadãos de Taem são um pulso firme, filtrando pelo nosso banco e subindo em direção ao palco. Todos eles seguram boletos vermelhas em suas mãos, os papéis que devem ser os seus cartões de racionamento. Um homem de meia-idade, procura desesperadamente nervoso, corre por nós, esmagando os meus pés enquanto ele faz.

"Cuidado," eu digo.

Ele olha para mim, os olhos furiosos, e murmura algo. Em seguida ele foge, desconsiderando a linha e empurrando o seu caminho através das pessoas. A bolsa pendurada em suas costas flutua descontroladamente, batendo em qualquer um que esteja muito perto. Mais à frente, a distribuição começa, um único jarro de água entregue a cada civil, por sua vez.

Emma e eu decidimos sair- está ficando muito lotado- mas o nosso progresso é lento. Estamos indo pescar rio acima, uma corrente inflexível de corpos pressionandos contra nós. Só quando chegamos ao perímetro externo da praça, eu ouço os gritos.

"Pare! Parem esse homem."

Atrás de nós, as coisas se mantêm relativamente calma, a multidão ainda se movendo em direção ao palco. E então uma onda, uma pequena coisa constante no centro, que cresce cada vez maior, as pessoas se dividindo em seu rastro. As vozes continuar gritando. "Parem ele! Ladrão! "

E então eu posso vê-lo, o mesmo homem que pisou em meus pés. Ele está correndo da multidão, empurrando sobre qualquer um em seu caminho. Ele não se apega apenas a um jarro de água, mas dois.

Os membros da Ordem no palco estão desesperados, lutando o seu caminho no meio da multidão e depois o ladrão. Eu olho para trás para Emma e vejo o homem com o reservátorio em direção a ela. Ela está bloqueando a pista que ele se aproxima.

Ela tenta saltar para fora de seu caminho, mas é muito lenta. O ladrão se arremessa em seu ombro e ela desaba. Conforme o ladrão corre por mim, eu estico a minha perna para fora e derrubo ele. Jarros de água caem de seus braços, o conteúdo derrama em sua bolsa. Ele tropeça em seus pés e corre para o beco, mas eu sou mais rápido. Eu guino contra ele, aproveitando a parte de trás de sua camisa, jogo ele contra a parede.

"Você realmente deve ver para onde você está indo," eu rosno.

"Por favor," diz ele. "Você não entende. Minha esposa. Os meus filhos. Eles estão doentes."

Seus olhos já não parecem lívidos. Eles parecem quebrados. Eles parecem a momentos longe da esperança. Espio o beco para onde Emma está subindo para seus pés. Suas calças brancas estão rasgadas,

sangue escorrendo de seus joelhos. Eu empurro o homem contra a parede novamente. A Ordem está chegando. Eu posso ouvir seus gritos.

"Por favor," o ladrão pede. "Nós precisamos de água."

"Parece que todo mundo precisa disso."

"O que você sabe?" Diz ele, olhando para o meu uniforme. "Viverndo nesse lugar, seguindo as ordens de um homem corrupto."

O primeiro Membro da Ordem dobra o canto, e o homem se contorce ao meu alcance.

"Por favor. O meu filho, ele tem apenas cinco. Ainda há tempo. Apenas me deixe ir. Diga a eles que eu esfaquei você. Ou chutei você. Ou cuspi nos seus olhos."

Eu quase faço isso. Eu quase deixo a camisa deslizar dos meus dedos- suas palavras soam tão sinceras- mas a queda da Emma está repetindo na minha mente, seu corpo sendo jogado para o lado pelo ladrão. Eu seguro sua camisa apenas um segundo a mais, em seguida, um membro da Ordem chega. Ele pressiona o ladrão na parede. Eu vejo seu rosto raspar o tijolo enquanto suas mãos estão vinculados não com corda mas uma corrente estranha de elos de metal, dois dos quais são encaixadas fechando em torno de seus pulsos.

"Dê a volta," diz o membro da Ordem. Quando o ladrão não faz, ele é empurrado. Duro. Ele bate sua cabeça na parede e sangue fresco escorre de suas sobrancelhas, ele continua a implorar.

"Por favor. Precisamos. Você não entende."

“Vire-se.”

"Eu farei qualquer coisa. Apenas me deixe leva a água para a minha família em primeiro lugar."

“Agora.”

O ladrão vira suas costas para a parede. Ele está chorando, sangue misturado com lágrimas. O membro da Ordem recua e reposiciona sua arma.

E depois há uma explosão, um barulho tão alto que balança o espaço entre meus ouvidos, ecoando por toda a eternidade. Eu pisco, e quando eu abro meus olhos, o ladrão está no chão, morto. Não há nenhuma flecha, sem lança, sem faca. Nada. Apenas um buraco. Eu fico olhando

para o crânio sangrando até que eu volto para elevação seca contra a parede.

Emma balança todo o caminho de volta. Ela não chora, mas pelo menos a reação dela é melhor do que a minha. Ela está mostrando medo ou remorso ou nervos ou algo assim. Eu não faço nada, mas olho fixamente para frente, pensando no que aconteceu, me perguntando se eu sou de alguma forma responsável. Todo mundo queria água. Todo mundo estava esperando na linha. Ele roubou alguma coisa. Ele era um ladrão. Mas ele merecia morrer ao longo por um jarro de água?

Eu mantenho os pensamentos para mim, porque eu temo que se eu falar em voz alta, Emma poderia entrar em colapso ao meu lado. Andamos para a União Central, meu braço em torno dela e do seco sangue em suas calças. Eu levo ela para o quarto dela, que passa a ser no mesmo andar que o meu, apenas em uma ala diferente, e depois marcho direto para o escritório de Frank. Eu bato na porta até que alguém vem e me diz que Frank não tem tempo para falar comigo. Eu exijo vê-lo. Dizem-me para sair. Eu exijo um pouco mais.

Eu acabo sentado no chão, fora de seu escritório, os braços cruzados sobre o peito. Eu cochilo e acordo momentaneamente com um pé cutucando o meu lado.

"Gray." Frank está acima de mim, uma pilha de documentos na mão.

Eu luto para ficar nos meus pés. "Eu preciso falar com você."

"Eu já ouvi. Eu só tenho um momento, mas, por favor, entre."

Nós nos sentamos em sua mesa, e quando ele coloca os papéis sobre eles, de repente tudo parece fora do lugar, uma pilha desorganizada jogada numa sala inteiramente metódica fora de órbita. Frank se inclina para trás em sua cadeira, coloca as pontas dos dedos em um aceno calmante, e diz, "Então, Gray. No que posso ajudá-lo?"

"Havia um homem hoje, na cidade. Ele estava-"

"Tiro," Frank termina.

"Mas não havia flecha."

"Isso é verdade. Você carregava um arco em Claysoot, correto? Você atira flechas?"

Concordo.

"Na Ordem, carregamos armas. Nós disparamos balas." Ele levanta sua camisa, e retira algo do cinto na cintura. É muito menor do que as armas dos outros homens que tinham transportado na praça pública. Frank aponta para longe de nós e desliza em uma caixa delgada de sua base antes de afastar de cima da arma. Ele pesca algo da arma, ouro e brilhando, e entrega para mim.

É pequeno em minha palma. Tão pequeno eu me pergunto como matou o ladrão. Mas também tinha viajado incrivelmente rápido, em erupção desde a arma e bateu a sua marca tão rapidamente que eu não podia nem ver isso acontecer. Pequeno e poderoso. Rápida e mortal. Faz o meu arco e flechas parecer ridículo.

Eu deixei a bala rolar da palma da minha mão e em cima da mesa. "Ele não merecia morrer," eu digo.

Frank sorri, do tipo, do jeito que minha mãe costumava fazer quando Blaine ou eu estava agindo para cima e ela tinha que nos repreender, mas realmente não queria. "Às vezes temos que fazer coisas que não são completamente agradável."

"Não," eu disse com firmeza. "Não tem que ser assim. Sua família estava doente. Ele só precisava de um pouco de água extra."

"Todos querem mais água, Gray. Cada um e cada um deles. E o que eu não daria para fornecer. Mas nós não temos muito. Ele pegou o que não era o seu, e, doente ou não, ele não tem o privilégio de receber mais água do que o seu vizinho. Certamente você entende."

"Mas ele nem sequer tentou se defender."

"Ele era culpado," diz Frank.

"Mas e se ele não era? E se não é a questão do preto- no-branco?"

"É. Ele estava fugindo com a água. Ele sabia o que ele estava era errado." Frank se inclina sobre a mesa e abaixa o rosto para encontrar o meu. "Você fez a coisa certa ao parar ele, Gray. Taem hoje é mais um lugar justo por causa de suas ações."

Concordo, mas as palavras finais do ladrão ecoam na minha mente. Seu pedindo, sua suplica. Eu sinto que eu estou perdendo falta de uma peça fundamental do quebra-cabeça, como se eu estivesse olhando para a situação de um ângulo errado e se eu pudesse ter uma visão melhor, tudo faria sentido. A única coisa que eu sei com certeza é que eu não

concordo com o Frank. Não importa o quão óbvio algo possa parecer, há dois lados para cada história, e o ladrão nunca teve a chance de contar a sua.

Eu quero dizer a Frank isso, e ainda assim ele tem sido tão bom para mim. Ele me vestiu e alimentou e ele está tentando libertar o resto dos Claysoot, tudo ao mesmo tempo manipulando os problemas de seu próprio país. Talvez ele esteja justificando a Ordem ter agido rapidamente. O que eu sei? Claysoot é tão pequena, e as coisas aqui são muito mais complexas.

"O que você viu não é típico, Gray," Frank me assegura. "Nós reservamos este tratamento para os ladrões e apenas criminosos. O corrupto."

Concordo, mas algo brotou no meu intestino, uma pequena semente de dúvida, uma semente que se alimenta de uma idéia que o ladrão havia plantado. O que você sabe... seguindo as ordens de um homem corrupto?

Peço licença e vou para a porta. Antes de eu entrar no corredor, Frank chama por mim. "E, Gray? Eu não sei como isso aconteceu, mas nós misturamos os seus códigos de acesso durante a sua limpeza. As portas da frente não devem ser abertas para você. Taem esta muitas vezes em um estado instável, o mundo além da cúpula ainda mais. Só posso garantir a sua segurança se você ficar aqui, na União Central. Tenho certeza que você vai entender quando eu peço que não passei até um novo aviso."

Ainda ontem eu poderia ter pensado em suas palavras cativantes. Hoje eles soam como uma ordem, um pedido.

"Absolutamente," eu digo.

Mas quando as portas do escritório clicam fechando atrás de mim, eu vou direto para Emma. Há uma semente no meu intestino e ela vai saber se eu deveria eliminá-lo antes que ele tenha a chance de garantir suas raízes.

Dezessete

ATÉ O MOMENTO QUE EU CHEGO ao quarto de Emma, eu fiz a minha mente. As dúvidas que tenho são muito reais. O ladrão deve saber coisas que eu não sei, pensa que Frank é corrupto. E depois havia a conversa que ouvi antes, Frank soando chateado com a minha batida em Heist, quando a idéia o devia fazê-lo esperançoso. Algo não bate.

Emma puxa a porta aberta dentro de segundos da minha batida. Seu quarto tem janelas do outro lado, e iluminando ela por trás. Seu cabelo úmido de um banho, paira sobre os ombros. Ela parou de tremer.

"Lembra quando eu disse que as paredes podem falar?"

Ela acena com a cabeça.

"Há um corredor marcado Somente Pessoas Autorizadas abaixo pela enfermaria. Vi quando Marco me levou para ser purificado. Eu acho que esses tipos de paredes sabem mais do que as outras."

Ela olha para mim com cautela. "Aquelas paredes soam como tipo que você não deve mexer a menos que você seja uma Pessoal Autorizada. Talvez você devesse falar com o Frank. Ele parece gostar de você."

"Eu já fiz isso. E ele faz. Mas ele gosta de mim porque eu escapei do assalto e nada mais."

"Tudo bem," diz Emma, entrando no corredor. "O que exatamente estamos procurando nessa hora?"

"Uma biblioteca."

Ela faz uma pausa. "Por quê?"

Eu olho por cima do meu ombro. Estamos sozinhos, mas eu abaixo a minha voz de qualquer maneira. "Porque não importa quantas perguntas que eu faça, não estamos recebendo todos os detalhes. Mas as bibliotecas estão cheias de detalhes. Este lugar é montanhas maiores

que Claysoot, e até nós tivemos um edifício de notas históricas e fatos. Tem de haver pergaminhos ou livros em algum lugar em Taem."

Emma diz nada, mas me oferece sua mão. Eu pego, e a busca começa.

Quando chegamos ao corredor Emma começa a tremer de novo. Eu continuo roubando olhares sobre o meu ombro, mas ninguém nos seguiu. Eu nem mesmo me incomodo tentando o meu pulso na caixa de prata da porta. Eu sei que não terá acesso. Em vez disso, eu olho uma unidade na parede que diz, Em Caso de Fogo, Puxe. Aconteça o que acontecer depois, provavelmente, cria algum tipo de distração. Eu hesito por um momento, me perguntando se não há outra opção. Mas Emma acena tranqüilizando e eu acho que a única maneira que eu já obteve respostas é seguindo meu instinto, assumindo riscos e caçando a verdade eu mesmo. Antes que eu possa mudar de idéia, eu chego e puxo a pequena alça. Uma série de alarmes soa pelo corredor e entra em erupção água a partir do teto.

Estamos definitivamente indo ser pegos.

Um grupo de membros da Ordem estoura através da porta trancada, mas milagrosamente, eles nem sequer olham para nós. Eles correm para os corredores mais secos, com papéis mantidos em suas cabeças para a proteção. Antes de a porta se fechar atrás deles, Emma e eu escorregamos dentro despercebidos.

No interior, o salão é pouco iluminado, longo e estreito. O piso é de um azul profundo e com a água chovendo a partir do teto, assume uma estranha sensação, debaixo d'água. O alarme ecoa indefinidamente. Emma, tremendo, procura a minha mão e deixa os dedos preencher os espaços entre os meus.

Passamos uma série de escritórios e salas de reuniões. Suas portas estão trancadas, mas podemos ver cadeiras e mesas através de uma janela em cada sala. Há uma porta solitária no final do corredor, as janelas foscas de uma maneira que distorce tudo atrás deles. Nós podemos fazer a uma coisa, porém, uma figura se move do outro lado. A sombra cresce. Está se aproximando de nós, prestes a explodir em nosso corredor.

Puxo a mão de Emma e contornamos para o lado, tentando freneticamente os escritórios. Apenas quando a porta no final do

corredor começa a se abrir, acho um identificador torcido, e eu Emma derramamos em uma sala. Nós pressionamos nossas costas contra a parede, ofegantes. Espio pela janela da nossa porta. A figura está correndo pelo corredor.

Eu tomo uma respiração profunda. "Eu acho que estamos bem."

Emma dá um suspiro de alívio, e conforme a água para de chover no corredor, voltamos para explorar o escritório. Estamos em uma sala de reuniões simples. Há uma longa mesa, rodeada por cadeiras e coberta com livros parecendo velhos. O conteúdo das páginas não está costuradas em uma coluna, mas apenas descansando dentro de suas capas pálidas. Emma agarra a de cima, marcada com Operação Ferret, e vira aberta. Dentro é o mesmo talvez- desenho que é gessada em toda Taem. Esta versão contém informações adicionais.

"Alvo: Harvey Maldoon," lê-se. "Idade 55, caucasiano, altura 1,70. Cabelos castanhos, olhos castanhos. Usa óculos, míope." Aquilo deve ser as coisas que cercam os olhos e descansa em seu nariz. Eu me pergunto se eles melhoram a sua visão ao invés de servir como proteção, como eu pensava inicialmente. "Procura-se vivo."

Nós olhamos um para o outro e, sem seguida puxamos cadeiras apressadamente.

Emma vira para a próxima página no livro ligado. É um mapa. Tivemos um em Claysoot, uma visão panorâmica do centro da cidade e bosques circundantes, desenhada por Bo Chilton antes de ser assaltado. Este mapa mostra Taem, conforme com um lote extenso de árvores marcado a Grande Floresta norte da cidade. Longe dentro da floresta, quase em seu ponto mais ao norte, uma vasta cadeia de montanhas, uma das quais é rotulado Monte Martyr. Alguém circulou e rabiscou "possível sede Rebelde" em vermelho. Várias áreas da floresta que conduz até as montanhas estão marcadas com setas.

Há outras páginas também, cheia de relatórios de observação e pontos turísticos e áreas onde Harvey supostamente foi flagrado. Não lemos todos eles; há demasiados.

“Eu espero que capturem ele,” Emma diz quando fecha o registro.

“Eu também.”

O restante dos registros são mais finos. A cada casas de algumas folhas de papel, palavras urgentes pressionado sobre elas, nítido e uniforme, também precisa ser escrita à mão.

Emma estende uma das páginas para me ver. Por que é uma imagem de um menino, mais ou menos da minha idade. Sua cabeça pende para frente um pouco, mas seus olhos estão estreitados desafiadoramente. "Elijah Brewster" onde se lê abaixo de seu talvez-desenho. "Rebelde." Emma corre o dedo sobre a palavra.

"Eu ouvi que Harvey está reunindo seguidores- rebeldes- fora da cidade," digo a ela. "Ele está trabalhando com eles para vazar informações para AmWest."

"Por que as pessoas querem ajudar Harvey?" Emma pergunta, seus lábios curvando em desgosto.

"Aqui. Olha." Eu aponto para um parágrafo dentro do registro de Elijah.

Brewster suspeito de ser um dos primeiros a iniciar a rebelião. Sujeito levado para a floresta após a queima dos negócios de seu pai. Irmã foi levada para interrogatório, mas considerada inútil. Paradeiro exato de Brewster desconhecido. Acredita-se que equipa as tropas rebeldes nos esconderijos dentro da Grande Floresta. Brewster está a ser atirado a sim que visto.

"Isso é estranho," eu digo, pensando em voz alta. "Frank fez soar como se Harvey começou a rebelião. Mas aqui... parece que Elijah que fez."

Abaixo do parágrafo, a família de Elijah está listada, sua mãe como falecida, seu pai e sua irmã como executados. Eu mudo desconfortavelmente na minha cadeira.

"Executado?" Emma repete. "Isso significa que Frank... A Ordem..."

Eu olho de volta para as palavras. Falecida significaria que a mãe simplesmente morreu, mas executado... "Eu acho que eles os mataram, seu pai e sua irmã. Eu acho que Elijah fez algo ruim e assim eles mataram sua família."

“Como o ladrão hoje?”

“Talvez.”

Nós olhamos os papéis restantes. Eles mostram histórias semelhantes. Algumas das pessoas são marcadas como rebeldes e traidores. Outros são marcados como executados. Mas todos têm algo em comum: eles são os alvos. Frank quer todos eles mortos.

Às vezes, se justifica executar alguém, eu suponho. Em todos os anos de Claysoot, aconteceu apenas uma vez. Eu li sobre isso nos

pergaminhos. Um menino com o nome de Jeq Warrows enlouqueceu de ciúmes. Ele tinha apenas dezesseis anos e enfurecido que a menina que ele admirava não poderia retornar a sua afeição. Ela tinha olhos para outra pessoa, arranjado continuamente seus encontros com esse alguém. Jeq foi sorrateiramente à casa do rapaz uma noite e tentou cortar sua garganta. Ele falhou. Jeq foi chamado ao Conselho por tentativa de homicídio e foi condenado a escalar a parede. Seu corpo voltou um dia mais tarde; e nesse sentido, o povo de Claysoot o executaram.

Mas isso parece diferente das histórias que enchem as páginas antes de mim, onde as pessoas são direcionados para coisas que não são comparáveis ao assassinato: por ler um determinado livro, por falar em praça pública, pelo o ensino de disciplinas consideradas impróprias. Elijah parece inocente. Como faz a maioria das pessoas. Especialmente aqueles marcados executados. Senti-me em conflito sobre o destino do ladrão antes, mas esses registros são indiscutíveis. Essas pessoas não fizeram nada de errado.

"Gray, o que você acha que isso significa? Esses registros?" O rosto de Emma ficando pálido.

Eu olho para a porta e, em seguida, de volta à mesa. Frank sabe sobre essas execuções. Sua assinatura está na parte inferior de cada página. Frank, que colocou a mão no meu ombro e falou comigo como um pai e queria que eu o ajudasse. E talvez eu ainda preciso ajudá-lo. Harvey é o verdadeiro inimigo, mas Frank parece cada vez menos como um aliado com cada registro que lemos.

"Eu me pergunto se os rebeldes são apenas vítimas," Eu ofereço, tentando dar sentido ao que eu li, "se uniram, se rebelando contra Taem." Eu deixo cair a minha voz para um sussurro. "E contra Frank."

"Mas se juntar ao lado de Harvey? Isso é nojento."

"Talvez eles pensem que ele é o menor de dois males. Frank está matando- não, executando-os seus amigos e familiares. Harvey correu um experimento, em pessoas que eles nem sequer conhece. Se eles não têm todos os detalhes, eu posso ver porque os rebeldes escolheram se juntar Harvey. Ou Elijah, eu acho, com base nesses arquivos."

Emma torce os dedos ansiosamente. "Gray? E se Frank não é o mocinho?"

Eu penso sobre isso por um momento. Não posso dizer que o pensamento não tinha passado pela minha cabeça desde a leitura dos

documentos. "Mas então por que até mesmo Frank se incomoda em nos ajudar? Por que desperdiçar esforços para nos salvar de Outer Ring?”

Emma continua amassar os dedos, polegares sobre os nós dos dedos. "Porque ele quer que a gente ache que ele está do nosso lado. Talvez tudo isso faz parte de um ato."

Se eu tinha qualquer hesitação, Emma está molhando a semente da dúvida. Os detalhes desses registros não correspondem com aquilo que eu tenho dito. E até mesmo como Frank vai fazer para conseguir libertar Claysoot, é nesse tipo de mundo que eu quero viver? Um onde um ato aparentemente inofensivo pode te matar?

"Precisamos encontrar Blaine," eu digo. "Precisamos falar com ele sobre esses registros e precisamos sair daqui. Podemos nós mesmo encontrar Harvey, deixar livre Claysoot, e quando o fizermos, temos que tomar todos longe deste lugar o máximo possível.”

"O um plano valente." Marco está de pé na soleira da porta, com um sorriso malicioso. "E pensar que Frank estava realmente desfrutando da sua companhia, Gray. Ele vai ficar tão decepcionado quando ele ouvir que você se voltou contra ele." Marco parece emocionado com si mesmo, e tudo desaba sobre mim- o que isso significa, o quanto de problema que eu comecei e não apenas em mim mesmo, mas Emma também. Por que eu tinha pensado que isto era uma boa idéia? Por que eu tenho que puxá-la para baixo comigo?

Marco agarra primeiro Emma. Estou gritando e o empurrando, mas ele é mais forte, e então há outro membro da Ordem na sala, aproveitando que Emma esta com Marco para prender minhas mãos. Ele estala dois elos de metal em torno de meus pulsos, amarra minhas mãos como o ladrão de água, em seguida, agarra a minha mandíbula. Ele se inclina tão perto que eu posso ver meu reflexo no seu olho bom.

"Parece que eu estava certo desde o primeiro dia, colocando você em uma cela. Como é irônico." Ele se endireita. "Agora vamos ver o que Frank vai fazer sobre isso."

Dezoito

Emma é arrastada para a prisão e eu sou carregado para o escritório de Frank, embora Frank não esteja lá. As janelas estão abertas, painéis gigantes de vidro empurrado para fora, e as cortinas de flanco, elas vibram em uma brisa de verão atrasado.

Marco deixa um conjunto de chaves na mesa de Frank e depois me empurra para o banco diante dele. Dois guardas estão em ambos os lados, armas na mão. Eu luto contra minhas limitações, e o metal escava em minha pele mais profundamente. Eu parei de lutar e levei para olhar pela janela, em vez. A verdade não valia isso. Minha boca de repente gosto azedo, como leite estragado.

Marco enterra-se arrogantemente no lugar de Frank e me olha com desdém. "O menino não-Heisted. Tão misterioso você é, e que vergonha isso é - você dependendo de Frank". Ele estala sua língua. "Espero que Frank seja criativo com a sua escolha de punição. Há tantas opções interessantes."

Ele pausa, como se esperasse de mim uma sugestão para a minha própria sentença, e depois continua. "Nós poderíamos lançar sua namorada de volta no anel externo e esperar ela queimar, por exemplo." Um sorriso malicioso. "Mas talvez isso seria muito rápido, muito indolor. Acho que devemos deixá-la em uma cela, deixá-la apodrecer e definhar na velhice. Isso te incomodaria mais, não incomodaria?”

Meus punhos apertam e Marco sorri. "Oh, Romeo", ele murmura. "Você deveria me agradecer. Ela vai viver uma vida longa desta maneira."

Uma imagem de Bozo preenche minha mente: seus dedos tocando, seu olhar enlouquecido, sua interminável canção. Emma não pode sentar-se em uma cela por toda a sua vida. Isso a quebraria. Retorço-me contra minhas algemas, e, novamente, o metal conduz em minha pele.

As portas se abriram, mas Frank não entra. Em vez disso, é um membro da Ordem mais velho que anda rapidamente e acena para Marco acompanhá-lo. Eles se encontram sob o -talvez- desenho de uma família na parede de Frank e falar quietamente. Eu não consigo entender uma única palavra.

Marco eventualmente perde a paciência. “Tudo bem, tudo bem. Qual é o sentença? O que Frank disse?” ele sibila.

O membro da Ordem acena com a cabeça para mim e diz: "Execute-o."

Em frente, na janela aberta, um corvo negro voa. Eu penso no corvo do prado em Claysoot, como eu não poderia matá-lo do céu. Eu acho que o

corvo no topo da parede, pedindo-me para escalar mais. E eu vejo este agora, voando ao longo da linha do teto, guiando-me novamente. Eu não penso nisso. Eu não contemplo se é a escolha certa. Eu reajo.

Eu fujo da cadeira, lutando sobre a mesa de Frank e pego as chaves de Marco no processo. Eu já corri entre os dois guardas e estou a meio caminho para a janela antes de Marco começa a gritar.

“Atire nele! Atire nele agora!”

Meus pés estavam quase lá, em seguida, uma bota na borda. Eu empurrei, joguei meu corpo do peitoril da janela. Irrompem tiros, altos e ensurdecedores. A queda parece demorar uma eternidade, meus pés chutando como se eu estivesse debaixo d'água e em busca da superfície.

Não é uma longa queda de telhado inferior, mas meus joelhos curvam-se pelo impacto. Eu tombo para a frente, com os braços algemados incapaz de quebrá-las. Telhas raspam o lado do meu rosto. Eu sinto o sangue quase que instantaneamente, quente enquanto ele escorre pela minha orelha.

O tiroteio continua e eu corro. As balas salpicam do telhado em torno de mim. Eu não sei para onde estou indo, mas eu não paro. O corvo está à frente, fugindo, e eu corro depois de sua forma negra, correndo até que eu possa esconder-me atrás de uma grande chaminé.

Eu paro por um momento, tento recuperar o fôlego. Meus ouvidos ainda soam e um ponto se formou no meu lado. Eu escovo o sangue do lado do meu rosto com o meu ombro e passo um momento estranho às voltas com as chaves. Acho que aquele que abre as minhas algemas, libertando minhas mãos.

Eu espero um longo momento, e então eu corro. O corvo tinha desaparecido e eu estou por conta própria. Eu corrida em direção ao sol, escalando para baixo os diferentes níveis de cobertura, assim como eu. Quando eu chego ao nível mais baixo, ainda estou um pouco longe do chão. A queda não é impossível, mas eu poderia quebrar alguma coisa. Enquanto eu me sento ali, sem fôlego e pesando minha opções, uma forma escura aparece no horizonte, além da cúpula Taem.

Primeiro, eu penso que é um pássaro, outro corvo talvez. Mas voa rápido demais, e é incrivelmente barulhento, um rugido de raiva crescente que se aproxima da cidade. E não há um, mas quatro. Eles sobem em uma linha precisa, sem asas batendo. Logo eles estão

diretamente em cima e o barulho é insuportável. Eu levo minhas mãos sob meus ouvidos.

O primeiro dos pássaros estranhos derruba alguma coisa, um ovo anormal rasgando a cúpula de Taem. Ela atinge com um clamor monstruoso. Os ecos sonoros através de meus ouvidos, o mundo parece tremer. O céu é um momento brilhante. Os outros pássaros derrubam seus ovos, bem como, um após o outro. Cúpula de Taem aguenta.

Os pássaros aceleraram no alto. Eu percebo uma marcação estranha em seus lados, um triângulo vermelho, como o emblema da Francônia, só que este tem um círculo azul em seu centro, e uma estrela branca no lugar do F cursiva da Ordem.

Uma série de alarmes ecoam atrás de mim, soando através do Union Central. Eles quase que imediatamente repercutem no centro de Taem. O barulho não termina, um som de pânico, de medo. Eu não preciso ser informado que essas engenhocas voadoras são o inimigo que Frank falou ou que as suas palavras sobre AmWest eram honestas e verdadeiras.

Como os pássaros que viram de lado e navegam por sua vez, vários carros emergiram abaixo de mim. Eles são grandes coisas verdes, muito mais volumoso do que a que Emma e eu viajamos quando fomos levados para Taem. Esses modelos têm topos e portas giratórias em sua traseira.

“Centro da cidade!” Eu ouço alguém atirar abaixo do telhado. “Nós estamos em Código Vermelho.”

Como os carros tecem apressadamente em direção aos portões da Union Central, os pássaros atacam a cúpula do Taem uma segunda vez. O telhado abaixo de mim vibra, mas novamente a barreira segura.

O homem dando instruções, agora em vista, começa a acenar para um novo fluxo de carros. “Este lote para a Grande Floresta. Agora!”

Flashes do mapa do registros de Frank aparecem na minha mente. A grande floresta que está além de Taem, a sede rebelde situada em algum lugar em suas montanhas do norte. Rebeldes significam segurança de Frank e potenciais respostas para Harvey. E, no momento, eu preciso muito de ambos.

Ao contrário do que o título do centro, o segundo grupo de carros envolve Union Central, rumo a uma saída diferente. Eu estou em meus

pés, instintivamente, perseguindo-o. A cúpula do Taem cambaleia sob um novo ataque e eu quase perco minha corrida do tremor resultante.

Os carros afastam-se do prédio e em uma estrada de terra, e vejo a minha única chance. Eu salto do telhado e no último veículo. Pontadas de dor explodem através de meu tornozelo direito. Não há nada para agarrar e eu deslizo para a parte traseira do carro, jogado fora, uma vez que dá um solavanco. Eu tropeço nos meus pés.

O carro está se movendo lentamente por causa do terreno e eu consigo pegá-lo. Eu torço para abrir a porta traseira no balanço frenético. Eu me forço a ir mais rápido, e quando é o momento certo, eu salto para a parte traseira do veículo pouco antes da porta se fechar.

Eu caio no chão. O carro não diminui.

Sacos da engrenagem são espalhados, e uma série de caixas marcadas com o emblema da Francônia são empilhados ordenadamente em um canto. Uma fileira de grandes armas está montada na parede do veículo. Não há janelas, nenhum jeito do motorista me ver. Por enquanto, eu estou seguro.

Enquanto nós sacudimos em terreno irregular, penso em Emma, sozinha em uma cela de prisão, e eu, me afastando dela. Digo a mim mesmo que eu não posso ajudá-la se eu morrer, ela entenderá porque eu tive que fugir. Esta é a única maneira. Ficar seguro, ter um plano, e depois voltar para ela. O ataque de AmWest pode ter sido convenientemente cronometrado com a minha fuga, mas se Taem está em risco, Emma é bem enquanto isso. Por causa dela, eu preciso que a cúpula de Taem espere. Preciso da Ordem para afastar seus inimigos.

Eu arrebato um saco de engrenagem verde e cavo através dele para distrair meus pensamentos. Dentro, eu encontro uma variedade de novidades. Há uma engenhoca estranha como uma varinha que brilha uma luz quando é torcida, mapas, uma caixa de jogos rotulados, uma faca de caça pesada, um kit médico e um par de extensões volumosos que, quando coloquei na minha cara faz tudo parecer muito mais perto do que deveria. Há um cantil de água, também, e algumas frutas secas. Eu tomo um gole de água e, em seguida, eu espero.

Várias horas mais tarde, nós diminuímos para um rastreamento. Eu olho as armas ao longo da parede, mas, em vez disso, pego a faca com bainha do saco de engrenagem e coloco-a no cós da minha calça. Então eu ajeito o pacote nas minhas costas e espero as portas traseiras abrirem.

Vozes vêm primeiro.

“Nós descansaremos aqui durante a noite.”

“Mas a entrega de suprimentos para o campo nunca é uma tarefa durante a noite.”

“Nós só saímos cedo por causa do ataque. Não podíamos colocar em risco em Taem quando Evan está esperando os suprimentos amanhã.”

Evan. O nome me soou familiar, entretanto eu não consigo lembrar-me onde eu escutei-o.

As portas do veículo se abriram e eu chuto a cabeça de um surpreso membro da Ordem. Ele cai no chão e eu começo a correr. Há alguns tiros atrás de mim, e outros salpicados de balas, mas eu escapo para a floresta ileso. Há árvores novamente. Árvores verdes e ar e bosques que fazem eu me sentir em casa.

Tenho muitos rótulos agora. Traidor. Rebelde. Alvo. Eu estou para ser executado e minha única esperança reside nas profundezas da floresta. Minha braços bombeiam, meus pés voam para o norte.

Em direção a incertezas. Em direção ao Mount Martyr. Em direção aos rebeldes.

PARTE 3

OS REBELDES.

Dezenove

Eu quero estar tão longe da Ordem quanto possível ao cair da noite, o que me dá apenas algumas horas para cobertura do solo precioso. Eu corro até meus pulmões queimarem, e depois desacelero para uma rápida caminhada. A paisagem tornou-se robusta e rica. As árvores parecem invulgarmente altas, e crescem tão juntas que eu sou obrigado a tecer o meu caminho entre elas. É difícil imaginar que apenas esta manhã eu estava me recuperando de uma viagem para a enfermaria.

Uma brisa forte bate nas minhas costas. O céu acima de mim é pouco visível através das folhas grossas. É uma calma, azul pálido, mas o ar cheira a chuva. Uma tempestade está chegando. É bom sentir essas coisas de novo, para conhecer e compreender o mundo ao meu redor. Ele quase me faz sentir como eu estivesse de volta em Claysoot, caçando na floresta. Quase.

Eu checo meu mapa. Há uma clareira em frente e um pouco de relevo marcado o Hairpin, mas vai ser melhor para acampar agora. O sol já está se pondo e o vento é muito forte. Eu não quero ficar preso em uma clareira aberta com mau tempo.

No fundo da minha mochila há uma rede, que eu amarro entre duas árvores, e uma lona, que eu amarro em cima. Com medo de ser descoberto, eu desisto de fazer uma fogueira e, puxo a coleira do meu uniforme para o alto em volta do meu pescoço. Quando a chuva começa, primeiro, é gentil. As gotas caem delicadamente, pousando em batimentos irregulares, como se a tempestade pudesse passar por cima, mas depois o céu descarrega-se em uma só penada. Eu dardo sob a lona. A água desce em folhas tão espessa da floresta sobre mim que se torna um borrão de movimento.

Eu me pergunto quanto tempo vai demorar para Blaine perceber que eu estou perdido. Eu me pergunto o que Frank lhe dirá. Emma e Gray foram pegos em um centro de fogo cruzado. Emma e Gray caminharam além da cúpula da cidade e foram mortos por rebeldes. Emma e Gray fugiram. Mentiras, mentiras, mentiras. Eu preciso voltar para Emma, mas eu preciso de Harvey, também, de outra forma Claysoot nunca será livre. Continuar indo para os Rebeldes faz sentido, mas eu não tenho

nenhum plano concreto, nenhuma estratégia. Tudo foi virado de cabeça para baixo e isso está me dando uma dor de cabeça.

Quando começa a chover, eu abandono os frutos secos que eu estou comendo para o jantar, subo para a segurança da minha rede, e durmo.

Chove a noite inteira.

Eu como mais frutas na manhã seguinte. Eu seriamente penso na possibilidade de caçar, mas eu sei que tomará muito tempo. Eu tenho apenas uma faca, e definir uma armadilha exigiria esperar por algo. Eu desço para o campo, verifico o nascer do sol e o mapa, e continuo para o norte.

Duas horas depois, talvez, eu encontro-me caminhando ao lado de um penhasco, a floresta continua indo além, centenas de metros abaixo. A partir daqui, posso ver para o que parece uma eternidade, uma infinidade de copas das árvores. Eu sigo um caminho ao longo da cadeia até que, de repente, se vê tão bruscamente para a esquerda e para baixo, que seria fácil esquecê-lo completamente. Cheguei ao Hairpin.

É lento. A terra sob os meus pés está solta da chuva da noite anterior e avanço com passos cuidadosos. Na base do penhasco, onde o declínio encontra a parte plana da floresta, noto uma pegada na terra úmida. Ele é idêntico às marcações que minhas botas criam.

Meu coração acelera. A Ordem deve está por perto.

Eu fico perto das sombras o resto do dia. Eu ando em agulhas de pinheiro, quando possível. Faço uma pausa algumas vezes. Eu não ouço nada, mas os sons da floresta - o vento entre os ramos e pássaros - até mais tarde naquela noite.

Cai a noite, enquanto estou ajeitando minha rede, escuto as vozes. Eu deveria ficar parado, manter uma distância segura, e ainda assim eu não posso ajudar, mas pergunto a quem as vozes pertencem e sobre o que eles estão discutindo. Eu embalo meu equipamento, e com a bolsa no meu ombro. Eu fujo em direção a conversa.

O terreno tinha crescido deste lado do Hairpin. Eu me lanço de pedra para árvore para pedra, ficando fora de vista. À frente, por entre os galhos, eu posso ver o fraco brilho do fogo. Quando eu me aproximo da borda, eu percebo que é um acampamento. Um acampamento da Ordem. Há, talvez, duas dúzias deles, sentados ao redor de uma fogueira central, que lança luz quente sobre os seus rostos. Alguns

estão de costas para mim, mas o homem que aparece no comando é totalmente visível. Seu cabelo é raspado tão intimamente à sua cabeça, eu me pergunto se alguma vez cresceu.

“Eu quero ser muito, muito claro sobre o que nós estamos fazendo aqui e como nós vamos fazer isso,” ele diz. “A Operação Ferret é talvez uma das mais importantes tarefas designadas a nossa divisão. É fundamental que nós não estraguemos as coisas.”

Operação Ferret: a pasta Emma e eu tínhamos descoberto no Union Central. Deve ser a missão que Frank vem planejando desde que ouviu que Harvey foi flagrado na floresta.

O homem pausa dramaticamente e olha para a equipe.

Eu segui seu olhar e reconheci Septum e Craw à luz do fogo. Eles parecem nervosos. Este deve ser o que eles consideram a sua primeira grande missão.

“Mount Martyr é nosso último destino,” o homem continua. “Nós suspeitamos que ele, ou pelo menos uma das cadeias de montanhas vizinhas, não só por ser o local de Maldoon mas a sede para o movimento rebelde inteiro. Ele é impiedoso e muito mais astuto do que parece. Nossa missão é trazê-lo de volta para Taem. Vivo. É fundamental que ele seja levado de volta em uma única peça."

Imagino Harvey, seu corpo frágil e olhos escuros. Eu posso ver o seu olhar penetrante tão claramente como se ele estivesse diante de mim. Eu preciso obter respostas dele antes que Frank o faça.

O homem, em seguida, aponta para algumas pessoas, e pede-lhes para se juntar a ele em sua tenda. Eu ajusto a mochila nas costas, pronto para recuar e montar um acampamento a uma distância segura quando um galho encaixa-se atrás de mim.

Eu giro para enfrentar nada além de sombras escuras e árvores.

Outro estalo.

Nesse tempo eu vejo uma figura: alta, escura, apontando uma arma para mim. É uma silhueta pequena, como Frank. “Fique bem aí,” ele ordena, andando entre o brilho da fogueira. É Blaine.

“Gray! O que você está fazendo aqui?” ele sussurra.

“O que você está fazendo aqui?”

“Eu estou em missão. Primeira grande missão e uma chance de pegar Harvey,” ele diz orgulhosamente.

Isso é melhor do que eu tinha planejado. Eu posso sentir Blaine, falar a ele sobre Frank. Eu posso fazê-lo me ajudar a capturar Harvey antes que a Ordem o faça. Minhas chances de sucesso sempre foram pequenas, mas com Blaine, eu sinto que pode dar certo.

Antes de eu ser capaz de dizer outra palavra, uma figura se aproxima de nós.

“Blaine? Seu relógio está dando sinal. Eu vim para avaliar...” O homem olha para mim e congela. “Que diabo...? De onde ele veio?”

“Está tudo bem, Liam,” Blaine disse. “Esse é meu irmão, Gray.”

Liam olhou para mim suspeitosamente. “Como ele chegou até aqui?”

“Ele...” Blaine para e olha para mim, confuso. “Como você chegou aqui?”

Isso era claramente a coisa errada a dizer, porque Liam apontou sua arma em direção a nós dois. “Em direção ao campo,” ele ordenou. “Agora mesmo.”

Blaine levantou as mãos. “Liam, este é meu irmão, não um inimigo.”

“Eu não me importo. Ele foi encontrado no meio dos arbustos e não está listado para a missão. Mova-se em direção ao campo.”

Como estávamos perto da fogueira, os outros membros da Ordem encararam.

“Evan?” Liam chamou. Um líder careca reaparece de uma tenda e eu lembro. Evan era o homem que Frank falou naquele dia fora da sala de jantar, a pessoa encarregada de preparar uma equipe para recuperar Harvey. "Encontrei esse garoto nos espionando nos bosques", Liam continua. "Blaine diz que seu nome é Gray. Eles são irmãos."

Blaine tenta dizer algo, balbuciando em minha defesa, mas Evan levanta uma mão ele se cala. Alguém traz a Evan um dispositivo portátil que se parece muito com o Marco tinha usado no anel externo.

“Eu tenho um Gray Weathersby aqui,” ele diz. “Eu não sei como eu viajou, mas ele está vestindo um uniforme da Ordem e ele tem uma mochila de suprimento. Nós achamos ele nos arbustos do nosso campo. Ordens?”

A unidade respirava estática, substituindo uma voz, abafada e instável.

“Diga novamente?” Evan sacode o aparelho, mas as vozes não são claras. Ele amaldiçoa, tenta fazer contato e eventualmente desiste. “Essas coisas nunca funcionam quando a gente precisa. Traga-o aqui.”

“O que você estava fazendo lá fora sozinho?” ele pergunta.

“Missão individual.” Eu digo apressadamente.

“É mesmo? Engraçado, eu não estava ciente de qualquer outra coisa acontecendo esta semana, não com a missão de minha equipe prestes a acontecer. Você tem documentos?”

“Sim.” Isso não ia ter um final bom.

“Deixe-me vê-los.” Evan sibila e aponta para a minha mochila, o qual Liam começa a vasculhar.

“Senhor,” ele diz. “Não tem documentos. E essa mochila... não é uma mochila padrão de missão. É para entregas. Suprimentos suficientes para dois dias.”

Evan puxa minha mochila, dá uma olhada em seu conteúdo, e então me empurra. "De joelhos".

“Espere. O que você está fazendo?” Blaine pergunta, sua voz irregular.

“Sua mochila pertence à equipe de alimentação que supostamente estará aqui na parte da manhã para nos reabastecer. Ele está mentindo."

Evan tira uma arma da cintura e Blaine se encolhe. "Guarde isso," ele diz. "Se ele está mentindo, eu tenho certeza que há uma razão."

“E seja o que for não vai ser bom o suficiente.”

Liam me foça a ficar de joelhos.

Toda a corrida para nada. Eu deveria ter ignorado as vozes e montado acampamento nas árvores. Blaine está dizendo algo para Evan, mas ele tem a mente feita. Eu pego Craw do outro lado das chamas. Ele faz uma careta.

Ouço Evan mover-se atrás de mim, sinto a arma contra a minha cabeça raspada. Está frio. Estou pensando em Emma e Claysoot e perguntas sem resposta e se machucará quando eu perceber que tudo fico tranquilo, muito tranquilo. O farfalhar de animais na floresta desapareceu. Nem mesmo o vento faz um barulho.

E então eu escuto.

“Rebeldes!” Liam grita. “Nós estamos sendo atacados!”

Blaine agarra meu braço e me reboca. Ele está me puxando da loucura quando uma flecha acerta seu braço. Ele tropeça. Dirijo-me a tempo de ver uma segunda flecha em sua perna. Ele cai imediatamente.

“Blaine!”

“É muito ruim?” ele pergunta, tossindo.

“Você está bem,” eu digo, mesmo achando que ele não está. “Vamos lá, nós temos que nos mover.” Eu coloco o braço de Blaine entre meu pescoço. Ele é pesado, mas no momento, minhas pernas não se importam. Eu fujo do fogo, aguentando o peso de Blaine o máximo que eu posso. O tiroteio fica para trás de nós.

O acampamento está em absoluto caos. Membros da Ordem caem esporadicamente enquanto atacantes ficam escondidos nas sombras.

“Fogo à vontade!” alguém diz. Balas correm em ambas as direções. Como a Ordem não está atirando nos próprios soldados, eu não sei.

“Retroceder,” outra voz ordena. “Retroceder agora!”

Eu me escondo atrás da pedra mais próxima. Craw, também, está usando-a como abrigo. "O que aconteceu?" ele grita sobre o tiroteio de olho em Blaine.

“Uma flecha. Acertou-o” Meus ouvidos explodem pelo tiroteio.

“Ele ficará bem.” Craw diz, recarregando a arma.

“Eu não sei. Eu vejo preparar a arma.

Craw me olha desesperado, e então para Blaine. “Eu não sei se aguento muito tempo,” ele admite. “Vocês devem ir. Agora.”

Balas começam a voar em direção a rocha.

“Se você conseguir voltar para Taem, diga a Emma que eu voltarei para ela. E que eu a amo. Você pode dizer isso a ela?”

Se Craw ficou surpreso pela palavra, ele não demonstrou. Ele acenou e saiu detrás da rocha. “Vamos. Agora.”

Vinte

Passo a noite em uma gruta escura dentro de uma pequena colina. Acendo uma fogueira e começo a cuidar de Blaine , faço o melhor que posso. Como tenho medo de não conseguir controlar a hemorragia, não tiro a flecha, mas a quebro perto da ferida. Ele faz uma careta. Uso o pouco de água que tenho no cantil para lavar o sangue. Ele geme. Envolvo com as tiras da minha mochila o resto da vara, mas não demora a que a gases fiquem carmesim.

_Não vai me acontecer nada _ disse mais de uma vez, e eu concordei.

Fugi para me juntar aos rebeldes, mas os rebeldes feriram o meu irmão. Fico olhando o seu peito, que sobe e desce em movimentos regulares. Quase perdi Blaine uma vez, e não quero pensar em perdê-lo novamente.

Pela manhã, Blaine está mais fraco. Sigo minha intuição para voltar ao acampamento, com ele apoiado em meus ombros. De todo o equipamento da missão, o que restou foi somente um amontoado de lonas e cinzas, pouco visíveis através do denso nevoeiro. Passaram em cima do oco da fogueira, quase todas as lonas estão jogadas e pisoteadas, ardendo sem chamas. Pego uma e faço uma tipoia gigante para poder deita-lo. Estou furioso com os rebeldes, pelo que aconteceu ao meu irmão, apesar de que seria uma estupidez não seguir o meu caminho. Preciso de Harvey, em Taem somente me espera a execução. Além disso, Blaine precisa de cuidados médicos. Urgente.

Conto sete cadáveres no que restou do acampamento. Gostaria muito de enterrá-los, mas não tenho tempo, então eu coloco sobre eles uma lona ainda húmida e ateio fogo. Um bando de corvos, revoltados comigo por ter lhes tirado o café da manhã, nos acompanham do alto quando saímos. Seguem-nos durante uma parte da manhã, voando em círculos baixos, soltando grasnidos sinistros enquanto a névoa se dissipa.

Caminho em direção ao norte e encontro cinco membros da Ordem mortos ao durante o dia. Eles perderam mais da metade da equipe de Evan. A pouca água que me resta dou a Blaine; tenho que abrir a sua boca e força-lo a engolir.

À noite caço um coelho para jantar e tento alimentar o meu irmão, mas o seu estômago não suporta a carne. Fico sem água no dia seguinte e me vejo obrigados a beber orvalho tirado das folhas, em uma tentativa inútil de acabar com a sede.

Contínuo assim dia após dia. Carrego Baine. Comemos o que caço. Tento nos manter hidratados. Blaine ganha e perde a consciência durante a maior parte do dia e eu começo a perder as esperanças. A sede está me afetando, às vezes vejo um rebelde ou a Craw na minha frente, fecho os olhos e eles desaparecem. Sigo em direção ao Norte, ainda que cubra menos terreno a cada hora que passa. A noite e o dia se misturam, o Norte e o Sul se misturam. Posso estar andando em círculos com Blaine e não ter me dado conta. Doe-me a cabeça e a minha garganta arde tanto que tenho medo que vá explodir em chamas.

Pode ser que nunca encontre água. Frank me disse que era escasso, um recurso raro e cobiçado. E esse bosque já secou? E se há represas em seus rios e drenaram os seus lagos, e eu não encontro nada mais que depósitos vazios?

No terceiro dia sem água dou com uma lagoa cheia de lodo verde. Caio de joelhos frente a ele. Isso? Depois de tanta procura? Está muito calmo, absolutamente potável. Aproximo o corpo de Blaine junto ao meu, e mantenho sua cabeça em meu colo. Seus lábios estão rachados e secos, e lutando para manter os olhos abertos. Seu peito se move convulsivamente e sua respiração tem um ritmo irregular. Falhei com as pessoas que amo. Primeiro Emma. Agora Blaine.

Então ouço algo, uma vibração delicada, meu coração dá uma disparada. Concentro-me e presto mais atenção. Soam como gotas.

Sigo o ruído e descubro que a lagoa verde se enche graças a umas pequenas gotas de água que caem de uma parede de rocha que está na parte de trás. Na pedra tem uma pequena abertura, mas mesmo assim consigo ver uma luz do outro lado. O som também vem do mesmo lugar.

- Blaine, levante você tem que andar.

Ele resmunga palavras sem sentido.

-Tem água _ explico a ele.

Quero dizer a ele que faça somente isso por mim e que depois irei carregá-lo novamente, mas dizer as palavras requer um esforço muito grande.

Blaine geme quando o coloco em pé. Tem o rosto coberto de suor e sujeira.

_ Por aqui, indico mostrando o buraco da rocha.

Ele faz uma careta ao se mover e começa a mancar para não apoiar o peso na perna ferida.

-Consegue? _ pergunto a ele.

Tosse, mas concorda com a cabeça. O solto. Meu irmão fecha os olhos com força, piscando várias vezes e volta a assentir com a cabeça. E quando me afasto, ele cai. O som de seu corpo contra o chão, um barulho forte, me dá náuseas.

Ele desmaiou e bateu a cabeça ao cair. Deito-me no chão, ao seu lado.

- Blaine?

Não responde. Levanto a sua cabeça, e o sangue deixa os meus dedos pegajosos.

-Blaine!

Nada.

Não pode fazer isso comigo. Agora não. Já encontramos.

Sacudo-o, amaldiçoo-o, grito o seu nome, mas ele não reage. Colo a orelha em seu peito e, ao ouvir o batido de seu coração, deixo escapar o fôlego que continha inconscientemente. Tiro uma venda da mochila e cubro a ferida com as mãos trémulas.

Volto a olhar para a parede de pedra. Necessitamos da água, terei que fazer isso sozinho e carregar toda a água possível. Depois de dar mais uma olhada em Blaine, me esforço a entrar pela passagem. É muito estreito, e o cansaço me atrapalha bastante, mas quando consigo passar pelo buraco, começo a chorar de alegria.

Encostas rochosas estão por todos os lados. De um dos bicos mais altos cai água em um magnífico chorro para encher a lagoa de água doce que vejo a meus pés.

A água desta lagoa escorre lentamente pela estrada que acabo de chegar, mas jorra por uma das extremidades oposta da área fechada, provavelmente para alimentar um rio.

Eu não paro para investigar o funcionamento do curso natural da água, mas agradeço em sussurros que a Ordem não tenha descoberto este recurso, e corro para a lagoa. Derramo água sobre o meu rosto e a bebo com desejo. Sinto meus braços pesados e o esforço para levanta-los é

quase insuportável, mas a água tem um ótimo sabor. O ruído da cascata é uma música celestial, o prazer do líquido frio no estômago, é incrível. Pela primeira vez, em dias, tenho esperança.

Bebo até não poder mais e depois tiro o cantil da mochila, para enchê-la de água e leva-la para Blaine.

- Não se mova _ ordena-me uma voz.

Fico parado e levanto os meus braços.

Respiro o que suponho ser o meu último sopro, mas o disparo não chega. Com os braços para o alto, levanto o olhar para ver o intruso, e a uns vinte passos de mim, vejo uma garota perto do estreito buraco, pelo qual acabei de passar. È da minha idade, talvez um pouco mais jovem, com uma arma nas mãos, larga e fina. Olha-me fixamente, concentrada. Ela vai apertar o gatilho e estarei morto tão depressa quanto aquele ladrão da Praça de Taem. Entretanto, a garota faz uma pausa e afasta sua arma. Vejo que aponta pela segunda vez e vacila.

Você _ grita _ qual é o seu nome? _Com cuidado, vai se aproximando de mim, e ao perceber que não falo nada, encosta o cano da arma contra o meu peito. _ Perguntei o seu nome.

É bem mais baixa do que eu, mais baixa do que Emma, inclusive, e tem um cabelo loiro, brilhante, torcido em um coque.

_O rapaz lá fora, é seu irmão?

_ De qualquer maneira, vai nos matar _eu respondo, é verdade, ela nos considera inimigos. Vai nos assassinar, como membros da equipe da Ordem.

Assassiná-los? _ fala com desdém _ Não é um assassinato, quando lutamos pela nossa vida.

Novamente, me observa com atenção, fixando o olhar.

_Teu nome, insiste, apertando os dentes.

Me nego a responder e começo a jogar com ela. Então, me dou conta de que estou mais desidratado do que nunca, mas louco do que sã.

_Você é muito boa _ reconheço _ muito silenciosa. Há quanto tempo está nos seguindo? _ Não responde _ Você daria uma boa caçadora, sobretudo de onde venho. Não creio que temos uma caçadora tão silenciosa como você.

_ De onde você vem? _ repete _ Está com a Ordem ou vem de outra parte?

Empurra a arma contra o meu peito, desta vez com mais força, e eu mantenho as mãos sobre a cabeça, mas eu tenho certeza de que se ela ainda não atirou em mim, não irá mais fazê-lo.

O que aconteceu? Não vai mais atirar, não é? Pergunto com um sorriso maroto e brincalhão.

A garota entrefecha os olhos, move-se com uma rapidez incrível e me dá uma joelhada na virilha. Eu me curvo de dor, ela me dá uma coronhada na cabeça. Antes de cair na água à última imagem que vejo antes de me render a escuridão é a sua cara de orgulho e o seu sorriso debochado.

Vinte e Um

Quando recupero a consciência, estou deitado em uma cama, dentro de um quarto que parece ter sido construído com madeira e pedra, como se alguém tivesse tentado construir em um espaço que se afundou com a terra. A garota loira está de costas para mim, falando com um homem que é o dobro do seu tamanho e quatro vezes a sua idade. Parece preocupado, tem os braços cruzados sobre seu volumoso estômago.

_ Não deveria tê-los trazido aqui, Bree _ diz o homem.

_Luke, olhe para eles. Diga-me que não vê e reconhecerei que estou errada.

Luke não responde.

_ E digo: “De onde eu venho” _ ela acrescenta

Nada.

_Eles são gêmeos _ insiste.

_ Não me importa _ diz Luke, balançando a cabeça._ estão com o uniforme da Ordem. São ameaças.

_ Um deles está inconsciente. Com certeza, em consequência de uma ferida na cabeça.

_ Mesmo assim.

- Owen deveria vê-los – insiste Bree. Se ele também os quer mortos, vá em frente. Mas eu quero ter certeza.

_ Ok, mas Pinça vem antes, já terminou com o inconsciente, e não quero passar nem mais um momento com esse garoto, sem que retire.

Luke me olha com desconfiança antes de sair

_ Quem é Pinça?_ pergunto sentando-me. O movimento me faz enjoar.

_Sua especialidade é a remoção de dispositivos de rastreamento _ responde Bree _ Toma, beba um pouco de água.

_Me dá uma xicara feita de um material grosseiro e bebo com vontade.

_Dispositivo de rastreamento?

_Você sabe onde está, não é? _ pergunta enquanto segura a jarra.

_ Monte Mártir _ respondo, porque suponho que seja esse o lugar onde estou; imagino que Bree esteja com os rebeldes e tenha me levado ao seu quartel general. _ Onde está o meu irmão? Quero vê-lo.

Qual é o seu nome? _ a garota pergunta, depois de se sentar na beirada da cama, olhando nos meus olhos, como se pudesse conseguir de mim a resposta, por vontade própria.

- E você?

- Bree.

- Encantado.

- Diria igualmente, mas você ainda não me disse quem é _ ela respondeu _ franzindo a testa.

- Eu sei, mas eu não penso em fazer.

Não confio nela. Penso em fugir, e também em Blaine, que estava inconsciente e era tão inofensivo, quanto uma árvore caída.

_ No final você irá falar _disse _ Sabemos como fazer alguém falar.

Alguém bate a porta, e entra um garoto. Ele é bem magro, com os olhos semicerrados e com as mãos grandes. Não pode ter mais do que treze ou catorze anos.

_ Este é Pinza _ diz Bree. Ele vai retirar o seu dispositivo de rastreamento.

O garoto sorri orgulhoso.

_ Não tenho ideia do que você está falando, respondo.

_ Claro que não _ brinca ela _. Com certeza, disseram a você, que seria necessário tomar injeções, pílulas e cortar os cabelos, chamam isso de limpeza. E depois você acordou no dia seguinte, com uma dor no pescoço. Colocou em você, um dispositivo de rastreamento.

Olho para ela, sem compreender.

Enquanto respirar e tenha o dispositivo implantado, em Taem, terão uma leitura bem precisa de sua localização _ ela me explica _ Assim o que Pinça irá fazer é remover o dispositivo. Quando ele o remover, deixará de funcionar e a Ordem Franconiana deixará de saber a sua

localização. Será como se você tivesse morrido. Eu expliquei bem, não é Pinça?

Explicou bem sim _ ele responde.

É o melhor que poderia me acontecer. Se Frank pensar que estou morto, poderei começar uma nova vida. Irei procurar Harvey e descubrir como libertar Barro Negro. E depois, em um momento oportuno, quando Frank tiver se esquecido de mim, voltarei a Taem, por Emma.

Toma _ disse Bree_ me entregando uma colher de madeira. Para você morder. Vai doer bastante.

Viro-me um pouco e vejo que ela tem uma feia cicatriz, que começa abaixo da orelha direita e vai até a clavícula. Eu acho que em algum momento ela foi membro da Ordem.

Pinça limpa uma área do meu pescoço, e tira de sua bolsa um estranho objeto. Liga alguns fios e deixa do meu lado, uns instrumentos com um aspecto ameaçador.

_ Bree, tem certeza de que Pinça é qualificado para fazer isso?

_ Clayton, tem feito isso por muito tempo _ ela responde, franzindo a testa _ por isso ele recebeu o nome de Pinça. Ele era um garoto de onze anos, quando retirou o meu, assim posso garantir a você, que ele pode retirar o seu. É bem provável que não deixe em você, uma cicatriz tão feia, acrescentou, com um sorriso malicioso.

_ Pronto? _ pergunta o garoto.

_ Conte até três _ te peço _ assim, saberás quando começa.

Pinça, suspende o meu pescoço, com alguma coisa que não consigo ver.

_ Ok _ me diz _ Vamos lá. Um... Dois...

Sem um aviso prévio, a dor percorre o meu pescoço e tudo queima. Sinto uma facada, como se um ferro quente, atravessasse os músculos do meu pescoço, e depois como se puxasse alguma coisa e a retirasse do meu corpo. Grito tão forte, até os meus ouvidos doem. Com certeza eu parti a colher ao meio.

Pinça espreme algo quente em meu pescoço, não me alivia, pelo contrário, é como se minha pele derretesse, queimando e se enchendo de bolhas. Um segundo depois de retirar o aparelho, a dor começa a diminuir.

_ Você me disse que contaria até três! _ Grito.

_Desculpe _ responde, e parece sentir de coração _ isso só funciona se a pessoa estiver relaxada. Se eu tivesse contado até três, você ficaria tenso, e assim não conseguiria.

_ É verdade _ intervém Bree _ e sorri como se estivesse feliz por me ver sofrer.

_ Olhe _ me diz Pinça, puxando um espelho. Ficou apenas uma cicatriz.

Agora eu olho uma linha vermelha pálida na lateral do pescoço. Tem razão, não é tão feia como a de Bree, nem menos. É como se Pinza tivesse feito uma linha com um canivete em seu pescoço.

Posso ver o dispositivo? _ Pergunto.

Pinça me mostra uma tigela, e dentro dela vejo uma insignificante tira de metal, menor que o meu polegar. Saber que implantaram em mim algo sem o meu consentimento, me faz sentir sujo.

Agora chega, Pinça _ diz Bree_ Não precisa dar uma aula sobre isso. Nem sei se ele ficará por aqui.

_ Você está de brincadeira? _ protesto o rapaz enquanto coloca o dispositivo dentro de uma sacola._ Acabo de fazer por todo o procedimento sozinho, só para que o matem.

- O que? _ exclamo.

Levo a minha mão até a faca da cintura, mas não está. De qualquer maneira, estou muito debilitado para lutar, mesmo se quisesse. Acho que preciso de mais água.

_Devemos nos prevenir _ responde Bree _ encolhendo os ombros. Afinal, isso não é coisa minha.

_ E quem toma a decisão?

_ Owen.

_ Quem é?

_ Por que não vamos descobrir? - pergunta, enquanto aponta para mim a sua arma e me derruba com uma cutucada no ombro.

Levanto me apoiando os meus braços, e saímos do quarto. Passamos por uma série de corredores estreitos da rocha, sem cruzarmos com ninguém. Volto a pensar em pular em cima de Bree e sair correndo,

mas certamente ficaria andando em círculos e me capturariam antes de encontrar uma saída. Ou isso, ou eu desmaiaria de exaustão. Além disso, não posso sair sem Blaine.

Paramos e Bree força uma porta até que ela se abre.

_Entre _ me diz movendo a arma. Owen estará aqui em instantes.

Entro sem discutir. Entro em um quarto escuro e sujo, com paredes de pedra. Faz-me recordar da cela que compartilhei com o Tarado em Taem, só que esta não cheira tão mal. A única luz que vem do teto me permite a enxergar o outro lado do quarto. Vejo uma cadeira encostada na parede, e arrasto as minhas pernas cansadas até ela. Quanto me sento, entra um homem.

_ Fique onde está_ diz, e sua voz é curiosamente familiar.

Deixo que o meu corpo se derrame sobre o assento. De onde estou, somente consigo ver suas pernas e pés (está vestindo calças grossas de lã e um par de botas resistentes), a sombra encobre o resto.

_ Bree me disse que eu deveria vê-lo antes de nos livrarmos de você _ disse _. Sabe por quê?

_ Você se sente culpado por ter assassinado alguém que já havia se rendido? Sugiro, ainda olhando para os seus pés.

_ Muito engraçado, rosna o homem. Vocês da Ordem, tem um estranho senso de humor.

Percebo que ele tira alguma coisa do ombro e coloca no chão. Parece um arco, mas não tenho certeza. Vai para o canto da sala e apanha um pau longo e fino e o coloca diante de si.

Após girar outra coisa que faz parte do pau, o quarto se iluminou, e ele ajusta a fonte da luz bem em cima de mim. È cegadora, afundo mais a cabeça no peito.

_ Olhe para mim, ordena o homem; novamente sua voz me parece familiar, mas não a identifico. Mantenho a cabeça onde está. _ Disse para olhar para mim, repete.

Apesar da claridade, vou levantando devagar a cabeça. Abro os olhos vagarosamente, mas os deixo meio fechado. O homem dá um passo atrás, quando vê o meu rosto.

_Você... _ começa, mas sua voz se cala. _ Qual é o seu nome?

Parece Bree.

_Não sei para que precise te responder, se você vai me matar de qualquer maneira.

_ Talvez isso não aconteça.

_ Talvez, sim.

_Rapaz, me diga o seu nome, por favor.

O tom de sua voz passa de autoritário para amável, como se não houvesse nada mais importante nesse mundo que saber o meu nome neste momento. Entretanto, venho mantendo em segredo o meu nome, que parece uma besteira contar, só porque ele me pediu por favor,

_Você é Blaine ou Gray? _ pergunta ao ver que mantenho o silêncio.

As palavras fazem-me estremecer, e abro mais um pouco os olhos, para poder vê-lo. Por que, entre tantos nomes, ele decidiu falar esses dois?

_ Nenhum _ respondo. Mas eu sei que a minha reação me traiu.

_ Não, tenho certeza, que você é um dos dois. Apostaria a vida.

_ Não sei do que você está falando.

Por que não se aproxima da luz e mostra o rosto? Que covarde.

_ Claro que não, você não chegou a me conhecer, mas eu te conheço, sim.

O homem está me deixando desconfortável. Encolho-me na cadeira o quanto posso, quando ele se aproxima. Por um momento a sombra escura passa a ser uma pessoa com traços tão reconhecíveis, que acredito que meus olhos estejam enganados, que a desidratação afetou a minha vista. Cabelo escuro, rebeldes como o meu, antes de cortá-lo. Ombros largos, olhos azul e profundo, como Blaine.

_Sou Owen _ diz quando finalmente chega perto de mim, e me oferece sua mão _. Owen Weathersby. E você?

Gray respondo enquanto tento me levantar _. Sou Gray.

Me aperta contra o seu peito e me abraça com força, rodeando as minhas costas com o seu braço.

_Bem vindo a casa, Gray _ sussurra _ Bem vindo a casa.

Vinte e Dois

Meu pai. Aqui. Vivo.

Recordo como ele leva pelos corredores frios de pedra, de volta para a cama em que acordei. E como ele se inclina seu rosto sobre mim, enquanto eu sucumbo a escuridão.

Algum impulso inconsciente decide que já estou forte o suficiente para abrir novamente os olhos. Bree está sentada ao meu lado, examinando a sua arma. Eu me pergunto se a soltará alguma vez. Ela veste uma roupa que curiosamente, me lembra de Barro Negro: um leve casaco de lã e calça de algodão grosso.

_ Há quanto tempo estou dormindo? _ Pergunto e me sento der repente. Volto a me sentir forte; faminto, porém forte.

_ Um dia inteiro.

Parece-me bem mais.

_Onde está o meu pai.

_Esperando para vê-lo. Supõe-se que devo levar você quando acordasse.

_ E o meu irmão?

_ Levaram-no ao hospital. Em Monte Mártir.

_ Não estamos aí?

_ Você acha que sou idiota? _ pergunta, franzindo a testa _ que eu os levaria ao nosso quartel general, antes de confirmar de que vocês são os filhos de Owen?

-Mas você disse... Quando veio Pinça...

_Foi você quem disse que estávamos em Monte Mártir. Eu não confirmei e também não neguei.

É verdade.

_ Por que me deixaram aqui?

_ Porque você não está em coma, como o seu irmão. Ele é inofensivo. No entanto, você... Não confiamos em você.

_Ok. Não confiam em um cara que estava à beira de morrer de sede, por procurar os supostos rebeldes.

_Você não sabe de nada _diz ela, levantando com uma atitude agressiva, enquanto tira uma mecha do cabelo loiro dos olhos _ absolutamente nada. Você chega vestindo esse uniforme horrível da Ordem, e nos o deixamos viver e o curamos. Corremos um risco desnecessário, porque era o filho de um dos nossos capitães. E, em vez de ver o que acontece em sua volta, fica falando que foi tratado injustamente.

Eu reviro os meus olhos, não estou interessado em ficar discutindo com ela.

Melhor seria você ter atirado em nós, Bree. Em meu irmão e em mim. Teria facilitado tudo.

Se você pensa que eu quero outra morte, pesando em minha consciência, significa que você è mais idiota, do que eu pensava _ diz e pega a sua arma _. Quer ver o seu pai ou não?

_ Sim.

_Então se cale e siga-me. Se você tentar correr, eu atiro. Se tentar me atacar, eu atiro. Se você fizer qualquer que me pareça suspeito, eu atiro. Você entendeu?

Aceno com a cabeça. Não confio nela, mas tenho outra opção? E lá está meu pai. Esperando por mim, com respostas. Minha única opção é seguir em frente.

_Bem, então se mova.

Bree me empurra com a arma. Não a pressiona contra mim, como das últimas vezes. Mas a mantém posicionado, para não deixar dúvidas, que é ela quem tem o controle e eu ainda sou o prisioneiro. Certamente, se eu quisesse, eu poderia derruba-la agora; sinto-me muito bem. No entanto, isso não me levaria ao meu pai e, sem dúvida, não me faria ganhar a confiança de ninguém.

_ Não temos o dia todo _ insisti, me empurrando com mais energia.

Levanto as mãos alegremente, como se realmente, eu estivesse me sentindo ameaçado com a sua ordem.

_Vejo que voltamos ao início _ comento.

_Sempre, responde.

Sorri um pouquinho. Não é um sorriso irônico, mas um sorriso de cumplicidade, que desaparece em um segundo.

No final, parece que estou em um centro de interrogatório. Passamos por Luke em um dos corredores de pedra, e vejo que suas mãos estão ensanguentadas e que segura um instrumento feio e retorcido. No corredor escuro, escuto um grito abafado, que me dá calafrios, que se multiplicam quando Luke olha para mim e dá um sorriso, que para ele é, certamente, tranquilizador. Eu ainda estou tentando me livrar desse sentimento horrível quando estamos saindo dos limites das rochas, e encontro uma tarde ensolarada

Não tem uma trilha, mas Bree me guia, como seu houvesse. Depois de vinte minutos de subida ingreme,fico sem ar. Ao chegar ao cume de um terreno plano, me dobro, ofegante em busca de ar. Bree me espera pacientemente, e joga um cantil para mim, quando me recomponho. Antes que eu pudesse agradecer, estamos novamente caminhando.

Caminhamos em silêncio, até chegarmos ao que parece ser uma rua estreita sem saída. As ladeiras íngremes do que deve ser o Monte Mártir se ergue sobre nós. Levaria dias para escalá-los, diante de mim, só vejo uma parede de pedra.

_ Já chegamos, anuncia Bree.

Olho em volta, pensando que ela está falando com outra pessoa, mas estamos sozinhos. O único caminho possível é voltar.

_Acabamos de chegar a parte mais baixa do Monte Mártir, é este, disse apontando a monstruosa parede, é a entrada para o Vale da Greta.

_ Vale da Greta? Pergunto, porque esse nome não estava no mapa da Operação Furão de Frank.

_Quartel General, responde balançando a cabeça.

_ Garanto a você que não parece um vale _ comento enquanto fico olhando para a enorme montanha.

_ É porque primeiro você tem que atravessar a rachadura.

Bree se aproxima da rocha; sigo-a e a passagem aparece diante de meus olhos. È uma rachadura escura que percorre toda a montanha, desde os nossos pés até o céu, tão estreita que mal se vê. Com razão a Ordem não conseguiu localizar esse lugar. Bem difícil enxergar a entrada, mesmo estando em frente a ela.

_ Você primeiro _diz Bree.

_ Por aqui? _ pergunto, apontando a estreita fissura da montanha. _ Não há outra entrada?

_Sim, mas teríamos que percorrer toda a montanha. E não temos tempo. Vamos, ande.

Atravessar a rachadura é mais fácil do que eu esperava, não porque ela seja espaçosa e nem porque é iluminada, mas porque só existe um caminho possível. Caminhamos de lado pelo pequeno espaço, com as costas arqueadas por um pedaço, e quase arranhando o nariz na outra parte.

No final, a passagem começa a aumentar. Não demora em que eu consiga andar normalmente, porque o espaço é suficiente grande para que eu possa erguer minhas costas. Poucos segundos depois, Bree está ao meu lado. A luz da entrada já ia quase desaparecendo completamente, quando uma nova luz surge diante de nós.

_ E se você tiver que escapar? _ pergunto, enquanto caminhamos, seguindo o caminho que está cada vez mais amplo._ E se a Ordem conseguir entrar?

_Bem, fugimos por trás.

_ E se eles conseguirem entrar pelos dois lados de uma só vez. Aqui vocês são presas fáceis, aqui vocês se fazem prisioneiros.

_Que mau conceito você tem de nós.

Eu fico olhando para ela, confuso, e ela levanta um dedo para apontar um ponto nas rachaduras das paredes que nos rodeiam. Bem acima, como insetos escondidos nas frestas das pedras, há homens armados.

_ As duas entradas são vigiadas dia e noite, e sempre temos gás lacrimogêneo se necessário.

Embora as palavras sejam desconhecidas para mim, me estremeço. Como Evan e sua equipe esperavam ter sucesso? Esse lugar é uma fortaleza, a única maneira de conseguir entrar é ser convidado.

Afinal, o lugar faz jus ao seu nome: a largura da fenda se duplica, se triplica se quadruplica. Por isso amplia imensuravelmente, pelo menos para mim. Estamos rodeados por paredes de pedra, mas na parte de cima, há lugar para as nuvens e o ar livre. A nossa frente, aparece o vale e um caminho abaixo em ziguezague, que nos leva até ele. Campos

cultivados e jardins ao céu aberto. As estradas de terra atravessam casas e currais. De um mercado distante, posso sentir o aroma de ervas e carne assada. Há também pessoas, centenas de pessoas. Não sei, talvez nem tenha passado por minha cabeça, que Harvey pudesse reunir tantos seguidores, quem sabe Elijah conseguisse. Começo a me lembrar dos arquivos da União Central, perplexo, e me questiono sobre a precisão dos dados de Frank. Alguma coisa não se encaixa. Tomara, que Harvey, não esteja aqui.

Fico observando as pessoas. De onde estamos as pessoas parecem bonecas vestidas com cores suaves. Há jovens e velhos, mulheres e bebês, homens e crianças. Parece-me estranhamente familiar, como Barro Negro, como se tivessem tirado o meu povo de sua terra, e os colocado em uma montanha oca. Na extremidade do vale, onde as paredes íngremes, começam a subir para o céu, eu vejo túneis e passagens que entram nas profundezas das rochas. Se Harvey, realmente estiver aqui, encontrá-lo não será tarefa fácil.

_Como evitar que o inimigo venha por cima? Pergunto.

- Temos nossas defesas, mesmo que você não os consiga ver, mas não tenho certeza, de que eu possa te contar todos os detalhes. Melhor será esperar pela sua votação.

Chegamos ao nível do vale, e Bree caminha por ruas que atravessam o mercado. As pessoas ficam olhando o triângulo vermelho do meu peito, como o F marcado no centro. Vejo o ódio em seus olhos, um ódio tão aparente, que não deixa dúvida de que eles me querem morto.

Essa votação falo quando saímos do mercado e entramos em uma rua lateral. _ O que você quer dizer, quando diz que é minha?

_ Foi o que eu te disse. É o seu voto. Decide se você vai viver ou morrer.

_ O quê? Pensei... Pensei que era o meu pai que ia decidir sobre isso, quando foi me ver na sala de interrogatório.

Bem, sim e não. Owen estava decidindo se você iria viver para ver o Vale da Greta, mas ele não toma todas as decisões, agora os outros terão que intervir.

_Que outros?

Aproximamo-nos de dois homens que estão perto de uns dos túneis escuros que saem do vale. Os dois são uns monstros, mais altos do que eu e quase o dobro de largura.

_ Bree, que outros? _ Pergunto novamente, nervoso.

Ela não responde. Os dois homens me levantam para o alto, sem nenhum esforço, cada um de um lado, me segurando por debaixo do braço. Luto, mas não serve de nada. Porque confiei em Bree e em meu pai? Porque pensei que o quartel general rebelde seria mais seguro do que em TAEM? Vão me matar, como ordenou Frank.

Grito a Bree, enquanto os homens me levam, mas ela fica parada onde está, séria. Por um momento, percebo que ela se compadece de mim.

De repente estou em uma sala enorme, aberta, em um túnel iluminado por tochas. Os dois homens me jogam em uma cadeira, e amarram as minhas mãos. Há cinco pessoas ao redor de uma mesa: os votos para a sentença. Os quatro, não sei quem são, mas o quinto é o meu pai.

Vinte e Três

Estão olhando para mim, curiosos. Não tenho ideia do que vai acontecer agora. Tudo que sei com certeza, é que essa votação, poderá significar o meu fim. Eu passei os últimos dias da minha vida, perseguindo verdades, que nunca foram reveladas, prejudicando a felicidade das pessoas que amo.

Porque fui tão estúpido, tão imprudente? Eu tenho que voltar para Emma. Tento me soltar porque tenho que voltar para ela. De repente, não consigo respirar.

_Que me deem a todos, grito e cuspo no centro da mesa.

A saliva cai na frente de uma mulher alta e magra, cujas sobrancelhas estão inclinadas até a ponta do seu nariz.

_Especialmente você! _ Grito, olhando para o meu pai.

Parece triste, mas ele me traiu me deu a sua mão sabendo que iria acontecer essa votação; além disso, gritar me dá um prazer doloroso, como colocar sal em uma ferida.

_ Você vai tirar-me a vida com um voto? _ Continuo dizendo. Você sabe o que eu passei para chegar até aqui? Sabe o que você vai tirar de mim, se não votar ao meu favor?

_ Vejo que vocês pegaram um exaltado _ comenta um velho careca que está presidindo a mesa.

_ Ryder, ele só está chateado e confuso _intervém o meu pai.

-_Tranquilo Owen _ responde Ryder, passando a mão pelo couro cabeludo. Eu não disse nada ruim.

Pela maneira que meu pai retrocede ao ouvir suas palavras e se afunda no cadeira, entendo quem está no comando. Não é Harvey, nem Elijah, é um cara que eu não conhecia até esse instante.

_ O que está acontecendo aqui? _ Pergunto. _Quero respostas. Eu exijo.

Ryder afasta sua cadeira e se levanta, apoiando na mesa a sua frente. Seu caráter gentil, mas acompanhado por uma inconfundível autoconfiança, lembra-me Maude. Maude, em quem eu confiava antes.

O velho me olha nos olhos e diz:

_Meu nome é Ryder Phoenix, Gray. Você e eu, viemos do mesmo lugar, de Barro Negro. Entendo sua frustação, porque eu também passei por isso, como muitos de nós. Eu lhe dou a minha palavra de que, independentemente da votação, você saberá a verdade.

Respostas. Eu deveria me sentir aliviado, mas permaneço preso em seu nome. Ryder. Ryder Phoenix. Porque me parece familiar? Então eu me lembro: os primeiros pergaminhos; o garoto dos primeiros experimentos de Maude; o garoto que levou a descoberta do Rapto. Agora é muito mais que um menino, é um homem adulto, tem que ser ele.

_ Todas as verdade _ exijo _ Sobre o Projeto Leigo e, sobre o porquê você trabalha para Harvey, depois do que ele fez.

A única mulher da mesa ri.

¬_O menino não está em condição de exigir nada, exatamente.

_ Não importa Fallyn _Ryder responde _Toda a verdade, Gray. Prometo.

Não agradeço, apesar de que deveria.

_ Essa votação irá determinar o destino de Gray Weathersby, filho de Owen Weathersby, membro da Ordem Franconiana capturado por Brianna Nox, que lhe trouxe aqui há dois dias. Um voto por pessoa, não para a morte e sim para a vida. A maioria decide _ Ryder passa por mim e acrescenta: _ Você tem algo a dizer que ainda não foi dito?

Eu olho em volta. Todos me olham furiosamente, os olhos de meu pai, são os únicos que me parecem um pouco amigável. Blaine me diria para primeiro refletir, para pensar em minhas palavras antes de soltá-las. Respiro fundo e começo, tento falar com toda a calma possível.

Supõe-se que vão me executar. Vim em busca de segurança, mas pensei em vir de qualquer maneira, porque vi uns relatos de TAEM, em que relatam as execuções ordenadas por Frank. A verdade é que pulei o muro para obter respostas, e só encontrei mais perguntas. E todas essas perguntas, me trouxeram até aqui. Porque acredito que vocês tem a resposta. Sei que as tem.

È uma parte da verdade, e talvez seja por isso que tenha saído tão facilmente. Vim em busca de segurança. Também fiz isso por Harvey, para as respostas que ele poderia me dar. Mas guardo esse detalhe para mim.

Ryder balança a cabeça e volta para a cadeira.

_Agora, vamos votar.

O homem que está a sua direita, se levanta. È aproximadamente da idade do meu pai, talvez mais. Não estou acostumado a ver homens de mais de 18 anos, por isso é difícil distinguir.

_Raid Dextern, anuncia. Sim.

È isso aí. Sem pensar, sem motivo, apenas sim, um voto para a minha vida, e volta a sentar-se.

Meu pai é o próximo a se levantar.

Owen Weathersby. Desculpe Fallyn _diz a mulher que está ao seu lado. Entendo as suas razões e também sei que é possível, mas e se nos equivocamos e de verdade for o meu filho... Bem, simplesmente não posso arriscar. Meu voto é para que viva.

Fallyn se levanta, apoia as suas mãos sobre a mesa. Tem uma expressão selvagem, não muito diferente de quando Bree me encontrou na floresta.

Fallyn Case, diz. Poderia ser uma imitação, outro truque de Taem, projetado para se parecer com alguém que nos toque o coração, e que depois irá nos matar, enquanto dormimos. E, mesmo que não for isso, é muito arriscado. Você já o ouviu falar: irracional, vingativo. Eu voto para que morra.

É o meu primeiro voto para a morte, no entanto, em vez de sentir medo ou terror, fico com a “imitação”. Que será isso? É também coisa de Harvey?

O próximo homem se levanta, o reconheço: é o garoto dos registros de Frank. Parece ainda mais jovem em pessoa do que em papel.

_Elijah Brewster, diz: _ Concordo com Fallyn, é muito arriscado. Não.

Tudo depende de um único voto. Um mísero voto.

Não acredito que a Ordem tenha feito uma imitação tão imprudente, diz sem se levantar. As imitações são muito mais reservadas, os fazem muito mais sensíveis, para que não chamem atenção. Esse cara é emocional, sente raiva, amargura, fogo... É real. É o que restou de um garoto sequestrado, uma vida arrancada de um mundo, para ser lançado em outro, sem saber de nada. Neste caso, voto pela vida. Voto sim.

Fallyn deixa as mãos caírem sobre a mesa.

_Se acontecer alguma coisa, Ryder, a culpa será toda sua _disse antes de sair, furiosa, da sala.

Elijah a acompanha, atirando a cadeira no chão.

_ Perdoe Elijah e Fallyn _ me pede Ryder, enquanto desamarra as cordas. _ Apenas estão tentando nos proteger.

Deixo escapar uma risada zombeteira, e Rayd sussurra algo ao meu pai, antes de seguir com os outros.

Bem, já acabei _ disse Rayder _ agora vou deixa-los a sós, acredito que vocês tenham muito que conversar.

_ E a verdade?_ Grito.

_ Logo chegaremos nela. Primeiro você tem que se levantar e comer.

_ Mas... você disse...

-_Te prometi respostas, Gray, mas não te disse que seriam instantâneas, nem que seria eu que as daria. Converse com o seu pai para conhecê-lo. Visite o seu irmão no hospital. Isso é o mais importante no momento.

Depois dessas palavras, tão bem calculadas, para me fazer sentir culpado, Ryder saiu da sala.

Meu pai me leva até ao meu quarto. Sinto-me perdido imediatamente, em meio a tantos túneis diferentes e tocas, que fazem parte da área principal do vale, que eles chamam de La Cuenca. Para mim todos os corredores são iguais; todas as esquinas, são idênticas: mas ele me promete, que com o passar dos dias, vou me acostumar.

Eu quero perguntar por Harvey, pelo Projeto e qual o motivo dos rebeldes terem se aliado com um monstro. No entanto, os detalhes não se encaixam. Em Taem dizia-se que era Harvey quem recrutava seguidores, apesar de que eu ainda não o vi, desde que cheguei, nem mesmo em minha votação, que parecia incluir os rebeldes mais influentes. Talvez os relatórios de Frank estejam errados, e Harvey não esteja no comando. Talvez Harvey não esteja nem aqui.

Deixo as perguntas de lado e conto para o meu pai como foi a minha viagem. Começo contando sobre a carta que encontrei e o como escalei o Muro. Falo sobre Emma e a sua cela, e que eles ordenaram a minha execução. Ficou calado até chegarmos ao meu quarto, uma sala

pequena, dentro de um túnel, que parece idêntico aos demais. Há uma cama simples, uma cômoda e um quadro na parede, em que se vê o sol em um céu azul, coisa impossível de se observar em um quarto sem janelas, dentro de uma rocha.

_Sua mãe, Sara como está? _ Pergunta.

Fico calado, sem saber como responder. Por mais que ele continue sendo um estranho, sei que devo responder com muito cuidado, é muito pessoal. Acredito que o meu silêncio tenha dado a resposta.

_ Não _ murmura, sem acreditar._ Quando?

Tínhamos quinze anos. Pneumonia. Carter fez tudo o que podia, mas não conseguiu salvá-la.

Vejo que uma fina camada de água enche os seus olhos. Está muito claro, que ele a amava. Isso faz com que me pergunte, se ele odiava as associações, tanto quanto eu, se alguma vez disse essa perigosa palavra a minha mãe, apesar do peso que ela tinha.

- Blaine é pai de uma menina, comento desesperado para distrai-lo. O nome dela é Kale, e é a menina mais bonita do mundo. Ainda não completou três anos de idade.

Ele se senta na beirada da cama, passa a mão pelo cabelo, da mesma maneira que eu faço quando estou nervoso.

Apenas pude ser pai, eu nem sequer imaginava que poderia ser avô, disse.

É difícil vê-lo tão perdido. Eu acho que sempre imaginei que os pais têm todas as respostas. Se eu estava sofrendo, quando criança, corria para procurar a minha mãe. Quando precisa de algum conselho ou conforto, sempre me oferecia. Ver o meu pai perplexo e hesitante, é algo chocante. Então, ele deixa de lado as preocupações que o atormentam e me olha.

_Suponho que você saiba sobre a investigação de Sara, não? Por isso você subiu?

Confirmo com a cabeça.

- Eu tinha dezessete anos quando deu a luz. Fui visita-la nesse dia, depois de caçar (porque nós tínhamos combinado continuar juntos), e os dois estavam ali, enrolados em seu colo. Ela tirou você de mim, e me falou que você não existia. Blaine, sim, mas você, Gray, era um

fantasma. Além de mim e Carter, ninguém mais saberia que você nasceu, pelo menos, até o próximo ano. Foi sua maneira de lidar com uma situação que nunca havia aceitado.

É preciso compreender que, embora eu realmente amasse a sua mãe. Eu estava perdendo o contato com a realidade. Odiava Barro Negro e odiava o Rapto. Ela sempre me dizia que aquele lugar era sobrenatural, me falava de suas dúvidas e suspeitas e me fazia prometer que não contaria nada a ninguém.

Estou surpreso com o pouco que conheço de minha mãe. Em todos esses anos em que vivemos juntos, ela nunca nos falou nada sobre os seus sentimentos. É como se tivéssemos vivido com outra pessoa.

_ Ela era a única pessoa obcecada com essas coisas _ continuou o pai a contar, depois de uma pausa. _ Ninguém mais na aldeia questionou o Rapto, nem mesmo eu. Queria passar o meu último ano com os meus filhos, sair com eles, respirar o ar puro e desfrutar o sol. Eu não queria Gray, que os meus últimos momentos com você, fosse dentro de casa, escondido do mundo.

No entanto, Sara ganhou. Além de tudo, eu não suportava a ideia de que fosse infeliz o nosso último ano juntos. Ela tinha certeza que a experiência ia provar alguma coisa, mas eu pensava que estava louca._ Esfrega as mãos e levanta a cabeça para me olhar. _ Mas ela não estava enganada. Barro Negro é sobrenatural, e o Rapto é muito mais que um acontecimento natural. Foi uma conspiração gigantesca, e ela nunca chegou a conhecer.

_ Sim, Barro Negro é um grande experimento, vocês vão poder trabalhar lado a lado do homem que começou com tudo isso. Uma boa maneira de honrar a sua memória.

Sinto mal por só pensar em dizer isso a ele. Eu só quero ter a certeza que Harvey está no Vale da Greta, mas meu pai está sofrendo pela morte de minha mãe e eu sou incapaz de me comportar como alguém decente por cinco minutos. Se Blaine estivesse aqui, me daria o seu olhar de irmão mais velho.

_ Harvey é um homem muito influente. Poderoso. Pronto. _Diz o meu pai: Harvey está aqui _ precisamos de sua ajuda.

_ Acredito que a única ajuda de que vocês precisam é de alguém com coragem para tortura-lo até que ele fale e assim consiga tirar todos de Barro Negro. Assim, eles podem ser livres.

Mesmo que Blaine estaria me fuzilando com o seu olhar, não esperava ter nenhuma lealdade por Harvey, muito menos meu pai. Não faz nenhum sentido.

_ Não é tão simples _ responde.

_ Mas me diga, por que você trabalha para ele, eu não entendo.

_ Só serviria para dificultar a adaptação. Melhor seria você descansar, ir ao hospital visitar Blaine, vá com calma. Não estou certo, de que coloca-lo a par de tudo, seja uma boa ideia.

_ Não, é uma ideia excelente. Quero escutar.

_ Me sentiria melhor se primeiro você se instalasse.

Eu cruzo os meus braços, ele olha para a porta e acrescenta:_ Há alguma possibilidade de que me deixe sair desse quarto, sem dar maiores detalhes?

_ Entre remota e nenhuma?

_Eu deveria saber que você exigiria respostas imediatas _ responde suspirando _ Eu era assim.

Encosto-me em uma cômoda e espero. Ele torce as mãos e olha para o chão. Quando ele finalmente decide falar, parece ter passado horas.

_Não foi Harvey quem começou com o Projeto Leigo. Foi Frank.

Vinte e Quatro

Fico de joelhos.

- Não importa o que você tenha ouvido em Taem, não é verdade.

- Mas havia cartazes de “Procura” e uma lista de infrações.

- Eles o enganaram, Gray. Harvey não estava reunindo seguidores. Não estava matando soldados, nem vendendo informações ou tramando a caída de AmEste. O que ele fazia era ajudar da Ordem, porque era inocente.

Sento-me na cômoda, porque meus pés não suportam o meu peso.

_Como você sabe?

_ Elijah trouxe Harvey há alguns meses, e ele nos contou toda a história. Ele disse que queria nos ajudar.

_ E se ele mentiu?

_ Ele tem 55 anos, responde o meu pai, rindo um pouco.

_ E?

_ Barro Negro existe há aproximadamente há 50 anos. Se Harvey foi o responsável pelo Projeto Leigo, teria sido uma criança durante a criação. É impossível.

A idade de Harvey apareceu na Operação Huron, só que eu não tinha percebido a importância dos números. Torturo-me pela minha falha. Se tivesse prestado atenção, talvez eu e Emma tivéssemos saído antes da sala e Marco não teria nos encontrado. Talvez ela estivesse aqui comigo, em vez de uma cela.

_ Mas porque colocar a culpa em Harvey?

_ Interessa-lhe. Quantos mais delitos tenha cometido Harvey, mas pessoas estarão decididas a encontra-lo.

Lembro-me das palavras de Frank em seu escritório, no dia em que chegou a Taem: “Utiliza o medo como uma arma”. Frank não falava de Harvey, mas de si mesmo. Tudo o que ele dizia, era uma versão distorcida da verdade, a versão que ele sabia que ganharia a minha confiança.

_ Não estou entendendo. O Rapto, todo o Projeto...Qual é o sentido disso?

_ É uma longa história.

_ Tenho tempo.

Nós fomos muito adiante nessa história, não tem como parar agora, meu pai sabe disso, e por isso continua a falar.

_ Certamente, qualquer detalhe que Frank tenha contado sobre a guerra estava certo. Este país sofreu muito depois da guerra, que aconteceu muito antes do projeto. Mesmo assim AmOeste, continua sendo uma ameaça. A maioria de seus habitantes vive na ruína, como as comunidades vizinhas a Taem. Eles contam com as forças organizadas na costa ocidental, e agora seus ataques são esporádicos e descoordenados. No entanto, se você coloca-los todos juntos (as pessoas que vivem na pobreza e as pessoas que fazem o ataque), são muitos. Muitíssimos. Frank sabe que, se mantidos juntos o tempo suficiente para atravessar a fronteira e reivindicar terra e água, não irão conseguir detê-los

A única maneira de que isso não aconteça é ter um exército maior. Frank quer mais tropas, uma fonte inesgotável. Além disso, ele quer os melhores, mentalmente e fisicamente fortes. Qual é a melhor maneira de obter indivíduos resistentes, teimosos e com recursos do que faze-los crescer nas duras condições de um lugar como Barro Negro?

_ Parece muito pouco eficaz _ comento. Ter que esperar dezoito anos para conseguir um único soldado, quero dizer.

_ São os caminhos para um objetivo, Gray. Eles não querem a nós, só deseja as nossas qualidades. O que importa são as imitações

Outra vez essa palavra. Eu sei que isso significa em casa, por exemplo, quando alguém faz piada com outra pessoa, imitando o seu jeito de falar ou a sua maneira de se comportar, mas nesse contexto, eu acho que tem outro significado.

- As imitações são o objetivo do Projeto Leigo _ diz o meu pai. _Quando capturam um garoto, o levam a um laboratório, onde Frank tenta duplica-lo. Conseguem um bom resultado, mas não a altura de suas expectativas. Harvey nos contou que Frank só foi capaz de fazer uma cópia de cada menino. O objetivo final é conseguir fazer cópias ilimitadas: menino sequestrado, poderia duplicar-se uma, dez ou uma

centena de vezes. Se Frank contar com esse tipo de exército, acabaria com AmOeste ,em questão de dias.

Fiquei em silêncio, atordoado. Há alguns dias confiava totalmente em Frank, eu me sentia seguro, quando estava ao seu lado. E agora... isso. Harvey é inocente e é tudo culpa de Frank. Frank que está criando o soldado perfeito, utilizando Barro Negro como molde. O anel exterior e a fumaça, são obras suas. Os que tentaram fugir, não foram vitimas dos experimentos de Harvey, que estava em piloto automático. Todos eles caíram por culpa de Frank, que queimava quem ameaçava o futuro de seus projetos, com uma tentativa de fulga. Emma e eu, fomos os primeiros que conseguiram se salvar porque... Por Maude. Contei a ela que eu era gêmeo de Blaine quando sai de sua casa. Talvez ela estivesse falando com Frank aquela noite. Talvez tenha contado tudo a ele, e Frank fez com que conseguíssemos escapar, porque quis averiguar como havíamos enganado o Rapto.

_ Não posso... Não posso acreditar que eu tenha engolido todas as suas mentiras _ gaguejo _ Como permitiram que ele prendesse um punhado de meninos? Por que ninguém o deteve? Porque ninguém não perguntou nada, quando ele ergueu o muro?

- O lado de fora está repleto de quarentena, respondeu o meu pai. AmoEste liberou um vírus, que matou milhares de pessoas durante a guerra. Fizeram com que Barro Negro representasse mais uma comunidade em quarentena que ainda sofria a enfermidade.

Os nódulos dos meus dedos se tornam brancos de tanto os apertar na beirada da cômoda. Frank apoiou os braços em meus ombros, confiei nele. Lembro-me das visitas a enfermeira para limpeza, o dispositivo de rastreamento, que implantaram em meu pescoço. O que mais poderia me acontecer, durante a minha estadia por lá. Haverá um pedaço de mim, dentro de alguma garrafa de seu laboratório?

_ Temos alguns documentos, se quiser ver com os seus próprios olhos _acrescenta meu pai. Ryder trouxe alguns relatórios de pesquisa, quando fugiu, faz alguns anos.

_ É uma leitura muito interessante _ diz uma voz vinda da porta aberta. É Bree, que traz para mim, roupas limpas. Repletos de detalhes surpreendentes.

Eu olho para o meu pai com desconfiança, para ver se ele está ocultando alguma informação.

_ Te contei o essencial _me diz _ e eu acredito. Fala com uma voz firme que me dá a sensação de que, se ele mentisse, eu seria capaz de perceber o tremor, como com Blaine. _ Mas tenho certeza de que Bree o levará até a Biblioteca, se você quiser ler.

_ Sim, eu posso fazer isso, quando quiser, ela responde, encolhendo os ombros, sem muito interesse. _ Mas não agora, pois estou indo até La Cuenca para comer.

_ Boa ideia, diz o meu pai, Gray precisa de comida. Mas não seria nada mal que passasse antes pelo lavabo _ diz isso, olhando para o estado do meu uniforme da Ordem.

Bree deixa a minha roupa sobre a minha cama, e dá meia volta para sair do quarto.

Espere por ele, Bree _ diz o meu pai. _ Ele não conhece o lugar, e eu tenho que ir a uma reunião.

_ Mas eu estou faminta _ responde ela, olhando para a porta.

_ Você vai esperar, é uma ordem.

O tom de voz de meu pai faz com que Bree se mantenha firme.

_ Sim, senhor.

_ Owen acena com a cabeça bruscamente e, após dizer-me que me veria pela manhã, se desculpa.

Uma vez fora de sua vista, Bree ressopra com ar teatral e deixa-se cair no catre.

_ Você tem cinco minutos.

_ Ou o quê?

_ Ou vou tentar me manter ocupada o suficiente para evitar leva-lo a biblioteca, depois do almoço _ responde, sorrindo, olhando para o teto.

Pego a roupa limpa e saio bem depressa.

O lavabo compartilhado no final do túnel é pequeno e modesto, mas me faz muito bem, sentir a água caindo sobre a minha pele. Passo a barra de sabão rapidamente pelos meus braços e cabeça. Descubro que o meu cabelo, antes raspado, já começou suavizar um pouco.

A roupa que Bree me entregou é simples, mas confortável: uma túnica de algodão e calças de linho, meias limpas. Quase me sinto em Barro

Negro quando visto a roupa. Volto ao meu quarto e guardo o uniforme da Ordem na cômoda.

_ Agora está quase tolerável, diz Bree. Eu reviro os olhos, mas ela já está saindo. Por aqui, o jantar é lá La Cuenca.

De volta La Cuenca além do mercado e dos cultivos, perto do que parece ser uma escola rudimentar, há um enorme edifício, que Bree, chama de "comedouro". A disposição dos móveis me faz lembrar o refeitório de Taem, repleto de mesas grandes e bancos grosseiros de madeira. Há uma cozinha aberta do outro lado, e entramos na fila com as pessoas que esperam por sua comida. Já não vejo pessoas me olhando com raiva. Esta roupa faz com que eu não me destaque entre os demais.

Surpreende-me o quanto está saborosa a comida, mesmo que a dosem bastante. Eu ainda sinto fome quando termino a minha pequena porção (uma xicara de sopa, um pedaço de pão e meia espiga de milho), mas é melhor do que nada.

Bree e eu nos sentamos a mesa com os outros rebeldes, com os quais imediatamente começa a falar. Evita me apresentar, então eu fico só ouvindo.

_ Ainda não os encontrei _diz Bree a um cara corpulento, que está sentado ao seu lado.

_ Mas você disse que Luke tinha um _responde.

_ Vamos, Hal, você não escuta quando falam com você? Repreende outra menina da mesa, enquanto ele atira um pedaço de pão em seu rosto. _ Capturaram um esses dias, e Luke o interrogou, mas depois disso nada de novo aconteceu.

_ Bem, muito obrigado pela sua delicadeza, Polly _Hall responde, e lhe atira outro pedaço de pão.

O pão bate entre os olhos e cai na sopa, com a casca para baixo. Os respingos causados pelo impacto mancham a frente da túnica e as tranças marrons que marcam o seu rosto.

_ Si é por detalhes_ diz Bree, limpando a garganta para deixar claro que só ela sabe todos os fatos. O homem que capturamos não disse nada. Não nos contará nada sobre a operação, nem a possível localização das tropas de Evan. Eu acho que já se foram há muito tempo.

_ Onde? _Pergunta Hall.

_ A Taem. Eu acho que as chances de captura são escassas, e o homem que foi interrogado, prefere morrer nas mãos de Luke, do que revelar toda a informação.

_ Que irritante _diz Polly, suspirando. Depois de passar o pão no fundo do recipiente, para pegar o restante do caldo.

_ Sim _ responde Bree _pelo menos agora temos a Gray. Talvez ele tire algumas de nossas dúvidas sobre a missão.

_ Estava na Ordem? _ Pergunta Polly, quase gritando, notando pela primeira vez, a minha presença.

_ Não...não todo _ gaguejo. _Eles iam me executar, assim que cheguei. Mas então deparei com o acampamento da Ordem e meu irmão estava ali, de modo que tentei...

_ Então o seu irmão está com a Ordem? _ Interrompe-me Hal. _ Droga, eu não sei por que temos pena de vocês. Somente deveríamos aceitar aqueles que aparecem nas Gretas com as mãos para cima e entram suplicando para se juntar a nós. Os que arriscam a vida para tentar chegar aqui, são os únicos que merecem confiança.

_ Isso é que eu estava tentando fazer, protestei.

_ Claro _ ele responde, e bufa irônico._ Isso é o que você diz. Além disso, você nos procurou porque iam te executar, isso só vem a confirmar que o mais importante para você é salvar a sua pele.

_ Ele é filho de Owen_ diz Bree. _Se ele for parecido com o pai, no final ficaremos felizes por tê-lo. E a seu irmão, se acordar algum dia.

_ Talvez, responde Hal. Ou pode ser que seja uma imitação. É muito perigoso aceitar essas pessoas estranhas.

_ Desculpe-me, gente, mas eu irei decidir se é ou não uma imitação.

Atrás de Hal e Polly tem um homem de meia-idade que está me olhando. Ele veste uma Jersey sem mangas, muito raro, o que lhe custa manter no lugar uma camisa tão sem-graça. Sem quem é. Esses olhos, esses olhos tão escuros...

_ Sinto interromper o seu jantar, mas preciso que me empreste Gray _continua falando. _Aparentemente, Fallyn convenceu a Ryder de que seria uma boa ideia, fazer alguns testes, para apenas do caso de.

_ Apenas no caso de quê? _ Pergunto.

_ Apenas no caso de você, não ser quem diz que é. No caso de você ser uma imitação.

Sorri, e seu sorriso, preenche as cavidades de seu rosto oco. Também iluminam um pouco os seus olhos. Pessoalmente parece-me tão vulgar e fraco, que me pergunto por que Frank se empenha tanto em captura-lo (e vivo, principalmente), se ele não é o responsável pelo Projeto Leigo

_ Vamos lá, vá,_ fala Bree, entre os dentes, dando-me uma cotovelada nas minhas costas. Harvey não faria mal a uma mosca.

Harvey ri e tira a mão do bolso.

_ Que idiota, eu não me apresentei. Sou Harvey Moldoon. Coordeno os projetos tecnológicos do Vale da Gretas.

_ Gray Weathersby _ responde ao apertar a sua mão. O seu aperto não é firme e seus dedos são ainda mais leves.

- Bem, isso é que vamos confirmar, se você é mesmo Gray Weathersby _ diz sorrindo novamente e movendo o braço para me mostrar o caminho. _ Você vem?

Afastamo-nos da mesa e passamos por outro corredor escuro, enquanto Bree e seus amigos ficam nos olhando interessados.

Vinte e cinco

Em uma sala sem janelas, oculta entre as inumeráveis dobras do Vale da Gretas, Harvey liga uma máquina de aspecto estranho. Ele fala para eu não me preocupar, que não vai doer nada, mas é difícil acreditar. A máquina tem agulhas e rodas, que ele gira conforme a sua vontade, depois de colocar uns cabos nos braços e nas têmporas Embora eu tenha certeza de que vou sentir dor a qualquer momento, Harvey me diz que estamos prontos para começar, e a dor não chega.

_ Diga o seu nome.

_ Gray Weathersby.

Harvey marca alguma coisa em uma folha de papel que sai da unidade.

_ Sua idade.

_ Dezoito anos, embora... Eu pensava que tinha dezessete até semana passada.

_ E por quê?

_ Minha família mentiu... Disseram que eu era um ano mais novo (na verdade, todos disseram) para comprovar se eu seria sequestrado com Blaine.

_ Já vi. _ Outra marca. _ E quem é Blaine?

_ Meu irmão.

_Onde ele está agora?

_ Pelo que eu sei no hospital de vocês. Disseram-me que ele está em coma.

A coisa mantêm – se assim durante muito tempo. Uma pergunta atrás da outra sobre o meu passado, o tempo em Taem, a minha viagem para a Grande Floresta e a chegada ao Vale da Gretas. Finalmente, quando parece que Harvey já está terminando, ouço uma voz na sala, ampliada por um dispositivo invisível.

- Pergunta a ele, algo mais pessoal _ exige. É Fallyn.

_ Meu trabalho foi bem feito, responde Harvey, que sorri para mim, para me tranquilizar antes de sussurrar: _ Ela gosta de exagerar.

_Estou falando sério, Harvey. Pergunte algo que a Ordem não saberia.

Harvey olha para o espelho que cobre a parede, dando-me a sensação que de Fallyn, me observa do outro lado.

_ Você me segue, intervém outra voz, desta vez é Ryder.

_ Vou precisar de um pouco de ajuda com as perguntas, responde Harvey, que deixa escapar um suspiro de frustação.

_ Qual brinquedo que deixei para você e para o seu irmão, antes do meu Rapto? Pergunta meu pai.

_ Um pato de madeira com rodas.

_ Quantos degraus tem a escada do Conselho?

_ Trinta e seis.

_ Por que Emma seguiu você até o outro lado do muro?

Fiquei em silêncio por um segundo, essa pergunta é mais difícil.

_ Porque queria respostas, assim como eu.

_ Mas, quem é Emma e por que ela se importa?

Fico aborrecido com o seu comentário. Na verdade, me deixa furioso.

¬_ Importa, porque eu sou responsável por ela estar na prisão de Frank. Ela é incrível, doce, tranquila, e eu fugi dela. Eu a amo, mas fugi para sobreviver.

_ Bem, não tem sentido continuar com interrogatório, diz Harvey, sorrindo para o espelho. Todos nós sabemos que as imitações, não são capazes de amar. Para não dizer que ele foi aprovado com nota em todas as perguntas, não há um pingo de engano em suas respostas.

_ Bem, então há uma última pergunta, diz Fallyn.

_ Qual era o objetivo da equipe da Ordem? Por que Evan queria ir para o Monte Mártir?

_ Eles chamam isso de Operação Húron, respondo. A missão consistia em infiltrar-se no quartel general rebelde e pegar Harvey a qualquer custo. Com vida.

_ Nossa, que surpresa, diz Harvey, em voz alta e um tom de humor.

_ Isso é óbvio, não é Harvey? Fallyn zomba. Estamos com sorte, por você ter se juntado a nós. A ordem não iria permitir que você continuasse contando os segredos.

_ Espere, o quê? Pergunto.

_ A arma mais importante da Ordem, não serve de quase nada contra nós, continua falando Fallyn. Harvey conhece todos os segredos, tiques, indícios. E Frank não pode permitir que alguém revele as suas tecnologias e ensine como se defender delas.

Além disso, Harvey quer terminar o trabalho que começou. Eu fico olhando para o espelho do fundo da sala.

_ Não entendi.

_ Querem recuperar Frank, explica Fallyn, suspirando. Querem recuperar o homem que desenhou as réplicas.

E assim que me é revelado a verdade, um mistério se resolve diante os meus olhos. Meu pai disse que era impossível que Harvey tivesse dado inicio ao Projeto Leigo, porque ele era muito pequeno naquela época. E é verdade. No entanto, Harvey o criou ainda muito pequeno, foi uma espécie de menino prodígio, um gênio da tecnologia e genética. Depois que os empregados de Frank, fracassaram na tentativa de criar as ferramentas esperada, usando os meninos do Rapto, reclutaram Harvey, quando ele tinha dezesseis anos.

Ele trabalhou nas unidades de defesa e armamento da Ordem, na União Central. Passou vários meses debruçado sobre as mesas de operação, extraindo o que era necessário dos garotos raptados. Mesmo se ele menciona muitos termos que desconheço, agradeço por sua habilidade tecnológica, Harvey criou o que nenhum outro cientifico ou investigador de laboratório, tinha conseguido criar: Harvey construiu a primeira réplica. Era idêntica ao garoto sequestrado, tanto na aparência como na personalidade, abriu os olhos com as mesmas habilidades que o original. A imitação era forte e saudável, mas não deixava de ser um único soldado.

Apesar dos desejos de Frank, Harvey não conseguiu criar várias cópias de um único sujeito. Com cada nova cópia, o duplicado saía cada vez mais debilitado, mais difuso, e menos perfeito do que o primeiro, adoecia e falecia rapidamente. Frank implorava a Harvey, para que ele ficasse concentrado em seu objetivo e, por sua vez, colocou a primeira geração de cópias, para lutar na linha de frente. No campo de batalha eram eficazes contra AmOeste, sigilosos e fortes.

_ Há alguns anos, tudo desmoronou, diz Harvey, enquanto Ryder, Fallyn e meu pai, se unem a nós na sala. Fiquei muitos anos trabalhando para criar ilimitadas cópias, e não conseguia. Até que um dia, um cara que estava experimentando morreu durante o procedimento. Apesar de ter sido uma cópia da cópia, percebi que ainda era uma pessoa real, viva, respirando. Tinha pensamentos, coração e pulso. Foi como se tivesse caído a venda dos meus olhos. Pela primeira vez em anos, vi o que estava fazendo: estava tirando pedaços de alguns garotos, para transformá-los em armas para um homem cujas táticas eu não apoiava totalmente.

As coisas em Taem começaram a ir de mal a pior, desde que comecei a trabalhar para Frank. Sem dúvida a cidade estava tranquila e protegida pelas pessoas de AmOeste, mas tudo foi regulado ao máximo. Eu tinha água a minha disposição e uma biblioteca disponível para pesquisar. Frank, inclusive, deixa-me colocar os velhos discos de Mozart, enquanto trabalhava, porque eu disse a ele, que me ajudava a concentrar. No entanto, ao meu redor, punia os outros por fazerem o mesmo.

Assim que, no dia seguinte, quando eu deveria me apresentar ao trabalho, peguei o bonde e fui embora sem olhar para trás.

Encontrei um povo pobre do outro lado da cúpula, que me acolheram. Fiquei ali por alguns meses, até que a Ordem foi me buscar. Eu fui para outro povo, para esse povo, e sempre acabam aparecendo. Não desistem.

Encontrei-me com Elijah no Grande Bosque, cerca de três meses. Eu disse que as pessoas de AmEste , começaram a abandonar as cidades que estavam dominadas pela Ordem. O pior eram as reações violentas em Taem. Sabiam que a ameaça de AmOeste era real, mas não acreditavam que o estilo de vida de Frank, fosse a única opção. Até mesmo aqueles que tinham sido adeptos do projeto, escapavam quando podiam, fugiam estando em missão ou eram capturados pelas tropas de Elijah, quando eles se encontravam no bosque. Elijah me falou de um esconderijo que havia estabelecido recentemente, escavado entre as montanhas. Ali eu seria bem vindo.

Não pretendia me unir a eles, até que mencionou as cópias, os rostos familiares que começaram a aparecer por ali, para assassinar as pessoas, enquanto dormiam. Imediatamente me dei conta, que Frank soube aproveitar as cópias. Eu duvidava de que ele gostasse da ideia de que eu me unissem a uma frente opositora contra ele, provavelmente aterrorizava os que envenenassem sua cidade com a ideia de que ele era um governante injusto. Ou talvez ele temesse que esses rebeldes,

passassem informações a AmOeste, sobre as reservas de água e pontos de acesso as cidades da cúpula. De qualquer maneira, usava os clones, para afastar os rebeldes, e eu sabia como eu poderia ajuda-los.

Agora, quando alguém novo, entra no Vale da Greta, passa pela minha supervisão e eu determino se é legitimo. Seu irmão e você são um caso único, pois vocês chegaram juntos, e um está a ponto de morrer. Para isso seria necessário um projeto bastante complexo em se tratando de cópias. Sem falar que os capturaram. As maiores das cópias estão sozinhas e afirmar buscar refúgio, quando na realidade são espiões.

A minha chegada ao Vale da Greta, deve ter dificultado as coisas para Frank. Antes as cópias eram a arma, e agora essa arma é praticamente inútil. Eu sei que não é nada comparado ao que eu fiz em seu laboratório, mas eu espero que o meu trabalho aqui seja um passo, para a direção certa. Espero que um dia, alguém como você, vitima do Projeto Leigo, sinta-se grato, por uma parte do meu trabalho, pelo menos.

Aqui termina a história de Harvey. Sorri para mim, mas estou com o estômago tão embrulhado, que não consigo fazer o mesmo.

Comecei a odiá-lo. Como ele pode pensar que seu trabalho para Frank estava justificado? No entanto, não sou capaz de aceitar a sua mudança de comportamento, não sou melhor que Hal ou Polly, que me desprezaram por eu ter sido trazido ao vale á força. Todo mundo tem um passado, em alguns casos, é um passado escuro ou sombrio, mas o que você decide fazer no presente é o mais importante. E Harvey está aqui, fazendo mudanças, tentando desfazer o mau que causou. Talvez não seja uma má pessoa.

_ Bem, e agora? Pergunta meu pai.

- O grupo de Evan saiu de Taem, responde Ryder.

Nossos exploradores, dizem que a cidade está quase recuperada do recente ataque de AmOeste. De qualquer forma, se Frank quer Harvey, não vai descansar até conseguir.

_ Concordo, mas e agora? _Insiste meu pai.

_ Aqui estamos bem preparados. Esperemos que voltem, e quando acontecer, acabaremos com toda a unidade. Se eles tentarem novamente, repetiremos. Harvey, eu temo que nesse momento, você tenha que ficar no Vale da Greta. É muito arriscado que saia.

_ É justo, _responde ele.

_ Só isso?_ Pergunto. _ Agora sentamos e esperamos? Pensei que você iria preferir lutar.

_ Sim, Gray, _responde Ryder._ No entanto, essas coisas têm o seu tempo. Quando estivermos prontos para atacar, será uma ação planejada e executada com cuidado. Mas no momento, vamos esperar e responderemos a cada ataque, conforme o necessário.

_ Não sei esperar,_ reconheço.

_ Isso vai te fazer bem,_ intervém o meu pai. _Amanhã você irá iniciar um treinamento, e os padrões do Vale da Greta não são de um passeio de no campo.

_ Como assim?

_ É um treinamento brutal e intenso,_ responde Fallyn,_ com um sorriso malvado.

_ Acredito, sem duvidar. Quando me deixam sair, volto para o meu quarto em um ritmo lento e deliberado, temendo a informação que me espera e as dores no meu músculo que sem dúvida terei amanhã a noite.

Vinte e seis

Eu acordo cedo, ou pode ser meia noite, porque é impossível distinguir uma coisa da outra. Gostaria de saber se há lua, e se está lançando sua luz prateada sobre a terra, além das montanhas. Em Barro Negro, as noites em que Blaine roncava muito alto, eu me aproximava dos pastos e ficava olhando para o céu. Às vezes, as estrelas eram tão brilhantes, e o céu se estendia de tal forma, que eu não temia em me deitar na relva e viajar para o nada. Agora só tenho quatro paredes de pedra, a cama fica cada vez mais rígida. No final me sento e calço as botas. Por mais que eu tente, não consigo voltar aos meus sonhos. Se não consigo dormir, devo fazer algo útil, já passei muito tempo sem ver o meu irmão.

O hospital do Vale da Greta é muito mais avançado do que o de Barro Negro, e maior. Vejo telas iluminadas que piscam e estranhas unidades que batem. Não há ninguém quando eu chego excetos pacientes que dormem profundamente nas sombras. Encontro Blaine na parte de trás, na ultima cama.

Extraíram a flecha e ele dorme de shorts, com a coxa envolvida em uma bandagem. A forma que está vendada parece algo ridículo, como se tivessem partido a sua perna ao meio e tentassem voltar a unir com um pedaço de corda. Começa a crescer o seu cabelo, assim como o meu, e seu peito sobe e abaixa lentamente. Ele está ligado a uma espécie de máquina, que saem tubos para serem colocados nos braços.

Seguro a sua mão, que está pesada e rígida, como uma estátua.

_ Está melhor, mesmo que não aparente,_ me diz uma jovem enfermeira, que apareceu atrás de mim. Eu não tinha percebido se havia mais alguém acordado.

_ Você sabe por quanto tempo mais? Quando ele vai acordar?

_ Poderá ser dias ou meses, _ responde balançando a cabeça._ Não tem como saber.

_ Meses? E se ficar assim para sempre? E se ele nunca mais acordar? Solto sua mão sem olhar. É como ver Emma sendo levada para a cadeia

de Frank, eu não quero testemunhar outra situação que me faça sentir impotente.

Dirijo-me á saída apressadamente, mas a enfermeira me chama e diz:

_ Deveria voltar outro dia e falar com ele. Acredito que ele irá gostar.

Olho para Blaine pela última vez e saio sem falar nada. Consigo dormir um pouco, mas não sei como. A ideia de perder Blaine volta a me aterrorizar, ser a metade de mim mesmo, pelo resto da vida. Durmo sem sonhar, as palmas de minhas mãos, ficam suadas.

Pela manhã, me submetem a um regime que mal consigo cumprir. No café da manhã, após tomar apenas mingau e chá, Bree me leva até a sala de treinamento, que é um amplo espaço fechado na extremidade do túnel, em que estão os quartos dos capitães. Há uma rocha para praticar escalada, alvos pendurados no teto branco e uma série de escadas e plataformas que não tenho vontade alguma de subir.

Bree me deixa com Elijah, para iniciar o treinamento e vai para um treinamento mais avançado que é comandada pelo meu pai. Ele me cumprimenta com a mão, para me tranquilizar, mas de repente, como se demostrar afeto o fizesse se sentir estupido ou desconfortável, volta a se concentrar em sua tropa.

Elijah começa com uma longa corrida, que parece ridícula, seguindo um circulo fechado que rodeia toda a sala. Eu sinto uma pontada de lado depois da segunda volta, mas tento suportar. Concentro- me em Emma, enquanto corro, e tento ignorar as câimbras no abdômen, prometo encontra-la de qualquer maneira.

Depois de doze voltas, as minhas pernas estão como geleia. No entanto, Elijah ainda está aqui, e traz uma série de exercícios, chamado flexões, agachamento e meio agachamento, começamos a escalar a rocha. Orienta-nos para irmos para todas as direções: de cima para baixo, de um lado para o outro e na diagonal. Cada passo representa mais esforço e concentração do que o anterior, os músculos estão cada vez mais debilitados e fica mais difícil de encontrar apoio para os pés. Quando passamos para um exercício, que Elijah chama de “suicídio” (correr várias distâncias a toda velocidade), eu perco toda a sensibilidade das pernas. Depois vamos para o arco e flecha. Mal posso me manter em pé, sem tremer os joelhos.

Pelo menos o tiro é divertido. Alvos que se deslocam movendo-se rapidamente pelo teto, criando um efeito quase realista. Tenho os braços cansados de escalar, mas consigo acertar nove dos dez alvos.

Pela primeira vez me destaco facilmente entre os demais do meu grupo. Faz muito tempo que não pratico, mas acertar o alvo com uma flecha faz parte da minha natureza. Minhas mãos são incapazes de esquecer a tensão para soltar o projétil, impossível não recordar como se prepara o disparo e que devo deixar escapar o ar para concluir.

Terminamos o treinamento, com uma última volta ao redor da sala, e me jogo no chão ao chegar o fim. Quando os meus pulmões param de gritar e consigo respirar sem ofegar, me sento e descubro que o restante do grupo já saiu.

_ Saiu-se muito bem,_ me diz Elijah, enquanto guarda os arcos em um armário. Parece muito jovem para ter dado inicio a uma rebelião. _ Você manteve o ritmo, e isso é mais do que se pode dizer da maioria da primeira turma.

Agradeço-lhe e desculpa-se, murmurando algo sobre uma reunião de rastreamento à que chegou tarde.

Deito-me no chão e alongo os músculos, que começam a ficar tensos. De longe vejo que o grupo de Bree está terminando o treinamento. Meu pai os colocou para subir pelas cordas que estão penduradas nos ganchos fixados no teto, e Bree se move por elas como se estivesse flutuando, como se a corda fizesse o trabalho por ela.

Seu último exercício consiste em encontrar uma maneira de chegar a uma plataforma elevada, do outro lado da sala, e saltar para outra plataforma, tarefa que me parece ser impossível. A distância entre elas é enorme, e uma queda iria quebrar vários ossos. O rapaz mais alto do grupo, que parece um urso, apenas salta, mas suas pernas são tão longas, que é uma vantagem injusta. A maioria do grupo se rende incapazes de completar o exercício.

No entanto, Bree pega uma lança e corre a toda velocidade para atravessar. Quando seus pés se aproximam da beirada, finca a ponta da lança no fio da plataforma e dá um impulso para frente. A lança é arqueada com elegância, e a impulsiona para o outro lado do barranco, com a mesma naturalidade de um pássaro em voo. Bree solta à lança ao chegar ao topo do arco, e aterrissa sã e salva na outra plataforma, dobrando o joelho e apoiando as mãos antes de se levantar. Meu pai aplaude e outros ficam olhando. Como eu. Franzo a testa, como se desaprovasse, ate me dar conta de que não se diferencia tanto de mim. Enquanto terminam o treinamento, meu pai menciona que precisa se encontrar com Elijah e sai correndo.

Os capitães fazem reuniões diárias de rastreamento, diz Bree ao se aproximar de mim. Vejo um circulo de suor na gola de sua camiseta. Noticias sobre a guerra, planejamento, táticas, essas coisas.

Levanto-me e estico os braços acima da camisa. Todos os músculos do corpo reclamam, e eu começo a sentir uma dor generalizada.

_ Biblioteca? Pergunta, mudando de assunto.

_ Sem dúvida. Suponho que você esteja disposta a me levar.

_ Não está em primeiro lugar em minha lista de prioridades, responde, esboçando um meio sorriso. Mas sei que você está, realmente, interessado em conhecer. Além disso, seu pai deixou muitos detalhes, como o tamanho do projeto, por exemplo.

_ Tamanho?

_ Você irá odiar Frank ainda mais, quando descobrir que não havia somente um grupo de teste, mais cinco. Responde apertando os lábios.

_ Cinco? Cinco Barros Negros diferentes?

_ Bom, de onde você acha que sai, seu sem noção? Você acha que eu fazia parte desses insossos membros da Ordem, que passaram para o lado rebelde?

_ E você não é?

_Vamos, Gray. Até você reconhece que sou boa: silenciosa, discreta, rápida... Não é de se estranhar que em alguns lugares, sequestrem as garotas.

Faz sentido. Seus movimentos fluidos e rápidos, seu absoluto silencio quando segue alguém. É dura. Selvagem e forte. Bree é como eu, só que pertence a outro Barro Negro.

De repente, parece-me duas vezes mais interessante.

Ao sair da sala de treinamento, o rapaz grande, que havia saltado de uma plataforma a outra, passa esbarrando em mim. Tem uma cabeça a mais de altura do que eu.

_ Grande exibição, Bree. Comenta, passando a mão pelo seu ombro em um gesto que, ao invés de expressar sinceridade, dá a entender que sente superior. Não tem nada mais sexy do que uma mulher forte e agressiva.

_ Não me interessa Drake. Responde enquanto aperta a sua mão.

_ Vamos, vamos, Bree, você sabe o quer, ele insiste, tentando tocá-la novamente.

_ Ela já disse a você que não a interessa. Digo a ele.

_ Ei, não te perguntei nada, ele responde, e me dá um empurrão no peito, com as duas mãos, tão forte que quase caio para trás.

_ Não, mas você perguntou a ela, e la já te rejeitou, de modo que é melhor seguir o seu caminho.

Nem sequer vejo vir o soco da mandíbula. Dou dois passos para trás.

_ Nos vemos amanhã, preciosa. Diz Drake a Bree antes de afastar-se com passos lentos e torpes.

Bree cruza os braços sobre o peito e me olha.

_ Não precisa ter feito isso. Eu posso cuidar de mim mesma.

_ Eu sei, respondo. Molho os meus lábios e sinto o sabor de sangue. Você deveria denuncia-lo.

Bree encolhe os ombros, e me surpreende ver nela, o que sem dúvida, Drake viu. Apesar do suor, ela é muito bonita. Na verdade, impressionante. Extremidades finas e esbeltas, curvas feitas para sem acariciadas. E seu olhar, geralmente resistente e teimoso, de repente se abrandou. Aterroriza-me ter me aprofundado tanto.

_ Bem, você vai denuncia-lo ou não? Insisto.

_ Para quê? Nós temos coisas mais importantes para pensar. Afinal de contas, estamos em guerra. Enfrentar alguma situação sozinha te faz sentir mais forte.

Estou bastante seguro que não está certo, mas prefiro não discutir.

Vinte e sete

Bree pega alguns Diários finos e brancos, que estão abarrotados nas estantes da biblioteca.

_ Quase tudo que há nessa sala, são documentos da formação dos rebeldes,_ explica _ Alinhamento de forças, planos de ataque, estratégias defensivas... Mas este _acrescenta levantando os pálidos diários, antes de coloca-los sobre a mesa, que está comigo,_ este é bom.

_ Provas do Projeto Leigo?

_ Provas e muito mais. Notas e comentários escritos por Frank em pessoa.

Passo a mão pela capa do primeiro. O material é macio, com o couro desgastado, e as beiradas levantadas para o teto. No centro há apenas um número escrito à mão. É o primeiro de muitos. Respiro fundo e o abro.

As letras estão muito uniformes, para terem sido escritos a mão, lembro-me dos registros que eu e Emma encontramos em Taem, com o mesmo espaçamento entre as letras e as linhas completamente paralelas. Inclino-me sobre as páginas encadernadas e as leio.

Cinco grupos de teste foram estabelecidos por toda AmEste, etiquetadas, até o momento de A a E. Como o objetivo do projeto, é criar soldados fortes e duráveis, necessitamos de uma grande variedade de temas para a experimentação. Cada grupo de testes irá atender uma situação diferente, desde a mais desejável (em A) até a menos desejável (em B). Minha previsão inicial, é que os soldados mais úteis saiam dos grupos, com meios mais exigentes, mas o tempo o dirá. A cada grupo, ficará rodeado por um muro, e receberá ferramentas básicas para a sobrevivência (machados, serras, facas etc.) Alguns grupos contarão com abrigos já construídos; tendo em conta o numero de comunidades abandonadas ou em ruínas após a Segunda Guerra Civil, seria tolice desperdiçar esses recursos. Levantaremos muros de maneira estratégica, e vamos garantir que nossas câmaras e nossos sistemas de segurança permitam a observação na sala de controle de Taem.

As pessoas dos testes serão meninos e meninas, todos de quinze anos ou menos, tirados de instituições superlotadas por causa da guerra. **Falta decidir quando os indivíduos serão recuperados e transferidos para Taem para prosseguir com a investigação.**

Há uma página em branco antes da próxima página escrita. Olho para Bree, mas ela tem o nariz metido em um livro, então eu prossigo com a minha leitura.

Separação dos grupos em teste:

Grupo A: Território Ocidental. Condições de vida mais adequadas. Fazenda em funcionamento, fábricas e reservas de alimento. Terreno fértil, bom tempo. Casas de civis construídas e com eletricidade.

Grupo B: Planície Meridional: Condição de vida confortável. Casas construídas. Grande lago de agua doce. Terrenos cultiváveis. Tempo quente.

Grupo C: Região da Capital. Condições básicas de vida. Tempo bom e bons terrenos. Cabanas em ruínas, mas com possibilidade de recuperação. Água: pequeno lago e rios.

Grupo D: Costa. Condição de vida difícil. Água doce limitada; terrenos rochosos e secos, cercada por água salgada. Nenhuma estrutura construída, muito sol, exposto ao vento e outros elementos. Invernos frios.

Grupo E: Zona Norte: Condições de sobrevivência muito difícil. Invernos frios e longos. Verões curtos e frescos. Muito bosque. Nenhuma estrutura construída.

As páginas seguintes falam sobre os primeiros dias do projeto e incluem as observações iniciais de Frank. Os cinco grupos vão para uma fase, a qual se refere, como "histeria", em que independentemente das condições ambientais, as crianças entram em pânico. Conhecem a sua identidade e tem algumas habilidades práticas aprendidas no colégio, mas não sabem nada do mundo exterior, e não se lembram das pessoas do mundo. Esta situação tão conveniente é um trabalho de manipulação da memória, que foi realizado no laboratório de Frank, antes de colocar os indivíduos atrás dos muros. Quando passa a histeria, começa o verdadeiro espetáculo, que preenchem os diários de Frank.

Desenvolvimento interessante nos grupos B e C. Em ambos os grupos, surgiu um líder que tenta repartir funções e responsabilidades. Cada líder deu um nome para a sua terra. Para o Grupo B deram o nome de Dextern (o sobrenome do líder) o Grupo C, Barro Negro (caracterizando a aparência do lugar) . O grupo A se encontra em estado de caos e conflitos constantes. E luta para sobreviver as condições meteorológicas

O Grupo D, que finalmente decidiu-se chamar Água Salgada, seguiu o exemplo dos demais, e elegeram um líder. Reviravolta surpreendente nos acontecimentos: é uma fêmea. O grupo A continua sem nome e em conflito. O Grupo E está quase extinto. As condições podem ter sido muito radicais. (...)

Em apenas seis meses, os grupos já haviam descoberto o grupo. Somente alguns tentaram subir. Todos o consideram perigoso, pelos cadáveres que são devolvidos, por isso eles já estão educados para se limitar aos confins de seu território. Isso é essencial, já que desejamos que a experiência continue depois da primeira geração de indivíduos, não podemos permitir que escalem o muro a qualquer momento. (...)

Acabou o conflito de guerra com o Grupo A. Os indivíduos se dividiram e lutaram entre si pelos recursos e controle de melhores condições de vida. (...)

O Grupo C é um grupo tão estável, que surpreende. Em pouco mais de um ano já contam com pastos e mercados. Construíram todas as cabanas e o seu líder criou um conselho com representantes elegidos por um grupo, para tomar decisões sobre o estilo de vida da comunidade. Cogita-se em fazer algo semelhante no Grupo B. (...)

O Grupo D é muito engenhoso. Encontraram mananciais de água doce e os conduziram a um depósito. Construíram refúgios para se protegerem do sol e do vento. As mulheres detêm um poder surpreendente nesse grupo em comparação com outro grupo, e compartilham muitos papeis tradicionalmente masculinos.

O Grupo E está extinto. A investigação nessa área acabou. Muito sangue foi derramado e temo que acabem eliminando uns aos outros.

A primeira extração se aproxima. Chegamos a um acordo que tirar alguém do Grupo A, seria uma estupidez. Os garotos ficariam loucos, e qualquer tecnologia criada a partir deles, seria instável e volátil. O Projeto Leigo está encerrado para o Grupo A. Vou cortar a eletricidade de tudo, exceto das câmeras. Estarão ali para confirmar o que

esperamos: a morte de todos os selvagens. As extrações foram realizadas nos Grupos B, C e D.

Dezoito anos parece ser uma idade apropriada para os meninos. Estão bem maduros e em seu melhor momento físico. No entanto, no Grupo D, as meninas são tão fortes e maduras quanto os machos, e compartilham com eles funções e profissões similares. Levando em conta essa informação, acredito que será benéfico contar com vários indivíduos de teste do sexo feminino, que o Grupo D irá nos fornecer. Tiraremos as garotas ao completarem dezesseis anos, de forma seletiva, certificando de retirar apenas as melhores candidatas para a experiência.

Todos os indivíduos retirados serão enviados para Taem onde continuaremos com a pesquisa. Ficarão em alas e em laboratórios separados, não haverá interação entre os indivíduos em teste, das diferentes localizações.

Passo para o próximo livro, que estão repletos de notas sobre os Raptos: como são realizados e como reage cada grupo diante essa situação. O terremoto e o mal estar geral durante o Rapto em Barro Negro começam a ter sentido. A Ordem chega de helicóptero (um pássaro de aço que soa de forma parecida com os objetos que vi se dirigir a AmOste durante o ataque a Taem) e liberam umas drogas sem cheiro para conter o povo enquanto levam o garoto.

Há centenas de páginas sobre as experiências, nos diários seguintes, mas apenas os folheio, lendo por cima, já que as cenas descritas por Frank são deprimentes e não quer ler sobre pessoas que morreram em sua mesa de operação. Avanço pela documentação rapidamente, quando me dou conta, chego ao último diário.

Hoje eu reclutei um novo membro para nossos laboratórios, ele se chama Harvey Maldoon. Ele é jovem, mais brilhante, um gênio de apenas dezesseis anos. O menino, Deus o abençoe, é um trabalhador incansável e está convencido de que capaz de criar uma cópia hábil e madura como o original. Fez-me a promessa de que conseguirá que as cópias sejam saudáveis e fortes, e que não irão vacilar no final do dia, como acontece com as réplicas criadas pelos meus técnicos.

Os Raptos (um termo cunhado pelo Grupo C e que adotamos no nível interno) vai continuar, e cruzo os dedos para que Harvey tenha êxito. Preciso que ele tenha êxito. Só então eu poderei construir um complexo de produção mais perto da fronteira. AmOeste continua tentando se infiltrar. Eles são insistentes e, embora eu deva proteger os nossos de

sua ira e a cobiça pela nossa água, não posso continuar perdendo os membros da Ordem nas lutas. Essas Imitações, essas vidas sem família, sem história, sem lugar, será um recurso de valor incalculável.

O diário termina ai, apesar de saber como a história se desenvolve. Seguiram com as experiências durante muitos anos e, apesar de Harvey, no final obter uma Imitação viável; nunca chegou a criar a produção ilimitada que Frank tanto desejou. Enquanto isso, tudo desmorona em Taem. As leis se tornam autoritárias e as pessoas começam a fugir, Elijah foi o primeiro. Os rebeldes se tornaram um obstáculo para os planos de Frank, quando por fim, Harvey foge. Frank faz tudo o que pode, para recuperá-lo.

Eu fecho o último diário e o empurro para perto dos outros. Custa digerir tanto em tão pouco tempo; mesmo assim, curiosamente, é um alivio conhecer toda a verdade. A leitura dos diários torna-se tudo comprovado e concreto.

_ Então você estava no Grupo D, em Água Salgada, digo a Bree, ela levanta a cabeça e confirma. Fallyn também?

_ Você entendeu. No Vale da Gret tem um representante de cada grupo de teste, que se torna o comandante baixo as ordens de Ryder.

Faço as contas em um segundo, mas não se enquadra.

Há quatro capitães e apenas três grupos enfrentaram o Rapto.

- Raid é do Grupo B, Dextern; Fallyn é de Água Salgada; seu pai é de Barro Negro. E depois vem Elijah. Ele representa o povo de Taem, que são muitos. Na verdade, a maioria dos rebeldes.

No final, talvez os registros de Frank, estejam corretos.

_ Elijah deu início à rebelião? Pergunto.

_ Sim e não. Ele foi uns dos primeiros a buscar fora da cidade, pessoas com os mesmos ideais, mas sua fuga não significava nada até conhecer Ryder. Seus caminhos se cruzaram em lugar além de A Forquilha e começaram a reunir seguidores. Ali começou a rebelião de verdade.

_ E Ryder? Quero dizer, sei que ele era de Barro Negro, mas? Como ele chegou ali?

_ Eu não sei também. Eu e você tivemos sorte, Gray. Quando nos raptaram, Harvey já havia fugido e, graças a isso, as experiências de Frank estavam suspensas. Mas Ryder, não teve essa vantagem.

Mentiram para ele, dizendo que Frank tentava salvar Barro Negro, e em seguida passou por uma cirurgia após a outra, pensando que os técnicos do laboratório conseguiriam encontrar algo em seu sangue, que salvaria as pessoas do Muro.

Pelo que ouvi, Ryder se tornou muito amigo de outro rapaz de Barro Negro. Comentaram que Frank não parecia estar próximo de solucionar nada, e ambos pensaram que a única oportunidade de ter uma vida normal, seria ficar o mais longe possível de Taem. Começaram a falar de fugir e, no final, Ryder o fez.

- E o outro rapaz?

_ Os dois forçaram a entrada do escritório de Frank durante a fuga, invés de escapar diretamente para as colinas. Uma ideia estúpida, em minha opinião, mas pelo menos Ryder conseguiu pegar os diários, que acabamos de ler. O problema é que eles foram filmados pelas câmeras e a Ordem foi alertada. Só Ryder conseguiu escapar.

_ Depois ficou escondido na mata, até encontrar Alijah, alguns anos depois.

_ Sim, até então Ryder, não queria continuar lutando contra Frank. Estava velho e mais ou menos satisfeito. No entanto, quando Elijah contou a ele, tudo o que Frank tinha feito contra a cidade e seus habitantes, Ryder se convenceu que nunca é tarde para contra atacar.

Todas as peças se encaixam: os registros da central se relacionam com os diários da biblioteca, que terminar completando com as histórias de Bree. Faz doer o cérebro, mas no bom sentido. A verdade é viciante.

_ E você? Pergunto. Qual é a sua história?

_ Me raptaram, na ilha chamava- no de Roubo. Eu vi um vídeo em que Frank dizia que Harvey estava por detrás disso, precisava de minha paciência e minha ajuda para liderar Água Salgada. Um dia eu estava em uma missão de reconhecimento e me dei conta de que não queria voltar. Naquele momento em confiava em Frank, mas não queria passar a minha vida inteira a procura de Harvey. Eu acho que isso me tornou egoísta, na verdade, por não querer salvar o meu povo, mas estava sozinha e assustada. Assim que, enquanto os outros dormiam, antes de parar para pensar se era uma boa ideia, eu saí. Poucos dias depois, tropecei em um tosco acampamento rebelde.

_ Há quanto tempo foi isso?

_ Um ano ou menos.

_ Então você tem...? Dezesseis, dezessete anos?

_ Quase dezessete.

- Não parece mais velha.

_Como assim? Porque sou muita madura e sensata? Pergunta, sorrindo com orgulho.

_ Muito pelo contrário, porque você é selvagem e impulsiva.

_ Bah, o que deu em você, responde em um tom meio sério, meio brincando. Você é tão impulsivo quanto eu, talvez até mais.

_ Acho que somos mais parecidos, do que gostaríamos de admitir.

_ Tenho servido com mais responsabilidade que a sua causa rebelde, diz franzindo a testa. Eu dou tudo nas missões, e cumpro com minhas promessas. Só por isso, já somos muito diferentes.

_ Eu só preciso de uma chance, Bree. Eu também cresci sob pressão, afirmo, sorrindo, e ela revira os olhos.

_Ah, é mesmo? Bem, eu preciso de uma bebida. Coloco os diários de Frank de volta a estante, e saímos da biblioteca em busca de álcool.

Vinte e oito

Em la Cuenca, entre o refeitório e uma loja de departamento, há um edifício húmido e empoeirado, que os rebeldes chamam de O Grifo. Quando entramos, Pinça está grudado nos homens do bar, para beber o que resta nas garrafas, quando os seus donos não estão olhando. Digo a ele que é ainda é muito jovem para beber, mas, quando ele me pergunta quantos anos tenho, pela primeira vez, me dou conta que somos da mesma idade, e sou forçado a calar a boca.

Aqui os soldados com os civis se misturam. Algumas mulheres seguram nos ombros dos seus parceiros masculinos, e juntos, dançam ao ritmo do banjo e da guitarra, que tocam na esquina. Procuro o meu pai entre as pessoas, mas não o encontro. Bree e eu passamos, abrindo caminho, entre a multidão, para chegar a uma barra, que vem até a minha cintura.

_ Ei Saul! Bree grita, inclinando o corpo, sobre o balcão, que até tira os seus pés do chão. Isso faz com que a sua camiseta se levante, e deixa a mostra um pedacinho de sua pele nua, em sobre suas calças. Dois tragos aqui, por favor, diz.

O garçom, um homem alto e corpulento, empurra bebidas para nós, e Bree agradece em voz alta.

_ Depois de ter passado dois dias inteiros sem querer matar um ao outro. Sugiro um brinde.

_ Fale por você, responde, sorrindo, mas bate o seu copo contra o meu, e bebe tudo de uma só vez.

_ Outra rodada? Pergunta.

_Não o racionam?

_ Que nada? Não acontece nada se ficamos sem álcool. A comida é outra história.

_ Tomamos mais algumas rodadas, antes de irmos para o outro lado do bar, onde um grupo de jovens joga um jogo muito estranho com lanças em miniatura. Eles se revezam para lança-las a um pequeno alvo, pendurado na parede.

_ Os próximos somos nós, comunica Bree.

O melhor homem do grupo, que acertou várias vezes no centro do alvo, se vira para nós.

_ Eu vou te esmagar Bree, diz, você não pode comigo e com Sammy.

Seu cabelo cor de barro e ondulado está escondido atrás das orelhas, e a cabeça quadrada, muito angular e pontuda, para ser confundido com outro. É Xavier Piltess, mais alto, mais largo e muito mais gordo, do que o garoto de quinze anos que me ensinou a caçar no bosque de Barro Negro, mas é ele.

_ Xavier? Pergunto.

Ele fica em silêncio, por um instante e me olha. Vejo que está me olhando fixamente para os meus olhos e presta atenção na cor: cinza, não azul. Então me reconhece.

_ Gray! Ele exclama, e me dá um tapinha nas costas, como faria um irmão mais velho. Como vai você, rapaz? Onde está o seu irmão?

Ficamos ali por um tempo, enquanto ele termina a partida, sem perder um lance. Os rebeldes o capturaram há quase um ano, quando fracassou uma das missões da Ordem. Depois de descobriu as mentiras de Frank, ele mudou de time. Conto a ele a minha história, uma versão resumida e com algumas pontas de mentira, mas para ele não importa. Blaine e eu fomos sequestrados. Os dois estão aqui, eu em treinamento e Blaine no hospital. Me sinto culpado ao menciona-lo. Deveria ir visita-lo.

Depois, Xavier me apresenta Sammy, um rapaz de vinte anos, de Taem, que se uniu aos rebeldes, quando o seu pai foi executado por falsificar os cartões de racionamento. As usava para conseguir mais água, para leva-la a aldeia com problemas além da cúpula. Ao que parece, para Frank, não pareceu ser uma obra de caridade aceitável.

Bree e eu jogamos contra os dois, algo chamado “dardos”. Perdemos de forma espetacular. Eu não consigo jogar os dados com força e ângulo, são como palitos, e o seguro desajeitamente. Xavier tenta corrigir minha postura e me dá umas dicas, mas eu só consigo melhorar um pouco. Coloquei a culpa no álcool.

Abandonamos o jogo para sequestrar uma mesa alta. Hal e Polly nos encontraram, e nós sentamos em bancos caindo aos pedaços, bebemos bem depressa e jogamos mentiras podres. O jogo é idêntico às “mentirinhas” de Barro Negro, só que com um nome mais feio. Bree é a

maior mentirosa do grupo, nos engana todas as vezes, e sua mentira é sempre confundida com o resto. Mesmo quando começa arrastar as palavras e se apoiar cada vez mais em mim, continua sendo a melhor.

Fico sabendo que se sentiu completamente sozinha, quando a enviaram para Taem, depois do Rapto, que não tem irmãos, sua mãe morreu jovem e que, como não conseguiu encontrar seu pai no Vale da Greta, acredita que esteja morto. Também fico sabendo de outras coisas mais triviais, mas que, por algum motivo me fascinam mais do que os detalhes históricos. Tem uma marca de nascimento, no formato de meia lua, no quadril. Sua cor favorita é roxo intenso, o tom das nuvens recortadas contra o céu noturno. Ainda não se acostumou a dormir, sem o som de fundo, o barulho das ondas banhando a costa.

O jogo continua, e as risadas no “O Grifo” se tornam uma doença contagiosa. Todos riem. Não me lembro da última vez que ri com tanta vontade.

Mais tarde, bem mais tarde, quando nós estamos tontos e bêbados além da conta, Bree tenta se aproximar do bar, para pedir outra bebida, mas ao se abaixar, cai do banco. Polly grita de alegria, como se fosse a coisa mais divertida do mundo, e nós também rimos muito.

_ Vou leva-la, digo aos outros.

Já bebemos muito, por isso ninguém discute. Demoramos mais que o necessário para chegar ao seu quarto. Eu também estou tonto, mas não exageradamente, Bree me mostra o caminho e temos ir trocando pernas, cambaleando. Fica todo o tempo, agarrada em meu pescoço, de modo que todo o seu peso recai sobre meus braços, e murmura incoerências, que sei que não diria se não fosse pelo álcool: que eu sou muito simpático, que me agradece por tê-la defendido de Drake, que tem vontade de voltar no tempo, e não ter sido tão rude comigo.

_ É tão difícil descobrir a verdade, diz quando chegamos ao seu quarto. E com certeza foi assustador, já sabe, que te tratamos como um prisioneiro... uma imitação....Faz uma pequena pausa e acrescenta: Desculpe por eu não ter sido mais amável.

_ Não é verdade, respondo, e a solto com cuidado, para abrir a porta.

Ela fica balançando sem sair do lugar, como a grama na brisa.

_ Sim, eu sinto muito. Insiste com teimosia.

A camiseta desliza por um ombro, deixando-o descoberto, e seus olhos são azuis e confusos como o mar. Se aproxima de mim, tanto que os

seus cílios roçam em meu queixo, e se inclina enquanto apoia as mãos sobre o peito. Sei o que ela pretende, e afasto a minha cabeça.

_ Por que não me beija? Pergunta sem mais, com voz de menina.

_ Você não quer que eu te beije.

_ Sim, eu quero.

_ Não, não é verdade.

Ficamos parados na porta, e ela deixa caírem as mãos.

_ Você não me acha bonita?

_ Não é isso, reconheço.

_ Então o que é? Já tem uma garota? Já é casado?

_ O que é casado?

_ Você sabe, duas pessoas, com anéis. Juntas para sempre.

Volta a balançar, balança suavemente. Penso em Emma. Juntos, como os pássaros.

_ Não, eu não sou casado.

_ Então me beije.

Coloca novamente suas mãos em meu peito e vem em minha direção, mas me afasto. Desta vez fica mais difícil resistir, algo dentro de mim, me empurra e diz para obedecer aos meus sentimentos, é o que sempre faço. No entanto, essa não é a verdadeira Bree, e nem eu sou eu mesmo. Estamos dentro desses corpos turvos, somos reflexos nebulosos de nós mesmos. Sentimos coisas, que talvez não se sinta amanhã. E eu amo Emma, Emma, não Bree.

_ Não posso, digo a ela, enquanto seguro as suas mãos e as aperto entre as minhas. Sua pele é quente, arde, e as palavras me escapam antes de poder medi-las. _ Mas se amanhã, quando acordar, ainda quiser que eu a beije, eu farei.

Bree sorri e se encurva para vomitar dentro das botas.

Vinte e nove

Na manhã seguinte, quando me apresento na sala de treinamento, não encontro Bree. Elijah nos faz passar por outra sessão de tortura infernal. Tenho todos os músculos do corpo doloridos, mas tenso do que uma corda muito estendida. Acredito que vou me partir ao meio, mas a medida que avançamos com os exercícios, vou me soltando.

Quando termina o treinamento, Elijah me parabeniza pelo meu desempenho e desaparece como o meu pai para ir a reunião de rastreamento. Embora a minha intenção seja ir ao refeitório, mudo de direção no meio do caminho e chego ao hospital.

Blaine está na mesma cama, com ataduras limpas. Continua dormindo. Fico observando pela porta. Uma enfermeira me anima a entrar, mas não percebe que estou apavorado. Passar o tempo acompanhando alguém, que a qualquer momento pode perder, é a pior tortura. Blaine e eu sofremos com minha mãe, sentávamos ao seu lado na cama, segurávamos a sua mão e dizíamos o quanto a amávamos, só que isso nos fez sentir muito pior, no dia em que ela não despertou.

No final reuni coragem e obriguei os meus pés a se moverem. Sentei-me na beirada da cama de Blaine e lhe dei a mão. Conversei com ele, assim como a enfermeira do turno da noite, me sugeriu, disse-lhe tudo. Voltei a contar sobre a nossa viagem pelo bosque, a cachoeira de trás da rocha, o Projeto Leigo, o Rapto, Frank e Harvey. É cansativo e me ajuda a perceber o quanto estou sentindo a sua falta, mesmo depois de obter respostas. Sem Blaine, mas sinto inteiro.

_ Acorda Blaine, por favor, não posso fazer isso sozinho.

Aperto a sua mão. Ele dorme, seu peito sobe e abaixa lentamente, mas de repente, sinto que ele me devolve o aperto, é tão sutil que não tenho certeza de que realmente aconteceu.

Eu aperto a mão dele pela segunda vez. Desta vez eu sei que não foi a minha imaginação: devolve-me o aperto.

_ Blaine? Você pode me ouvir?

Ele aperta novamente.

Então eu começo a gritar para a enfermeira, quando ela fica ao lado digo a ela para olhar, mesmo que não precise olhar para a mão de Blaine, porque desta vez, quando eu aperto, ele começa a abrir os olhos devagar.

- Blaine?

Uma enfermeira de mais idade me segura.

_ Cuidado filho, não queremos assusta-lo. Está abrindo os olhos pela primeira vez em vários dias.

_ Vocês é que vão assustá-lo, respondo, desviando do empurrão. É meu irmão e me ver irá ajuda-lo.

No entanto, Blaine respira com dificuldades, e um redemoinho de mulheres debruça sobre a sua cama. Dan dá voltas ao redor de sua cama apressadamente, e eu só consigo pensar, que ele não vai conseguir escapar dessa e elas não me deixam ser a última pessoa que meu irmão vá enxergar.

No final, ele se recupera, depois de uma longa espera. Ele está vivo, inteiro e acordado. Blaine vira a cabeça para o lado, e quando os seus olhos se encontram com os meus, ele consegue sorrir.

_ Gray, só diz isso, e soa seco e frágil.

_ Oi.

_ Eu ouvi você, diz depois de engolir a saliva, da maneira que pode.

_ Estou feliz, já estava na hora de você acordar.

_ Não é só isso. Eu ouvi tudo, cada palavra.

Não parece zangado e nem confuso, nada parecido comigo ao descobrir a verdade, embora possa expressar todas as emoções, vai exigir mais energia do que possui nesse momento.

Blaine apoia as palmas de sua mão na cama, e tenta sentar-se, sem sucesso.

_ Tenho que me recuperar, diz, percebe- se a tensão da voz, o que dificulta para que ele consiga falar. Preciso sair dessa cama para acabar com ele, Gray. Pensa em Kale.

Não o havia feito, por isso me senti terrível. Por um longo momento, só ouço um canto de uma enfermeira, até que Blaine por fim diz:

_ Estava escuro e não sabia qual direção seguir. Então ouvi sua voz e tudo ficou mais fácil.

O que eu sinto quando ele não está, é um soco no peito... ao que parece com ele acontece o mesmo. Estamos unidos, conectados, dependemos um do outro, por mais que tentamos parecer independentes. Ele precisa de mim. Durante todo esse tempo, a única coisa que ele precisava era ouvir a minha voz.

_ Estou tão feliz por você está bem... é que... não acreditava... não sei o que dizer.

_ Não diga nada.

E eu não faço. Ficamos sentados, juntos, cômodos, em silêncio.

Quando a fazer barulho no meu estômago, ele pede que eu vá comer.

_ Venha me visitar logo.

_ Só se você me prometer que irá ficar aqui, conosco, eu respondo.

_ Eu tenho que ficar, certo? Você não duraria um dia sem mim.

_ Blaine...eu digo rindo, você fez uma piada.

_ Aspiro uma rápida recuperação, diz sorrindo, ainda que pareça que dói.

No refeitório, pego algo para comer e me sento sozinho. A fruta do prato está mole, por isso a mordo com precaução. Mais distante, vejo Harvey, que mostra um objeto estranho a Pinça, que o segura com as mãos e o examina, assustado. Não consigo ouvir o que eles falam, ainda que esteja claro que Pinça beba cada palavra que sai dos lábios de Harvey.

Estou terminando de comer, quando uma sombra paira sobre o meu prato. Levanto a cabeça e vejo Bree, exausta, pálida e sombria. Ela tem o cabelo espetado por causa do travesseiro e são visíveis as marcas dos lençóis em seus braços. Ainda cheira a álcool.

_ Não. Diga. Nada. Ordena ao sentar-se.

_ Não pensava em fazer, respondo, sem conseguir segurar o sorriso. É divertido vê-la tão envergonhada.

_ Você é um imbecil. Retiro tudo o que disse ontem à noite.

_ Você se lembra?

_ Em parte, responde enquanto examina a fruta, mas no final decide pela água.

_ O que Pinça faz com Harvey? Pergunto para mudar de assunto.

_ Está se formando. Responde, esfregando as têmporas. Ele é o sucessor como chefe de operações técnicas.

_ Verdade? Ele é o mais qualificado?

_ Você tem alguma coisa contra jovem talentoso ou o quê? Pinça inventou a máquina de extração sozinho e projetou grande parte da nossa tecnologia básica. Nada tão avançando quanto a que temos agora, mas se encarregava de tudo, quando não ainda não tínhamos Harvey.

_ É que parece ser muito jovem.

_O que você fazia aos treze anos, Gray? Caçava para os seus vizinhos? As pessoas te davam responsabilidades?

Confirmei com a cabeça.

- Aqui é a mesma coisa. Confiamos nas pessoas de sua idade, independentemente da idade._ Ok,ok, me desculpe. Não se altere.

_ Venha, Gray. Disse ela sarcasticamente, enquanto sopra para tirar uma mecha de cabelo do olho. Como se fosse capaz de me perturbar.

_ Ontem a noite parecia.

_ Bem, isso foi ontem a noite, e sobriedade muda as coisas, dando-me uma olhada assassina.

Está linda, apesar da sua lamentável aparência de ressaca. Além disso é ardente e imprescindível, um incêndio incontrolável no bosque. O que estávamos pensando na noite passada? Como que fomos nos confundir tanto, mesmo que fosse por um segundo? Não formamos um bom casal, o que fazermos de melhor é apoiarmos no pescoço um do outro, nós nos desafiamos. Somos mortais. De qualquer maneira, o que nos resta é voltar à normalidade.

Trinta

Meus primeiros dois meses em Vale das gretas passa muito rápido.

O treinamento me ocupa quase todo o tempo e, no fim, consigo passar do grupo de Elijah para o grupo de meu pai. Trabalha-se mais, mas o meu corpo está mais forte. Ganho peso de um modo que não era possível em Barro Negro, os exercícios repetitivos, fazem com que aumentem os meus músculos. Minhas lições de tiros agora incluem arma de fogo. Depois de um tempo eu as domino, mesmo que sejam mais largas e esbeltas, como os rifles. Preciso de um cano longo para sentir que sustento um arco e posso atingir o objetivo.

Ter Owen como meu treinador é agradável, mesmo que eu ainda não o vejo como o meu pai. Mesmo ele sendo uma versão maior de mim mesmo, com ideais semelhantes e uma personalidade igualmente teimosa. Aos poucos, estamos nos aproximando, nós tomamos algo no O Grifo ou fazemos alguma sessão extra de treinamento só nós dois, mas não é o tradicional pai e filho. As únicas ocasiões em que o vejo como um pai é quando estou treinando e o pego olhando para mim com uma expressão de total perplexidade, como se não tivesse certeza absoluta de que eu sou o seu filho.

Nós dois, frequentemente, visitamos Blaine, Apesar da rápida recuperação que desejava, está progredindo em um ritmo lento e constante.

A constância que é importante, diz o nosso pai, não a velocidade.

A maioria de nossas visitas ao hospital consisti em observar Blaine andando com muletas, enquanto dizemos que ele está se saindo muito bem, mesmo quando isso não é verdade. Sabe quando estamos mentindo, e muda o assunto da conversa, perguntando sobre o Projeto Leigo ou sobre o Vale das Gretas. Quase todos os detalhes que o meu pai conta a ele, são coisas que já sei, ainda que ouça umas pérolas, entre elas que o meu pai se uniu aos rebeldes como eu, depois que ele foi capturado e arrastado para o vale pela força, e que o vale é tão fabuloso e está muito bem abastecido, porque antes era uma instalação militar.

_ Quando Elijah o encontrou, todas as salas e quartos já estavam ali, até a sala de treinamento, como se estivesse esperando alguém para usa-la, e La Cuenca estava repleto de cultivos estragando. Antes de nós, algum povo viveu aqui. Havia eletricidade em quase todos os lugares, além de alguns abrigos subterrâneos que suportaria um grande ataque... Bem, isso prova que era apenas um esconderijo inteligente na floresta.

_ Se é um ativo militar tão maravilhoso, por que a Ordem não se apoderou dele?

_ Nós também nos questionamos sobre isso. Ryder acredita que esse lugar caiu no esquecimento muito antes de Frank e a Ordem chegarem ao poder. A aposta é que a sua localização era altamente secreta, só alguns oficiais de alto padrão sabiam e todos acabaram morrendo na guerra.

_ Um golpe de sorte, comento.

_ Das grandes. Se Frank está tão ansioso para entrar no Monte Mártir, para pegar Harvey, imagine o que ele faria se soubesse que o Vale das Gretas, na verdade é uma instalação militar operacional.

_ Bom, e o que você acha desse cara? Pergunta Blaine, mancando com as muletas. Que ele dorme abaixo as estrelas e tem como companhia algumas barracas e uma fogueira?

_ Quem sabe? Tem muito em suas mãos, responde nosso pai. Somos uma ameaça pequena se formos comparados com AmOeste. Com negligência, você vai perder o controle.

_ Que tragédia, não é? Respondo entre risos.

Às vezes custa acreditar que o Vale das Gretas, tenha crescido tão rapidamente, até que eu me recordo que Barro Negro surgiu das ruas de terra, em menos de doze meses. Diante das necessidades, os rebeldes, encontram uma maneira, e os oficiais militares que projetaram o vale já haviam deixado edifícios resistentes ao máximo. Depois que voltou a cultivar, a terra prosperou. A luz solar e a chuva abriram caminho até La Cuenca, fazendo crescer o milho, os grãos e intermináveis fileiras de frutas e verduras. As pastagens são exuberantes, sempre há produtos laticínios disponíveis. No hospital, com frequência vemos soldados feridos ou incapacitados, mas no campo grande que tem ao lado, sempre tem jogos, pessoas que se juntam para chutar uma bola ou para realizar competições de tiro amigáveis. O riso dos participantes, abafam os gritos dos feridos.

Há também um sistema de ensino para os mais jovens. Sempre vejo uma garota com um cacheado tão exuberante que me faz lembrar Kale. Imagina se em algum momento de suas vidas, essa criança e as outras crianças do Vale das Gretas olharem para trás e compreender o que aconteceu aqui. Vão compreender que não estão somente vivendo, mas resistindo. Que estão vivendo em um lugar subterrâneo com os seus pais e cresceram em meio de uma revolução. As pessoas aqui

escolheram a sua vida. No entanto, Kale não poderá ter esse luxo. Sua vida sempre será parte do plano de alguém.

O meu lugar favorito no vale, de longe, é o Centro Tecnológico. É uma confusão de edifícios, campos de teste e instalações de armazenamento que começa em La Cuenca e se desenvolvem através de uma série de túneis que perfuram as entranhas da terra. Enquanto que a maior parte do centro é fruto do trabalho de Pinça, sob a direção de Harvey, acrescentaram melhorias substanciais. Existe uma unidade de armamento (onde os trabalhadores limpam, reparam e atualizam, qualquer arma de fogo, arco, flecha, lança ou machado que apareça na Greta e uma sala de vigilância, que Harvey não controla somente a zona que o rodeia o Monte Mártir, mas também os detectores de movimento.

Eu gosto de passear pelo centro nas noites tranquilas e admirar as diferentes telas e os reluzentes quadrantes. Às vezes observo a distância e admiro a paciência com que Harvey administra a complicado equipamento. Ele fica em posição muito imprudente, com o ombro encurvado e os óculos apoiados na ponta do nariz torto. Quando me pega olhando, sempre sorri e acena levemente com a mão para me cumprimentar.

Uma dessas noites calmas me aproximo de Harvey, e faço-lhe uma pergunta, que não saia de minha cabeça, desde que ele me falou pela primeira vez dos laboratórios de Frank. Se uma imitação não é mais do que uma cópia, um duplicado físico e mental de um garoto raptado, por que era tão leal a Frank? Harvey tira os óculos e os deixa sobre a mesa.

_ Essa, Gray, é uma fantástica pergunta, uma que muitos não se propõem a fazer. Afinal a razão pela qual nenhum dos trabalhadores de Frank conseguiu criar uma imitação estável, antes da minha chegada. Se eles pudessem criar uma, sua mente seria muito livre. Questionava Frank, e ele se desfazia delas rapidamente dessas réplicas. Por outro lado, eu era um apaixonado pela tecnologia, amava o mundo da programação e me dava bem com o software, e isso fazia a diferença.

_ Estou perdendo alguma coisa.

_ Uma imitação é igual a nós, continua. Têm os mesmos órgãos, bombeia o mesmo tipo de sangue e está construída com os mesmos ossos. Mas eu e você, temos liberdade de pensamento, Gray. Uma imitação trabalha com software, dados implantados em seu cérebro, dizendo-lhe o que fazer e a quem ouvir.

O sorriso de Harvey, que surge quando ele fala sobre sua paixão, desaparece.

_ Foi espetacular quando eu o criei. Agora, especialmente, me assusta ser responsável por algo tão poderoso.

_ Então por que você, Harvey? Porque você trabalhou para ele?

_ Eu era jovem e impressionável, suponho, responde depois de um momento. Frank me tirou do orfanato onde passei a minha infância e me levou para União Central, lá havia laboratórios e tecnologia de ponta, e mais água do que se poderia beber. Ele me tratou muito bem, e pela primeira vez na minha vida, era como ter uma família, alguém se importou comigo. Alguém agindo como um pai. Eu queria a sua aprovação, queria mostrar ser capaz de qualquer coisa, que era mais esperto do que os adultos que trabalhavam no laboratório. Acredito que consegui, não é?

Eu não digo nada, mas o compreendo. Eu senti isso por Frank, somente há alguns dias atrás.

_ E as cópias ilimitadas... Eu digo, incentivando-o a prosseguir. Se você conseguiu criar uma cópia útil, por que não uma segunda ou terceira da mesma pessoa? Eu não entendo por que você parou.

_ É um processo muito delicado, responde. Se eu tentasse fazer várias cópias de você, Gray, você morreria. Eu não estaria somente duplicando os seus tributos físicos, mas também sua mente, sua personalidade, suas recordações. O cérebro humano tem um limite de resistência. Concentrei os meus esforços para criar uma imitação da imitação, mas isso é um processo ainda mais complexo. Cada geração foi pior do que a primeira. Algumas partes do software não se integraram bem, e as cópias tornaram-se desobedientes. Não funcionavam como deveria. Provavelmente com o tempo eu teria resolvido, acrescenta, colocando novamente os óculos e piscando para mim. Felizmente, não me esforço mais para agradar a Frank.

Há dias especiais em que me permitem sair, aqueles em que os relatórios de reconhecimento são positivos e nenhum membro da Ordem é detectado por perto. É bom ver o sol novamente, me rejuvenesce. Um dia saio e uma rachada de vento alvoroça o meu cabelo. Ele voltou a crescer, já não é uma pelugem dura, mas está voltando a ser suave, cai sobre os meus olhos, e encrespa atrás das orelhas.

Quando caminho pelo bosque, é como estar em Barro Negro. Tem dias em que realmente desejo estar ali de verdade, disfrutar de uma vida simples. Entretanto, Barro Negro, não voltará a ser o lugar confortante de antes porque, apesar de sua estrutura, suas regras e sua segurança,

é uma fraude. No Vale das Gretas as coisas são complicadas, mas o que acontece é porque os seus habitantes decidem. Não existe um poder superior que os mantém prisioneiros ou trancados.

Às vezes, quando enviam Bree a uma missão de exploração ou em busca de água, me aventuro a ir visitar o cemitério coberto de ervas que se encontra atrás da colina, na entrada dos fundos do Monte Mártir. É como se cada vez que você passa um montinho de terra recém-removida, como uma margarida em busca de sol. Meu pai diz que isso é só o começo, que a verdadeira batalha ainda não começou. Faço companhia aos falecidos, enquanto Bree está fora, me refugio com os cadáveres sem nome que estão embaixo da terra. Mas mesmo assim, sinto uma solidão estranha, como se eu fosse um fantasma em um mar de gente.

Mas sei por que me apeguei a Bree dessa maneira, mas toda vez em que ela se afasta, me sinto perdido. Sinto falta do seu fogo, do seu olhar franzindo a testa, sua natureza selvagem e seus comentários depreciativos. Sinto vontade perguntar a ela, se ainda quer aquele beijo. Então Emma surge em meus pensamentos. Emma, por quem meu peito dói, durante meses, uma dor que oro todos os dias para desaparecer, me encontrando com ela. Por isso, sempre deixo que os sentimentos por Bree (aqueles que surgem quando ela me dá um sorriso ou um soco de brincadeira) desapareçam.

Em pleno outono, quando os dias ficam mais curtos e as noites mais frias, chego ao ponto no treinamento, que me consideram apto para o combate. Meu pai me coloca na lista de ativo e me emociono. Blaine se preocupa, coisa de irmão mais velho, ainda está se recuperando e não pode oferecer-se em meu lugar. Apesar de que caminha sem amuleto, mas ainda tem dois meses de treinamento pela frente. Tem que cumprir, como todo mundo.

Minha primeira missão é bem simples, uma operação de reconhecimento comandada por Raid. A Ordem vem tentando reiniciar a Operação Furão desde a minha chegada ao vale, e nossa missão é cobrir a oeste do Monte Mártir, verificar se está livre, e, se vermos a Ordem, informar as coordenadas para enviar uma equipe de contra ataque e dispersa-los.

Não chego a me unir a missão.

No dia anterior, um suado Xavier, entra sem ser anunciado em uma reunião de rastreamento. A reunião é sobre a missão, por isso estou entre os participantes surpreendidos. Aqui estão os comandantes, junto

com Ryder, sentados em uma mesa circular, enquanto eu e Bree ficamos em pé, de costas para a parede. Até Harvey está na sala, só porque vamos usar um óculos de visão noturna melhorada na missão, e querem se certificar que aprendemos todos os novos recursos.

_ Agora não, Xavier. Diz Ryder quando o outro abre a porta de repente.

_ Mas é importante, senhor, responde Xavier, ofegante, prestes a engasgar com as palavras. Vim correndo diretamente do centro de interrogatórios.

Alguma coisa em suas palavras chama a atenção de Ryder, então ele faz um gesto para que ele continue.

_ É o novo prisioneiro, que a equipe de Fallyn trouxe no outro dia.

_ O que tem ele?

_Luke o interrogou. Sabemos como a Ordem irá invadir o Vale das Gretas. É um vírus, senhor. Eles criaram um vírus.

Trinta e um

Ninguém diz nada, por um instante.

Fallyn é a primeira a levantar as mãos, e Elijah geme frustrado. Os demais começaram a falar feitos loucos entre eles, perguntando-se como Frank havia conseguido nos localizar, preocupados com a ameaça do vírus. Xavier permanece onde está, impotente, observando o grupo a espera de um plano de ação, até que finalmente, Ryder levanta a mão e todos ficam em silêncio.

_ Suponho que há mais detalhes, certo? Pergunta. Fala com calma e firmeza, enquanto retorce as suas mãos.

_ Eles o criaram em um laboratório. O prisioneiro disse que é transmitido pelo ar. Uma vez infectado as pessoas vão demorar um dia ou dois para adoecer. Disse que estaríamos mortos em questão de semanas.

_ Como podem eles podem estar seguros, que também não serão infectados? Fallyn pergunta, franzindo a testa.

_ Vacinas, explica Xavier. Tornou-se obrigatória para todos que trabalham na Ordem e para quem quiser permanecer dentro da cidade. As cidades ao redor, aliadas de Taem e todo largo AmEste, foram beneficiados.

_ E as pessoas de fora? Pergunta Ryder.

Eu não acho que Frank se importa muito com isso. Não precisa que todos sobrevivam somente ele, a Ordem e Harvey. Luke acredita que a liberação do vírus depende do êxito da equipe da Ordem, que se aproxima. Sua missão continua sendo Harvey, sendo assim eles não podem espalhar o vírus até pega-lo. Caso contrário, correm o risco de colocar em perigo a saúde de seu objetivo.

_ Espere um minuto, interrompe agora o meu pai. Como eles sabem onde estamos? Eu sei que Monte Mártir é um lugar muito conhecido. Mas sempre tomamos muito cuidado, quando saímos, não poderiam saber onde estamos. A não ser? ... Temos um espião?

_ Nós não prendemos ninguém nas ultimas semanas. _ Responde Raid,_ sacudindo a cabeça. Não creio que tenha vazado informação. Mas de qualquer maneira, precisamos de um plano e tem ser agora.

_ Talvez Frank tivesse suas suspeitas sobre a localização _ diz Ryder pausadamente _ embora duvide que ele saiba exatamente onde estamos. Se soubesse, não iria precisar de um vírus. Simplesmente sobrevoaria sobre nós e bombardearia. Isto só pode significar uma coisa: o vírus vem a pé. Eu acho que a Ordem irá capturar um de nossos soldados no campo. Como não sabe onde nos encontrar, simplesmente infectará o prisioneiro e o mandará de volta. Eles querem que nos infectemos sozinhos.

A lógica de Ryder tem sentido e provoca outra onda de pânico. Olho para Bree, que está séria, concentrada. _ Então precisamos da vacina _ diz aos preocupados capitães.

_ Sim, concorda Ryder _, a vacina é o mecanismo de segurança. Levantaremos barricadas nas entradas, aumentaremos a segurança e faremos todo o possível para mantermos o vírus fora. No entanto, se entrar, precisamos da vacina como proteção.

_ Espera de verdade, que vamos nos guiar pelas palavras de um prisioneiro? _ Interrompe Fallyn.

_ Fallyn, se você tivesse visto o que Luke fez, você acreditaria nele _ responde Xavier _, a única coisa que ele deseja é que parem de torturá-lo. Você sabe como é Luke, já sabe a dor que ele é capaz de causar.

_ Eu sei _ intervém Harvey. _ São as primeiras palavras que ele pronuncia desde que começou a reunião.

_ Isto está descartado _ afirma Ryder_ querem você acima de tudo.

_ Está claro que não é o suficiente para me manter vivo. Correm o risco de enviarem um vírus e me matar. Eu posso morrer aqui com vocês ou podemos tentar colocar as nossas mãos, em nosso caminho de salvação.

_ Você sabe onde buscar? _ pergunta Ryder, enquanto esfrega o polegar com o indicador.

_ Passei uma eternidade da ala tecnológica e no centro de pesquisa médica, quando trabalhava lá. Se o vírus nasceu nesses laboratórios, a vacina também.

_ Não te deixarão voltar facilmente_ diz Elijah.

Então vejo o caminho que se forma diante de meus olhos. É minha oportunidade, a oportunidade pela qual tanto rezei.

_ Deixarão voltar se eu o levar_ e todos se viram para me olhar. _ É simples: levo Harvey a Taem, o entrego, e os distrairemos enquanto pegamos a vacina. Depois entraremos pela floresta antes que a Ordem perceba o que está acontecendo.

E pego Emma, no caminho. Não tenho certeza de como farei, mas, nesse momento esses detalhes não me detêm.

_ Qualquer um pode montar uma distração _ replica Fallyn, entre risos. _ Por que você é melhor do que qualquer outro? O que você pode dizer a eles, para que não te matem com um tiro, quando você aparecer.

_ Em primeiro lugar, o objetivo da Operação Furão sempre foi capturar Harvey com vida, então não irão disparar em ninguém antes de vê-lo. E além do mais, mudando o assunto, tenho um irmão gêmeo.

_ O que isso importa? _ ela debocha.

_ Pois importa, porque eu voltarei não como eu mesmo, mas como Blaine. Somos praticamente idênticos e, para a Ordem, Blaine nunca foi um traidor como eu. Posso dizer a eles, que vocês me mantiveram prisioneiro, desde que os rebeldes atacaram a equipe de Evan. Direi a eles que vocês arrancaram o dispositivo de rastreamento para que eles não pudessem de encontrar. Explicarei que eu ganhei a confiança de vocês e logo que surgiu uma oportunidade, peguei Harvey como refém, e voltei à cidade. Se eu conto a eles essa história, me receberão de braços abertos. Tenho certeza de que, dessa maneira entraremos na Central e voltaremos com a vacina.

Poderia funcionar _ reconhece Ryder no final _ Poderia dar errado de várias maneiras, mas essa é a melhor opção. O que você acha Harvey?

_ Muito bom.

_Bem, mas para mim, não _ intervém meu pai _ Gray não está preparado para algo tão perigoso.

Vejo o terror em seus olhos. Pela primeira vez, se parece com um pai.

_ Já demonstrou o seu valor _ disse Ryder _ já está em serviço ativo. Gray, mas tem certeza que você quer fazer isso?

_ Sim, mas iremos precisar de um guia. Nem Harvey e nem eu conhecemos o caminho da floresta depois do Monte Mártir.

_ Me apresento como voluntário_ diz o meu pai.

_ Claro que não _ responde Ryder, sacudindo a cabeça _ não poderá ser nenhum dos capitães, eles o conhecem muito bem. Tem que ser alguém com experiência, mas que não o conheça alguém que já demonstrou sua capacidade e não amoleça sobre pressão.

Dá-me impressão de que Ryder pede um voluntário, até que acompanho o seu olhar e percebo que está fixo em uma loira a minha esquerda.

_ Aceito _ diz Bree sem vacilar ou demonstrar alguma preocupação.

_ Excelente _ responde Ryder _ A missão de reconhecimento está cancelada, precisamos planejar outras missões mais importantes.

Passamos os dias seguintes na sala de monitoramento, entre mapas da floresta, rotas de fuga e da rede de abastecimento da cidade: como entrar nas instalações de pesquisa, quando iniciar o plano de distração, como escapar...

Meu pai evita todas as reuniões, murmura maldições e jura que não quer participar dos preparativos da morte de seu próprio filho. Blaine parece ter a mesma opinião.

Um dia chamam Harvey e Bree para o planejamento e dizem que não precisam de mim. Falam com os capitães às portas fechadas, e eu fico me perguntando que planos estão me escondendo e por que Bree, depois me diz que não era nada, apenas questões de manutenção que só interessava a tecnologia e o transporte, mas suspeito que é mentira. No entanto, parece cansada, o dia a colocou a prova, assim que não a pressiono, apenas repasso as diferentes possíveis situações para ver como e quando entrar na prisão e resgatar Emma de sua cela. Se eles estão me ocultando informações, também posso fazer o mesmo.

Na noite anterior a nossa partida preparamos a nossa mochila e nos disfarçamos. Os rebeldes tem o cabelo castanho escuro e Bree coloca um fino disco em seus olhos, de modo que a sua profundidade, adquirem uma cor de terra molhada. Explicam-me que os discos se chamam “lentes de contato”, e me dão umas parecidas, assim que seus olhos, a única característica que me de Bree, agora parecem azuis.

Estou deitado na cama, com o meu velho uniforme da Ordem, quando chega Bree.

_ Está pronto? _ me pergunta.

_ Sim, e você?

_ Claro que sim, _ responde, franzindo a testa. Parece outra pessoa, mesmo que a voz seja a mesma e a maneira que enruga a testa, quando está com raiva é inconfundível.

Você ainda pode voltar atrás, se quiser _digo _ Não vou tomar isso como uma ofensa.

_ Nem brincando, Gray. Alguém tem que garantir que você vá voltar inteiro para a casa _ afirma e fica me olhando, como se esperasse ouvir-me dizer que preciso de sua ajuda. _ Vejo você pela manhã _ se despede e desaparece tão rápido quanto apareceu.

Termino de fazer as malas e sento na beirada da cama. Tento pensar em alguma coisa, qualquer coisa que seja. Talvez tenha muitas coisas em minha cabeça, para pensar somente em uma. Preciso me distrair, então vou ao hospital para ver Blaine.

Está se forçando muito na sessão de fisioterapia com uma enfermeira: quando me vê, desce saltando a escada que estava subindo.

_ Olha, já corre pela escada _ digo.

_ Estou ficando mais forte a cada dia que passa _ responde sorrindo _ talvez eu esteja totalmente recuperado, quando você voltar.

_ Nem sonhando.

Estende a sua mão, mas em vez de dar um soco de brincadeira que eu esperava, me dá um abraço.

_ Tome cuidado _ me pede _ gêmeo ou não, você continua sendo o meu irmão mais novo e não sei o que seria de mim, se acontecer alguma coisa com você.

_ Na verdade, eu sei. Eu sei, porque passei isso com você. Quando te raptaram. Quando atiraram em você. Quando você passou várias semanas dormindo no hospital

_ Ok, ok, você venceu _ responde afastando-se. _ Fiz você passar o inferno. Por favor, não tente revidar.

Deixo Blaine em sua sessão de fisioterapia e volto para o meu quarto. Quero dormir cedo e descansar. Mas encontro o meu pai, encostado na cômoda, me esperando.

_ Quero que saiba, que estou orgulhoso de você _ diz sem mais. E sinto muito não ter apoiado muito durante esses dias. É que não quero voltar a te perder.

Assento, já sabia. Nunca pensei que estava me evitando por maldade, era o seu jeito de lidar com a situação, de enfrentar o futuro incerto, que se aproxima inexoravelmente.

_ Quando estiver lá fora, confia em seu instinto _ me aconselha. _ É o que te manteve vivo até agora.

_ Eu farei _ respondo _ e estou prestes a chama-lo de papai, mas ele me dá boa noite e saiu do meu quarto, antes que eu consiga reunir coragem o suficiente.

Durmo pouco, em sonhos tento levar Harvey a Taem, e ele se transforma em um corvo negro que sai voando em direção contrária. No final, o derrubo com um disparo. Quando cai no chão, já não é um corvo, é Bree, nua, com seu novo cabelo escuro, com a parte de trás da cabeça toda ensanguentada.

Ao acordar, vejo que ainda é cedo, mas estou muito ansioso. Saio da cama, visto o uniforme da Ordem e espero que tudo comece.

Parte 04

A diversão

Trinta e dois

Demoramos quatro dias para chegar à fronteira da cidade. Acho estranho estar ao ar livre. Desde a minha chegada ao acampamento rebelde só tenho visto a pequena área que rodeia o Monte Mártir. Assim, que é uma libertação poder caminhar, atravessar montanhas, colinas e vales. Harvey nos atrasa um pouco, seu corpo não está acostumado com caminhadas, mas não reclama nem uma vez.

Eu caço, faço armadilhas durante a noite, para que possamos encher nossa barriga pela manhã. Harvey mantem os rebeldes informados a cada passo que damos. Ele tem um pequeno receptor e um microfone em miniatura em que fica sussurrando constantemente. Bree não deixa de se meter com ele.

_ Não precisam saber que paramos para descansar três minutos, e nem que Gray foi urinar ou que eu fiz um comentário sobre a cor do céu.

_ Claro que não, mas é agradável conhecer os pequenos detalhes, quando nos espreitam sobre escuras nuvens, responde Harvey.

Pela manhã, quando a cúpula de proteção surge para nós, paramos para descansar pela última vez. Passamos um cantil com água sem dizer nada, olhando para frente, contemplando a cidade que nos espera. Ninguém menciona que entrar será fácil, que o verdadeiro problema será sair dali com a vacina nas mãos.

_ Deveríamos sacudir Harvey um pouco antes de entrar, sugere Bree. Se ele realmente tivesse sido nosso refém, teria muito mais que uma camisa suada e as bochechas sujas.

Olho para Harvey, tão frágil e sensível. Eu não sou capaz de bater nele ou lhe dar uma bofetada.

_ Se não há remédio... Ele diz e até sorri.

_ Eu não faço, respondo, balançando a cabeça.

Bree deixa escapar um suspiro, se aproxima de Harvey e lhe dá um soco sem avisar. Em seguida, sacode o punho enquanto Harvey cobre o nariz ensanguentado.

_ Mais, ele insiste.

Bree desloca o ombro dele e diz: _ Não nos serve de nada deixar você reduzido a pó. Ao menos um ombro deslocado é fácil arranjar quando for necessário.

Dito isso, Bree pega a mochila e a coloca no ombro.

_ Vejo vocês do outro lado, garotos. Boa sorte.

Dá-me um beijo na bochecha antes de sair correndo. Enquanto a chegada minha e de Harvey atraem a atenção de todos, ela tem a intenção de saltar em bonde que vai até a cidade. Coloco a minha mão onde estiveram os seus lábios e a observo correr.

Iniciamos a nossa caminhada até a reluzente cúpula. Harvey anda na frente, com o braço deslocado, contra o peito enquanto eu aponto um fuzil em suas costas. Ao nos aproximarmos, poderia jurar que sinto os olhos de Frank sobre nós. De algum ponto da fortaleza, ele nos observa através das câmeras o aparecimento de sua posição favorita.

A grande barreira se abre e entramos na boca da cidade.

Ali nos espera Marco, perto de um carro com a porta aberta. Os membros da Ordem estão ao seu lado e seguem os nossos movimentos, com os canos de suas armas. Percebo que Harvey está ficando com medo. Comigo está acontecendo o mesmo.

_Bem, se não é um dos gêmeos Weathersby, de volta dos mortos. E com o senhor Maldoon, nem mais nem menos, comenta Marco. Abaixa-se e me olha para os meus olhos para comprovar sua cor antes de se endireitar. Bem feito, Blaine, Muito bem feito.

O guarda nos agarra e nos obriga a entrar no carro.

O escritório de Frank está como eu me lembro, um brilhante espetáculo de decoração e ornamentos. Marco nos empurra até as cadeiras que estão frente a mesa, e esperamos. Um momento depois, as portas que estão atrás de nós se abrem, mas não ouvimos passos. Olho para trás, e Frank está na entrada, examinando as unhas, estalando os dedos metodicamente antes de entrar na sala.

Observa-nos, primeiro a Harvey, depois a mim e de novo Harvey. Seus olhos brilham. Enquanto nos examina, começa a formar sua habitual onda com eles, hoje o movimento não é calmo e nem de meditação, mas ameaçador. Tem os dedos pálidos e ossudos, como ramos de árvores mortas.

_ Bem vindo ao lar, Blaine. Diz Frank finalmente. Sua voz é suave e melosa como sempre. Sorri, um sorriso largo e perverso. Remexo-me na cadeira, revoltado.

Frank põe sua mão de aranha em meu queixo e me empurra o meu rosto para o lado. Com o outro dedo, percorre a tênue cicatriz do pescoço.

_Bem, bem, o que aconteceu aqui?

_ Não sei, minto. Fui torturado pelos rebeldes para tirarem informações. Desmaiei e quando acordei estava com um curativo no pescoço.

_ Que sorte que esteja vivo, responde, entrefechando os olhos. Temíamos o pior, acrescenta, cruzando os braços sobre o peito, sem mencionar nem uma vez que tinha um dispositivo de rastreamento sob a pele. Como você conseguiu escapar?

Frank me mostra os dentes, com outro de seus sinistros sorrisos e me dá vontade de vomitar. Porque não passei mais tempo, praticando respostas para esses tipos de perguntas, em vez de passar tanto tempo analisando rotas de fuga? Engulo a saliva e rezo para manter a voz firme.

_ Me infiltrei. Fingi entender a sua posição, sentindo pena deles. Fui mantido em uma vigilância constante, mas quando vi uma oportunidade, eu a aproveitei. Pulei sobre os guardas, durante a troca de turno, peguei Harvey como refém e voltei a pé. Explico, fazendo um movimento para apontar Harvey ao mencionar o seu nome, isso faz com que o meu companheiro dê um pulo.

- É isso mesmo, Harvey? Pergunta Frank. Aconteceu isso mesmo?

_ S... Sim senhor, gagueja Harvey, que parece apavorado, e não acredita que seja uma atuação.

_ Aqui você tinha muita coisa boa, Harvey, algo bom de verdade, sussurra Frank. Não sei por que você teve que chegar a esse ponto.

O sangue da camiseta de Harvey já tinha secado na camiseta, e perdeu sua valentia com o braço pendurado, como um refém de verdade. Frank volta a prestar atenção em mim.

_ Sinto muito por seu irmão, me diz apesar do seu tom de voz, não ser de um lamento absoluto. Fomos informados de que ele foi morto durante a batalha que aconteceu na Forquilha. Você deve estar arrasado.

Não sei qual reação deverei ter, de surpresa, como se não soubesse o que aconteceu , ou de pena, lamentando a sua morte. Antes de tomar uma decisão, Frank se abaixa, para pegar em meu rosto, fico olhando para a frente, rezando para que ele não veja a beirada das lentes de contato azul.

_ Bem, Blaine, diz, volta aqui depois de passar dois meses desaparecido, e como foi cancelada Operação Huron, você espera que eu acredite em você, não é?

_ Você não acredita?

_Não Blaine, não acredito, nem de longe. Responde, e sua voz abandona a suavidade e dá lugar a um tom amargo. Mas você pode ganhar a minha confiança. Harvey será executado amanhã, e você, meu caro, fara ás honras.

Sorri, em um gesto brilhante e maligno, com uma lua pálida que surge detrás de serra íngreme.

_ Mas... Você disse que queria pegá-lo com vida, essa era a missão. Como vai libertar Barro Negro se você o matar?

_ Progredimos bastante durante a sua ausência, responde sem deixar de sorrir. Nós não precisamos mais de suas respostas, acrescenta uma mentira descarada. Mas se o queríamos vivo, era para nós mesmos acabarmos com ele, e nos divertirmos. Imagina a felicidade dos habitantes de Taem, quando presenciarem o final desse traidor assassino e mentiroso? Finalmente a justiça será feita, e você que irá proporcionar isso, Blaine. Você que irá executar Harvey e demonstrar a sua lealdade.

Tudo em minha volta começa a rodar: prazos, planos, distrações. Isso muda tudo, abre uma enorme lacuna em nossa estratégia. Agora temos menos de um dia, antes que comece a anoitecer, para conseguir o que precisamos e fugir. Só tenho algumas horas para encontrar Emma. E como se Frank tivesse lido a minha mente, diz:

_ Ah, acrescenta, esboçando um sorriso cruel, aparentemente, o seu irmão tinha uma estreita relação com uma garota chamada Emma.

Eu “fico olhando, concentrando-me nas folhas de outono do lado da janela ” Por favor, não me diga que Emma está morta”, digo para mim mesmo, uma, duas vezes. Se ela morreu, vou desmoronar.

Frank move os dedos formando uma suave onda.

_ Está trabalhando em nosso hospital. Você pode fazer uma visita a ela. É muito bonita, e como Gray não está, vai lhe bastar o irmão quase idêntico.

Aperto os punhos, Frank vê e sorri, para depois dizer com sua voz de sempre, suave e macia.

_ Agora me desculpe Gray, digo Blaine, tenho outros deveres para atender.

Fico sentado onde estou me perguntando se ele realmente confundiu os nomes ou ele sabe.

Sinto uma desagradável sensação de que ele pode ver dentro de mim.

Prenderam Harvey em uma cela, mas uma prisão individual, no meio de um corredor lotado, vigiado por três membros da Ordem. Colocam em uma só cela, vários trabalhadores usando um jalecos branco de laboratório, e carregados com sacos. Talvez sejam médicos. Aposto qualquer coisa que Frank está torcendo para que Harvey esteja bem disposto para a execução.

Tenho permissão para andar livremente pela instalação central, mas não demoro em perceber que tem um guarda atrás de mim, em uma distância suficiente para não pensar que ele seja uma ameaça, mas sim o bastante para me controlar. Entro com discrição em um banheiro e fecho a porta com trinco. Depois de ter a certeza de que estou sozinho, tento entrar em contato com Bree. Tenho um pequeno fone de ouvido e um microfone escondido que Harvey instalou dentro da minha camisa.

_ Bree? Pergunto. Me informe a sua situação.

Não recebo nada mais que um ruído de eletricidade estática durante vários segundos e logo seguida um estalo e, por fim, a voz de Bree.

_ Dentro da cidade, subi sem problemas no bonde, e só tive que despachar alguns membros da Ordem, que estavam simpáticos demais.

_ E a distração? Como vai?

_ Você acha que eu sou um relâmpago? Olhe, eu tenho que encontrar o caminho da central, sem chamar a atenção.

_ Coloque seu antigo uniforme, você entra.

_ Gray, nós já conversamos sobre isso. Eu tenho que ser invisível, ninguém pode saber que estou aqui. Por que a pressa? Concordamos que a distração seria amanhã de manhã.

_ Quanto a isso... Houve uma mudança de planos.

Conto a ela que a execução de Harvey está programada e qual será o meu papel e o dela.

_ Não se preocupe, limita a responder. Será hoje.

_ Como?

_ Ainda não sei, mas colocarei em prática a última hora da tarde, prometido.

_ Já são doze horas.

_ Então é melhor que você pare de me distrair. Procure estar preparado para o sinal.

_ Dito isso, corta o sinal e me deixa sentado no banheiro. Olhando para a imagem atordoada no espelho. Procuro me concentrar na distração que se aproxima, mas quando fecho os olhos, só vejo Emma. Com certeza Frank fez de propósito, enchendo minha cabeça, para me enganar e me distrair. Como sei que nada posso fazer até receber o sinal de Bree, saio do banheiro e procuro pelo guarda que me seguia como uma sombra; parece que o perdi. Meu pulso não me permite entrar em nenhum lugar, então a cada porta, tenho que esperar alguém da Ordem passar e abri-la para mim.

Há muitas pessoas no hospital, mas não vejo Emma em nenhum lugar. Talvez tenha a manhã livre ou trabalhe a noite. Deixo que meus pés me levem de cor até o seu quarto. Espero o que me parecem ser horas até que um membro da Ordem saia do corredor, e quando o faz, eu entro. A porta de Emma está fechada e vejo uma luz saindo por debaixo dela.

Por que estou tão emocionado? Por que não estou a ponto de pular de alegria? Isso era o que eu mais queria. O meu objetivo desde o inicio.

É Emma, Emma, a garota que eu queria e quero. A garota que eu pensava que eu nunca voltaria a ver. E por que isso é tão difícil? Por que uma parte de mim não acreditava que iriamos nos reencontrar? Levanto a minha mão para bater, mas eu paro. O que vou dizer a ela?

Antes de perder a coragem, brinco com os nós dos dedos na madeira. Ouço passos, arrastando os pés descalços no tapete. Mãos mexem com o trinco e a porta se abre. Mas o rosto que vejo a minha frente, mas é o de Emma.

_ Blaine! Está vivo! Cumprimenta-me Craw sorridente.

Vejo Emma atrás dele. Tem o cabelo bagunçado, e as almofadas desenharam sonolentas marcas em sua pele. Esconde os peitos com um lençol.

Dou um soco em Craw antes de sair furioso correndo pelo corredor.

Trinta e três

Craw solta um palavrão.

_Blaine, espera! Grita Emma, que corre atrás de mim, ainda enrolada nos lençóis. Eu não paro.

_ Blaine, grita de novo antes de me agarrar pelo braço. Mas o que aconteceu?

Me viro para olhar para ela. Estou muito, mas muito zangado, mas eu tenho que seguir interpretando o meu papel. Aperto os dentes.

_ Por que você fez isso? Pergunta. Nunca vi você bater em ninguém. É que... ?

De repente, para de falar e me olha nos olhos procurando por alguma coisa. Examina-me, começando pelas sobrancelhas e baixando até as mandíbulas. Depois levanta a mão e a põe na bochecha. Abre bem os olhos enquanto percorre o nariz com as e o contorno da barbicha com as pontas com um dedo.

_ Meu Deus! Diz, segurando a respiração por um segundo e retira a mão. Gray!

Não faço ideia de como ela sabe, mas sabe. Estou prestes de perder o controle, de avançar pelo corredor, então eu me viro e começo a me afastar.

_ Gray, por favor, me detém segurando o meu braço. Não é o que você pensa.

_Qual é Emma? Eu grito, virando para olhar para ela. Ela hesita, quase com medo.

_ Nós pensamos... Pensamos que você estivesse morto. Todos pensaram. Disseram-me que você estava lá, quando os rebeldes atacaram, e que mataram você e Blaine.

_ Mas não!

_ Você acha que foi fácil?

As lágrimas começaram a acumular-se em seus olhos, e uma desliza pelo lunar da bochecha. Até quando estou furioso, me dói vê-la chorar.

_ Você acha que foi fácil para mim, Emma? Você não tem ideia do que eu passei para chegar até aqui. E como você retribui? Dormindo com Craw?

_ Isso não é justo.

_ Justo? Eu sou o injusto? Não deixei de pensar em você, enquanto você virava a página em questão de dias.

Ela fica onde está, impotente, ajeitando o pálido lençol em seu peito, cobrindo a pele que Craw viu, mas eu não. Pensava que nós dois erámos como os pássaros. Emma seca as lágrimas do rosto, com as costas da mão.

_ Não virei a página, Gray. Pode ser que fisicamente, porque estava perdida e inconsolável, mas nunca de verdade. Por favor, não fuja de mim, não me abandone outra vez.

Tenta me tocar, mas me afasto.

- Craw te deu a mensagem, pelo menos?

- Sim, responde, olhando o tapete.

Estou pensando que é ainda pior, quando ouço um estalo na orelha.

_ Pronto, sussurra Bree. Se prepara.

_ Tenho que ir. Digo a Emma.

_ Não, ela me suplica. Sinto muito que você tenha me visto assim, sinto ter feito isso, mas, por favor, não vai embora.

_ Preciso de um tempo.

_ Para quê?

_ Para decidir se você merece uma segunda chance.

Todas as vezes que eu senti algo por Bree, todas as ocasiões em que notei que crescia o meu afeto por ela, me contive por Emma. Dizia a mim mesmo que não era real. A única que tenho feito é pensar nela, tentar voltar com ela, e ela me esqueceu assim, instantaneamente.

_ Todo mundo merece uma segunda chance, Gray. Diz-me ainda em lágrimas.

_ Pode, respondo, e me afasto. A distração está a ponto de começar, tenho que estar pronto.

Volto a cela, onde Harvey está preso. Vejo os guardas em frente à porta. Fico em escondido, esperando. É curioso, sinto-me vulnerável, debilitado depois do meu encontro com Emma, e indefeso, já que tiraram o meu fuzil.

De repente ouve-se um grande estalo por toda a central, e um chiado estático no sistema de comunicação. O sinal de Bree. Minha vez.

_ O que foi isso? Pergunta um dos guardas.

Os demais sacodem a cabeça. Então começa, primeiro bem baixinho, como um tamborilar de chuva em uma tempestade da noite. É delicado e paciente, mas depois aumenta, as notas aumentam de volume, a melodia ganha força.

_ É o que... Música?

_ Parece ser isso.

_ Não ouço música desde que eu era pequeno. É lindo. Estou até assustado. Não tem nada a ver com tudo o que já ouvi antes, é mais poderoso que um punhado de tambores e flautas que eram tocadas ao redor das fogueiras de Barro Negro. Atravessa-me a alma e me deixa sem ar, estou perdido no tempo. A música percorre toda a Central, ocupa corredores, se propaga no campo de treinamento exterior. Olho pela janela que tem atrás, e vejo que todo mundo está paralisado, olhando o céu, em busca da origem do som.

_ Está tocando em todos os lugares, inclusive lá fora, comenta um guarda.

_ Frank vai ficar furioso, diz outro e, justamente enquanto está falando o sistema de alarme recomeça a soar.

As luzes vermelhas se acendem, o barulho das sirenes, é igual o alarme que ouvi do telhado quando atacou AmOeste.

No entanto, desta vez, vem acompanhada por uma voz que ressoa no corredor.

_ Código vermelho, fechamento de emergência, anuncia sem um pingo de emoção na voz. Os membros da Ordem se apresentam para receber ordens. Código vermelho, fechamento de emergência. Segue repetindo a voz, ao ritmo do estrondoso alarme, mas nenhum dos dois conseguem silenciar totalmente a música.

Os membros da Ordem saem do corredor, correndo para a direita e a esquerda, prontos para entrar em ação. Os guardas de Harvey abandonam os seus postos e se afastam a toda velocidade. Dou uma rasteira em um deles, e utilizo a arma para golpear a sua cabeça. O homem cai ao chão feito uma bola, enquanto os demais, dominados pelo pânico, não percebem que seu companheiro está no chão. Arrasto o guarda inconsciente até a cela de Harvey e utilizo o seu pulso para abrir a porta.

Harvey está de pé na minha frente e está com um aspecto muito melhor do que a última vez que o vi, tanto que me deixa assustado. O seu nariz ainda está inchado, mas os médicos colocam o seu ombro no lugar e lhe deram uma camisa limpa.

_ Mozart, exclama. Quando eu trabalhava nos laboratórios eu ouvia essa sinfonia o tempo todo.

_ Em quanto tempo, você acredita que eles irão consertar o sistema?

_ Vinte minutos? Trinta no máximo.

_ Bom, então vamos sair já.

A União Central está um caos. Os trabalhadores correm por todos os corredores, testam todos os elevadores que os conduzem às câmaras de segurança, para o desligamento de emergência. Os membros da Ordem tentam se apresentar aos seus superiores, como a voz do sistema de comunicação, exige. Ninguém percebe que descemos por diferentes escadas e entramos em salas as quais não deveríamos entrar.

Harvey vai à frente, torce por um lado e depois para o outro, entrando pelos corredores já vazios e mexendo o pulso diante dos painéis que não haviam sido mudados os códigos de acesso. Acabamos em um corredor sem janelas, vários andares abaixo do nível do solo. No entanto, é absolutamente impecável, com paredes de cristal e chão reluzente. Atravessamos a seção a qual Harvey se refere como seu antigo posto de trabalho. O abandonaram com a comoção, os trabalhadores foram buscar proteção nos refúgios subterrâneos, mas ainda se vê algumas armas e máquinas sob a mesa de metal. Além de luminárias acessas e repletos de gráficos e números.

_ Esta – diz Harvey, aproximando-se de uma porta com outra caixa prateada para controlar o acesso.

Ao aproximar o punho, a unidade emite uma luz vermelha. Ele tenta mais uma vez; nada.

_ Vocês precisam de ajuda, rapazes? _ Nos pergunta alguém por trás. Uma mulher alta e magra, vestida com um jaleco de laboratório está em pé no corredor. E no peito tem um triângulo vermelho. Aponto a arma e ela levanta as mãos.

Sou Christie. Ryder entrou em contato comigo, e disse que talvez precisassem de ajuda.

Harvey acena com a cabeça, assim que eu baixo a arma.

Christie nos leva para o centro de pesquisa médica e nos conta que se infiltrou há mais de um ano, trabalhando para os rebeldes, informando Monte Mártir sobre resultados, noticias e envios de material.

_ Nós não tínhamos ideia da existência do vírus, explica Harvey, ao mesmo tempo em que examina os arquivos do computador. Os cidadãos venderam-no como uma injeção genérica, uma medida preventiva contra a temporada de gripe invernal. Quando Ryder nos avisou sobre a chegada de vocês, nos garantimos de que alguém pudesse entrar nesta sala. Tomara que consigamos oferecer mais informações a vocês.

_ Você já fez mais do que o suficiente _ disse a ela.

Harvey encontra os dados que procura e localiza a suposta vacina em um armário de aço. Retira várias garrafas, enquanto Christie enche de seringas e material a mochila de lona.

Para que você possa produzir mais quando regressar _ explica, enquanto entrega a mochila para Harvey.

_ Agradeço _ ele responde.

A música para de repente e depois começa de novo desde o inicio. Harvey joga a mochila para mim.

_ Devemos ir. Fique com a bolsa e não a perca.

Algo mudou em Harvey. Está seguro de si, não há traço do nervosismo de antes. Eu me pergunto se a certeza de que iremos conseguir, com a vacina em nossas mãos, e a distração em andamento, conseguiremos escapar facilmente. Espero que não se engane.

_ Obrigado Christie! _ eu grito virando a cabeça para trás enquanto saímos correndo da sala.

Ela acena com um braço, e a perdemos de vista ao virar a esquina.

_ Bree, nós a temos! _ digo pelo microfone _ Onde você está? Nos encontramos e saímos daqui.

_ Bem, isso será um problema, certo? _ responde e minha alma cai aos pés. A central está em fechamento de emergência, tentando averiguar quem colocou a música. Não posso sair. Vocês também não. Eu acho que eles acreditam que AmOeste se infiltrou de alguma maneira na Central. Supunha que a música os deixaria nervosos, os distrairia por um momento, não que os assustaria tanto a ponto de ordenar o código vermelho.

_ Então o que vamos fazer? _ pergunto ao chegar com Harvey ao andar principal.

_ Não sei, tente ir ao campo de treinamento. No lado externo reina o caos, mas pelo menos estaremos juntos, se talvez acontecer alguma coisa.

Harvey e eu viramos a esquina a toda velocidade, a caminho do seu quarto. A música por fim para, mas as sirenes continuam soando e as luzes vermelhas continuam iluminando as paredes. Quando nos aproximamos de seu quarto, vejo uma figura movendo-se através do canto porta. Reconheço, sei quem é antes mesmo de aparecer o seu rosto. Estou preparado para atirar se for preciso, mas em seguida uma equipe da Ordem ocupa o corredor e percebo que estamos presos. Faço a única coisa que ocorre para manter a nossa liberdade.

_ Quieto! _ grito a Harvey, apontando a arma para as suas costas.

Ele me olha, horrorizado, até que Marcos sai do quarto e ele compreende.

_ Eu o peguei tentando fugir em meio ao pânico _ explico a Marcos.

_ E isso não seria bom, não é? Não depois de tudo o que você fez para devolvê-lo _ ele responde, com um sorriso selvagem _ creio que Harvey é um pouco mais problemático do que esperávamos. O que você acha Blaine?

_ Sem dúvida.

_ Vou falar com Frank. Acho que seria melhor adiantar a execução para esta noite, para resolver isso, antes que aconteça alguma coisa.

Noto que a minha boca se abre.

_ Adiantar? Mas por quê? Não entendo por que nós temos tanta pressa, para nos livrarmos dele. Frank não necessitava da sua ajuda? Sei que a resposta é sim, que Frank quer um estoque ilimitado de imitações e que precisa de Harvey para conseguir. A não ser que... Deixo de apontar a arma. Frank já tenha resolvido. Pode ser que, no tempo em que ele ficou fora, um dos pesquisadores do laboratório, descobriram a programação correta e agora Frank possa fabricar várias cópias das cópias. Ouço novamente a sua voz. _ "Progredimos muito durante a sua ausência. Já não precisamos de suas respostas".

Marco deixa escapar uma risada zombeteira.

_ Frank não quer a ajuda de traidores. A única coisa que lhe interesse em pessoas como Harvey é vê-los morrer.

Depois de dizer isso, se aproxima dele e volta a deslocar o seu ombro. Harvey grita de dor e cai no chão. A única coisa que posso fazer é ficar onde estou, sentindo-me impotente, sabendo que fracassamos.

Trinta e quatro

Estamos presos juntos na cela. Não tem janela, e os painéis do teto, não cedem quando o empurro. Não há escapatória. Harvey não deixa de repetir que nada vai acontecer que tudo vai dar certo.

_ Como não vai acontecer nada? _ digo a ele _ supunha-se que não acabaria assim, se supunha que sairíamos, se supunha que conseguiríamos.

_ Ainda podem conseguir _ responde_ Em nenhum momento comtemplei a possiblidade de regressar, nem sequer no principio.

_ Era sobre isso que vocês falaram naquelas reuniões privadas _ compreendo finalmente _ de que talvez fosse melhor você morrer, para que eu e Bree conseguíssemos escapar.

Ele confirma com a cabeça.

_ Por que vocês me mantiveram fora dessas conversas?

_ Porque você teria discutido como você fez agora.

_ Claro que eu teria discutido, porque não deveria ser assim. Se tivessem me incluído nas reuniões talvez tivéssemos pensado em outro plano, em uma estratégia para que não estivéssemos nessa situação. Além disso, os rebeldes precisam muito de você.

Clayton é muito inteligente para a sua idade, ensinei a ele tudo o que sei. Aos rebeldes não vai acontecer nada. E o que faz você pensar que nós não tentamos encontrar outra estratégia?

_Você está muito disposto a aceitar a sua morte.

_ Pode ser que seja esse o plano.

_ Bom, mas é o plano mais estúpido que já na ouvi na vida.

_ Gray, vale a pena esse sacrifício, um vida em troca de muitas, e se você não aproveitar a oportunidade, é porque você é um imbecil. Não cometa nenhuma estupidez quando chegar o momento. Não ficarei aborrecido com você. É a solução para que você escape com Bree. Faz esse último esforço e celebre a minha morte, quando confiarem em você, leve a vacina até o Vale da Greta para continuar a batalha.

Sento-me e balanço a cabeça, incapaz de acreditar. Antes de poder acalmar os meus pensamentos, os guardas nos levam para fora da cela.

A União Central volta a ficar em silencio. Desligaram os alarmes e finalizaram o código vermelho. Colocaram-nos dentro de um carro para nos levarem ao Central, a mesma praça em que Emma e eu, fomos testemunhas da execução do ladrão de águas. Há muitas pessoas, tanto cidadãos como membros da Ordem, dando voltas pelo lugar. Frank que está em pé no inicio da plataforma da escada, silencia a multidão. Falando através de um dispositivo alto e estreito que amplifica a sua voz e a transmite por toda a praça.

_ Este é Harvey Maldoon _ disse Frank _ e a parede do fundo, se ilumina com as imagens dos cartazes de “procura” de Harvey, enquanto os guardas o arrastam até a plataforma.

Depois o amarraram em um poste de madeira, e ele não resiste. Na verdade participa de bom grato, até mesmo coloca os braços para a trás para que a Ordem o amarre com facilidade.

_ Esse homem não é um desconhecido para nós _ continua dizendo Frank _ o seu rosto está por toda a cidade, mas acho que vale a pena, repassar todos os crimes que ele cometeu. Trata-se de um homem que não quer viver de acordo com as leis que não são justas e necessárias. É uma serpente e um covarde, um assassino e um traidor, uma doença fedorenta, que Taem terá a felicidade se livrar, durante essa noite. Harvey Maldoon, passou informações e valiosos conhecimentos a AmOeste, e ao fazê-lo, traiu a todos. Ele provou que sem sombras de dúvidas que nos quer mortos, assim que esta noite, ele é quem morrerá.

Os espectadores se sentem vitoriosos, levantam os braços para cima da cabeça e pedem a sua execução. Frank continua falando, para deixa-los com raiva, mas eu já não o ouço. Onde você, Bree? Sussurro no microfone, mas ela não responde. Olho a minha volta, mas estamos presos. As torres da cidade se erguem sobre nós em todas as direções, e as pessoas tornaram-se um mar de fúria, que rodeia a plataforma.

_ Blaine Weathersby devolveu para nós o Sr. Maldoon _ Frank continua falando.

De repente eu apareço na parede dos fundos, e não sou só uma imagem estática, mas eu me movo. A parede pisca se eu pisco, se move quando eu me movo. Vídeo. Deve ser isso. _Blaine provou sua honestidade e fidelidade a Taem. Deixou claro seu respeito pela lei e pela ordem. Devolveu Harvey a nossa cidade e agora, diante de todos nós, Blaine eliminará essa ameaça para sempre.

A multidão se agita. Procuro Emma entre os rostos raivosos, mas não a encontro. Eu não deveria ter virados as costas para ela. Um guarda me conduz ao palco e me coloca na frente de Harvey. A parede mostra tudo, tanto Harvey quanto eu ocupamos a superfície. O guarda me entrega o rifle, e Frank coloca um dedo nos lábios sorrindo.

O crepúsculo se aproxima e a arma pesa em meus braços. Poderia matar Frank. É minha oportunidade, se eu quiser aproveita-la. É ali, mas e depois? Tenho certeza que a Ordem me mataria ou eu acabaria esmagado pela multidão, e assim a vacina não chegaria até aos rebeldes. Frank estaria morto, mas e o Projeto Leigo também estaria? Ou Marco iria substitui-lo? Continuaria raptando pessoas para as suas Imitações? O vírus seria enviado ao Monte Mártir? Ajudaria matar Frank?

Abaixo o olhar para a arma e depois aponto para Harvey.

“Não cometa nenhuma estupidez quando chegar o momento”.

Essas foram as suas palavras, e elas podem estar certas. Talvez seja essa a única maneira. Harvey irá se sacrificar para o bem de todos, pela sobrevivência dos rebeldes e pela esperança de que a rebelião continue depois de aplicar a vacina. Esta noite não é para derrotar Frank, mas essa batalha esta pendente em um futuro muito diferente.

Enquanto me preparo, para que fazer aquilo que ainda não tenho certeza de que possa ser feito, eu vejo um flash com o rabo do olho, um movimento em um telhado próximo. Levanto os olhos e ali está Bree, agachada atrás da chaminé, de um edifício antigo, com uma arma na mão. Quase se mistura com a escura estrutura de pedra, com disfarces de cabelo. Não distingo bem, mas acredito que ela me acena com a cabeça, pedindo-me para fazer. Trata-se do acordo que ela e Harvey combinaram detrás de portas fechadas. É o caminho que não tem minha voz e nem o meu voto. Faço parte de um plano que está em movimento. Se me recusar a jogar com as suas regras, todos perdem.

A alternativa é apertar o gatilho.

Levanto o rifle, apoio o ombro, miro Harvey do outro lado do cano. Seu rosto está em paz quando move os lábios silenciosamente para me mostrar que está preparado. Fecha os olhos e eu aponto. O sangue me sobe pela cabeça, fico com o cabelo em pé e, quando eu toco o gatilho, quando estou a ponto de apertá-lo, ouço um tiro.

E então quando Bree dispara. E então eu caio no chão. E é então quando o mundo que me rodeia explode em chamas.

Trinta e cinco

Há pés correndo ao redor do meu corpo. Ouço tiros, embora a distância. Os meus ouvidos zunem tanto, que parece que tudo parece flutuar pelo espaço. Coloco a mão sobre o meu estômago, onde senti o impacto da bala. Ele dói, ele queima. Eu estreito os meus olhos para protegê-los da fumaça, e vejo que Harvey desapareceu. As chamas rodeiam a plataforma, e vai até a estaca que onde o prendia, um momento antes. Alguém se aproveitou de toda a confusão para colocar fogo, uma distração que permite Frank escapar da violenta praça, suponho. Ou talvez fosse Bree. Mas, por quê?

A multidão se transformou em um mar de gritos aterrorizados.

_ Os rebeldes estão aqui! Cubra!

_ Não, é AmOeste!

_ Tentam matar o menino.

_ Tentam salvar Harvey.

Nenhuma das acusações é verdadeira, e está claro que não há rebeldes na praça. Ninguém mais do que Bree e eu, embora seja possível que ela tenha tentado me eliminar. Por quê? Foi esse o plano concebido ás portas fechadas? O que eu morreria para que Harvey pudesse voltar? Ou talvez seja outra distração que Bree, se agarra desesperadamente a um prego queimando e inventa tudo na hora.

Continuo segurando o meu estômago, o calor aumenta rapidamente. Embora eu tenha certeza de que o meu braço está queimado, estou muito duro para tirar a camisa. Não há ninguém na plataforma. Estou sozinho, queimando. Tento aceitar a ideia que morrerei aqui, quando um par de braços me segura por debaixo dos meus ombros, e me tiram, arrastando pelo palco em chamas. Não sei a quem eles pertencem e não me importa. Deixo que me levem até um beco vazio, para a segurança. Umas mãos tiram das minhas costas, a mochila que está com as vacinas, e tiram a camisa. Uns pés fortes pisam nas chamas que comem o tecido, continuo deitado com as costas apoiadas em uma parede de pedra, até recuperar os sentidos. Os meus olhos começam a coçar e os meus pulmões gritam por ar. Então vejo o meu salvador.

_ É você _ murmuro _ porque você me ajudou?

_ Você acha que era o único que sabia o que estava acontecendo? Não pensou que poderia ter outras pessoas metidas nessa missão louca? _ pergunta o Tarado, que está na minha frente, encurvado em um ângulo estranho, como se tivesse esquecido como andar direito.

_ O que você quer dizer?

_ Em Taem há muitas pessoas que estão do lado dos rebeldes. Se não sabíamos do vírus, não significa que não estávamos pronto quando Ryder fizesse a chamada oportuna.

Parece mais forte fora da cela, com a voz mais firme e as extremidades mais soltas. Isso sim, ainda move os dedos num ritmo estranho, batendo na parede em que se apoia, sem sua roupa carcerária esfarrapada quase poderia passar por um membro civilizado da sociedade.

_ Mas.. Por que Ryder chamaria um prisioneiro louco?

_ Ryder e eu crescemos juntos. Tentamos fugir juntos de Frank faz tempo. Fui estupido e me feriram. Tive que dizer para Ryder continuar sozinho.

_ Você?

De repente eu vejo isso claramente: quando eu o conheci, ele já sabia sobre os grupos de teste, mas eu pensei que ele estava falando de outra coisa. Como eu não o vi? Não está louco, não é o tarado, que vai.

_ Você é Bo Chrilton! Exclamo.

_ Culpado _ responde, dando um largo sorriso.

_ Como você saiu da cela?

_ Bree tinha ordens, assim que me fez uma visita enquanto tocava Mozart e me tirou dali em um segundo.

Deveria estar feliz. Este plano evitou que eu tivesse de atirar em Harvey. Este plano me salvou do fogo. Apesar de tudo estou furioso, pálido e com raiva.

_ Me escondeu tudo! Essa mentirosa, traidora e teimosa... E disparou em mim!

_ Vai, para de choramingar. Ela atirou com uma bala de borracha, e foi necessário. Os outros que Ryder chamou, estão lutando nesse momento, mantendo a Ordem ocupada, para que você possa fugir.

Estão dando cobertura, você não vê? Começa a briga, a praça é incendiada, e vocês fogem com a confusão.

Eu olho o meu estômago dolorido, o lugar que fiquei por tanto tempo segurando. Não há nada de sangue, não tanto como esperava. Debaixo da minha palma suada, se esconde um vergão vermelho e inflamado que já começa a contundir. Doloroso, sim, porém não mortal. Em todo caso, deveria me preocupar mais com o braço esquerdo queimado, que começa a provocar feridas por culpa da camisa que acabo de tirar.

Não há nada convincente do que a verdadeira surpresa, não teria agido da mesma forma se tivesse conhecido o verdadeiro plano _ Bo continua explicando. Nós só temos uma chance, e para Ryder essa era a melhor opção para tirar os três com vida.

_ Harvey! _ Exclamo, olhando para a praça. _ Onde está?

_ Ele ficou no meio do fogo cruzado, só sei disso. Então, alguém o arrastou do palco. Pediram-me para tirar os dois, se eu pudesse, mas acredito que o perdemos. E se você e Bree quiserem sair daqui, tem que ser agora.

Só então ao ouvir seu nome nessa lista, me conscientizo que não posso sair sem ela.

_ Temos que voltar por uma pessoa _ digo a Bo.

_ Sim, por Bree. Ela se juntara a nós na Central. Ali entraremos em um carro.

_ Sim, por Bree, mas também por Emma. Devo voltar por Emma.

_ Emma _ repete, dando um sorriso torto. Ela me falou de você.

_ Você a conhece? _ Pergunto, desconcertado.

_ Fomos companheiros de cela por alguns dias, até que descobriram que ela era boa com o bisturi.

_ E ela falou de mim?

_ Não parava. Tive que começar a contar umas histórias muito obscuras para que se calasse. História sobre o Projeto Leigo, Barro Negro e os Raptos de Frank.

Então ela sabe. Emma sabe de tudo. Imagino que agora ela esteja em algum lugar da Central, suportando essa carga. Uma carga que não pode compartilhar com ninguém. Sua única prova, são as palavras de

um louco; se fala, vão achar que ela está tão louca quanto ele. Emma não está em uma cela, mas continua trancada em uma prisão. Por mais que eu não esteja pronto para perdoa-la, eu amo muito para deixa-la abandonada.

_ Temos que busca-la depois de juntarmos a Bree.

_ Podemos tentar _ responde Bo_ batendo como um louco na parede.

Nesse momento, tentar já é suficiente.

Fico em pé imediatamente e arranco um pedaço de pano intacto da minha camisa para enrolar em meu braço queimado. Coloco em minhas costas a mochila com a vacina, Bo me passa o rifle, e nós dois saímos juntos do beco vazio.

A União Central está novamente tumultuada. O alarme irrita os nervos de todos, e os põem em ação. Os trabalhadores que antes tinham fugido de seus abrigos no código vermelho anterior, correm de volta a eles. Os membros da Ordem são rápidos para organizar as tropas e irem para o centro. A Bo e a mim, não nos custa nada, misturar no meio dessas pessoas, que estão com tanto medo e não vão olhar para a cara de ninguém.

Encontramo-nos com Bree perto do refeitório. Ao vê-la penso em milhão de coisas : me sinto aliviado, com raiva e traído, tudo ao mesmo tempo. Fico confuso e como não sei a qual sentimento me deixar levar, somente a olho com raiva. Ela, no entanto, corre até mim e agarra no meu pescoço, para me abraçar com tanta força, que quase me faz cair de costas.

_ Você está bem _ disse com a voz embargada, como não acreditasse que fosse possível. Abre a boca, como se tivesse algo importante para dizer, mas no final decidiu por uma ordem desprovida de emoção. Vamos, a garagem é por aqui.

Mas eu não posso, ainda não.

_ Primeiro tenho que fazer outra parada.

_ Não temos tempo _ protesta.

_ Para isto, sim.

Sem esperar a sua resposta, começo a caminhar pelo corredor. Ouço Bree e Bo me seguirem. Dado o pânico que tomou conta da central, alguém cancelou os painéis de acesso para que os trabalhadores

possam correr sem empecilhos pelos corredores e salas. Subo as escadas e corro até chegar ao quarto de Emma. Sua porta já está aberta. Emma sai com pressa e nos chocamos.

_ Gray! _ Exclama_ Vou para o hospital. O que você faz aqui?

Carrega um equipamento médico nos braços. Olho os seus olhos, e me perco na cor. Esqueço o que ia dizer.

_ Quem é essa? _ Bree salta atrás de mim _ E por que sabe quem você é?

_ Está tudo bem _ respondo sem me virar. _ Eu a conheço. É de Barro Negro. Deixei-a aqui, quando fugi e fui à procura dos rebeldes.

_ Por isso você se apresentou como voluntário para a missão? _ pergunta, ficando entre nós. _ Você está arriscando nossas peles por uma garota que nenhum de nós já ouviu falar?

_ Não posso abandonar Emma outra vez. Eu estive esperando uma oportunidade para tira-la de Taem e, não podia desperdiça-la quando surgiu.

_ Por favor, quero ir com vocês._ disse Emma _ Levem-me, não posso aturar isso por mais tempo.

_ Por aqui.

Bo segue a Bree, quando eu me preparo para fazer o mesmo, Emma agarra o meu braço.

_ Obrigada Gray, por me dar uma segunda chance.

Por uma fração de segundo contemplo a possibilidade de beija-la, de aproximar o seu rosto ao meu. Mas vem a cabeça que as últimas mãos que tocaram o seu rosto foram as de Craw, que os lábios de Craw também foram os últimos a se colarem ao seu. Contrai-me a boca do estômago.

_ Uma segunda oportunidade não é um perdão Emma _ digo a ela enquanto aperto a sua mão. Não nos atrase.

Corremos atrás de Bree, descendo escada abaixo. No térreo, chegamos aonde deve ser as salas de monitoramento de Frank. Há telas que dividem a habitação em imagens e cada um mostra um lugar diferente do complexo: corredores, dormitórios, campos, o refeitório... É apavorante contemplar as imagens que piscam com ar solene enquanto mostram os membros da Ordem correndo entre as chamas. Em

algumas se vê áreas concretas do centro de Taem. As da praça estão cheias de fumaça e de confronto. Ao pararmos para recuperar o fôlego, distingo uma sombra escura que se move atrás de um grupo de telas ao fundo.

_ Tem alguém aqui _ sussurro.

Movemo-nos em silêncio ao longo de uma linha de telas, afastando de nosso perseguidor. Ouvimos pisadas alheias atrás de nós, de modo que nos metemos em outro corredor. Logo estamos tão metidos entre as fileiras de telas que Bree tem dúvida sobre o caminho que fizemos para chegar até aqui e que nos leva até a garagem. As pisadas ainda nos perseguem, imitando os nossos movimentos.

_ Aqui dentro _ sussurro apontando para uma sala que está em um dos corredores. Entramos correndo e fechamos a porta com o trinco.

No quarto o alarme se torna um eco abafado. Emma encosta na parede, aliviada, e as luzes se acendem. A sala se torna visível, graças à iluminação azulada do teto. É uma longa sala, parecida com o corredor que acabamos de sair, embora o seu conteúdo é muito mais importante. Não demoramos em perceber o que temos adiante. Deve haver centenas de telas, mas as imagens não deixam margem de dúvidas: ruas sujas, areias de uma ilha, cabanas, pastos e praças, rostos cansados e corpos exaustos.

_ É a sala de controle _ explica Bree, que passa a mão em uma tela onde tem duas crianças brincando na praia.

Aproximo-me de uma tela com imagens que me parecem familiar: as escadas que levam à entrada do edifício do Conselho de Barro Negro. Kale está pulando para cima e para baixos as escadas, puxando o seu pato de madeira. Não há som, assim que poderia ser uma lembrança, um sonho, algo que poderia nem estar acontecendo. Só se passaram três meses e parecem que já se passaram décadas. Muitas coisas mudaram desde que essas ruas de barro deixaram de ser o meu lugar. Kale ouve algo, desce as escadas e sai a imagem.

Outra tela tem o aterrorizante nome de “Grupo C: Maude”. Na imagem vejo o interior de sua casa: a simples mesa de madeira, a torneira que bombeava água corrente. No entanto, o mais inquietante é que essas coisas estão no fundo, visíveis desde a porta do quarto, toda a tela é ocupada pela imagem da cama de Maude, o lugar onde a vi sentada, na noite que fugi de Barro Negro, o lugar onde ela falava com uma voz, que agora eu sei, com certeza, que é com alguém da Ordem. Se ela estava

falando com eles naquela noite, quer dizer que ela está metida nisso desde o começo?

Bo fica ao meu lado e toca a beirada da tela de Maude. Tomo-o por um dos seus tiques habituais até que me dou conta de que há embaixo de seus dedos: cinco morangos alinhados com extrema precisão na mesa de cabeceira ao lado da cama de Maude. Não está batendo, está contando.

_ Cinco bagas vermelhas todas em fila _ sussurro.

_" Semeadas com amor para que cobrem vida _ canta Bo, mas desta vez não para.

O primeiro para a garganta seca.

O segundo para a chuva.

Se o sol é forte, lá vai o terceiro.

Precisa de mais uma? Então, come mais. Deixe a última para quando falte chuva.

Beba seu suco e beber depressa.

E quando a sede permitir.

Plante cinco novas sementes.

Com sorte e fé florescerão.

E a sede não nos enterrará".

Ele começa a bater novamente, fazendo com que os seus dedos dancem sobre o vídeo de Maude.

_ Nós dois conhecíamos essa canção quando acordamos em Barro Negro _ disse _ Maude dizia que certamente nossas mães a cantavam para nós, ainda que nenhum de nós dois se lembrasse disso. Nem tampouco que tivéssemos compartilhado em casa com ela.

Maude sabe que tem algo mais, certo? _ pergunto.

_ Sim, e é culpa minha _ responde, deixando-se cair no chão, com as costas nas paredes e levando os joelhos ao peito. Quando a Ordem me capturou, enquanto eu tentava fugir com Ryder, contei a eles que tinha encontrado a maneira de avisar Maude sobre o que havia do outro lado do muro. Era uma mentira estúpida. Pensei que se a Ordem engolisse que Barro Negro conhecia o projeto, tudo terminaria. No entanto, não

foi assim. Alguém da Ordem entrou em contato com Maude e descobriu que ela não sabia de nada, mas depois de revelar a sua existência, tiveram que garantir que ela iria ficar calada. Frank lhe disse que eu estava sob a sua custódia e a ameaçou que iria me matar se ela contasse a verdade a alguém.

Ela exigiu em me ver primeiro. Recordo a sessão de vídeo. Vimo-nos durante menos de dez segundos, e ela começou a chorar aos cinco. Depois a usaram como um recurso, lhe fizeram todos os tipos de perguntas, e acho que ainda o fazem. Ela é seus olhos por trás do muro, e a aceita por minha culpa. Faria o que fosse por mim, sou sua maior debilidade.

Agora estou convencido de que Maude é a razão pela qual eu fui salvo do Anel Exterior. Seguramente temia que fizessem algum mal a Bo, se Frank a considerasse responsável por eu ter vencido o Rapto, por ter mantido em segredo a minha data de nascimento. Ela devia estar contando a verdade a ele, assim que eu contei a ele.

_ E as bagas? _ Pergunto.

_ Acredito que ela os deixe ali, na esperança que eu volte _ responde, encolhendo os ombros _ para demonstrar que não me esqueceu.

_ Deveríamos ir _ diz Emma.

Concordo com cabeça e me aproximo da porta, mas algo me pega desprevenido, algo estranho em uma das telas superiores etiquetada com o Grupo A.

_ Espere, você viu isso?

_O quê? _ Pergunta Bree , olhando para a tela.

Esperamos e detectamos outro movimento, uma sombra que atravessa a tela em alta velocidade.

_ Isso, lá! Você viu?

Tanto Bree quanto Emma, confirmam com a cabeça.

Dividimo-nos pela sala de controle para localizarmos as outras telas do grupo A e esperamos. Mesmo que as outras telas mostrem imagens de destruição (prédios carbonizados e gramas pisoteadas) começamos a avistar sinais de vida entre elas: umas têm silhuetas que correm de um lado para o outro. Se não estivéssemos procurando vida

deliberadamente, não teríamos notado, é normal que sejam indetectáveis pelas imagens animadas do Grupo B, C e D.

_ Eu pensei que o Grupo A tinha desaparecido _ comento.

_ Nossos diários não estão completos, então eu não tenho certeza _ responde Bree, encolhendo os ombros.

Não, mataram uns aos outros _ diz Bo _ eu ouvi o relatório. Durante um tempo, nas semanas posteriores a minha captura, fui o assunto de teste, favorito de Frank. Odiava Ryder por ter escapado, assim que descarregava sua frustação em mim. Passei muitas horas nas mesas de seus trabalhadores. Sempre rezei pela morte, mas não tive muita sorte. Lembro o dia que Frank recebeu notícias, que anunciava a extinção do Grupo A. Achavam que eu estava inconsciente, mas ouvi tudo. Mortos. Extintos. Desaparecidos. Todos e cada um deles.

_ Talvez Frank estivesse enganado _ comenta Bree, enquanto observa novamente as telas. _ Talvez alguns tenham sobrevivido.

_ Talvez enganem os nossos olhos _ Bo replica _ seja o que for nesse lugar em ruínas, não é fácil de habitar.

_ Certo _ respondo _ De qualquer maneira, ainda que lutassem entre si em determinado momento, só haveria um grupo de pessoas com esperança de seguir adiante. Barro Negro surgiu assim, quase do nada, igual Água Salgada e Dextern. Os habitantes do Grupo A tinham eletricidade e abrigo. Se eles decidiram que queriam viver, tenho certeza que o fizeram. Bree e Bo concordam, ainda que Emma tenha se distraído com uma tela, em que vê Carter inclinado sobre os pergaminhos médicos na clinica.

_ Vamos _ diz Bo _ temos que continuar.

Aparece na porta e depois de averiguar que não há perigo, abrimos. O alarme continue tocando, enquanto corremos pelas fileiras de telas, com nossos rostos iluminado pela luz vermelha piscando. Mas adiante o corredor dá acesso a garagem.

Então ouvimos uma voz atrás de nós.

_ Quietos.

_ Bo, Emma e eu, ficamos parados, mas Bree reage instintivamente tão rápido que não tenho tempo de detê-la. Ela vira de costas, leva o rifle a altura do peito, aponta e dispara.

Ouço dois disparos.

Sinto quando dois corpos caem ao chão.

Trinta e seis

No inicio, o sangue flui lentamente, pausadamente e delicadamente; em seguida, estende-se pelo tecido de sua camisa, como fogo queimando folhas secas. Deixo-me cair ao seu lado, sem me preocupar em confirmar se a ameaça está eliminada.

_ Bree?

_ Estou bem, estou bem_ ofega.

Sua mão busca a minha e a aperta com força. A bala atingiu o seu braço. Ao vê-la ali deitada, tentando respirar, percebo o quanto ela significa para mim. O coração começa a bater com força contra o peito, me levanto depressa e as mãos ficam soltas. Aponto o rifle para o corredor, mas está vazio.

Há um cadáver no chão de concreto. Bo está ao meu lado, tentando sobreviver, mexendo-se, batendo e cantarolando sua canção das bagas. Emma se agacha para examinar Bree, as deixo, e me aproximo com precaução ao meu membro da Ordem.

É jovem, respira depressa e com dificuldade. A bala de Bree o acertou no peito.

_ No... sairá... daqui....com vida._ diz entre suspiros.

Miro para o seu peito molhado de sangue.

_ Você está sozinho? _ pergunto, mas ele não deixa de ofegar, por isso coloco o cano da arma diante de seus olhos. _ Responde, está sozinho?

_ Não... voltará. _ Consegue dizer depois de confirmar com a cabeça _ Frank... matará... a todos... A todos os rebeldes.

Aperto os dentes, empurro o cano contra a sua bochecha e toco o gatilho com a ponta dos dedos.

Faz... suplica...por favor.

Não faço.

_ Por favor.

Coloco o rifle nas costas e corro em direção contrária.

_ Você acha que ela vai viver? _ Pergunto ao me ajoelhar ao lado de Emma.

_ Não sei, só atingiu o braço, mas há uma grande quantidade de sangue. E sofrerá com a forte dor.

Seguro Bree em meus braços e bato em Bo com a bota.

_ Venha, vamos.

Ele continua balançando para frente e para trás, escondendo a cabeça com as mãos enquanto cantarola.

_ Bo, por favor, _ insiste Emma.

Ao ser tocado por Emma, ele sai de seu transe de terror, e saímos. Entramos agachados na garagem e ficamos escondidos, com as costas coladas na parede, o estacionamento está em pleno alvoroço, há veículos sendo manobrados em torno de tropas que estão indo enfrentarem a revolta do centro.

_ Bree não vai poder dirigir, _ digo a Bo. Sinto o peso morto da garota que carrego em meus braços e o seu sangue pegajoso em minha pele. _ Quem sabe dirigir? _ Pergunto enquanto observo os carros que temos disponíveis.

_ Ninguém _ responde_, mas não deve ser tão difícil, não é? Com as mãos dirige o volante, com os pés, para e avança. E ainda vou descobrir sobre as marchas.

Eu sou cético sobre isso. Mas não é o melhor momento para discutir. Aproximamo-nos em sigilo, até um carro verde intenso, Bo abre a porta de trás, e deixa Bree deitada no banco. Bree estremece quando encosta-se ao banco.

Bo encontra umas chaves embaixo do banco. Emma e eu sentamos atrás. Olho para Bree, e ela ainda tem falta de ar.

_ Você pode ajuda-la? _ Pergunto a Emma, que parece tão insegura, que me sinto perder o ânimo. _ Por favor, Emma, eu preciso que você a ajude. O carro começa a se movimentar e ninguém nos detém. Nós somos apenas mais um carro indo em direção à revolta. Quando saímos à rua, já escura, Emma se abaixa sobre Bree e abre sua bolsa.

Entramos em um bosque, quando a última ponta de luz, sumiu do céu noturno.

A direção de Bo é turbulenta, para dizer o mínimo, e Emma luta contra as abruptas sacudidas do carro enquanto se encarrega de Bree. Pesca a bala (uma habilidade que deve ter adquirido, enquanto trabalhava no hospital da Central), e esse procedimento, transforma em um coágulo de sangue o braço de Bree e o assento do carro. Bree perde a consciência durante o caminho, mas Emma dá pontos, faz o curativo, e me diz que fez tudo o que podia. Bo nos leva o mais longe possível por um caminho de terra, que faz curva entre as árvores, árvores cada vez mais abundantes, até que afinal, temos que abandonar o veiculo.

Carrego Bree em meus braços e lidero a caminhada pela direção que acredito ser a certa. Vou devagar, levando-a, e isso me dá muito tempo para pensar em Harvey. Nós o abandonamos, não sabíamos se ele estava vivo, morto ou prisioneiro, e saímos sem ele.

Bo avisa que temos que descansar.

_ Somente Bree, sabe o caminho de volta _ explica _, assim que deveríamos acampar essa noite.

Apenas se vê a Cúpula de Taem distante, e ouvimos uma explosão ou tiros de vez em quando. Sinto-me desconfortável por estar tão próximo.

_ E se há alguém nos seguindo? _ Pergunto.

_ Não estão nos seguindo _ responde Bo _ agora estão envolvidos com uma batalha mais importante.

Bo acende uma fogueira, eu e Emma, sentamos frente a frente, olhando através das chamas. Bree dorme com a cabeça sobre o meu colo. Não digo nada a Emma, nem saberia por onde começar... Queria que estivesse ao meu lado, embora desta vez eu prefiro que esteja longe, bem longe, porque ainda dói.

_ Gray?

Olho para baixo e vejo que Bree está abrindo os olhos lentamente. Novamente são azuis, deve ter se livrado das lentes, em algum momento.

_ Oi Bree.

Tenta sentar-se, mas faz uma careta.

_ O que aconteceu?

_ Atiraram em você _ respondo.

_ Isso eu já sei, estúpido. O que aconteceu depois que atiraram em mim? _ pergunta. E faz devagar, mas percebo que quer falar com energia. Sua teimosia me faz rir.

_ Conseguimos um carro e Bo nos tirou dali. Emma curou você. Agora estamos acampados em um bosque.

_ Emma? A Emma que você nunca tinha nos falado? A garota que você colocou a nossa vida em risco?

_ Sim, essa Emma.

_ Significa muito para você, certo? _ Pergunta, franzindo a testa.

_ Sim, mas você também, _ respondo. É uma resposta complicada, mas sincera.

Bree fica em silêncio por um momento, me olhando.

_ Seus olhos continuam azuis. Gosto mais quando são cinza.

_ Por quê? _ Pergunto, pensando que cinza é uma cor sem graça, nem é uma cor de verdade.

_ Faz-me recordar o céu nublado de Água Salgada. E as ondas pela manhã. É uma cor familiar, reconfortante.

_ Tiro as lentes, e as coloco de lado.

_ Melhor?

Ela sorri. Volto a olhar o fogo. Encantado por uma zona mais quente que produz chamas azuis.

_ Gray? _ Sussurra Bree novamente.

_ Sim?

_ Lembra-se daquela noite no Grifo, aquela em que bebi demais?

_ Sim, lembro que você vomitou em suas botas.

_ Não, isso não _ disse sacudindo a cabeça bem devagar. _ Antes disso, lembra o que te pedi?

Confirmo com a cabeça, Não me esqueci.

_ Se eu lhe pedisse novamente, agora mesmo, me negaria?

_ Não, respondo com toda a sinceridade.

A lembrança de Emma me fez lutar contra os sentimentos por Bree Emma que preferiu não lutar.

Bree, que tenta sentar-se novamente, que faz outra careta de dor. No entanto, não desistirá, é muito teimosa. Coloca o braço bom envolta de meu pescoço e arrasta o seu corpo até conseguir ficar sentada em meu colo. Seu rosto está perigosamente perto do meu. Tenho certeza de que Emma está nos olhando, e observa todos os nossos movimentos do fogo, mas estou ressentido, dolorido e aborrecido. Uma parte de mim quer que ela também sofra.

Bree se inclina um pouco, ainda agarrada em meu pescoço.

_ Me beija? Pergunta.

E eu faço.

Enquanto os lábios de Bree se encontram aos meus, enquanto seus braços se agarram com mais força ao meu pescoço, algo me oprime. É a culpa? A confusão? Eu tento ignorá-lo, porque, apesar desse sentimento revirar as minhas tripas, Bree beija muito bem. Deixo que passe de um beijo para muitos. A beijo uma infinidade de vezes e depois continuo pelo nariz e o pescoço.

Sua pele é quente e macia. Me sujeita como se a vida depende-se disso. Desejo Bree, mas também desejo vingança e quanto mais eu a tenho, pior me sinto, porque não posso me afastar. Caímos, dando trancos, ganhando velocidade, nós não conseguimos parar. Não sei aonde teríamos chegado, mesmo com Emma e Bo sentados do outro lado do acampamento, se não tivessem começado a celebração.

Primeiro teve um apito, seguido de uma explosão de luz azul no céu. A segunda explosão é vermelha, a terceira é amarela.

_ Fogos de artificio _ diz Bo.

A batalha de Taem terminou. Ficamos olhando o espetáculo em silêncio. É maravilhoso, uma explosão de cores no céu negro. Depois, uma projeção ilumina o céu. É uma das imagens mais escuras e sombrias que me recordo. Harvey morreu.

Ele está amarrado em um poste de madeira na praça. Tiraram a sua roupa e pintaram um triângulo no peito. Sua cabeça pende sobre o triângulo, como se para beijar a ponta.

Os fogos de artificio continuam a distância, cobrindo a projeção de Harvey, até que ela desapareça completamente. Comparado com seu

sacrifício, a minha vingança contra Emma de repente, parece infantil e boba, completamente injustificada. Concentro-me no mais equivocado. Acertas contas com Emma não importa, não importa nada. Nem sequer faz-me sentir melhor.

O que importa é que, mesmo que a missão não tenha tido êxito, ainda temos muito pela frente. Se não derrotarmos Frank, a morte de Harvey não terá valido para nada. A batalha contra Frank e suas imitações, (imitações ilimitadas, como eu descobri em Taem), é a principal prioridade. Só assim a morte de Harvey, terá valido apena. E só então libertaremos Barro Negro e os demais grupos de teste. E o povo desse estranho país, poderá escolher o seu próprio caminho e suas próprias regras.

Mas tarde, quando o fogo se apagou, e Bo e Emma foram dormir, Bree se enrola ao meu lado. Me da um longo beijo e faz isso com tanta confiança, que eu sei que põe o coração nele, que quer estar comigo e isso me faz sentir mais uma vez culpado. Adormece enquanto eu acaricio as suas costas.

Quando passa metade da noite, Bo acorda e se encarrega de fazer a segunda segurança, e eu continuo sem dormir. A única coisa que consigo é cabecear de vez em quando, sem deixar de abraçar Bree, ainda que me olhar esteja em Emma, que se estremece em sonhos.

Amanhece e ninguém nos encontrou. Bo afirma que é porque eles já têm o que queriam.

_ Harvey está morto e, isso no momento, é o suficiente. Mas ainda virão, especialmente quando descobrirem que entramos no centro médico para roubar.

Quando o sol se eleva acima do denso arvoredo, Bree entra em contato por Ryder para informa-lo. No primeiro dia, caminhos em silêncio. Olho para trás de vez em quando para ver Emma, conversando com Bo. Tem os lábios franzidos e a cara sonolenta. Bo parece estar mais interessado na conversa, dá golpes na cabeça com seus nervosos dedos e tenta tirar alguma palavra de Emma, enquanto ela se limita a olhar a bolsa de medicamentos que carrega nos braços.

Essa noite depois de caçar um coelho e assá-lo em uma pequena fogueira, Bo se aproxima.

_ Você deveria falar com ela, de verdade _ me diz _ ela sente muito e está aturdida.

_ Não tenho nada o que falar _ respondo, ainda que, o quanto digo isso a ele, sei que não é que eu não queira falar com ela, mas eu tenho medo. Estou apavorado porque sinto algo por Bree, e o que eu fiz com ela, não me diferencia muito de Emma, que se deixou levar pelo que sentia por Craw. Quero me desculpar e dizer a Emma, que os pássaros ainda existem e, sim, de verdade algumas pessoas, vivem assim, mas eu não sei como me expressar em palavras.

Essa mistura de emoções, não tem sentido. Sempre sigo o meu instinto, encontro o caminho sem meditar muito. No entanto, com Emma é uma desvantagem. Como pode sentir nada e não saber o que fazer? Alguns dias mais tarde, depois do meio dia, o Monte Mártir, emerge na mata densa. Escalamos até a base da Greta, e encontramos Elijah encostado na superfície da rocha. Está bebendo no seu cantil normal para a água, mas quando nos parabeniza, pelo bom trabalho, e nos abraça um por um, cheira a álcool.

_ Ainda não consigo acreditar que vocês conseguiram _ disse sorridente _ estamos comemorando desde que Bree nos deu a noticia.

Agita o cantil para oferecer a nós, e vendo que ninguém aceita, continua falando.

_ Devemos muito a Harvey.

Após essas palavras, ficamos em silêncio por um momento; não existe nenhuma palavra que faça justiça a Harvey. Elijah abaixa a garrafa, olha o uniforme ensanguentado uniforme de Bree e acrescenta:

_ Eu acho que devemos ir. Temos que aplicar as vacinas.

Trinta e sete

Todos estão esperando por nós no Centro Tecnológico. Pinça e alguns médicos parecem ansiosos para começar a trabalhar, mas tal com Elijah nos contou quase todos estão de bom humor, formando alvoroço. Ryder e os outros capitães estão rindo, quando entramos, e há meia dúzia de frascos vazios sobre a mesa, na frente deles. Pinça pega a bolsa de lona e tem tempo de se afastar, quando meu pai se aproxima para me dar um abraço tão forte, que tenho medo que quebre as minhas costelas.

_ Esta é a última vez que eu deixo Ryder decidir para qual missão está preparado _ afirma com seu hálito de cerveja _ Era muito arriscado.

_ Eu ouvi _ diz Ryder.

_ È verdade e não vou mentir. E não é o álcool que fala.

_ Eu nem pensei _ Ryder responde em meio a risadas _ De qualquer maneira o garoto se saiu muito bem, deveria estar orgulhoso.

_ Eu estou. _ Então vira-se para mim, coloca sua mão em meu ombro e, com cara de pai, muito sério, me diz. _ Estou muito orgulhoso.

Ele me dá um sorriso cheio de alivio e alegria, eu sei que ainda mal se falasse de amor em Barro Negro, sem dúvida existia, Em olhares como esse. Nos pequenos momentos. Raid serve outra rodada de bebidas, e meu pai vira-se para se unir aos capitães.

_ Eh, papai_ digo-lhe, e ele dá um bote ao ouvir a expressão de carinho. _ Alegro-me muito de voltar a rever você. Esboça um sorriso bem amplo, tanto que dá a impressão de que vai romper o canto da boca. Eu me pergunto, se é resultado da bebida ou das minhas palavras. Em seguida, balança a cabeça e diz: Digo a mesma coisa.

Depois sai com os demais, e se junta às risadas, os aplausos e chora. Erguem as garrafas de vidro e fazem um brinde, fazendo um barulho sonoro. Franzo a testa. Reconheço que, efetivamente, há motivos para a celebração, mas mesmo assim, me sinto mal. Como se fossemos cruéis, por estarmos contente depois da morte de Harvey.

Bree chama a Fallyn (que descobriu que é capaz de sorrir) e pergunta:

_ É uma boa ideia que bebam antes de começar a vacina?

_ Provavelmente não _ Responde Emma.

_ Não, sem dúvida _ Acrescenta Pinça, enquanto olha para a mochila que está o equipamento médico de Emma _ Mas falarei bem de você no hospital. Não vou dizer que era boa o suficiente para tratar de pacientes intoxicados. Bree está tão concentrada apreciando o comentário, que não vê que Pinça pisca o olho.

_ Está pronto? _ me pergunta.

A seringa que ela segura é aterrorizante, mas confirmo de todos os modos. Leva-me a um lado, limpa uma área de meu braço e finca a agulha sem avisar _ Owen ficou arrasado quando você se foi _ comenta _ Duvido que tenha dormido mais do que cinco minutos, até que Bree entrou em contato por rádio e disse que você estava a salvo.

Ouvi o brinde das garrafas atrás de nós, e Pinça termina de aplicar a vacina sem voltar a falar. Quando termina, não posso deixar de notar, que parece mais velho do que me recordo, e mais alto.

_ Sinto por Harvey _ digo a ele _ sei que ele era como um pai, para você.

_ Ele era verdade? _ responde o garoto antes de passar a Bree.

À tarde visito Blaine. Ele saiu do hospital e tem o seu próprio quarto, mas, mesmo que esteja muito melhor, não se recuperou totalmente.

_ Eu só posso correr alguns minutos seguidos _ reconhece_ se apoio muito o peso na perna, a dor é pior do que quando você engatou os meus lábios com um anzol, quando fomos pescar. Você se lembra disso?

Concordo, e a imagem me faz sorrir. O primeiro sorriso desde que voltei.

_ Me sinto muito culpado _ confesso. Sei que não deveria sorrir.

_ Pelo meu lábio? _ esquece, éramos crianças.

_ Não, por Harvey. Nós o deixamos lá. Bo disse que não haveria tempo, que teríamos que ir, mas não me sai da cabeça que nem sequer o buscamos. Depois de todo que ele sacrificou, nos limitamos a correr na direção contrária.

Blaine passa a mão pelo cabelo, que, como o meu, voltou a crescer.

_ Olha, quando você saiu, foi horrível, odiava a situação. Estava certo de que você não voltaria. Papai também. E é horrível dizer, como se

Harvey não importava nada, mas estou feliz por ter sido ele e não você. Se alguém tivesse me forçado a escolher, era o que eu teria escolhido.

_ Ninguém deveria ter que escolher Blaine. _ respondo, franzindo a testa. Não esse tipo de coisa.

_ Eu sei, mas mesmo assim.

Ele vai para uma sessão de fisioterapia e eu, em busca de comida. Apesar de que ainda é cedo para o jantar, eu estou faminto. Não sei se é o nervosismo, culpa a fome de verdade, vou ao refeitório, e pego algo para comer na cozinha. Acabo sentado com Bree, que tem a aparência de ter visitado o hospital, para que limpassem a ferida. Usa uma camisa sem sangue, e conta a nossa missão a Polly e a Hal.

_ Portanto, não podemos ter certeza, mas, além de Christie, parece que os rebeldes mais cem pessoas ou mais, depois que saímos.

_ O quê?

Bree me olha, como se eu fosse um idiota e responde.

_ Ah, me esqueci, você foi ver Blaine durante a reunião de informação. _ Eu fico olhando para ela, e percebe que quero detalhes. _ Bom, um grupo de rebeldes, caiu na praça (não havia o suficiente para fazer frente aos reforços da Ordem), e essa mulher, Christie? Um de nossos espiões nos contou que a executaram na manhã seguinte. Execução pública, como Harvey.

Embrulha-me o estômago. Christie tinha que ser consciente das consequências se as câmeras de Frank a filmassem, mas isso não me consola. Estou vivo graças a ela. Todo o Vale da Greta têm a vacina, graças a ela. A quantidade de pessoas que morreram pelos rebeldes, aumenta a cada dia, e isso não está bem. Por que eles? Por que não eu? Ou Bree? Ou Bo? Por que tivemos tanta sorte?

De repente preciso ficar sozinho.

_ Gray? Bree me pergunta, enquanto eu me levanto. _ Você está bem? _ Saio sem responder.

Em La Cuenca, ergueram um monumento em honra a Harvey e aqueles que morreram durante a batalha de Taem. É apenas um circulo desenhado no chão, mas os habitantes da Greta entram e deixam mensagens, flores e velas. Com os bolsos vazios e sem para acrescentar ao tributo, entro no circulo, vejo os olhos, e agradeço a Harvey, Christie e os demais rebeldes sem nome, que deram a sua vida, pelo bem

comum. Dou minha palavra, que cumprirei minha promessa, que fiz na outra noite, junto à fogueira. A luta ainda não terminou e, embora talvez alguns precisem de mais alguns dias de férias, para celebrar essa pequena vitória, os rebeldes ainda têm uma tarefa árdua pela frente. Caminharei com eles. Também, irei lidera-los se for necessário.

Quando saio do circulo, vejo Emma atrás de mim, com uma vela nas mãos. A vela faz sombras em seu rosto. Embora eu esteja consciente de que devo dizer-lhe alguma coisa, passo ao seu lado sem abrir a boca.

O meu quarto está exatamente como deixei, simples e pouco acolhedor. Ao sentar-me na beirada da cama, tento me lembrar como era a vida, antes disso. É como se eu não fosse a mesma pessoa. Talvez não seja. Houve uma época, em que a única coisa que eu queria, era ter Emma, e agora até isso me desconcerta.

Fico olhando o quadro na parede e desejando que fosse uma janela. Preciso ver o céu azul, as nuvens e os pássaros voando com seus pares. Preciso saber se em algum lugar do mundo, há justiça.

Trinta e oito

A vida continua em Vale da Greta. Apesar de muita escuridão e de morte, os bebês continuam nascendo e as pessoas se casam. Quando não se tem que preocupar com os Raptos e nem perder a capacidade de produção de sua sociedade, é certo que as pessoas se juntem como os pássaros. Emma acaba trabalhando de enfermeira e eu a evito. Só me encontro sozinho com ela uma vez, quando passo pelo hospital, para que curem a queimadura do meu braço. Ela aplica bálsamo na ferida e a enfaixa. Eu tinha me esquecido da delicadeza das suas mãos, e seu toque faz o meu coração doer. Eu já estou pensando em beija-la, e segurar em seu queixo e pedir a ela para começar de novo, quando ela vira para ir buscar mais bálsamo e meu impulso desaparece. A queimadura do braço que está sendo curada se transforma em pele ondulada e irregular ao mesmo tempo, mas a tensão entre nós dois continua.

Bree lava a tinta do cabelo, vai ao hospital várias vezes para que curem a ferida da bala e , em questão de dias, é como se nunca tivesse pisado em Taem. Voltamos as nossas brincadeiras de sempre. Quando treinamos nos atiçamos mutuamente. Quando conversamos, ela caçoa de mim, e eu mexo com ela sem parar. Evitamos repetir o nosso espetáculo da fogueira, pelo menos em público. No entanto, nas noites tranquilas, quando ela bate em minha porta e fica na minha frente com seu cabelo loiro, emoldurando o seu rosto tão perfeito, jamais a rejeito. Nessas noites dormimos pouco. Nós transformamos em uma confusão de mãos, lábios e pele, mas ela sempre para quando as coisas esquentam um pouco. Não quer ter um bebê, e nem eu, mas no fundo é como se eu soubesse que, se me deitasse com ela, anularia todas as possibilidades de me acertar com Emma. Sinto um alivio estranho cada vez que Bree põe a mão em meu peito e sussurra: _Agora não; esta noite não. Se não fosse pelas suas palavras, eu não conseguiria parar.

Um dia, reunidos no cemitério, pergunto a ela, como é capaz de enfrentar tantas mortes, como foi capaz de se virar e disparar rapidamente no guarda de vigilância do corredor da central.

_ Gray, você já matou alguém, alguma vez? _ pergunta me olhando com esses seus olhos azuis.

_ Remexo em minha memória e, surpreendentemente, depois de tudo o que aconteceu, a verdade é que eu não fiz. Nem sequer fui capaz de matar um membro da Ordem, que me suplicava que fizesse.

_ Só na caça.

_ Bom, é diferente, bem diferente. Quando eu matei pela primeira vez, em uma missão aqui, com os rebeldes, chorei. Imagine, eu chorando. Então, depois de um tempo, a medida que o número aumenta, torna-se mais fácil. Não digo que eu goste, nem que quero fazer, mas chega um momento que, sua vida está em jogo, e vê que é a rota de fuga se fecha diante os seus olhos, não pensa nem em ética, nem no bem ou mal. Pensa na vida e na morte, na sobrevivência. Em Taem fiz o que acreditava que nos manteríamos vivos, e isso incluía apertar o gatilho. A batalha continuará e chegará um dia em que irá enfrentar a mesma decisão, e acredite em mim quando eu lhe digo que você irá escolher viver em vez de perdoar a vida do outro.

_ Parece-me desumano matar uns aos outros. E você age como se fosse necessário matar. Você parece ter orgulho disso.

_ Não me sinto orgulhosa por matar, apesar de ser parte da rebelião. Tenho orgulho por lutar pelo nosso povo, e isso não vai mudar.

_ Pensa em ser sempre tão categórica? _ Brinco, sorrindo ante tanta certeza.

_ Ninguém disse que amar fosse fácil, Gray _ ela responde sem captar a piada.

_ Isso é o que nós temos?

_ Eu acho que depende do que você sente. Eu já deixei bem claro. Você agora é que tem que decidir.

_ Deixa-me aqui, no cemitério que se encontra do outro lado do Monte Mártir: e quando se afasta, os meus pensamentos se voltam para Emma.

O inverno se aproxima e, um dia tempestuoso em que os primeiros flocos de neve começam a cair em La Cuenca, Ryder convoca uma reunião de rastreamento improvisada.

Quando chego os capitães estão sentados em volta da mesa, enquanto Bree, Xavier e Pinça, estão em pé, de costas para a parede. Bo também está, e pisca para mim quando eu entro.

_ Os dois falaram várias vezes desde nosso ao Vale da Greta, para analisar o que vimos na sala de controle, e como essas telas poderiam dar vantagem aos rebeldes. O único aceno de Bo pode significar que finalmente falou com Ryder sobre nossas ideias.

_ Temos que debater o próximo passo _ disse Ryder ao dar inicio a reunião._ Eu acho que passou o tempo de se esconder e defendermos. Chegou a hora de lutarmos por tudo aquilo que nos reuniu desde o principio. Chegou o momento de passar para a ofensiva, a estratégia. O momento de atacar.

_ Mas mesmo que todos os habitantes do vale lutem, não somos o bastante_ disse Elijah.

_ Por isso a sugestão de Bo é válida _ responde Ryder.

_ Qual sugestão? _ Pergunta Fallyn, olhando para Bo.

_ Vamos para o Grupo A _ ele anuncia sorridente.

Eu sorrio, mas os outros olham para ele, surpresos.

_ Não resta nada do Grupo A _ afirma Raid, e os outros confirmam com a cabeça.

_ Alguma coisa tem _ intervenho _ Bom, é possível. Temos que verificar.

_ Vamos percorrer meio país a pé? _ disse Fallyn _ Vamos deixar a segurança do Vale da Greta, para embarcarmos em busca de fútil palpite de que talvez alguém possa ter sobrevivido do Grupo A?

_ Não irá todo mundo _ responde Ryder _ Só a equipe que selecionamos.

_ Concordo, então essa equipe vai até ao Grupo A, supondo que sabemos onde está, coisa que não sabemos, para trazer o quê? Alguns selvagens? De que vai nos servir isso?

_ Em primeiro lugar, sei muito bem onde está _ responde Bo _ batendo em si mesmo golpes nervosos na têmpora com o dedo indicador _ Bem, não muito bem, mas eu ouvi conversas suficientes em Taem, para se ter uma ideia, mais aproximada. Além disso, se tiver alguém do Grupo A, duvido que seja selvagem.

_ E o que faz você pensar isso? _ pergunta Fallyn, mas começo a falar antes dele.

_Porque nos vimos. Na sala de controle da central. Tem doze telas observando o Grupo A. Se você com atenção, você vê sombras movendo-se, escondidas. Acredito que sabem que os vigiam, e se escondem de propósito. Permanecem longe das câmeras, fingindo que sua sociedade foi eliminada, com esperança de conseguir alguma coisa. Não sei bem o quê? Poder escapar? Se conseguirmos entrar e leva-los, contaremos com pessoas dispostas a unir-se na luta contra Frank.

_ Para mim, isso soa como outro Rapto _ diz Bree.

_ Sim, mas é um Rapto muito diferente um Rapto que desejam e esperam.

_ Exato _ responde Ryder, sorrindo e apresenta-nos uma lista de membros do grupo.

O piso está coberto de neve quando preparamos a mochila para irmos ao Território Ocidental. Hoje começamos uma viagem de muitas semanas: com sorte, regressaremos com soldados suficientes para vencer Frank, uma vez por todas.

Despedir de Blaine é muito doloroso. Ele quer ir com a gente, implora para ele, mas Ryder nega. Embora Blaine esteja forte, mas não o suficiente. É por sua energia, me preocupa que ele não volte a ser o mesmo de sempre. Fica com a sua melhor cara de irmão mais velho, me diz par ter cuidado, e eu prometo a ele que voltarei inteiro, embora que eu saiba que é prometer demais.

Saio e espero o grupo no cemitério. Apesar de não ter cadáver, tem uma nova lápide em frente aos demais, em que está gravado o nome de Harvey. Eu paro ao seu lado, e contemplo os vapores da minha respiração, flutuando no ar, no final de novembro. Um corvo preto se junta a mim e começa a bicar a pedra.

_ Vai, vai _ ordeno ao pássaro enquanto o espanto com a mão.

O corvo deixa escapar um grasnido feroz, e suas penas pretas brilham na paisagem branca. Aproxima passos que o perturbam e, finalmente, sai voando.

_Está pronto? _ pergunta Emma, vestindo um pesado casaco e carregada com a equipagem, já que será nossa médica, durante a viagem. Confirmo com a cabeça. _ Espero que possamos consertar as coisas na missão, Gray _ acrescenta sem mais, desviando o olhar, fixando-o nas palmas das mãos. Eu odeio que estejamos assim, tão distantes.

_ Eu também não, confesso. Deveria dizer-lhe um milhão de coisas, mas não encontro as palavras.

_ É uma longa viagem, talvez possamos conversar um pouco.

_ Sim, deveríamos.

Ela sorri, e é o primeiro sorriso que consigo decifrar de verdade. Eu olho com saudade seu sorriso torcer de lado, cheio de promessas. Faz-me sentir esperança, a emoção mais clara que eu senti durantes semanas. Ouço vozes e olho para o resto da equipe que aparece atrás dela.

Meu pai vem na frente (será o chefe da expedição) seguido de Xavier, Bo e também Pinça, que será nosso trunfo tecnológico. Estou surpreso o quanto Bo parece preparado. Depois de várias semanas de treinamento, abandonou sua postura arqueada para adotar uma mais reta e ágil. Isso irritou Blaine, mas lógico, Bo nunca esteve em coma. Unem-se a nós outros rostos, outros membros da equipe. O resto dos capitães fica atrás, já que terá missão de exploração e outra, enquanto estivermos fora.

Então, por fim, sai Bree do Vale da Greta, mochila nas costas, rifles nos braços e testa franzida, tão teimosa como sempre. Embora tenha colocado um gorro grosso que tampam as suas orelhas, o cabelo loiro aparece por baixo.

_ Pronto para praticar o seu primeiro Rapto? _ Pergunta brincando.

_ Você sabe que sim.

Nós recolocamos as mochilas sobre os ombros para distribuir bem o peso e seguimos os resto da equipe.

Ouço o corvo antes de vê-lo.

Aparece no céu, uma silhueta escura sobre o céu pálido. Segue-nos durante um tempo, supervisionando a nossa esperançosa caravana e as marcas de nossas botas, que deixam suaves marcas sobre a fina camada de neve em direção ao oeste.